



UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA
FACULDADE DE ARQUITETURA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ARQUITETURA E URBANISMO
MESTRADO PROFISSIONAL EM CONSERVAÇÃO E RESTAURAÇÃO DE MONUMENTOS E NÚCLEOS HISTÓRICOS

ERASTO CÉSAR PINHO VILLA-VERDE DE CARVALHO

INTERVENÇÃO EM PATRIMÔNIO INDUSTRIAL:

ANTIGA FÁBRICA JURUBEBA LEÃO DO NORTE



VOLUME 1

Salvador
Março de 2020



UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA
FACULDADE DE ARQUITETURA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ARQUITETURA E URBANISMO
MESTRADO PROFISSIONAL EM CONSERVAÇÃO E RESTAURAÇÃO DE MONUMENTOS E NÚCLEOS HISTÓRICOS

INTERVENÇÃO EM PATRIMÔNIO INDUSTRIAL:

ANTIGA FÁBRICA JURUBEBA LEÃO DO NORTE



Dissertação e Projeto apresentados ao Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal da Bahia, no Mestrado Profissional em Conservação e Restauração de Monumentos e Núcleos Históricos, como requisito para a obtenção do título de Mestre em Arquitetura e Urbanismo.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Griselda Pinheiro Klüppel

Co-orientação: Prof. Dr. Sergio Kopinski Ekerman

Salvador
Março de 2020

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Universidade Federal da Bahia (UFBA)
Sistema Universitário de Bibliotecas (SIBI)
Biblioteca da Faculdade de Arquitetura (BIB/FAU)

C331

Carvalho, Erasto César Pinho Villa-Verde de.

Intervenção em patrimônio industrial [manuscrito] : antiga fábrica Jurubeba Leão do Norte / Erasto César Pinho Villa-Verde de Carvalho. – Salvador, 2020.

3 v. : il. ; 30 cm.

Cópia de computador (*printout(s)*).

Dissertação – Universidade Federal da Bahia, Faculdade de Arquitetura, Mestrado Profissional em Conservação e Restauração de Monumentos e Núcleos Históricos. 2020.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Griselda Pinheiro Klüppel

1. Arquitetura - Conservação e restauração - Salvador (BA). 2. Arquitetura industrial - Salvador (BA) - Séc. XX. 3. Edifícios industriais - Projetos e plantas. 4. Patrimônio cultural - Proteção - Itapagipe, Península de (Salvador, BA). I. Klüppel, Griselda Pinheiro. II. Universidade Federal da Bahia. Faculdade de Arquitetura. III. Título.

CDU: 72.025(813.8)

Dissertação e Projeto apresentados ao Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal da Bahia, como requisito para a obtenção do título de Mestre em Arquitetura e Urbanismo.

Aprovada em: _____ de _____ de 2020.

Banca Examinadora:

Prof^a. Dr^a. Griselda Pinheiro Klüppel (orientadora)

Arquiteta pela Universidade Federal de Pernambuco, mestre e doutora em arquitetura pela Universidade Federal da Bahia. Pós-Doutorado junto à Escuela Técnica Superior de Arquitectura de Sevilla-Espanha.

Prof. Dr. Sergio Kopinski Ekerman (coorientador)

Arquiteto e Urbanista, formado pela Universidade Federal da Bahia, mestre e doutor em arquitetura e urbanismo também pela Universidade Federal da Bahia.

Prof. Dr. Nivaldo Vieira de Andrade Júnior

Arquiteto e Urbanista, formado pela Universidade Federal da Bahia, mestre e doutor em arquitetura e urbanismo também pela Universidade Federal da Bahia. Pós-doutorado junto à École d'Urbanisme de Paris / Université de Paris-Est Créteil Val de Marne / Université de Paris-Est Marne-la-Vallée.

Prof. Dr. Silvio Oksman

Arquiteto e Urbanista, formado pela Universidade de São Paulo, é mestre e doutor em arquitetura e urbanismo também pela Universidade de São Paulo.

À cidade de Salvador.

Que me acolhe desde que vim estudar arquitetura na Universidade Federal da Bahia.

AGRADECIMENTOS

Nas pessoas das professoras e dos professores a seguir nominados, gostaria de agradecer a todo o corpo docente da Faculdade de Arquitetura da Universidade Federal da Bahia (FAUFBA) pelo conhecimento que me foi oferecido. Especialmente, à minha querida orientadora Griselda Klüppel e ao meu prezado coorientador Sergio Ekerman, por quem tenho imensa admiração e que me acompanham desde o Ateliê 4, em 2013, quando tive meu primeiro contato com projeto de intervenção em preexistência. Quanto mais amadureço, mais claro fica que meu caminho profissional se iniciou naquele momento inesquecível.

Um agradecimento especial à professora Aline Carvalho, com quem compartilho o interesse pelo tema do patrimônio industrial e que me auxiliou na escolha do objeto, e ao professor Rodrigo Baeta, por suas excelentes aulas sobre teoria e história da conservação e do restauro.

Agradeço ao corpo docente do Mestrado Profissional em Conservação e Restauração de Monumentos e Núcleos Históricos (MP-CECRE), que apurou o meu olhar para a Arquitetura e para o Patrimônio Histórico, bem como aos ilustres membros da banca examinadora, Nivaldo Andrade, pela valiosa e generosa disponibilidade, e Silvio Oksman, que muito contribuiu para a minha formação em suas palestras durante o curso.

Agradeço aos proprietários do imóvel e aos familiares do fundador e sócios da empresa Leão do Norte, especialmente aos senhores José Roberto Fonseca e Eduardo da Costa Lima, pelo acesso ao imóvel, pela visitação à fábrica atual e pela entrevista.

Agradeço a todos os colegas do MP-CECRE, em especial àqueles que compartilharam comigo as dificuldades e os êxitos dessa jornada da pós-graduação profissional, Rodrigo Sena, Gabriela Otremba, Lucas Paes, Amanda Cruz e Ricardo Dias: parceiros em momentos cruciais, que se tornaram amigos de todas as horas. Também fundamentais foram as contribuições dos amigos arquitetos a quem sou muito grato: Augusto Motta, Ruhana Falcão, Leonardo Polli, Carol Gusmão e Erik Cabussu. E aos amigos Gabriel Fernandez, Victor Leite, Gustavo Menezes, Kleber Neto, entre outros, agradeço imensamente pelo carinho e companheirismo.

Por fim, registro, com todo o amor, minha profunda gratidão à minha família. Aos que se foram, tia Andréia, avó Gilda e avô Erasto, que “embarcou” durante minha jornada no curso, e aos que estão presentes: avó Rosário; tia Carmela e tio Carlos; tio Marcelo e tia Luisinha; tio Juliano; e tia Kênia, que muito me ajudou sobre assuntos acadêmicos. À minha irmã Gilda Maria e às minhas também irmãs

Nátalia e Ana Clara. A todos os primos e primas. Agradeço especialmente aos meus pais Erasto e Rosana por todo o amor, apoio e dedicação, e por se envolverem de maneira tão entusiasmada nas conversas sobre o curso. Agradeço à minha querida esposa Marta, que tanto amo e com quem compartilho minha vida.

Saveiros

Nem bem a noite terminou
Vão os saveiros para o mar
Levam no dia que amanhece

As mesmas esperanças
Do dia que passou

Quantos partiram de manhã
Quem sabe quantos vão voltar
Só quando o sol descansar
E se os ventos deixarem
Os barcos vão chegar
Quantas histórias pra contar

Em cada vela que aparece
Um canto de alegria
De quem venceu o mar

Dori Caymmi

APRESENTAÇÃO

O presente trabalho, denominado “Intervenção em patrimônio industrial: antiga Fábrica Jurubeba Leão do Norte”, foi desenvolvido no âmbito do Mestrado Profissional em Conservação e Restauração de Monumentos e Núcleos Históricos (MP-CECRE), curso regular da Faculdade de Arquitetura da Universidade Federal da Bahia (FAUFBA). Está dividido em três volumes: o Volume 1 – correspondente à parte textual, que visa à contextualização do objeto de estudo, além da apresentação e da explicação sobre o projeto arquitetônico elaborado; o Volume 2 – que consiste no levantamento fotográfico do objeto de estudo; e o Volume 3 – composto pelas peças gráficas referentes ao levantamento planialtimétricos, ao mapeamento de danos e, finalmente, ao projeto arquitetônico.

RESUMO

Entre o final do século XIX e meados do século XX, muitas fábricas se instalaram na Península de Itapagipe, na cidade de Salvador. Esse processo de industrialização foi se aprofundando e modificando ao longo do tempo, até que, em meados dos anos setenta do século XX, sobretudo em razão do advento da indústria petroquímica, sobrevieram a criação de novos centros industriais e a extinção ou o deslocamento de muitas daquelas antigas atividades fabris para esses novos centros. A maioria daquelas instalações industriais da Península de Itapagipe entrou, então, em processo de abandono, a exemplo da antiga Fábrica Jurubeba Leão do Norte, que constitui o objeto de estudo deste trabalho. Implantado à beira mar, consiste em um conjunto de edificações erguidas a partir de um casarão construído no final do século XIX, que se expandiu, conformando boa parte do Largo da Boa Viagem. Entende-se que o objeto desta dissertação integra o patrimônio industrial da cidade de Salvador, que se encontra, de uma maneira geral, ameaçado ou em vias de desaparecimento. Atualmente, o conjunto arquitetônico está em avançado processo de degradação, principalmente o casarão, cuja cobertura já foi arruinada. Dessa forma, a partir de uma análise que visa a identificar os valores patrimoniais que o objeto carrega, bem como a reconhecer as demandas e potencialidades locais, propõe-se a sua reabilitação, convertendo-o em um Estaleiro Escola, destinado a preservar a cultura naval do saveiro, a fim de manter e restaurar a espacialidade fabril e este bem cultural, como representante da memória da ocupação industrial na Península de Itapagipe.

Palavras-chave: Patrimônio Industrial. Península de Itapagipe. Restauração. Reuso.

ABSTRACT

Between the end of the 19th century and the mid-20th century, a large number of factories were installed on the Itapagipe Peninsula, in Salvador city. This industrialization process has deepened and changed over time, until in the mid seventies of the 20th century, mainly due to the advent of the petrochemical industry, came upon the creation of new industrial centers and the extinction and displacement of those old manufacturing activities to these new centers. The vast majority of these industries on the Itapagipe Peninsula went into abandonment, like the old Jurubeba Leão do Norte Factory, which is the object of study of this research. Implemented by the sea, it consists of a set of buildings that came from an old big house built in the late 19th century, and expanded, forming much of the Largo da Boa Viagem. It is understood that the object is part of the industrial heritage of Salvador city, which is, in general, threatened or in the process of disappearing. The complex is in a process of degradation, mainly the big house, of which the roof is ruined. Thus, from an analysis that aims to identify the patrimonial values that the object carries, as well as to recognize the local demands and potentialities, it is proposed to transform it into a school shipyard, intended to preserve the naval culture of the *saveiro*, aiming at the maintenance and restoration of its factory spatiality and this cultural asset, which carries the memory of the industrial occupation on the Itapagipe Peninsula.

LISTA DE ABREVIATURA E SIGLAS

CEIN	Companhia Empório Industrial do Norte
CIA	Centro Industrial de Aratu
EPUCS	Escritório de Planejamento Urbano da Cidade de Salvador
FAUFBA	Faculdade de Arquitetura da Universidade Federal da Bahia
IDEBA	Indústria de Detergentes da Bahia
ICOMOS	Conselho Internacional dos Monumentos e Sítios
IPAC	Instituto do Patrimônio Artístico e Cultural da Bahia
IPHAN	Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional
LOUOS	Lei de Ordenamento do Uso e da Ocupação do Solo
MAM	Museu de Arte Moderna da Bahia
MP-CECRE	Mestrado Profissional em Conservação e Restauração de Monumentos e Núcleos Históricos
PDDU	Plano Diretor de Desenvolvimento Urbano do Município do Salvador
PPGAU	Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo
SPHAN	Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional
SICAR	Sistema Cartográfico da Região Metropolitana de Salvador
UNICORP	Universidade Corporativa do Tribunal de Justiça do Estado da Bahia
UFBA	Universidade Federal da Bahia

LISTA DE IMAGENS

Figura de Capa e Contracapa: Croquis de observação da Fábrica Leão do Norte.

Figura 1 – Primeira sede da fábrica em Feira de Santana.

Figura 2 – Paulo da Costa Lima.

Figura 3 – Anúncio da bebida.

Figura 4 – Embalagem atual do produto.

Figura 5 – Sobrado no Largo da Boa Viagem.

Figura 6 – Sobrado após a ocupação da Leão do Norte.

Figura 7 – Baía de Todos os Santos e Península de Itapagipe em destaque.

Figura 8 – Croquis de observação da Fábrica Leão do Norte.

Figura 9 – Croquis de observação da Igreja Nossa Senhora da Boa Viagem.

Figura 10 – Croquis de observação do Largo da Boa Viagem, onde acontece o festejo do Nosso Senhor dos Navegantes.

Figura 11 – Procissão do Nosso Senhor dos Navegantes.

Figura 12 – Galeota Gratidão do Povo. Casarão à direita.

Figura 13 – Localização em relação ao Bairro da Boa Viagem.

Figura 14 – Localização da Fábrica Leão do Norte na praça Dr. Adriano Gordilho.

Figura 15 – Praia da Boa Viagem a partir do mar. Forte Monte Serrat à esquerda, Organização Leão do Norte ao centro.

Figura 16 – Praia de Boa Viagem vista do forte Monte Serrat. Chaminé da Companhia Empório Industrial do Norte. Organização Leão do Norte ao centro.

Figura 17 – Linha de bonde passando pela atual Rua da Imperatriz.

Figura 18 – Mapa da região evidenciando os monumentos históricos de grande relevância.

Figura 19 – Delimitação da área tombada pelo IPHAN.

Figura 20 – Esquemas das poligonais de tombamento de sítios históricos de Salvador.

Figura 21 – Península de Itapagipe. Objeto de estudo em destaque.

Figura 22 – Área de estudo: Bairro Monte Serrat em amarelo, Bairro da Boa Viagem em laranja, Largo da Boa Viagem em vermelho.

Figura 23 – Mapa topográfico.

Figura 24 – Mapa de cheios e vazios.

Figura 25 – Mapa de classificação viária.

Figura 26 – Mapa de vegetação.

Figura 27 – Mapa de uso do solo.

Figura 28 – Entorno imediato.

Figura 29 – Fachada do conjunto da Fábrica Leão do Norte.

Figura 30 – Residência vizinha ao conjunto, vista do Largo da Boa Viagem.

Figura 31 – Esquina da Avenida Luiz Tarquínio com o Largo da Boa Viagem.

Figura 32 – À esquerda, o sobrado da esquina da Luiz Tarquínio com a Rua da Imperatriz. Edifício de uso misto ao centro e, à direita, o Largo da Boa Viagem.

Figura 33 – Muro do centro comunitário da Igreja Nossa Senhora da Boa Viagem à esquerda, muro da propriedade contígua e esquina da Rua Rio Paraguaçu com a Rua da Imperatriz, com imóvel abandonado, à direita.

Figura 34 – Convento dos Padres Passionistas à esquerda, Igreja Nossa Senhora da Boa Viagem ao centro, hospício à direita.

Figura 35 – Fachada frontal da Igreja Nossa Senhora da Boa Viagem.

Figura 36 – Cruzeiro da igreja à esquerda, Convento dos Padres Passionistas ao centro. Trilho da galeota Gratidão do Povo cruzando a Rua da Boa Viagem em direção à praia.

Figura 37 – Fábrica Leão do Norte à esquerda, vista para a Baía de Todos os Santos à frente, Convento dos Padres Passionistas à direita.

Figura 38 – Perspectiva isométrica do conjunto da Fábrica Leão do Norte.

Figura 39 – Simulação do imóvel em 1932.

Figura 40 – Simulação do imóvel após o desmembramento.

Figura 41 – Simulação do imóvel após a primeira expansão.

Figura 42 – Simulação do imóvel após a edificação dos galpões da IDEBA.

Figura 43 – Simulação do imóvel após derrubada do galpão.

Figura 44 – Simulação do imóvel após executada a segunda expansão da fábrica.

Figura 45 – Planta Baixa da segunda ampliação executada em 1972.

Figura 46 – Planta baixa: síntese cronológica.

Figura 47 – Sobrado no Largo da Boa Viagem.

Figura 48 – Solar Marback.

Figura 49 – Solar Amado Bahia.

Figura 50 – Plantas e esquema isométrico do sobrado.

Figura 51 – Fachada sudeste do casarão.

Figura 52 – Fachada noroeste do casarão.

Figura 53 – Fachada *Palazzo della Ragione*.

Figura 54 – Foto *Palazzo della Ragione*.

Figura 55 – Fachada nordeste do casarão.

Figura 56 – Fachada sudoeste do casarão.

Figura 57 – Cômodo lateral sudeste.

Figura 58 – Cômodo lateral noroeste.

Figura 59 – Cômodo lateral nordeste com vista para noroeste.

Figura 60 - Cômodo lateral nordeste com vista para sudeste.

Figura 61 - Salão principal.

Figura 62 - Circulação vertical.

Figura 63 - Salão superior.

Figura 64 - Cômodo de transição com passagem em arco pleno.

Figura 65 - Cômodo lateral nordeste. Primeiro pavimento.

Figura 66 - Cômodo lateral sudeste. Primeiro pavimento.

Figura 67 - Tesoura em estado de desabamento.

Figura 68 - Cobertura desabada.

Figura 69 - Edícula em seu estado atual.

Figura 70 - Foto de 1935, mostrando a presença da edícula.

Figura 71 - Parede “dentada” de sustentação do “shed”.

Figura 72 - Parede lateral de sustentação do “shed”.

Figura 73 - Galpão de estrutura porticada. Direção noroeste.

Figura 74 - Galpão de estrutura porticada. Direção sudeste.

Figura 75 - Modificação tipológica na última porção do edifício voltada para o largo.

Figura 76 - Fachada noroeste do galpão.

Figura 77 - Fachada noroeste do edifício administrativo.

Figura 78 - Fachada sudoeste e interação entre o edifício administrativo, a caixa d’água e o galpão central.

Figura 79 - Edifício administrativo. Pavimento Superior.

Figura 80 - Edifício administrativo. Pavimento inferior.

Figura 81 - Entrada do galpão central e lateral do edifício administrativo.

Figura 82 - Interior do galpão central.

Figura 83 - Reservatório.

Figura 84 - Vazio ocasionado pela demolição da antiga cobertura em “shed”.

Figura 85 - Corredor de circulação em torno do galpão central.

Figura 86 - Incidência de vento no conjunto.

Figura 87 - Incidência solar no conjunto.

Figura 88 - Incidência solar na fachada sudoeste.

Figura 89 - Incidência solar na fachada noroeste.

Figura 90 - Incidência solar na fachada nordeste.

Figura 91 - Incidência solar na fachada sudeste.

Figura 92 - Mapeamento de danos, prancha 3.

Figura 93 - Mapeamento de danos, prancha 5.

Figura 94 - Mapeamento de danos, prancha 4.

Figura 95 - Cobertura íntegra. Junho de 2014.

Figura 96 - Cobertura parcialmente desabada. Junho de 2015.

Figura 97 - Avanço no desabamento da cobertura. Setembro de 2017.

Figura 98 - Rompimento do taboado.

Figura 99 - Crescimento de vegetação de médio porte.

Figura 100 - Viga de concreto.

Figura 101 - Parede nordeste (viga no topo).

Figura 102 - Fissura estrutural derivada de recalque.

Figura 103 - Fissura estrutural derivada de recalque II.

Figura 104 - Perda do reboco com exposição da alvenaria.

Figura 105 - Tinta plástica aplicada em argamassa de cimento sob reboco à base de cal.

Figura 106 - Perda da pintura ornamental.

Figura 107 - Degradação das esquadrias.

Figura 108 - Acúmulo de lixo e entulho.

Figura 109 - Descaracterização dos vãos.

Figura 110 - Mapeamento de danos, prancha 6.

Figura 111 - Portão de expedição em 2010.

Figura 112 - Vão fechado em 2018.

Figura 113 - Fachada sudoeste. Mancha de água na base e descascamento de pintura.

Figura 114 - Caixa d'água apresentando fissuras com exposição das armaduras.

Figura 115 - Fachada Sudoeste. Portões metálicos apresentando manchas de ferrugem.

Figura 116 - Mapeamento de danos, prancha 9.

Figura 117 - Exposição das armaduras. Pilares da fachada nordeste.

Figura 118 - Fissura contínua na viga superior, com exposição das armaduras.

Figura 119 - Galeria de xilófagos.

Figura 120 - Deterioração da madeira por ataque de xilófagos.

Figura 121- Construção de um Saveiro na praia de Ribeira.

Figura 122- Cobertura improvisada.

Figura 123 - Fachada da Igreja Nossa Senhora da Boa Viagem com galpão da galeota Gratidão do Povo ao lado.

Figura 124 - Galeota Gratidão do Povo.

Figura 125 -Estado atual do conjunto, com a nova cobertura do sobrado.

Figura 126 - Reconstituição volumétrica do antigo galpão em “shed”, delimitando o pátio central.

Figura 127 - Remodelação do edifício administrativo e da fachada do galpão.

Figura 128 - Demolição da edícula e demarcação entre o espaço interior e exterior do conjunto, com elementos de transparência.

Figura 129 - Esquema isométrico do conjunto.

Figura 130 - Planta baixa. Pavimento térreo.

Figura 131 - Planta baixa. Primeiro pavimento.

Figura 132 – Esquema de demolições de elementos espúrios.

Figura 133 – Inserção do galpão de carrilhamento com nova cobertura em “shed”.

Figura 134 – Perspectiva interna do galpão de carrilhamento e de manutenção.

Figura 135 – Papel compositivo do casarão, no contexto da ambiência da Igreja da Boa Viagem (croquis).

Figura 136 – Edícula com cobertura cerâmica.

Figura 137 – Edícula de cobertura cerâmica e volume em anexo interrompendo a espacialidade do pátio.

Figura 138 – Esquema de demolições visando a restauração do casarão.

Figura 139 – Esquema de intervenção no casarão – restauração das aberturas e proposta de circulação vertical.

Figura 140 – Proposta de circulação vertical, evidenciando a presença dos vãos em arco pleno.

Figura 141 – Restauração de todas as aberturas do casarão. Vista para o conjunto desde o mar.

Figura 142 – Encontro entre a fachada sudeste do casarão e a antiga cobertura em “shed”.

Figura 143 – Fachada sudeste do casarão liberada.

Figura 144 – Café como elemento de transição entre o casarão e o galpão de carrilhamento.

Figura 145 – Parede de fechamento do café, responsável pela demarcação volumétrica do pátio.

Figura 146 – Pergolado do café com estrutura independente entre o casarão e o galpão das oficinas.

Figura 147 – Esquema de circulação de embarcações no Estaleiro Escola.

Figura 148 – Espaço quadrado (12m X 12m) necessário para o processo de dobra da madeira (croquis).

Figura 149 – Espaço vertical mínimo de 5m (croquis).

Figura 150 – Esquema de demolição da estrutura e cobertura do galpão central.

Figura 151 – Nova estrutura e cobertura treliçada em “shed” para o galpão central.

Figura 152 – Portão de acesso ao galpão central.

Figura 153 – Parede lateral existente.

Figura 154 – Platibanda em alvenaria sobre a parede existente (croquis).

Figura 155 – Liberação do volume da caixa d’água entre a da fachada posterior do edifício administrativo e o galpão central.

Figura 156 – Interior do galpão central.

Figura 157 – Esquema de demolição da cobertura existente.

Figura 158 – Nova cobertura em “shed” apoiada sobre estrutura existente.

Figura 159 – Vista interna do galpão das oficinas.

Figura 160 – Edifício administrativo em “estilo patrimônio”.

Figura 161 – Fachada do galpão construído pela IDEBA.

Figura 162 – Vista interna do galpão das oficinas, desde a passarela proposta.

Figura 163 – Fachada atual do conjunto da Fábrica Leão do Norte.

Figura 164 – Fachada proposta (croquis).

Figura 165 – Fachada proposta.

Figura 166 – Passarela de conexão entre os edifícios.

Figura 167 – Pátio interno visto a partir da passarela proposta (croquis).

Figura 168 – Galpão das oficinas visto a partir da passarela proposta (croquis).

Figura 169 – Pátio interno visto a partir da passarela proposta.

Figura 170 – Vista para o casarão e para o Largo da Boa Viagem a partir do píer.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	20
CAPÍTULO 1.....	25
A FÁBRICA LEÃO DO NORTE NA PENÍNSULA DE ITAPAGIPE E A SUA DIMENSÃO PATRIMONIAL	25
1.1 DE FEIRA DE SANTANA À PENÍNSULA DE ITAPAGIPE	26
Considerações sobre a evolução da indústria no Brasil	30
Desdobramentos do processo de industrialização na Península de Itapagipe	32
1.2 O LARGO DA BOA VIAGEM E AS FESTAS POPULARES	34
1.3 A FÁBRICA LEÃO DO NORTE E SUAS RELAÇÕES COM O BAIRRO.....	37
1.4 A FÁBRICA LEÃO DO NORTE COMO PATRIMÔNIO INDUSTRIAL.....	41
Questões relativas ao Patrimônio Industrial	41
Situação atual do patrimônio industrial na Península de Itapagipe	44
CAPÍTULO 2.....	48
ASPECTOS URBANÍSTICOS DO ENTORNO	48
2.1 PRINCIPAIS MONUMENTOS HISTÓRICOS E AS LEIS DE PROTEÇÃO QUE INCIDEM NO ENTORNO	49
2.2 ASPECTOS DA MORFOLOGIA URBANA	52
Topografia	54
Densidade urbana	55
Fluxos viários	56
Vegetação.....	57
Uso do solo	59
2.3 ENTORNO IMEDIATO: O LARGO DA BOA VIAGEM	61
CAPÍTULO 3.....	69
CONJUNTO ARQUITETÔNICO DA ANTIGA FÁBRICA JURUBEBA LEÃO DO NORTE	69
3.1 EVOLUÇÃO FÍSICA DO CONJUNTO	71
3.2 SISTEMAS CONSTRUTIVOS E ANÁLISE CRÍTICA DO OBJETO.....	75
Casarão de características neoclássicas	75
Edícula com cobertura cerâmica.....	85
Remanescentes da antiga cobertura em “shed”	86
Galpão industrial de estrutura porticada	87
Edifício administrativo em “estilo patrimônio”	88
Galpão central e caixa d’água.....	90
Corredores de circulação e espaços livres	92
3.3 CONDICIONANTES CLIMÁTICAS.....	94

3.4 PATOLOGIAS	97
CAPÍTULO 4.....	108
CONVERSÃO DA ANTIGA FÁBRICA LEÃO DO NORTE NO ESTALEIRO ESCOLA DA BOA VIAGEM.....	108
4.1 PROPOSTA DE USO	109
4.2 EMBASAMENTO TEÓRICO	114
4.3 CARACTERIZAÇÃO DA INTERVENÇÃO	122
4.4 PARTIDO ARQUITETÔNICO	124
4.5 PROJETO ARQUITETÔNICO.....	125
CONSIDERAÇÃO FINAIS	150
REFERÊNCIAS	154

INTRODUÇÃO

Os alunos do Mestrado Profissional em Conservação e Restauração de Monumentos e Núcleos Históricos (MP-CECRE) organizam a sua aprendizagem a partir da escolha de um objeto de estudo que é utilizado como instrumento para a aplicação prática dos conhecimentos técnicos e teóricos ofertados ao longo da grade curricular do curso. Portanto, o primeiro passo para o desenvolvimento deste trabalho consistiu na escolha do objeto, que partiu, inicialmente, da vontade do autor de trabalhar no tema do patrimônio industrial da cidade de Salvador, Bahia. Tendo alguma aproximação prévia com o assunto, oriunda ainda da graduação, quando desenvolveu o trabalho final intitulado “Ponta de Sapocá – Parque Público em Preexistência Industrial”, o autor buscou em seguida, com a leitura de dissertações e teses que tocam no tema do patrimônio industrial soteropolitano, aprofundar o seu conhecimento e reconhecer os edifícios fabris passíveis de adoção como objeto de estudo ao longo do MP-CECRE.

Antes de definir o objeto, foram visitados os seguintes sítios: antiga Fábrica Antártica, no Bairro do Bonfim; antiga fábrica de óleo de mamona Bom Brasil, no Bairro do Lobato; fábrica Moinho Canuelas, no Bairro do Comércio; antiga Fábrica Paraguaçu, no Largo do Papagaio; e o Centro Industrial de Camaçari.

Nesse segundo passo, a dissertação de mestrado da professora Aline de Carvalho Luther, da Faculdade de Arquitetura da Universidade Federal da Bahia (FAUFBA), intitulada “Patrimônio Arquitetônico industrial na Península de Itapagipe: Um estudo para a preservação”, que contém um valioso inventário dos edifícios fabris remanescentes do “surto industrial” pelo qual passou a Península de Itapagipe, foi uma ferramenta eficaz para que se pudesse, por fim, após as referidas visitas *in locu* realizadas a alguns sítios arquitetônicos constantes daquele inventário, chegar à escolha do objeto de estudo deste trabalho, que recaiu sobre a sede da antiga fábrica de bebidas Jurubeba Leão do Norte.

Localizada no Largo da Boa Viagem – contexto urbano de grande riqueza histórica, cultural e paisagística –, a antiga Fábrica Jurubeba Leão do Norte consiste em um conjunto de edifícios de arquiteturas de tempos distintos. De certa forma, carrega uma memória do que foi o período industrial que marcou a região da Península de Itapagipe entre o final do século XIX e meados do século XX. O edifício mais antigo do conjunto é um sobrado à beira mar edificado antes da implantação da fábrica, o que viria a ocorrer em 1932. Ao longo dos quase quarenta anos de sua permanência no local, a Organização Leão do Norte expandiu sua estrutura física com a construção de novas edificações até 1978, quando então se realocou para o Centro Industrial de Aratu (CIA), localizado no subúrbio de Salvador.

Desde que deixou de ter aplicação industrial, o imóvel vem sendo subutilizado, tendo chegado, em alguns períodos, à completa condição de abandono. Essa condição se reflete na situação atual da maioria dos edifícios industriais da Península de Itapagipe. Aos poucos, vêm se apagando as marcas daquele período que, indubitavelmente, faz parte da identidade histórica daquela região peninsular.

Entende-se que o objeto deste estudo integra o patrimônio industrial de Salvador. E, nesse tipo de patrimônio, podem ser observados diversos valores que demandam a sua preservação. Nesse sentido, a finalidade deste trabalho consiste em mostrar esses valores e trazer uma resposta pontual para a situação degradada do sítio arquitetônico, reativando as estruturas remanescentes da antiga Fábrica Jurubeba Leão do Norte, mediante sua transformação em um estaleiro escola.

Dentro do campo do patrimônio, em suas diversas acepções, destaca-se o uso como um dos meios mais eficazes para a preservação dos monumentos históricos, sobretudo porque “o seu abandono se constitui, provavelmente, no maior risco à sua integridade” (NIVALDO, 2013, p. 63). Porém, sabe-se também que, se esse uso não for adequado à estrutura física de determinado objeto arquitetônico, ele mesmo pode ser um agente deletério. Para intermediar esse conflito, acredita-se que a maneira mais eficaz de garantir uma boa definição de uso é a aproximação efetiva com o objeto arquitetônico, de modo que se reconheça, de fato, as suas virtudes.

E, para que esse reconhecimento seja eficaz, faz-se necessário que as decisões não sejam arbitrárias e fortuitas. Coloca-se, pois, como ponto fundamental ao desenvolvimento de um método válido para a tomada de decisões sobre a destinação do patrimônio o conhecimento da historiografia da conservação e do restauro. Esse reconhecimento ou essa “leitura crítica” do objeto arquitetônico, quando têm como referencial o conhecimento das teorias que envolvem o campo da restauração, garantem não só uma melhor proposta de uso, mas também um projeto arquitetônico mais sensível em relação aos valores patrimoniais que possuem determinado bem. Portanto, constitui objetivo deste trabalho que a proposta de reativação das estruturas da antiga Fábrica Jurubeba Leão do Norte busque não apenas trazer um novo uso para elas, mas também evidenciar os valores históricos e estéticos que aproximam o objeto da esfera patrimonial.

Os métodos empregados na pesquisa e no desenvolvimento desta dissertação, além da leitura das teorias e dos textos técnicos pertinentes, abrangeram também as visitas *in locu* aos sítios já mencionados, bem como a alguns marcos icônicos da chamada “paisagem industrial do Ruhr”, na Alemanha, além de outros sítios que bem ilustram interessantes intervenções arquitetônicas em preexistência fabril na Holanda, Espanha e Portugal.

Outro importante método adotado nesta pesquisa foi a entrevista gravada com Eduardo da Costa Lima, neto do fundador da Fábrica Jurubeba Leão do Norte, realizada em 19 de maio de 2016, das 9h às 10h30, na sede atual da empresa, situada no CIA. Na ocasião, além da entrevista, foi feita uma visita guiada por ele, que explicou todo o processo atual de produção da bebida. Também foi gentilmente apresentada a única planta existente da antiga sede no Bairro da Boa Viagem, que consta no acervo histórico da Organização Leão do Norte, a qual foi fotografada (Figura 45).

A estrutura deste trabalho se divide em **quatro capítulos**. O **primeiro**, intitulado “História da Fábrica Leão do Norte na Península de Itapagipe e a sua dimensão patrimonial”, traz uma contextualização geral em termos históricos, geográficos, culturais e patrimoniais, que são as premissas fundamentais para o entendimento do objeto de estudo. Inicialmente, apresenta-se a história da empresa, aqui vinculada à própria história da península por uma perspectiva econômica, que, entre outros fatores, se fez determinante para o desenvolvimento industrial daquele território. Neste capítulo também se pretende discorrer sobre a península por uma perspectiva cultural, apresentando as festas de tradição popular que caracterizam o bairro e conectando essa contexto histórico-geográfico à dimensão imaterial do patrimônio. Entendendo que a motivação principal para a preservação da Fábrica Leão do Norte é o fato de estar vinculada ao patrimônio industrial da cidade de Salvador, apresenta-se, portanto, algumas considerações gerais sobre a gênese do patrimônio industrial enquanto disciplina, com o objetivo de compreender a necessidade da preservação desse tipo de bem. E, por fim, apontam-se alguns aspectos da situação atual do patrimônio industrial da península itapagipana, ao qual se aplica o alerta de LUTHER: “corre o risco de desaparecer sem ao menos ser conhecido” (LUTHER, 2012, p.131).

Considerando que este trabalho pretende apresentar um projeto arquitetônico de intervenção na estrutura física da antiga Fábrica Leão do Norte, faz-se necessário apresentar os aspectos urbanísticos da área onde está situada. O **segundo capítulo** busca, assim, trazer subsídios para o projeto ao destacar, a propósito, três partes principais: (a) inicialmente, a área do entorno será delimitada, os principais monumentos históricos nela contidos serão identificados e, ainda, serão expostas algumas implicações decorrentes das leis de proteção e tombamento que objetivam salvaguardar características arquitetônicas e paisagísticas da área em estudo; (b) na segunda parte, serão apresentados mapas que revelam aspectos da morfologia urbana, tais como topografia, densidade urbana, sistema viário, vegetação e uso do solo; (c) por fim, serão identificadas na terceira parte desse capítulo as características físicas e arquitetônicas do Largo da Boa Viagem, escala fundamental para a aproximação com o objeto de estudo. O largo, onde estão situados o objeto de estudo e a Igreja Nossa Senhora da Boa Viagem, também é palco da festa da Procissão do Bom Jesus dos Navegantes, uma das mais importantes manifestações culturais da cidade de

Salvador, que será também considerada. Esse capítulo visa, portanto, elucidar as condicionantes urbanísticas fundamentais para o exercício do projeto arquitetônico.

O **terceiro capítulo** dedica-se à apresentação e ao reconhecimento do conjunto da antiga fábrica de bebidas Jurubeba Leão do Norte e pretende analisá-lo em múltiplos aspectos. Será apresentada a sua transformação física ao longo do tempo, que se inicia em 1932, com a compra do casarão situado à beira mar, e vai até 1978, quando a empresa deixa de explorar o imóvel industrialmente. Em seguida, será exibida uma análise crítico-construtiva do objeto, quando se pretende elucidar os sistemas estruturais e as características arquitetônicas de cada edificação, bem como os valores estéticos e históricos que o fazem ser compreendido como patrimônio histórico. Nesta oportunidade, serão apontadas as potencialidades e identificados os problemas que devem ser objeto da devida consideração no projeto arquitetônico. Na sequência, visando a compreender o seu estado de degradação, serão apresentadas as condicionantes climáticas do entorno que incidem diretamente sobre o objeto e podem contribuir para sua decadência, e, por fim, a última parte deste capítulo se dedica a traçar um diagnóstico de patologias do conjunto, identificando os possíveis agentes e causas dos danos encontrados, dado que o imóvel se apresenta atualmente em péssimo estado de conservação, principalmente o sobrado, edifício mais antigo do conjunto, cuja cobertura se encontra francamente arruinada.

Visando a apresentar as soluções projetuais para os diversos aspectos levantados nos capítulos anteriores, o **quarto** e último capítulo deste trabalho formula a proposta de um novo uso para a antiga fábrica de bebidas Jurubeba Leão do Norte, levando em conta as teorias de Buchanan, bem como revela o embasamento teórico utilizado para amparar e justificar as decisões de projeto. A proposta surge da interligação de diversos fatores levantados ao longo deste trabalho e consiste na transformação das estruturas preexistentes no Estaleiro Escola da Boa Viagem. Como mencionado anteriormente, a discussão patrimonial e o conhecimento da teoria da restauração foram fundamentais para as decisões tomadas. A solução proposta para o projeto levou em conta, a princípio, a Teoria do Restauro Crítico, que auxiliou na concepção e na formulação de uma proposta de uso adequada às instalações existentes, a fim de atender, na medida do possível, às “demandas” relacionadas ao “patrimônio”. No entanto, considerando que as “demandas patrimoniais” podem, eventualmente, desconsiderar o contexto socioeconômico em que o conjunto arquitetônico se situa, essa Teoria do Restauro Crítico é aplicada não de modo ortodoxo, considerando que a “adoção, de maneira ortodoxa, da teoria brandiana pode levar, a nosso ver, a inviabilizar o uso do patrimônio cultural, impedindo-o de cumprir sua função social” (NIVALDO, 2013, p. 64).

Por isso, destaca-se a importância de que tais demandas patrimoniais entrem em consonância não apenas com o próprio objeto de estudo patrimonialmente considerado, mas também com as demandas

da sociedade. Assim, buscou-se, com a proposta final deste trabalho, a confluência entre a realização das vocações espaciais presentes na arquitetura da antiga fábrica e o atendimento das demandas sociais e potencialidades locais, no intuito de que a antiga Fábrica Jurubeba Leão do Norte possa vir a representar, além de um importante patrimônio histórico e cultural adequadamente restaurado, um equipamento urbano social e economicamente útil para a comunidade do bairro e da cidade onde ele está inserido.

CAPÍTULO 1

A FÁBRICA LEÃO DO NORTE NA PENÍNSULA DE ITAPAGIPE E A SUA DIMENSÃO PATRIMONIAL

1.1 DE FEIRA DE SANTANA À PENÍNSULA DE ITAPAGIPE

A Fábrica Leão do Norte teve sua primeira sede na cidade de Feira de Santana (Figura 1), situada entre a Prefeitura e o ABC (hoje Avenida Sampaio), em uma área de aproximadamente 20.000 m². Foi fundada em 1920 por Paulo da Costa Lima (Figura 2), químico e conhecedor da flora medicinal que criou e desenvolveu fórmulas para serem exploradas no ramo dos medicamentos e bebidas.

O vinho fortificado de jurubeba, produto que permanece até hoje no mercado, foi lançado em 1920 e inicialmente comercializado em farmácias para fins medicinais, tais como problemas de apetite, palidez, ou doenças no baço, fígado ou estômago (Figura 3). A bebida é feita a partir da mistura entre o vinho tinto seco de mesa (70%), macerado de frutas de jurubeba (fruto encontrado no semiárido do nordeste da Bahia), extratos de canela, cravo, quássia, boldo e genciana. Atualmente, apesar de ser comercializada como bebida alcoólica comum (Figura 4), a empresa ainda alega seu caráter “medicinal” devido às propriedades benéficas do fruto da jurubeba.¹

Figura 1: Primeira sede da fábrica em Feira de Santana



Fonte: Site da Empresa. Disponível em
<[Http://www.leaodonorte.com.br/index1.php](http://www.leaodonorte.com.br/index1.php)>. Acesso em
12/12/2017.

Figura 2: Paulo da Costa Lima



Fonte: Documentário “Jurubeba Leão do Norte”
disponível em
<<https://www.youtube.com/watch?v=pCPTaIRTUUk>>. Acesso em 15/12/2017.

¹ Para maiores informações sobre o produto, buscar site da empresa, disponível em:
<<http://www.leaodonorte.com.br/index1.php>>. Acesso em 12/12/2017.

Figura 3: Anúncio da bebida.



Fonte: Ibahia Blogs- Memórias da Bahia. Disponível em: <http://blogs.ibahia.com/a/blogs/memoriasdabahia2013/09/18/jurubeba/> acesso em 16/12/2017

Figura 4: Embalagem atual do produto.



Fonte: Blog Apólogo 11. Disponível em: <http://apologo11.blogspot.com.br/2014/01/leao-do-norte-bebida-amarga-da-raca-que.html> Acesso em 15/12/2017

Na reportagem denominada “A Primeira Indústria de Feira”, Antônio Lagedinho, jornalista e membro do Instituto Histórico e Geográfico de Feira de Santana, cidade onde a fábrica permaneceu sediada entre 1920 e 1932, registra um depoimento interessante em que descreve aquela fase inicial da Leão do Norte:

[...] A fábrica tinha uma grande área construída dividida em escritório, salão das dornas onde ficavam umas 15 delas de 2 a 4 mil litros, salão de engarrafamento, rotulagem e acabamento, sala de carpintaria e embalagem, galpão de moagem com as primeiras máquinas a motor, sala de produção onde se faziam as bebidas, sala de tanoaria, sala de lavagem de garrafas, além de vários depósitos para carroças, dependências para operários e um sem número deles. Durante todos os dias da semana havia muito movimento de carroças transportando caixas e barris de bebida para a Estação Ferroviária e para o comércio local. Nos dias de

segunda-feira, dia da feira local, a fábrica ficava tomada de animais de carga que vinham de toda parte comprar bebidas e vinagre. [...] (Reportagem “A primeira Indústria de Feira”, 2010, s/ N°)²

Em entrevista que concedeu ao autor desta dissertação, em 18 de maio de 2018, Eduardo da Costa Lima, neto do fundador Paulo da Costa Lima, herdeiro e membro da empresa, informa que o vinho tinto, matéria prima para a fabricação do produto, era trazido da Vinícola Rio-Grandense Comércio e Navegação por meio de embarcações que descarregavam na cidade de Cachoeira, e de lá era transportado pela linha férrea até Feira de Santana. A relação entre as duas empresas perdura até os dias atuais.

Com o objetivo de aumentar a produção e, também, proporcionar uma melhor educação para seus filhos, em 1932, Paulo da Costa Lima decidiu se transferir para a cidade de Salvador. Inicialmente, se instalou em um casarão na Avenida Carlos Gomes, posteriormente, no Bairro da Saúde, e por fim, adquiriu o Imóvel nº 2 da Praça Dr. Adriano Gordilho, o sobrado que integra o objeto deste trabalho (Figuras 5 e 6), localizado na Península de Itapagipe. Até então, o imóvel servia como residência de veraneio e pertencia ao médico doutor Adriano Gordilho, que dá o nome oficial ao Largo da Boa Viagem.

Figura 5: Sobrado no Largo da Boa Viagem.



Fonte: Site da empresa. Disponível em:
<<http://www.leaodnorte.com.br>>. Acesso em
12/12/2017.

Figura 6: Sobrado após a ocupação da Leão do Norte.



Fonte: Arquivo Histórico Municipal de Salvador.

² Para maiores informações sobre a primeira fase da Fábrica Leão do Norte, em Feira de Santana, buscar blog “a feira antiga” <<http://feiraantiga.blogspot.com.br/2010/03/primeira-industria-de-feira.html>> Acesso em 12/2/2019

A fim de melhor compreender a realocação da Fábrica Leão do Norte de Feira de Santana para Salvador, especificamente para a área da Península de Itapagipe, é importante situar historicamente o momento dessa transição, em que “o território da Península de Itapagipe e seus arredores, em volta da Enseada de Tainheiros, entre o final do século XIX e as primeiras décadas do século XX, se tornaram o sítio industrial de Salvador” (CASTORE 2018, p. 276). Por sua vez, necessário compreender alguns dos fenômenos que levaram essa região a ser assim caracterizada.

A Península de Itapagipe (Figura 7) é uma das porções de terra da cidade de Salvador que se pronuncia sobre as águas da Baía de Todos os Santos, ao norte do Forte de Santo Antônio da Barra. É marcada pela Enseada dos Tainheiros, que faz com que seja circundada pelas águas do mar em quase sua totalidade. Atualmente, é formada pelos bairros do Uruguai, Calçada, Mares, Boa Viagem, Bonfim, Monte Serrat, Vila Rui Barbosa, Massaranduba e Ribeira. (LUTHER, 2012)

Figura 7: Baía de Todos os Santos e Península de Itapagipe em destaque.



Fonte: Google Earth 2018 e PMS, elaborado no QuantumGIS.

Itapagipe, na língua dos Tupinambás, antigos habitantes da região, significa “no rio da laje”. A área já apresentava ocupação desde a fundação da cidade de Salvador, compreendida inicialmente entre o Taboão e a Barroquinha. Primeiramente ocupada pelos índios, “[...] já contando com as pequenas edificações cobertas de palmas que se entremeavam na floresta peninsular” (CARVALHO apud

LUTHER, 2012, p. 49), a Península de Itapagipe apresentou, precocemente, atividades produtivas e protoindustriais como a produção de açúcar, cachaça, vinho, mel, tijolos, cerâmicas e até de embarcações, quando, em 1550, a mando de Tomé-de-Souza, foi construída a Empresa de Concerto e Fabricação de Embarcações que lá se situava, devido à sua propícia geografia (LUTHER, 2012).

Diferente do centro da cidade de Salvador, que se adensou mais rapidamente, a Península de Itapagipe teve um processo de ocupação e consolidação mais lento e gradual, que estava intimamente relacionado às edificações religiosas. Ao longo do século XVIII, várias igrejas foram construídas, a exemplo da Igreja Nossa Senhora da Boa Viagem, a Igreja Matriz da Penha, a Igreja Nossa Senhora de Monte Serrat e a Igreja do Nosso Senhor do Bonfim, que foram determinantes para sua consolidação, trazendo ao bairro certa ambiência religiosa, com diversas tradições festivas. O bairro era então ocupado pela parcela mais pobre da população, apesar de abrigar uma pequena parte das classes mais abastadas. Com a consolidação do Corredor da Vitória como bairro da elite soteropolitana, apenas uma pequena parcela da burguesia continuou a residir na península, que passou a frequentá-la como região de veraneio (LUTHER, 2012).

Em meados do século XIX, a península passa a receber de maneira mais contundente indústrias de diversas naturezas, e lá “se cristalizou o primeiro surto industrial da Salvador moderna” (CARDOSO, 2004, p.22). Para melhor compreender o fenômeno da chegada da indústria na Península de Itapagipe, alguns pontos de inflexão na história das políticas públicas no Brasil e na Bahia são fundamentais e devem, ainda que de maneira breve, ser apresentados.

Considerações sobre a evolução da indústria no Brasil

Antes da chegada da família Real ao Brasil, em 1808, a Coroa já permitia o desenvolvimento de algumas atividades industriais e manufatureiras, como por exemplo as olarias, os estaleiros e as indústrias têxteis, que davam suporte à Colônia. Apesar disso, a Coroa portuguesa proibiu, através do Alvará de 5 de janeiro de 1785, “a existência de qualquer manufatura ou indústria no território brasileiro” (LUTHER, 2012, p. 55), sob a alegação de que essas atividades ameaçavam a agricultura pela transferência de mão de obra, e que, por consequência, poderia gerar a independência da colônia em relação à capital. Nesse contexto, a indústria nacional involuiu. Com a chegada da Corte Portuguesa, tanto o alvará foi revogado como se decretou a abertura dos portos às Nações Amigas, sendo, a partir de então, permitido e incentivado o desenvolvimento da indústria, ainda que de maneira tímida.

Tais medidas não se apresentaram suficientes para o real desenvolvimento da indústria nacional, pelo fato de que, com a abertura dos portos, a competição favorecia os produtos importados de outros países, principalmente da Inglaterra. Esse favorecimento aos produtos ingleses foi agravado com o *Tratado do Comércio*, que reduziu as taxas alfandegárias a 15% sobre todos os produtos Ingleses (CASTORE, 2018). Ainda assim, nesse cenário complicado, a Coroa portuguesa concedeu uma licença a Francisco Inácio de Serqueira para a instalação da Real Fábrica de Vidros, que permaneceu ativa entre os anos de 1815 e 1825 no porto do Bonfim e foi a primeira fábrica a ocupar a Península de Itapagipe da qual se tem registro, após a liberação para o reestabelecimento das atividades industriais no Brasil (LUTHER, 2012).

Após a Independência do Brasil, em 1822, uma nova lei foi aprovada, em 1828, igualando a 15% todas as taxas de importação, independentemente do tipo de produto e do país de procedência. Nesse cenário, que reduziu o privilégio dos produtos ingleses, se torna mais propício o desenvolvimento da indústria nacional, surgindo na Bahia diversas fábricas, em sua maioria têxteis. Com a adoção da Tarifa Alves Branco, em 1844, criou-se uma política protecionista que aumentava em 30% a taxa de importação de produtos estrangeiros e outras taxas de 40% a 60% sobre aqueles produtos que já se produzia no Brasil. Ainda que as taxas de 30% não fossem suficientes para concorrer com os baixos preços dos produtos ingleses, as indústrias tabaqueira e algodoeira tiveram expressivo crescimento na Bahia (CASTORE, 2018).

O atrasado processo de abolição da escravatura no Brasil, que se inicia em 1850, com a proibição do tráfico negreiro, e culmina com a Lei Áurea em 1888, também tem um importante papel no lento desenvolvimento capitalista e industrial no Brasil e, conseqüentemente, na cidade de Salvador. A imigração e o trabalho assalariado passaram a substituir, paulatinamente, a mão de obra escrava, fazendo com que alguma parcela mais pobre da população começasse a se tornar economicamente ativa.

Outro fator que se liga ao desenvolvimento da indústria é o fato de que parte do capital anteriormente destinado ao tráfico e comércio de escravos passou a ser investido no desenvolvimento industrial, o que propiciou algum progresso de várias indústrias, entre elas, a ferroviária (LUTHER, 2012). Em 1858, se iniciaram as obras da *Bahia and San Francisco Railway*, primeira ferrovia da Bahia, que tinha como objetivo ligar Salvador, a partir da estação ferroviária da Calçada, a Juazeiro, às margens do Rio São Francisco.

No final do século XIX, a Península de Itapagipe, que já apresentava historicamente uma vocação para as atividades produtivas, se confirmou como território propício para o desenvolvimento da indústria, pois, além de contar com um privilegiado posicionamento geográfico em relação ao mar e ao

porto de Salvador, desfrutava da construção da ferrovia, que permitia o transporte de mercadorias entre a capital e o interior do Estado. A península também passou a contar com certa infraestrutura urbana e de transportes e vivia, portanto, uma conjuntura social, política e econômica que contribuía para a implantação de novas fábricas e de uma nova forma de vida naquela região.

Desdobramentos do processo de industrialização na Península de Itapagipe

A partir de meados do século XIX, a Península de Itapagipe passou a sofrer profundas alterações em sua paisagem e em sua morfologia urbana, e a industrialização trouxe maior complexidade à dinâmica do bairro, “somando-se aos hábitos litorâneos de pesca e veraneio, e às tradições religiosas, uma nova rotina do trabalho operariado” (CARDOSO, 2011, s/n). A construção da ferrovia e a instalação de novas fábricas são acompanhadas pela modernização do sistema de iluminação e transporte públicos, além da construção das vilas operárias. Nesse período histórico, foram fundadas cerca de 112 fábricas na Península de Itapagipe, que produziam os mais variados produtos, como afirma CARDOSO:

[...]Foram encontrados vestígios de que estavam em atividade na Península de Itapagipe, no recorte temporal demarcado, indústrias têxteis, de fumo (charutos e cigarros), de ceras (sabão e velas), calçados, algodões medicinais, fábrica de cal, fósforos, fábricas de caixas de papelão, pregos, móveis, vidros, ladrilhos, beneficiamento de fumo, cacau e de borrachas, produtos alimentícios (pão, café, chocolates e bombons, bebidas, conservas e doces), além dos moinhos, serrarias, curtumes, das fundições e dos **estaleiros** (CARDOSO, 2011s/n) (Grifou-se)

Dentre as empresas instaladas na Península de Itapagipe, é importante destacar a Companhia Empório Industrial do Norte (CEIN), tanto por sua escala quanto por suas reverberações na península itapagipana. Fundada em 14 de março de 1891, pelo comerciante Luiz Tarquínio, mais tarde referenciado como “O Mauá Baiano”, a CEIN foi implantada à beira mar, no bairro da Boa Viagem, a uma distância relativamente próxima à Fábrica Leão do Norte, objeto de estudo deste trabalho. Sobre a CEIN, REBOUÇAS coloca:

O local escolhido pela *Empório* era a região da boa viagem, que, além de proximidade com a estação da São Francisco Railway, tinha a possibilidade de ter um porto exclusivo para descarga e carga de materiais[...] com 240 metros de extensão. Contava com uma pequena linha férrea para dentro dos prédios [...] e com uma torre de 34 metros de altura, destacando-se ao horizonte[...] (REBOUÇAS 2016 pg. 152).

Inaugurada em 1892, antes mesmo do início das atividades industriais, a Vila Operária da Boa Viagem, também fundada por Luiz Tarquínio, “era um dos grandes destaques do empreendimento, com seus 8 blocos, 285 casas residenciais de dois pavimentos, gabinete médico, farmácia, loja, creche, açougue e armazém” (REBOUÇAS, 2016, p. 156). Ainda que apresentasse impactos positivos em termos econômicos e sociais, a construção de conjuntos habitacionais para o abrigo de operários, a exemplo da Vila Operária da Boa Viagem, deriva de uma postura paternalista (escravocrata) dos industriais brasileiros, que buscava o controle dos seus funcionários dentro e fora do trabalho, substituindo o papel do Estado ao propiciar moradia, escola, espaços de convívio e de lazer (CASTORE, 2018).

Posteriormente à fundação da CIEN e da Vila Operária da Boa Viagem, algumas políticas públicas em conjunto com iniciativas privadas contribuíram para o desenvolvimento e a caracterização do bairro de classe operária. José Joaquim Seabra, em 1912, assinou decretos que favoreciam a construção de habitações operárias com isenção de impostos sobre materiais de construção a serem utilizados para este fim. A partir da experiência pioneira da CIEN, foram realizados inúmeros empreendimentos para construção de residências de operários, financiadas direta ou indiretamente pela indústria (CARDOSO, 2011).

Dando seguimento à essas políticas públicas, em 1943, o Escritório de Planejamento Urbano da Cidade de Salvador (EPUCS), coordenado pelo engenheiro Mário Leal Ferreira e pelo arquiteto Diógenes Rebouças, elaborou um planejamento para Salvador caracterizando de maneira formal a área da Península de Itapagipe como Zona de Uso Misto, entre Residencial Satélite e Industrial, reafirmando o caráter do bairro, que se consolidou naturalmente através da dinâmica da cidade (CARDOSO, 2011).

A partir da década de 1930, Salvador passou a receber um grande fluxo migratório vindo do interior do Estado da Bahia, caracterizado por uma população pobre que passou a se estabelecer principalmente na península e no Subúrbio Ferroviário em busca de emprego (CASTORE, 2018). Nesse momento, por lá ainda existiam diversas fábricas, incluindo a Leão do Norte.

A exploração do petróleo, iniciada na Enseada de Tainheiros, levou à construção da Refinaria Landolfo Alves, em Mataripe, e modificou os rumos da economia baiana. Nesse sentido, “o modelo proposto pelo EPUCS, reservando a Península de Itapagipe como centro industrial, não mais se aplicava a esta nova realidade” (CARDOSO, 2004, p. 151). A criação do CIA em 1966, um “grande complexo industrial planejado pelo Estado para atrair investimentos e capitais extra regionais e inverter a situação econômica estagnante da Bahia” (CASTORE, 2018, P. 2016), passou a abrigar a maior parte da indústria soteropolitana, a exemplo da própria Fábrica Leão do Norte, que para lá se realocou em 1978.

Esses fatores levaram ao declínio da indústria itapagipana, ocasionando o fechamento da maioria de suas fábricas ao longo da segunda metade do século XX. Hoje, os remanescentes industriais da região se encontram abandonados, descaracterizados ou em processo de arruinamento, como também é o caso da antiga sede da Fábrica Leão do Norte. O drástico aumento populacional aliado à falta de planejamento e infraestrutura urbana e ao descaso sistemático do Estado em relação àquela área da cidade colocaram o Subúrbio Ferroviário e a Península de Itapagipe no rol dos “tantos bairros populares que hoje caracterizam as periferias das cidades brasileiras” (CASTORE, 2018).

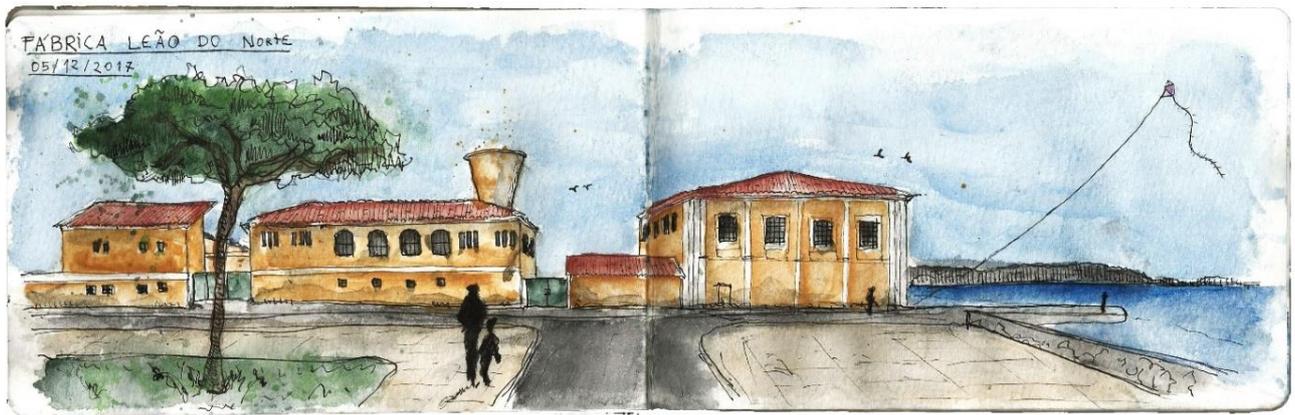
1.2 O LARGO DA BOA VIAGEM E AS FESTAS POPULARES

Além da perspectiva histórica e econômica da península, apresentada no subcapítulo anterior, é fundamental para a compreensão da identidade do local o reconhecimento de uma cultura festivo-religiosa que permeia os bairros de Itapagipe. A Fábrica Leão do Norte (Figura 8) se localiza no Largo da Boa Viagem, que é margeado pela Baía de Todos os Santos e conta com a marcante presença da Igreja de Nossa Senhora da Boa Viagem (Figura 9), construída em 1712 pela Ordem de São Francisco. Por se tratar de um edifício de grande valor histórico e cultural, algumas informações sobre a igreja enriquecem a aproximação com o espaço onde se situa o objeto de estudo.

A igreja foi construída no terreno doado em 1710 por uma senhora portuguesa, Dona Lourença Maria, que estabeleceu como condição para a doação que ali fossem erguidos uma igreja e um abrigo para doentes. Conhecido como *Hospício de Nossa Senhora de Boa Viagem*, o edifício tem uma arquitetura tipicamente franciscana e apresenta características semelhantes às do Convento de São Francisco, no Pelourinho, tais como: o bulbo piramidal, o revestimento de azulejo e o formato do portal. Assim como o Terreiro de Jesus, o Largo da Boa Viagem é marcado por um cruzeiro em frente à igreja, o que também caracteriza a arquitetura franciscana (Figura10)³.

³ Para maiores informações sobre a história da igreja buscar site Patrimônio Espiritual; disponível em: <<https://patrimonioespirtual.org/2015/06/01/igreja-de-nossa-senhora-da-boa-viagem-salvador-ba/>> Acesso em: 12 dez. 2017.

Figura 8: Croquis de observação da Fábrica Leão do Norte.



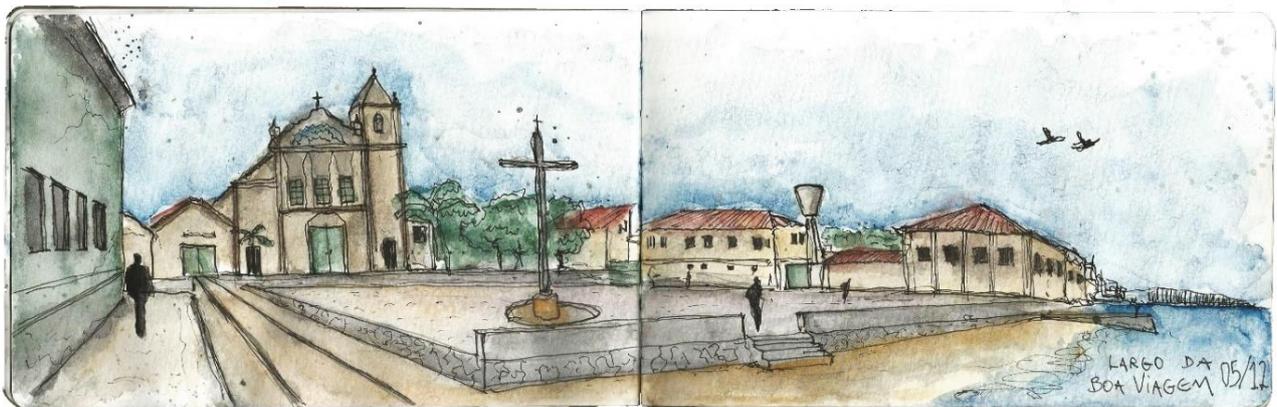
Fonte: Acervo do autor.

Figura 9: Croquis de observação da Igreja Nossa Senhora da Boa Viagem.



Fonte: Acervo do autor.

Figura 10 - Croquis de observação do Largo da Boa Viagem, onde acontece o festejo do Nosso Senhor dos Navegantes.



Fonte: Acervo do autor.

Nossa Senhora da Boa Viagem é a padroeira dos navegantes, segundo a tradição popular portuguesa. Esse fato dá origem a uma das mais importantes manifestações culturais da cidade de Salvador: a Procissão Marítima do Bom Jesus dos Navegantes (Figuras 11 e 12). O evento, que dura do dia 27 de dezembro até o dia 1º de janeiro, tem seu ápice nos dias 31 e 1º, marcados pela procissão marítima que leva a imagem do Bom Jesus dos Navegantes, embarcada na galeota Gratidão do Povo, desde a Igreja Nossa Senhora da Boa Viagem até a Igreja Nossa Senhora da Conceição da Praia, no Bairro do Comércio, onde pernoita, e retorna no dia seguinte, quando acontece uma missa seguida por uma grande festa no Largo da Boa Viagem (CARDOSO, 2004).

Além da procissão, a lavagem do Bonfim, que acontece no segundo domingo após a Epifania, e a Segunda-feira Gorda da Ribeira, festejada na primeira segunda-feira após a lavagem do Bonfim, formam um rico conjunto de festas populares que acontecem no verão. Desde o seu surgimento, esse circuito de festas populares, ligadas diretamente às igrejas do Bomfim, da Boa Viagem e da Penha, alimentou e fortaleceu a imagem de bairro de veraneio que caracterizava a península itapagipana, a qual, nos meses de dezembro, janeiro e fevereiro recebia visitantes em busca das festas e do mar. Estas manifestações culturais, ligadas tanto ao catolicismo quanto ao candomblé, são uma demonstração evidente do sincretismo religioso baiano, além de extremamente relevantes para a compreensão da identidade e das dinâmicas urbanas, sociais e históricas da Península de Itapagipe.

Figura11 –Procissão do Nosso Senhor dos Navegantes.



Fonte: Instituto Moreira Salles-Fotografia: Marcel Gautherot.

Figura12 – Galeota Gratidão do Povo. Casarão à direita.



Fonte: Site da Capitania dos portos da Bahia. Disponível em:

<https://www.marinha.mil.br/cpba/?q=content/capitania-dos-portos-da-bahia-participa-da-prociss%C3%A3o-de-bom-jesus-dos-navegantes> acesso em 18/5/2017

1.3 A FÁBRICA LEÃO DO NORTE E SUAS RELAÇÕES COM O BAIRRO

É nesse contexto de transformação da paisagem e da dinâmica econômica, social e cultural da Península de Itapagipe que, em 1932, a Fábrica Leão do Norte passa a ocupar o casarão nº 2 da praça Dr. Adriano Gordilho, conhecida popularmente como Largo da Boa Viagem (Figuras 13 e 14). O largo se encontra ao final da Rua da Boa Viagem, que o conecta à Ponta de Humaitá, onde se situa o Forte de Monte Serrat (Figura 15), outro importante monumento histórico que caracteriza o tecido urbano em que se insere a fábrica. Outro acesso para o largo se dá pela Avenida Luiz Tarquínio, onde se situava a Companhia Empório Industrial do Norte (Figura 16).

Figura 13: Localização em relação ao bairro da Boa Viagem.



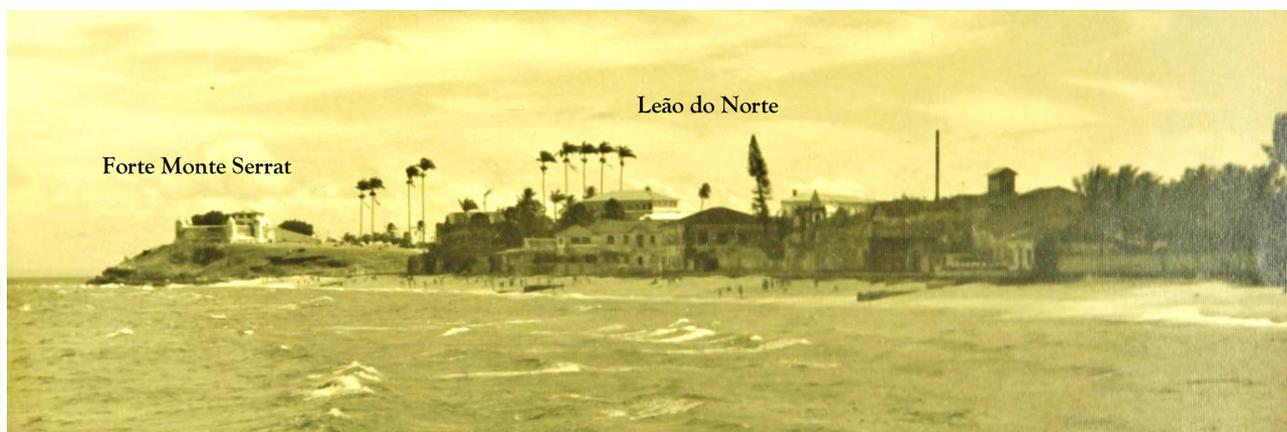
Fonte: Google Earth 2017, editado pelo autor.

Figura 14: Localização da Fábrica Leão do Norte na praça Dr. Adriano Gordilho.



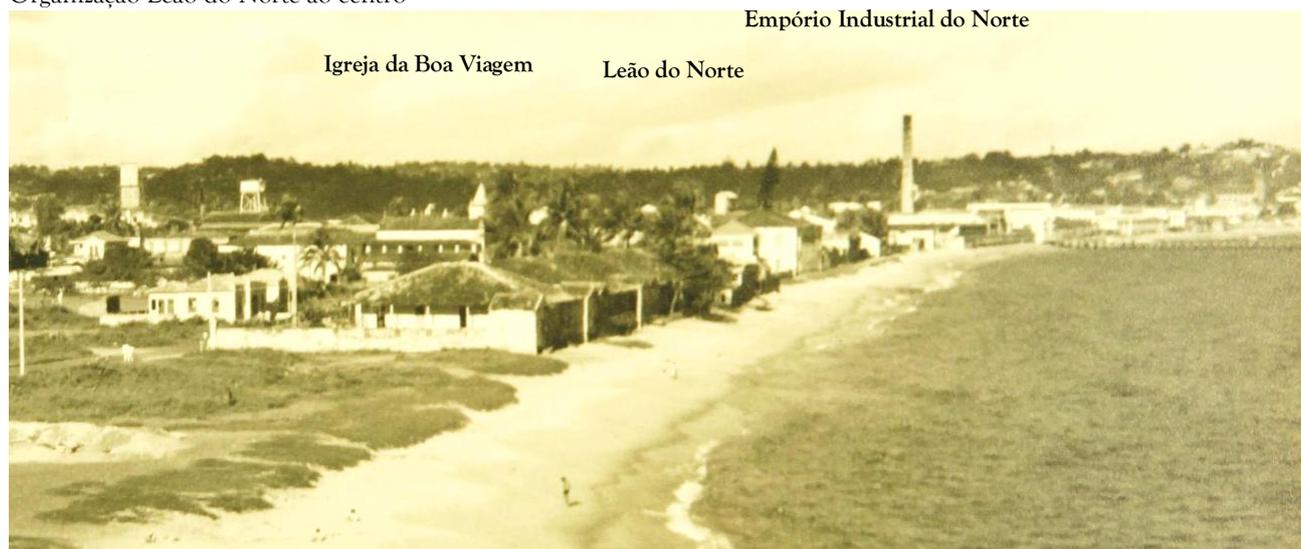
Fonte: Google Earth 2018, editado pelo autor.

Figura 15 – Praia da Boa Viagem a partir do mar. Forte Monte Serrat à esquerda, Organização Leão do Norte ao centro.



Fonte: Acervo digital do IPHAN. Disponível em: < <http://acervodigital.iphan.gov.br/xmlui/> > Acesso em 15/12/2018

Figura 16 – Praia de Boa Viagem vista do forte Monte Serrat. Chaminé da Companhia Empório Industrial do Norte. Organização Leão do Norte ao centro



Fonte: Acervo digital do IPHAN disponível em: < <http://acervodigital.iphan.gov.br/xmlui/>> Acesso em 15/12/2018

Eduardo da Costa Lima, neto do fundador da empresa, testemunhou desde sua infância a história da fábrica. Seus relatos possibilitaram, ainda que sob uma perspectiva pessoal, entender como se davam as conexões entre a Fábrica Leão do Norte e o contexto urbano existente. Na entrevista concedida ao autor, foram abordados assuntos como: as relações da fábrica com a ferrovia e com o porto; transporte e habitação dos funcionários; e interações entre a fábrica, o Largo da Boa Viagem, a Igreja Nossa Senhora da Boa Viagem, a festa do Nosso Senhor dos Navegantes e outras fábricas do bairro.

Confirmando a análise realizada anteriormente – que destaca, dentre os motivos para a fixação da Fábrica Leão do Norte na Península de Itapagipe, a proximidade com a ferrovia e com o porto –, Eduardo conta que, pelo porto localizado na Av. da França, no Bairro do Comércio, chegavam as bordalesas de vinho encomendadas da Vinícola Rio-Grandense Comércio e Navegação. Além do vinho, outros insumos para a produção da bebida também chegavam por via marítima. Para o escoamento da produção, uma parte era distribuída ao varejo, na própria cidade de Salvador, e outra era transportada até a Estação da Calçada, onde embarcava na ferrovia, responsável por conduzir o produto para o interior do Estado.

Sobre a questão de transporte e habitação dos funcionários, Eduardo afirma que a maioria deles residia na própria península, e outros, no Subúrbio Ferroviário, o que conjuga com o adensamento populacional derivado do fluxo migratório do interior para a capital comentado anteriormente. Para chegar ao trabalho, os funcionários utilizavam transporte público. Primeiramente os bondes, posteriormente os ônibus elétricos. Na fotografia abaixo (Figura 19), é possível avistar a linha de bonde

que passava na atual Rua da Imperatriz, a Igreja Nossa Senhora da Boa Viagem e o casarão que viria a ser ocupado pela Fábrica Leão do Norte em 1932.

Figura 17 – Linha de bonde passando pela atual Rua da Imperatriz.



Fonte: Acervo digital do IPHAN. Disponível em: <<http://acervodigital.iphan.gov.br/xmlui/>> Acesso em 15/12/2018.

Quando questionado a respeito da dinâmica que acontecia entre as fábricas do bairro, Eduardo narra que, apesar de não haver uma associação formal entre elas, existiam relações de amizade entre os membros e proprietários de diversas fábricas, como a Empório, a Bering, a Fratelli Vita, a Souza Cruz, a Piatã entre outras fábricas instaladas nas proximidades da Leão do Norte. Conta ainda que chegou a conhecer, em funcionamento, algumas dessas instalações fabris, como a CIEM, além de ter estudado na escola da paróquia da Nossa Senhora da Boa Viagem, nas imediações da Vila Operária construída por Luiz Tarquínio.

Eduardo afirmou que sua família mantinha uma relação amigável com a paróquia da Igreja Nossa Senhora da Boa Viagem e que Padres Lino e Hugo batizaram alguns membros da família de Paulo da Costa Lima. Eduardo comenta que anualmente a Fábrica Leão do Norte, em conjunto com a comunidade, patrocinava a limpeza e manutenção da galeota Gratidão do Povo, embarcação utilizada na procissão do Nosso Senhor dos Navegantes até os dias atuais. Sobre a procissão, Eduardo lembra que,

no começo do mês de dezembro, entre os dias oito e dez, já se instalavam as barraquinhas de venda de bebidas e alimentos nos muros da fábrica para receber o festejo. As barracas apenas eram retiradas no dia 2 de janeiro, como até hoje acontece (conforme verificado na visita realizada pelo autor deste trabalho, no dia dois de janeiro de 2018, quando ocorria a desmontagem das barracas). Algumas vezes, instalavam barracas na porta da fábrica, impedindo o seu acesso, e, nesse caso, pedia-se para retirá-las.

Eduardo comenta que, nos dias do festejo, a família ocupava o segundo pavimento do casarão, utilizado como escritório no dia-a-dia da empresa, para receber amigos, cantores e intelectuais, como Jean-Paul Sartre e Simone Beauvoir, amigos de Vivaldo da Costa Lima. Seu tio Vivaldo (Filho de Paulo da Costa Lima) era antropólogo e professor e foi o primeiro diretor do Instituto do Patrimônio Artístico e Cultural da Bahia (IPAC). O espaço era utilizado para celebrar e observar a festa do Nosso Senhor dos Navegantes e da janela se podia ver o jogo de capoeira, que acontecia justamente no passeio em frente ao casarão, como afirmou Eduardo.

Dentro do contexto histórico apresentado, em que, “no decorrer do século XIX a ocupação rarefeita dos arrabaldes da península itapagipana tornou-se adensada e, ao caráter de lugar das atividades ligadas à pesca, das vilegiaturas, sede de igrejas e casas de campo, somou-se e misturou-se a ideia de subúrbio moderno industrializado” (CARDOSO, 2011), Paulo da Costa Lima, fundador da Fábrica Leão do Norte, adquire e se instala no antigo casarão de veraneio que pertencia a um membro da elite baiana.

O terreno comprado se estendia por toda a rua do lado oposto à Igreja Nossa Senhora da Boa Viagem, entre o mar e a Avenida Luiz Tarquínio. O antigo casarão passou por uma reforma e se transformou na nova sede da fábrica, que ao longo do tempo se ampliou e adquiriu sua forma atual. O casarão do final do século XIX, de características neoclássicas, teve sua volumetria preservada e foi transformado em unidade produtiva. Em suas imediações, foram construídos galpões, com tecnologias construtivas modernas provenientes de uma arquitetura industrial popular daquela época, e esse novo uso produtivo, ao contrário do que se poderia imaginar, se inseriu de maneira harmônica na dinâmica do largo em relação à igreja e à procissão do Bom Jesus dos Navegantes. O conjunto arquitetônico da fábrica, portanto, se mostra como um retrato dessas transformações ocorridas entre o final do século XIX e meados do século XX na Península de Itapagipe.

Esse retrato não se refere apenas ao aspecto material de suas edificações, mas também ao imaterial: tanto suas ampliações e sua evolução física deixaram registradas as marcas dessas concomitâncias em sua arquitetura, como a ocupação do espaço, a forma de vida que ali ocorria e as relações entre os personagens das festas, do mar, do padre, do comerciante, da elite e do trabalhador que naquele espaço se fundiam, marcando um período transitório da história e representando os hábitos e costumes de uma cultura própria que ali existia.

1.4 A FÁBRICA LEÃO DO NORTE COMO PATRIMÔNIO INDUSTRIAL

Com base no conhecimento da história da Fábrica Leão do Norte e no breve panorama histórico da Península de Itapagipe apresentados nos subcapítulos anteriores, segue-se para uma abordagem patrimonial sobre o tema. Entende-se que a fábrica, objeto de estudo deste trabalho, faz parte do patrimônio industrial da Península de Itapagipe. Esta visão é compartilhada entre diferentes autores de publicações utilizadas como referência para este trabalho. Luther, que apresenta em sua dissertação um importante inventário dos bens industriais localizados na Península de Itapagipe, que inclui o objeto de estudo deste trabalho, declara:

A Fábrica da Leão do Norte Jurubeba, que se instalou no edifício colonial no ano de 1932, marca uma das fachadas do Largo da Boa Viagem, junto com os edifícios construídos posteriormente que formam o conjunto. O conjunto apresenta **distinção representativa**, pela sua composição espacial e beleza, mesmo na sua simplicidade arquitetônica. Também apresenta **possibilidade de atração do público e turística**, já que se encontra localizada junto à Igreja da Boa Viagem, no largo de mesmo nome, e integra o sítio industrial citado anteriormente. (Luther 2012, p. 145).

Para melhor compreender essa caracterização do objeto enquanto patrimônio industrial, é fundamental apresentar algumas considerações relativas a esses conceitos, que, dentro da historiografia do patrimônio, emerge de maneira mais contundente a partir da segunda metade do século XX, com a grande ampliação cronológica e tipológica no campo do patrimônio (CASTORE, 2018).

Questões relativas ao Patrimônio Industrial

Segundo Castore, o interesse pelo tema do patrimônio industrial surge na Inglaterra, a partir do segundo pós-guerra, como consequência das demolições de importantes testemunhos da industrialização tanto por bombardeios quanto pelo acelerado desenvolvimento urbano. A arqueologia industrial nasce como um campo de estudos multidisciplinares a partir de um artigo publicado pelo historiador Michael Rix em 1955, denominado *industrial archeology*, que ressaltava a necessidade de se preservar e inventariar o legado da industrialização, mediante as ameaças de seu desaparecimento. Os livros dos autores Kenneth Hudson, Angus Buchanan, Arthur Raisctrick e Neil Cossons, escritos entre 1963 e 1975 se concentraram em definir o objeto do campo da arqueologia industrial, tanto em termos tipológicos, quanto em termos

cronológicos. Dentre estes autores, Buchanan teve uma importância destacada na questão da preservação dos remanescentes da industrialização e “seu trabalho, estabeleceu uma série de critérios ou diretrizes para auxiliar a escolha de o que preservar” (CASTORE, 2018, p.95).

A partir da década de 1970, os estudos sobre patrimônio industrial se estenderam para outros países, também como resposta à demolição de importantes exemplares do legado industrial. Se na Inglaterra a demolição do *Euston Arch*, pórtico dórico da estação de trem, gerou certa comoção social em favor da preservação de monumentos industriais, na França, a demolição do *Le Halles*, o Mercado Central de Paris, despertou o interesse pela área e resultou nas primeiras iniciativas de salvaguarda desta nova categoria patrimonial, a exemplo do complexo de Salinas de *Chaux* e a instituição do Ecomuseu de *Le Creusot* (CASTORE, 2018).

Em 1973, ocorreu a primeira Conferência Internacional para a Conservação do Patrimônio Industrial no museu do *Ironbridge Gorge*, na Inglaterra. Na terceira edição, realizada em 1978, em Estocolmo, se formalizou a criação do *The International Committee for the Conservation of the Industrial Heritage* (TICCIH), órgão internacional que trabalha em parceria com o *International Council of Monuments and Sites* (ICOMOS), que desde então se ocupa do estudo, divulgação, valorização e preservação do patrimônio industrial. Durante o XII Congresso Internacional do TICCIH, na Rússia, em 2003, foi elaborada a Carta de Nizhny Tagil apresentada à XV Assembleia do ICOMOS, realizada na China, em 2005 (CASTORE, 2018).

Como afirma Beatriz Külh, a Carta de Nizhny Tagil sobre Patrimônio Industrial “[...] é uma síntese amadurecida dessas definições feitas ao longo de várias décadas, transparecendo uma visão abrangente do problema [...]” (KÜHL, 2010, p. 25). O documento coloca que o patrimônio industrial:

(...) consiste nos vestígios da cultura industrial que possuem valor histórico, tecnológico, social, arquitetural ou científico. Esses vestígios consistem de prédios ou máquinas, oficinas, moinhos e fábricas, minas e locais para processamento e refinamento, armazéns e galpões, de locais onde a energia é gerada, transmitida e utilizada, transporte e toda a sua infraestrutura, assim como de locais usados para atividades sociais relacionadas à indústria, tais como habitação, locais para culto e para a educação (TICCIH, 2003).

E que arqueologia industrial consiste em:

(...) um método interdisciplinar que estuda toda as evidências materiais e imateriais de documentos, artefatos, estratigrafia e estruturas, habitação e paisagens naturais e urbanas, criadas para ou por processos industriais. Utiliza de métodos de investigação mais adequados a aumentar a compreensão do passado e do presente industriais. O período histórico de principal interesse se estende do início da Revolução Industrial na segunda metade do século XVIII até os dias atuais, embora também examine as raízes pré-industriais e protoindustriais. Além disso, dedica-se ao estudo do trabalho e das técnicas de trabalho que a história da tecnologia abrange (TICCIH, 2003).

Após a apresentação dos conceitos, a Carta traz uma série de recomendações para a conservação dos bens industriais. Destaca que a sua preservação deve ser baseada nos valores sociais, de identidade, no valor tecnológico e científico, valor estético, na qualidade de raro e no valor de paisagem. Assinala a importância de se criar registros e inventários (descrição, desenhos, fotografias e vídeos) e de se criar plataformas de acesso on-line ao conteúdo. O documento recomenda que a preservação dos edifícios ligados à industrialização deve estar de acordo com os princípios teóricos desenvolvidos no campo do patrimônio material, seguindo os princípios apontados pela carta de Veneza e pela carta de Burra (TICCIH, 2003).

Apesar de o documento ponderar que o patrimônio industrial abrange um conjunto de importantes documentos históricos que dialogam, necessariamente, com diversas áreas do conhecimento – conectando-se com o amplo sentido do patrimônio cultural –, a Carta não reconhece, de maneira direta, as atividades sociais como patrimônio imaterial, tendendo para uma visão tecnocêntrica que prevaleceu no campo até os anos 1990. Nesse sentido, os Princípios de Dublin, documento elaborado em 2011 durante a XVII Assembleia Geral do ICOMOS, “dá um passo à frente no que diz respeito à ‘lacuna’ da Carta de Nizhny Tagil, relativa à dimensão imaterial deste patrimônio” (CASTORE, 2018, p. 107).

É importante compreender que o surgimento da arqueologia industrial, apesar de ser “[...]um estudo que não nasceu exclusivamente da elite para a elite, como era comum em meados do século XX, tendo participação das classes populares, de trabalhadores que buscavam resgatar a memória do seu ofício, de pessoas que fizeram parte do processo da industrialização [...]” (LUTHER, 2012, p. 30), a crise econômica do pós-guerra gerou uma grave desindustrialização no continente europeu ocasionando o fechamento de inúmeras fábricas e parques industriais. Nesse sentido a patrimonialização desses bens surge também como uma resposta mercadológica, no sentido de alavancar o interesse turístico pelo legado da industrialização.

Situação atual do patrimônio industrial na Península de Itapagipe

A partir da década de 1930, Salvador passou a receber grande fluxo migratório vindo do interior do Estado, caracterizado por uma população pobre que passou a se estabelecer principalmente na Península de Itapagipe e no Subúrbio Ferroviário em busca de emprego (CASTORE, 2018). Por lá, naquele momento, ainda havia muitas fábricas, incluindo a Leão do Norte. O drástico aumento populacional aliado à falta de planejamento e infraestrutura urbana e ao descaso sistemático do Estado em relação à área, levaram o Subúrbio Ferroviário e a Península de Itapagipe à recorrente situação das periferias de cidades brasileiras, que convivem com altos índices de pobreza e violência.

A exploração do petróleo, iniciada na Enseada de Tainheiros, que levou à construção da Refinaria Landulfo Alves, em Mataripe, no recôncavo baiano, modificou a natureza da economia do estado da Bahia. Nesse sentido, “o modelo proposto pelo EPUCS, reservando a Península de Itapagipe como centro industrial, não mais se aplicava a esta nova realidade” (CARDOSO, 2004, p.151). A criação do CIA em 1966, grande complexo industrial planejado pelo Estado, passou a atrair a indústria soteropolitana para aquela região:

Assim, como a Fábrica Leão do Norte, muitas outras empresas industriais que ainda mantinham em funcionamento suas unidades fabris na Península de Itapagipe e nos seus arredores, em volta da Enseada dos Tainheiros, a partir da década de 1970, começaram a se deslocar para o novo CIA. Acelerava-se, assim, o processo de desativação das atividades industriais localizadas na península, começado na década de 1950, em decorrência da crise da indústria tradicional e dos novos rumos da economia baiana. **Dava-se início ao processo de degradação econômica, social e física dessa área da cidade, que, entre outros aspectos, em poucos anos, refletir-se-ia no abandono e na decadência dos seus antigos espaços industriais.** (CASTORE, 2018, p. 382) (Grifou-se).

Atualmente, a Península de Itapagipe convive com diversos edifícios fabris abandonados. Em julho de 2015, em uma reportagem do jornal A Tarde, intitulada “A Fábrica Ao Lado – Um passeio pelos vestígios do primeiro sítio industrial do país”, o jornalista Eron Rezende apontava a grave situação de abandono em que se encontram os remanescentes do período industrial abordado ao longo do primeiro capítulo: os “vestígios do que outrora foi o oásis da atividade industrial nacional descansam no que hoje são bairros com comércios populares, puxadinhos e ruas apertadas; servem de campo para o futebol, para os furtos, para o grafite e para o abrigo dos sem-teto” (REZENDE, 2015, p.27).

É importante registrar que o processo de “desindustrialização” da Península de Itapagipe, mencionado nos parágrafos anteriores, o qual, em parte, explica a situação atual da península, se inicia, segundo CASTORE, em 1930, data que coincide com a instalação da Fábrica Jurubeba Leão do Norte, dentro do território analisado, e, portanto, a fábrica em estudo ocupou a península, na verdade, em momento posterior ao apogeu da economia industrial itapagipana.

A tese de doutorado de Maria Elena Castore, intitulada *A Antiga Indústria Têxtil Soteropolitana: um patrimônio industrial “invisível”*, busca respostas para o atual estado do patrimônio industrial localizado entre a Enseada de Tainheiros e a Península de Itapagipe. Ainda que a tese traga um recorte tipológico relativo à indústria têxtil, suas reflexões se estendem adequadamente a todo o patrimônio industrial soteropolitano, incluindo o objeto de estudo deste trabalho. Com o objetivo de entender o porquê do descaso em relação ao patrimônio industrial soteropolitano, em um dos capítulos, elabora uma análise aprofundada dos diferentes agentes que deveriam estar envolvidos no processo de salvaguarda do legado industrial: comunidade científica, órgãos de preservação e sociedade civil.

Sobre a comunidade científica, apesar de haver importantes estudos sobre o legado da indústria baiana, os trabalhos acadêmicos sobre o tema são ainda incipientes e não acontecem de maneira sistemática, talvez fruto de um estereótipo que coloca os estados do Sudeste como produtores industriais, sendo a economia dos estados do Nordeste reconhecida apenas como sede de atividades agroindustriais. Sobre os órgãos de preservação, apesar do pioneirismo baiano no tombamento do primeiro exemplar da arquitetura industrial, que hoje abriga o Museu de Arte Moderna da Bahia (MAM), ainda existe uma falta de reconhecimento dessa categoria patrimonial, sendo privilegiada a conservação do patrimônio arquitetônico do barroco e do período colonial (ANDRADE, 2011). Ainda assim, nos raros casos de tombamento de exemplares da arquitetura industrial soteropolitana, os valores destacados pelo IPHAN e IPAC estão sempre ligados apenas aos valores urbanísticos, arquitetônicos e históricos, de acordo com a visão tradicional de patrimônio material, desconsiderando a dimensão imaterial inerentes ao patrimônio industrial, como valor simbólico, valor de paisagem e valores identitários, como elucidado anteriormente.

Em algumas ocasiões, a sociedade civil foi responsável por importantes ações de promoção da salvaguarda de bens ligados à industrialização na cidade de Salvador. Porém, a grande maioria dessas ações não trouxe grandes resultados. No caso da Fábrica São Brás, que foi um dos grandes expoentes da indústria têxtil soteropolitana, localizada no Bairro de Plataforma, apesar de o tombamento ter sido fruto de reivindicação popular, tendo o valor de identidade como uma das pautas para a preservação proposta

pela população, o registro, que tardou mais de dez anos para ser apresentado, aponta apenas as características históricas, arquitetônicas e urbanísticas do edifício como justificativa para o tombamento (CASTORE, 2018).

Percebe-se, nesse sentido, uma desarticulação dos agentes que deveriam promover a conservação dos bens, além da falta de reconhecimento por parte dos órgãos de preservação e, portanto, do Estado. Outro fator determinante para a atual “invisibilidade” do patrimônio industrial soteropolitano está ligado ao mercado imobiliário, que muitas vezes se articula com o próprio Estado ao promover especulações de empreendimentos imobiliários que prometem a transformação da Península de Itapagipe. Como exemplo, a mudança no Plano Diretor de Desenvolvimento Urbano do Município do Salvador (PDDU), proposta por uma “parceria público-privada”, ocorrida em 2008, que pretendia a construção de shoppings, marinas e parque hoteleiro na orla de Itapagipe (desde o Bairro da Calçada à Monte Serrat), prevendo a demolição de importantes testemunhos da industrialização, como a antiga Fábrica Empório Industrial do Norte e a Fábrica Leão do Norte (CASTORE, 2018).

Mesmo tendo ocorrido tímidas tentativas de salvaguarda do patrimônio industrial por parte do Estado, sabe-se que o tombamento do patrimônio, por si só, não garante a sua preservação e, contraditoriamente, pode acelerar o processo de arruinamento do bem, como foi o caso dos remanescentes da Fábrica São-Brás, em Plataforma. Nesse sentido, Castore coloca:

(...) a necessidade de encontrar políticas ou programas – complementares ou alternativos ao Tombamento – específicos para os bens de caráter industrial, que, através de um conjunto de mecanismos de natureza variada, possam enfrentar a complexidade da questão da preservação do patrimônio industrial e garantir, efetivamente, a sua transmissão às gerações futuras. Como ressaltado pelos documentos internacionais sobre a preservação do patrimônio industrial, elaborados nas últimas duas décadas, a **reutilização** de edifícios e sítios industriais em desuso é um dos instrumentos mais recomendados, hoje em dia, para a preservação do patrimônio industrial edificado (CASTORE, 2018, p. 495) (Grifou-se).

Neste sentido, dentre os diversos valores que recaem sobre o patrimônio industrial, Castore destaca a importância do “valor de uso” como único meio capaz de alavancar, de fato, a preservação do legado industrial da Península de Itapagipe. Entretanto, é importante frisar que o “valor de uso” muitas vezes é incorporado pelo mercado imobiliário, “justificando” intervenções extremamente danosas ao patrimônio por não levar em consideração os demais valores, históricos, estéticos e de identidade, sendo incapazes de transmitir a dimensão patrimonial e cultural do bem. “Termos como ‘revitalização’,

‘recuperação’, ‘renovação’, ‘reconversão’, ‘reciclagem’ são atribuídos indistintamente às intervenções em sítios industriais de interesse cultural como se fossem meros projetos de reforma” (RUFINONI, 2013, p. 204).

Ao fazer uma avaliação da qualidade das intervenções em edifícios ligados à industrialização, Beatriz Kühl aponta a negligência em relação aos critérios de intervenção aceitos atualmente no campo do patrimônio quando se trata desse tipo de bem: “Raramente as questões conceituais relacionadas com a preservação do patrimônio arquitetônico vinculado ao processo de industrialização são debatidas; a não-observação dos princípios teóricos do restauro na prática, porém, tem consequências nefastas e graves” (KÜHL, 2009, p. 19).

Com efeito, recomenda-se não só a adequação do novo uso às características espaciais do objeto, que não deve ser tratado como um invólucro a ser preenchido a qualquer sorte, mas também que as intervenções arquitetônicas em qualquer bem cultural, incluindo aqueles de natureza industrial, devem ser realizados sob sólidos critérios de acordo com princípios teóricos que envolvem o campo da conservação e restauração de monumentos históricos.

CAPÍTULO 2

ASPECTOS URBANÍSTICOS DO ENTORNO

2.1 PRINCIPAIS MONUMENTOS HISTÓRICOS E AS LEIS DE PROTEÇÃO QUE INCIDEM NO ENTORNO

Os monumentos históricos mais relevantes desta região são: a Igreja Nossa Senhora de Monte Serrat, construída no início do século XVII, pertencente à Ordem Beneditina; o Forte Monte Serrat, inicialmente edificado em 1582 e reconstruído em 1742; e a Igreja Nossa Senhora da Boa Viagem, construída em 1712 pela Ordem de São Francisco. O reconhecimento desses edifícios é de fundamental importância para a compreensão da área em estudo, uma vez que sua conformação urbana foi elaborada a partir dessas edificações, ainda no período colonial. Tais monumentos se relacionam não só por sua antiguidade, mas por um traçado urbano que hoje pode ser compreendido como um percurso histórico-paisagístico que acontece à beira mar, pela Rua da Boa Viagem, desde a Ponta de Humaitá, onde está implantada não só a Igreja Nossa Senhora de Monte Serrat, mas também o Farol de Humaitá, que demarcam a presença do continente perante a Baía de Todos os Santos, passando pelo forte, implantado em uma elevação de aproximadamente quinze metros em relação ao nível do mar, se estendendo até o Largo da Boa Viagem, que abriga tanto o objeto de estudo quanto a Igreja Nossa Senhora da Boa Viagem (Figura 18).

Figura 18 - Mapa da região evidenciando os monumentos históricos de grande relevância.



Fonte: Base SICAR, adaptado pelo autor, 2018

O percurso descrito acima apresenta um desnível de aproximadamente onze metros entre o Forte Monte Serrat e o Largo da Boa Viagem, que permite uma visão serial em que do alto se tem uma grande vista panorâmica e, à medida que se desce a Rua da Boa Viagem, avançando em direção ao Largo da Boa Viagem, a perspectiva torna-se cada vez mais fechada até abrir-se novamente no largo, onde se situa a Igreja Nossa Senhora Boa Viagem e a Fábrica Leão do Norte, com sua fachada voltada para o mar, de onde avista-se novamente a paisagem da cidade de Salvador. Atribui-se, portanto, um grande valor paisagístico à região. É importante mencionar que parte da área do mapa acima, incluindo o Largo da Boa Viagem, foi tombada pelo IPHAN em 1959 e está inscrita no Livro do Tombo Arqueológico, Etnográfico e Paisagístico (Figura 19).

Figura 19 - Delimitação da área tombada pelo IPHAN.



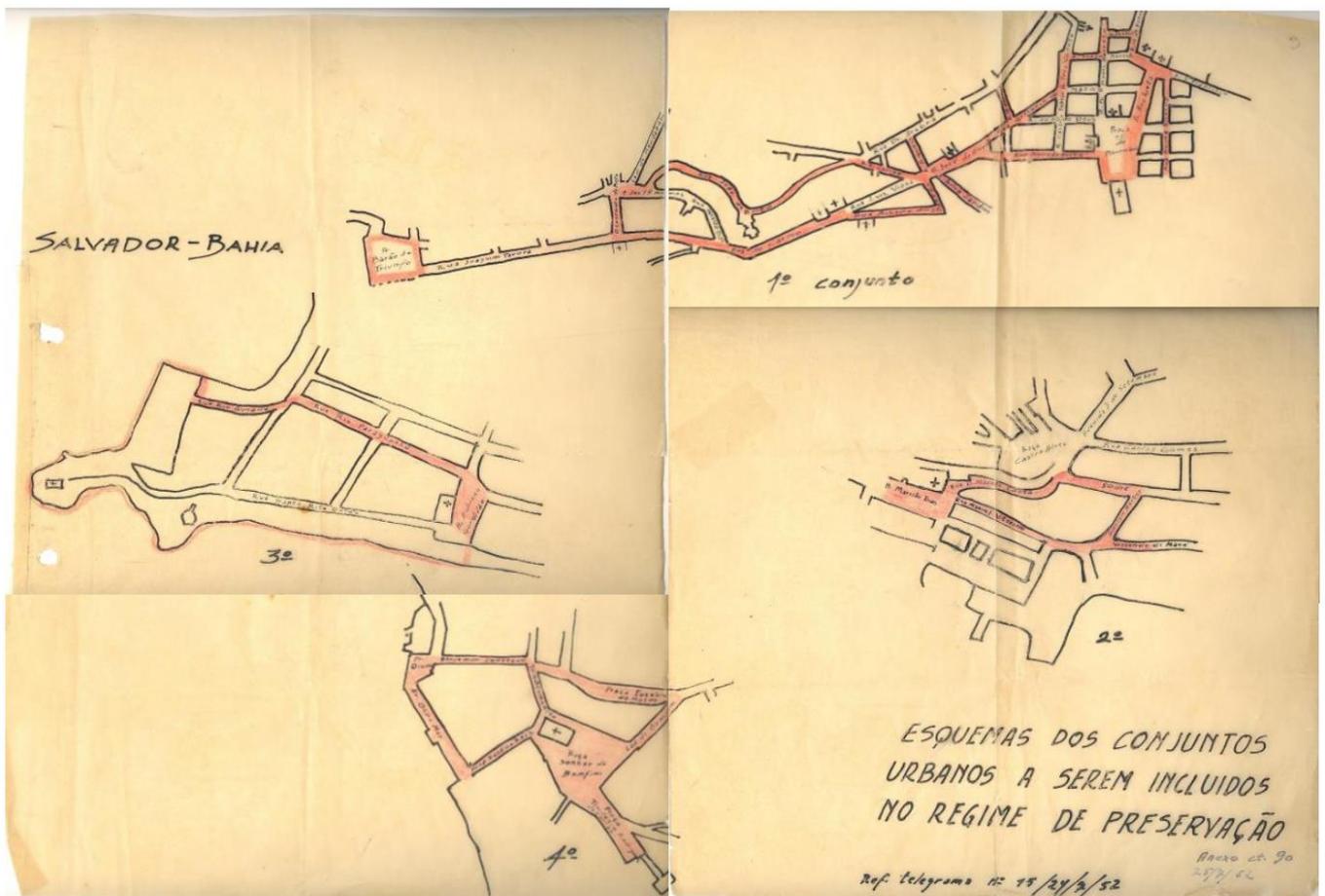
Fonte: IPHAN- disponível em <www.ipatrimonio.org/?p=19515#!/map=38329&loc=-12.923406144050888,38.49343299865723,14>

O processo que levou ao tombamento (0464-T-52) foi aberto em 1952, pelo IPHAN-BA sob direção de Godofredo Filho, que colocava, pioneiramente, a importância da preservação de trechos urbanos de Salvador, por suas características arquitetônicas e paisagísticas, em um contexto aonde a arquitetura religiosa era priorizada:

(...) sobre os esforços empreendidos por Godofredo Filho pelo tombamento do patrimônio edificado da Bahia, cumpre registrar a atenção especial que votou à arquitetura civil, procurando destacá-la não só individualmente, a partir da identificação dos mais significativos exemplares, conforme orientação da direção-geral do Patrimônio, mas também nos conjuntos que tanto na capital como no interior representavam para ele unidades urbanísticas bastante representativas do “espírito barroco” que configurou o estágio inicial da brasilidade em formação (MATOS, 2014, p. 54)

Os esquemas observados na Figura 20 integram o processo que gerou o tombamento de nove áreas da cidade de Salvador em 1959, incluindo a região de Monte Serrat, assinalado como 3º conjunto e definido, oficialmente, como: Conjunto arquitetônico e paisagístico incluído no perímetro dos Subdistritos dos Mares e da Penha, compreendendo os logradouros, Praça Adriano Gordilho; Rua Rio Paraguaçu; Rua Rio Almada; Faixa marítima, até a citada Praça Adriano Gordilho.

Figura 20 - Esquemas das poligonais de tombamento de sítios históricos de Salvador.



Fonte: MATOS, 2014, pg. 110

O Largo da Boa Viagem e o conjunto da antiga Fábrica Leão do Norte estão situados na área de tombamento delimitada entorno da Igreja Nossa Senhora da Boa Viagem. O entorno de monumentos históricos se constituiu mediante ampla discussão patrimonial ao longo de mais de um século. No Brasil, a própria lei de tombamento, de 1937, estabelece que, sem prévia autorização do Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, “não se poderá, na vizinhança da coisa tombada, fazer construção que lhe impeça ou reduza a visibilidade, nem nela colocar anúncios ou cartazes, sob pena de ser mandada destruir a obra ou retirar o objeto, impondo-se neste caso a multa de cinquenta por cento do valor do mesmo objeto” (BRASIL, 1937). Nesse sentido, qualquer intervenção que venha a ocorrer nesta área deve levar em consideração a manutenção da ambiência da igreja.

Ainda que não esteja delimitada a área de entorno da igreja, tampouco as diretrizes para construção, a “Declaração de Xi’an sobre a conservação do entorno edificado, sítios e áreas do patrimônio cultural” elaborada na XV Assembleia Geral do ICOMOS em 2005 na China reza que:

O entorno de uma edificação, um sítio ou uma área de patrimônio cultural se define como o meio característico seja de natureza reduzida ou extensa, que forma parte - ou contribui para - seu significado e caráter peculiar.

Mas além dos aspectos físicos e visuais, o entorno supõe uma interação com o ambiente natural; práticas sociais ou espirituais passadas ou presentes, costumes, conhecimentos tradicionais, usos ou atividades, e outros aspectos do patrimônio cultural intangível que criaram e formaram o espaço, assim como o contexto atual e dinâmico de natureza cultural, social e econômico. (ICOMOS,2005, pg. 2)

2.2 ASPECTOS DA MORFOLOGIA URBANA

Visando a aprofundar os conhecimentos sobre o entorno do objeto de estudo, serão apresentados alguns aspectos urbanísticos no intuito de subsidiar a proposta projetual. Na escala do bairro, será apresentada a sua morfologia urbana, pela caracterização do seu traçado, uso do solo, topografia, fluxos viários, tipologias arquitetônicas e vegetação. Esses pontos visam a contribuir para a elaboração do diagnóstico, da proposta de uso, bem como do projeto de intervenção arquitetônica no conjunto da antiga Fábrica Leão do Norte. Também serão analisadas as relações entre o objeto e o seu entorno imediato.

O estudo da estrutura física e espacial das cidades permite sua leitura e análise dos seus processos de formação, configuração e transformação. Nesse sentido, serão apresentados mapas elaborados a partir da base do Sistema Cartográfico da Região Metropolitana de Salvador (SICAR), no intuito de evidenciar as principais características da área. Tais reconhecimentos se fazem importantes na medida em que são capazes de auxiliar na busca por respostas tanto para questões relacionadas aos aspectos ambientais e do estado de conservação do objeto quanto para a definição de uso a ser proposto, que deve ser pertinente ao contexto em que está localizado. Visando à sua melhor estruturação, a apresentação deste subcapítulo será feita em itens, associados aos mapas à medida que forem apresentados.

O conjunto da antiga Fábrica Leão do Norte situa-se no Largo da Boa Viagem, próximo à Ponta de Humaitá, na extremidade oeste da Península de Itapagipe (Figura 21). A península é uma porção territorial da cidade de Salvador, relativamente plana, que avança sobre o mar e é circundada, à oeste, pela Baía de Todos os Santos e, ao norte, pela enseada de Tainheiros. O Largo da Boa Viagem encontra-se em uma posição limítrofe entre os bairros da Boa Viagem e Monte Serrat (Figura 22). Portanto, a área que será analisada consiste em parte dos bairros acima citados, com especial atenção para o Largo da Boa Viagem.

Figura 21: Península de Itapagipe. Objeto de estudo em destaque.



Fonte: Google Earth 2018, editado pelo autor.

Figura 22: Área de estudo: Bairro Monte Serrat em amarelo, Bairro da Boa Viagem em laranja, Largo da Boa Viagem em vermelho.



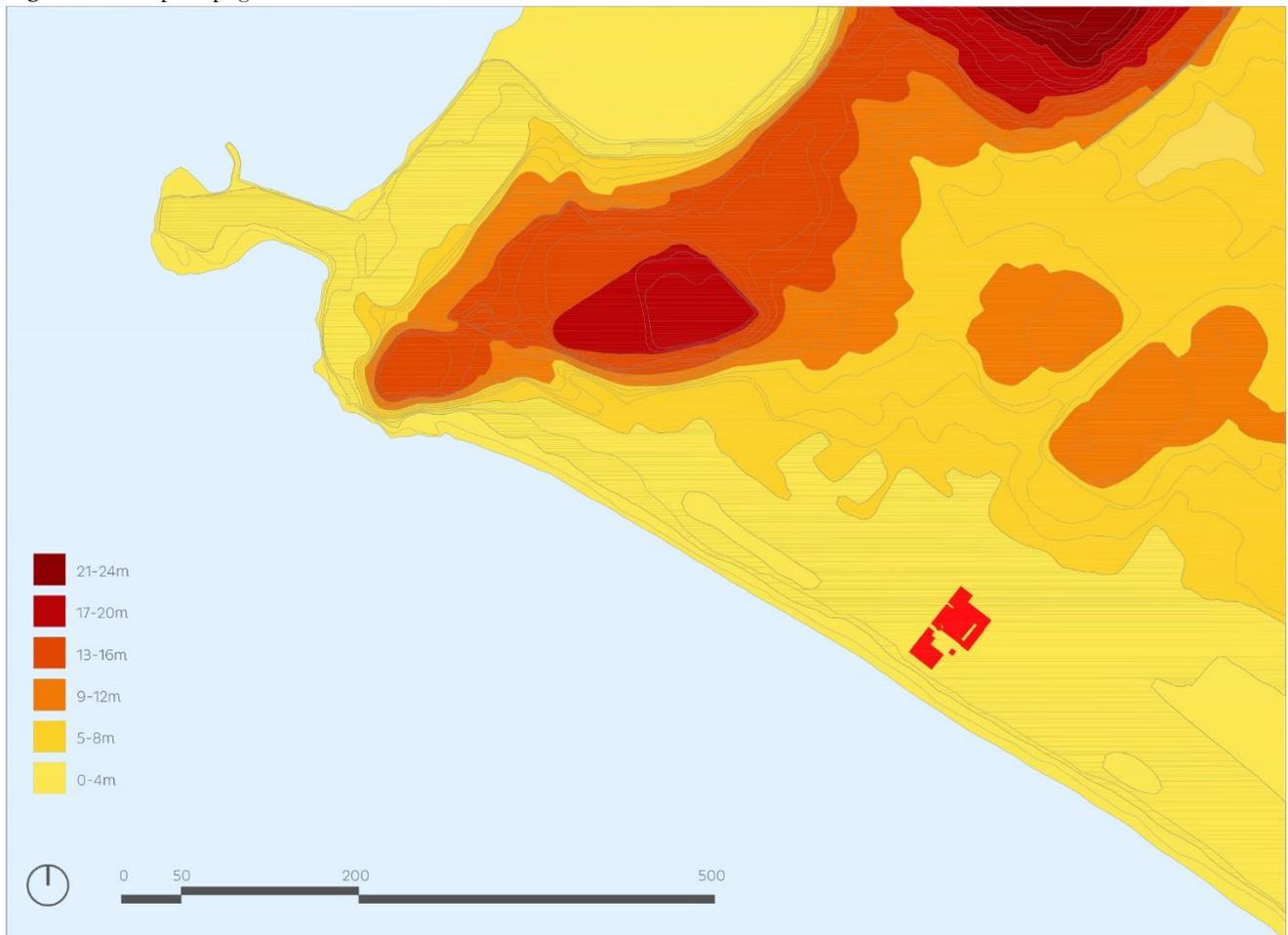
Google Earth 2018, editado pelo autor

Topografia

Toda a região é caracterizada por sua forte relação com a Baía de Todos os Santos. A praia da Boa Viagem, que se estende desde o Forte Monte Serrat para além do conjunto arquitetônico da antiga Fábrica Leão do Norte, comporta-se como um importante equipamento de lazer para os habitantes da região. Sua posição geográfica permite a visualização de uma paisagem única, que compreende a faixa litorânea da cidade de Salvador, desde a região da Calçada, passando pela zona portuária do Comércio, evidenciando a relação topográfica entre a Cidade Alta e Cidade Baixa, até a entrada da Baía de Todos os Santos, além de exibir a linha de coroação da Ilha de Itaparica.

O percurso descrito no subitem anterior, que se inicia na Ponta de Humaitá, e culmina no Largo da Boa Viagem, é acentuado pelo desnível topográfico de aproximadamente onze metros. O conjunto da Fábrica Leão do Norte encontra-se em área relativamente plana, a aproximadamente quatro metros de altitude. A região, de uma maneira geral, possui topografia não muito acidentada, variando entre zero e vinte e três metros de altitude (Figura 23). Em dias de mar revolto e maré cheia, esse desnível torna-se quase nulo, e o mar chega a atingir diretamente a fachada sudeste dos edifícios remanescentes.

Figura 23 -Mapa topográfico.



Fonte: Base SICAR, adaptado pelo autor, 2018

Densidade urbana

O mapa abaixo (Figura 24) evidencia um tecido urbano relativamente adensado, em que boa parte dos vazios coincidem com as vias, que, por sua vez, coincidem com os espaços públicos. O mapa revela também que a região apresenta certa uniformidade em relação à sua densidade, não havendo variações demasiadamente acentuadas no ritmo de suas ocupações. À primeira vista, as áreas edificadas tendem a se conjugar, definindo a testada dos terrenos e a volumetria dos quarteirões, como ocorre no Centro Histórico de Salvador. Porém, na realidade, verifica-se uma grande diversidade tipológica na ocupação fundiária que varia entre casas conjugadas com pátio ao fundo, casas que obedecem a um recuo frontal e são dotadas de muros que delimitam o espaço público e privado, edificações que se desprendem dos limites do terreno, além de alguns quarteirões que contam com edifícios residenciais, os quais, em alguns casos, se elevam sob pilotis.

Figura 24 -Mapa de cheios e vazios.



Fonte: Base SICAR, adaptado pelo autor, 2018

Fluxos viários

Dentro da área delimitada, a classificação viária segundo a LOUOS divide-se em “vias coletoras II” e “vias locais”. As vias coletoras II, destacadas no mapa (Figura 25), fazem a articulação viária interna do bairro, se conectam com outras vias responsáveis por fazer o deslocamento interbairros e permitem a circulação de transporte coletivo. O Largo da Boa Viagem situa-se em uma posição privilegiada em relação ao seu acesso, que se dá por três vias coletoras: a Avenida Luiz Tarquínio, que faz a ligação entre o Largo de Roma e o Largo da Boa Viagem; a Rua da Imperatriz, que conecta o Largo da Boa Viagem à Ladeira do Bonfim; e a Rua da Boa Viagem, que liga o Forte Monte-Serrat com o Largo da Boa Viagem. As demais vias coletoras presentes na região são: a Rua Rio São Francisco, que conecta o Forte Monte Serrat ao Hospital da Sagrada Família, no bairro do Bonfim; e a Rua Jacuípe, responsável por interligar a Rua da Imperatriz e a Rua Rio São Francisco. Em todas as vias coletoras da região, o tráfego ocorre nos dois sentidos, assim como na maioria das vias de trânsito local, conquanto algumas possuam sentido único.

A maioria das vias da região em estudo é acompanhada de passeios para pedestre, que em sua maioria se encontram em mau estado de conservação. Verificam-se também diversas construções que invadem o passeio, estreitando-o e dificultando a locomoção dos transeuntes. Assim como os passeios, as barras de rolagem também se apresentam degradadas. O traçado do arruamento se dá de maneira relativamente ortogonal, conformação tipológica presente em diversas cidades luso-brasileiras do período colonial, ainda que a área tenha tido uma ocupação mais intensa no século XIX. Não obstante a diversidade de tipologias de ocupação fundiária, que diferem radicalmente dos centros históricos mais conservados, a área em estudo apresenta certa homogeneidade nos visuais de seus percursos, já que não existe variação acentuada da largura de seu arruamento. Outro fator que contribui para tal similaridade entre as perspectivas das ruas são as suas linhas de coroação relativamente baixas, produzidas pelo gabarito máximo de doze metros de altura definido pela LOUOS e que se confirma na prática.

De maneira geral, a área em estudo não possui trânsito intenso de carros, e por não possuir uma topografia acidentada, os fluxos de pedestres e ciclistas ocorrem de maneira muito frequente. Em dias de maior procura pela praia, existe uma superlotação de automóveis que buscam estacionar ao longo da Rua da Boa Viagem. Dessa maneira, o largo torna-se uma opção para parada e até mesmo o interior da antiga Fábrica Leão do Norte, objeto deste estudo, serve esporadicamente de estacionamento privativo.

Figura 25 – Mapa de Classificação Viária.

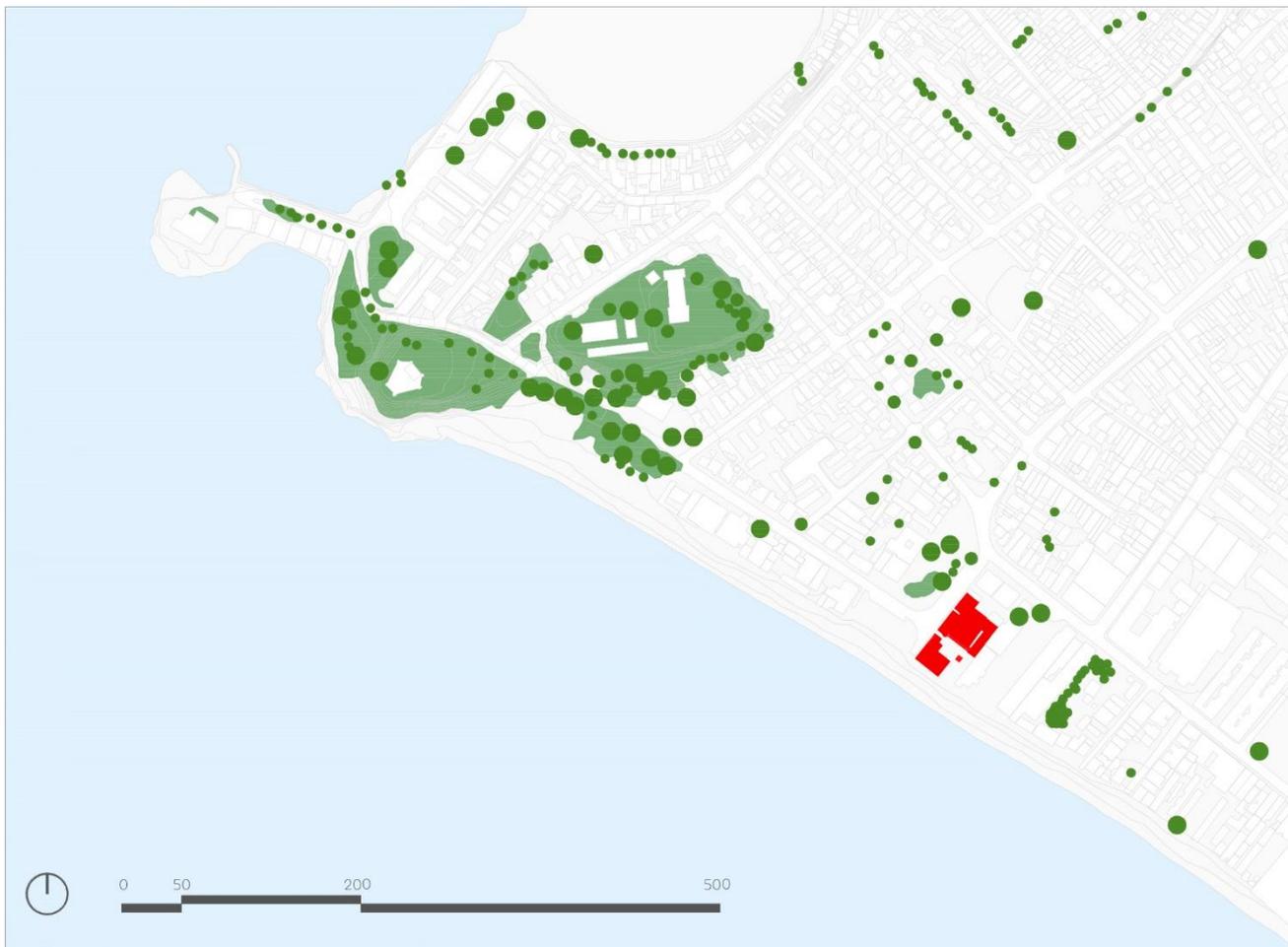


Fonte: Base SICAR, adaptado pelo autor, 2018

Vegetação

Em regra, a área em estudo apresenta baixa densidade de vegetação exceto pela mancha verde que se observa nas imediações do Forte Monte Serrat, se estendendo ao longo da Rua da Boa Viagem (Figura 26). Boa parte da vegetação de maior porte consiste em castanheiras e coqueiros. O forte encontra-se circundado por uma grande área gramada com coqueiros e outras espécies distribuídas de forma aleatória ao seu redor. A Rua Monte Serrat, na Ponta de Humaitá, recebe certa massa arbórea tanto no passeio voltado para o mar, quanto em seu canteiro central, onde se localizam as árvores de maior porte. A Rua da Boa Viagem, entre o Forte Monte Serrat e o início do quarteirão que ocupa a borda marítima, recebe uma sequência de amendoeiras distribuídas de maneira ritmada, sombreando o passeio voltado para o mar. Outra grande massa arbórea acontece dentro da propriedade da Universidade Corporativa do Tribunal de Justiça da Bahia (UNICORP) e apresenta maior variedade de espécies, comparadas com aquelas encontradas no espaço público da área estudada.

Figura 26 – Mapa de vegetação



Fonte: Base SICAR, adaptado pelo autor, 2018

Ao chegar no Largo da Boa Viagem, a rua de mesmo nome divide o espaço separando a Igreja Nossa Senhora da Boa Viagem do cruzeiro à sua frente, gerando duas espacialidades distintas. O lado do cruzeiro consiste em uma área árida e não conta com espécies vegetais. Já o lado da igreja é marcado por dois canteiros gramados, que recebem palmáceas de pequeno porte e espécies arbustivas de caráter ornamental, além de receber aproximadamente sete árvores de médio e grande porte que qualificam a paisagem e a ambiência da praça. A sombra produzida pelas árvores localizadas ao longo do passeio da praça é melhor aproveitada pelos carros que ali estacionam do que pelas pessoas, uma vez que o mobiliário urbano existente ocorre ao redor dos canteiros gramados e não possuem sombreamento algum.

Uso do solo

No mapa referente ao uso do solo (Figura 27), foram identificados os usos institucionais: os edifícios religiosos, como as igrejas Nossa Senhora de Monte Serrat e Nossa Senhora da Boa Viagem; o Teatro Espírita Leopoldo Machado e o Convento dos Padres Passionistas; e edifícios educacionais, como o colégio da Polícia Militar, que ocupa o edifício educacional fundado por Luiz Tarquínio no final do século XIX, e a UNICORP. Também seguem essa classificação os edifícios militares, como o Forte Monte Serrat e o conjunto do Parque Regional de Manutenção da 6ª Região Militar, e as instituições ligadas à saúde, como o abrigo de idosos São Gabriel e a Casa de Apoio e Assistência do Portador do Vírus HIV. Tais edifícios concentram-se na região da borda marítima, principalmente nas proximidades da Ponta de Humaitá. Foram identificados também remanescentes industriais, que ocorrem próximo ao objeto de estudo e pertencem à Companhia Empório de Armazéns Gerais Alfandegários, empresa remanescente da antiga CIEN.

Figura 27 -Mapa de uso do solo.



Fonte: Base SICAR, adaptado pelo autor, 2018

Os demais edifícios da região se dividem entre os usos residencial, comercial e misto, apesar de que sua grande maioria consiste em edificações de caráter exclusivamente residencial, o que confirma o zoneamento proposto pela LOUOS, que classifica a área como zona predominantemente residencial. As edificações residenciais variam entre casas de dois a três pavimentos, cuja tipologia abrange casas conjugadas ou soltas no terreno. Na área estudada também há edifícios multifamiliáres de três ou quatro pavimentos, sendo alguns elevados sob pilotis. O comércio local varia entre restaurantes, bares, lanchonetes, mercados, mercearias, casas lotéricas, salões de beleza, estúdios de tatuagem, academias, lojas de vestuário entre outros. Muitas vezes os pontos comerciais acontecem no pavimento térreo de algumas edificações em que os demais pavimentos são destinados ao uso residencial, caracterizando o uso misto, bastante frequente na região. O comércio, portanto, se encontra pulverizado pelo bairro e apresenta forte relação com as ruas e com o espaço público, sendo a área em estudo desprovida de centros comerciais mais adensados.

Os usos recreativo e de lazer se concentram, predominantemente, na região da borda marítima. Nos dias de sol, o promontório em que se encontra o Forte Monte-Serrat funciona como mirante e se comporta como um espaço público pujante. Assim como o forte, a Ponta de Humaitá atrai tanto o público local quanto os turistas que buscam conhecer a região pela sua bela paisagem e pela presença dos seus monumentos históricos. A praia da Boa Viagem, que atrai banhistas de diversos bairros da cidade, se desenvolve a partir da elevação do Forte Monte Serrat, e conta com campo de futebol, quadra poliesportiva e alguns bares e barracas que dão suporte aos banhistas. Ao contrário da região do forte, o Largo da Boa Viagem não apresenta a mesma pujança capaz de gerar a permanência do público, apesar da marcante presença da igreja e do seu grande potencial paisagístico.

O reconhecimento dos usos frequentes na região é de fundamental importância para o desenvolvimento do projeto de intervenção na Fábrica Leão do Norte, uma vez que a proposição de um novo uso para o conjunto deve ser adequada não só em termos arquitetônicos, mas também pertinente para o contexto urbano e socioeconômico em que se insere.

2.3 ENTORNO IMEDIATO: O LARGO DA BOA VIAGEM

Antes de entrar em uma análise arquitetônica do conjunto da Fábrica Leão do Norte, é preciso compreender melhor a configuração urbana do seu entorno imediato (Figura 28). Para isso será apresentado o perímetro que envolve o Largo da Boa Viagem, abordando-se as características arquitetônicas dos edifícios que o circundam, seguindo o sentido anti-horário, a partir da fachada noroeste da antiga Fábrica. Posteriormente, serão apresentados alguns comentários gerais sobre a espacialidade da praça em si, considerando aspectos como suas às ambiências, seus usos e seus fluxos.

Figura 28 - Entorno imediato.



Fonte: Base SICAR, adaptado pelo autor, 2018

O Largo da Boa Viagem é circundado por um perímetro essencialmente diversificado. Em sua porção sudeste, existe, além da antiga Fábrica Leão do Norte, um edifício residencial e um edifício de uso misto. Os limites à nordeste se dão pelas ruas que o cercam e são marcados pelas esquinas da Rua Imperatriz, que contam com edifícios residenciais. Na parte noroeste, a Igreja da Boa Viagem, conjugada ao centro comunitário da igreja, e o Convento dos Padres Passionistas. Já no lado sudoeste, a praça se abre para a atrativa vista voltada para a Baía de Todos os Santos.

A fachada noroeste da antiga Fábrica Leão do Norte (Figura 29) conforma um trecho considerável do perímetro do largo. Apresenta quatro edifícios distintos. Em sua extremidade próxima ao mar, encontra-se o casarão, construído anteriormente à ocupação da fábrica, que consiste em um sobrado de cobertura em quatro águas e características neoclássicas. Conjugado a ele, existe um edifício de um pavimento com cobertura em duas águas sem nenhuma abertura. O edifício ao lado possui dois pavimentos e foi construído na década de 1970. Sua aparência remete à arquitetura do período colonial, induzindo o espectador a acreditar que se trata de um edifício mais antigo. À sua esquerda, um outro edifício da mesma altura dos demais, com cobertura em uma água voltada para o largo. Apesar de apresentar uma volumetria harmônica em relação à igreja e ao largo, a falta de uso do conjunto traz uma repercussão negativa para o espaço público, ao longo dos setenta metros de extensão dessa fachada, causando a sensação de abandono e insegurança.

Figura 29 – Fachada do conjunto da Fábrica Leão do Norte.



Fonte: Acervo do autor. Foto tirada 29/08/2018

Vizinho ao conjunto se encontra uma residência de três pavimentos que ocupa toda a testada de seu lote, de maneira contígua à antiga fábrica (Figura 30). Sequencialmente, um edifício de uso misto (Figura 31) conforma a esquina entre o Largo da Boa Viagem e a Avenida Luiz Tarquínio. Seu volume

já não segue o alinhamento dos demais edifícios supracitados. O edifício está recuado em relação ao seu lote, e o seu gradil avança sobre o passeio, provocando um desalinhamento do limite entre o espaço público e o privado. Este edifício de uso misto é constituído de dois blocos e possui quatro pavimentos em que o térreo se destina a atividades comerciais, e os demais pavimentos, ao uso residencial. No bloco que se relaciona unicamente com a Avenida Luiz Tarquínio existem estabelecimentos comerciais, tais como salão de beleza, “pet shop”, lanchonete, bares e sorveteria. Já o bloco da esquina propriamente dita, o pavimento comercial que se volta tanto para o largo quanto para a Avenida Luiz Tarquínio, encontra-se desocupado (Figura 31).

Figura 30: Residência vizinha ao conjunto, vista do Largo da Boa Viagem.



Fonte: Acervo do autor.

Figura 31: Esquina da Avenida Luiz Tarquínio com o Largo da Boa Viagem.



Fonte: Acervo do autor.

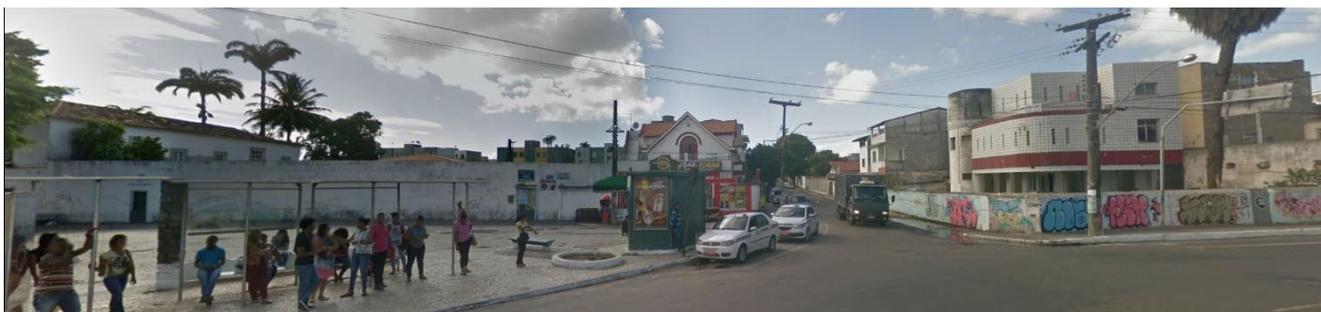
Na extremidade nordeste, o Largo da Boa Viagem é delimitado pelo arruamento que o cerca. Na esquina da Avenida Luiz Tarquínio com a Rua da Imperatriz, se situa um sobrado eclético, de volumetria marcada por diversas águas de sua cobertura, e por seus arcos plenos que marcam as aberturas das janelas e alpendres. O sobrado se encontra abandonado e em mau estado de conservação. Na outra esquina, entre a Rua da Imperatriz e a Rua Rio Paraguaçu, encontra-se outro imóvel abandonado, bem mais descaracterizado do que o anterior (Figuras 32 e 33).

Figura 32 – À esquerda, o sobrado da esquina da Luiz Tarquínio com a Rua da Imperatriz. Edifício de uso misto ao centro e, à direita, o Largo da Boa Viagem.



Fonte: Google Earth.

Figura 33 – Muro do centro comunitário da Igreja Nossa Senhora da Boa Viagem à esquerda, muro da propriedade contígua e esquina da Rua Rio Paraguaçu com a Rua da Imperatriz, com imóvel abandonado, à direita.



Fonte: Google Earth.

Por se tratar de um importante monumento histórico, que é, indubitavelmente, protagonista do Largo da Boa Viagem, algumas considerações sobre a arquitetura da Igreja da Boa Viagem (Figura 34) são fundamentais. Como mencionado anteriormente, trata-se de um exemplar da arquitetura barroca tipicamente franciscana. Sua fachada lateral é caracterizada pelo ritmo de suas aberturas superiores, do tipo balcão, estruturadas em alvenaria de pedra, guarnecidos de peitoril em gradil metálico e que recebem esquadrias almofadadas de madeira em duas folhas. As aberturas do pavimento térreo são diferenciadas entre si, apesar de seguirem o alinhamento vertical das aberturas superiores. Consistem em dois portais, sendo o menor estruturado em alvenaria de pedra com verga em arco abatido, diferente do maior, que recebe verga reta. Possui também duas aberturas altas fechadas com gradil e uma janela balcão semelhante às aberturas do pavimento superior, exceto pelo gradil que protege toda a abertura. Já a fachada lateral do “Hospício” (edificação imediatamente contígua à igreja assim chamada originalmente) é marcada pelo

ritmo das aberturas que se repetem tanto no primeiro pavimento quanto no pavimento térreo. No primeiro pavimento, as janelas são estruturadas com vergas, contravergas, e ombreiras em pedra e recebem esquadrias de vidro e madeira em guilhotina. No pavimento térreo, as aberturas recebem gradil e portas em duas folhas de madeira. As coberturas tanto da igreja quanto do hospício possuem águas voltadas para o largo com acabamento superior em eiras e beiras. Esta fachada lateral da igreja, que se volta para o largo e para a antiga fábrica, é caracterizada por uma verticalidade e por uma fenestração ritmada, ainda que não seja totalmente regular, trazendo certo movimento em suas aberturas. Já a fachada do Hospício, apresenta maior horizontalidade e regularidade, apesar de não obedecer a um padrão rigoroso de dimensão das aberturas.

Figura 34 – Convento dos Padres Passionistas à esquerda, Igreja Nossa Senhora da Boa Viagem ao centro, hospício à direita.



Fonte: Google Earth.

Verifica-se que a fachada da igreja que se volta para o mar (Figura 35) é marcada pela estrutura trabalhada em cantaria que compõe o embasamento, os cunhais, as cornijas e os pináculos. As volutas e o cruzeiro do frontão também são confeccionados em cantaria, assim como as estruturas das aberturas do nível do coro e o portal, que possuem verga e ombreiras almofadadas. A torre sineira de bulbo piramidal é recuada em relação ao portal, mas avançada em relação ao volume das naves laterais, que possuem cobertura independente. A fachada é toda revestida em azulejo branco, característica também presente na igreja do Convento de São Francisco, no Pelourinho, exceto no frontão, que o azulejo recebe um desenho figurativo e no bulbo, que ganha um desenho geométrico. Ao lado da igreja existe um galpão de cobertura cerâmica em duas águas, aonde fica armazenada a galeota Gratidão do Povo, mencionada no primeiro capítulo, tornando este monumento ainda mais rico culturalmente. O edifício se encontra em mau estado de conservação, evidenciado pelo desgaste dos azulejos da fachada, bem como pelas manchas de água que aparecem ao longo do seu embasamento e, portanto, clama por uma restauração.

Figura 35 – Fachada frontal da Igreja Nossa Senhora da Boa Viagem.



Fonte: Google Earth.

Do lado oposto ao casarão de características neoclássicas, que faz parte do conjunto da antiga Fábrica Leão do Norte, se situa o Convento dos Padres Passionistas (Figura 36). Consiste em um sobrado de estilo eclético, com cobertura em quatro águas e acesso principal marcado por um portal executado em cantaria com verga em arco pleno. Apesar de possuir volumetria e cobertura interessantes, o edifício se encontra bastante descaracterizado, com pintura de cor inadequada além de expor a unidade condensadora de ar condicionado apoiado sobre a platibanda que marca a entrada principal, logo abaixo do frontão. As esquadrias também foram alteradas e são atualmente em alumínio e vidro que receberam películas coloridas. Ainda que não tenha sido objeto de uma análise mais aprofundada, sabe-se que se trata de um edifício antigo, com características dignas de preservação e, portanto, mereceria também uma intervenção arquitetônica, mas que não constitui objeto de estudo desta dissertação.

Figura 36 – Cruzeiro da igreja à esquerda, Convento dos Padres Passionistas ao centro. Trilho da galeota Gratidão do Povo cruzando a Rua da Boa Viagem em direção à praia.



Fonte: Google Earth.

Por fim, o limite sudoeste do largo é marcado pela exuberante paisagem que revela, ao centro, a entrada da Baía de Todos os Santos, com a faixa litorânea de Salvador à esquerda e a geografia da Ilha de Itaparica à direita (Figura 37). Separando a praia e o largo, existe uma mureta baixa que funciona como mobiliário urbano para aqueles que tomam água de coco em uma das três barracas fixas que existem nessa porção do largo.

Figura 37 – Fábrica Leão do Norte à esquerda, vista para a Baía de Todos os Santos à frente, Convento dos Padres Passionistas à direita.



Fonte: Google Earth.

O Largo da Boa Viagem é dividido pela Rua da Boa Viagem, que invade o adro da igreja, gerando uma grave ruptura na relação entre a Igreja Nossa Senhora da Boa Viagem e seu cruzeiro. Esse fato, que demonstra certo descaso com o patrimônio, por si só justificaria uma intervenção, que, minimamente, reestabelecesse esse diálogo. Os dois espaços resultantes dessa separação são bastante distintos entre si. Do lado do cruzeiro, tem-se uma praça voltada para o mar, sem nenhuma proteção contra o sol capaz de gerar a permanência do público. Essa área é marcada por diversos elementos verticais dispostos incriteriosamente, que tiram o protagonismo do cruzeiro, como observado na figura acima. A relação entre a praça e a faixa de areia se dá por meio de um píer, ao lado da antiga Fábrica, e uma rampa, à frente do Convento dos Padres Passionistas. Pela rampa passa o trilho que sai do galpão da galeota Gratidão do Povo, ao lado da igreja, cruza a Rua da Boa Viagem e avança até o mar. O trilho auxilia o transporte da embarcação que carrega a imagem do Bom Jesus dos Navegantes nos dias 31 de dezembro e 1º de janeiro de cada ano, e se coloca como um interessante elemento de importância material, cultural e simbólica para o Largo da Boa Viagem.

Entre a rampa e o píer, se encontra uma mureta baixa que delimita o espaço da praça. Não existem acessos apropriados para pedestres entre a praia e o largo. Ao longo da mureta, estão localizadas três

barracas de coco em mau estado de conservação e desprovidas de qualquer unidade arquitetônica ou qualidade estética.

Do lado da igreja, a área recebe maior arborização. Lá se observa maior permanência do público, ainda que os bancos estejam localizados ao sol. Abaixo das árvores, em uma área de estacionamento, muitas vezes se observa um grupo de pessoas que ali trabalham lavando carros. Esse grupo compõe-se, aparentemente, dos mais assíduos frequentadores do largo. Os canteiros gramados são dispostos de maneira arbitrária, sem nenhuma relação com a igreja ou com a vegetação existente, gerando espaços amorfos. Próximo à Avenida Luiz Tarquínio, existe um ponto de ônibus e um ponto comercial onde se vendem revistas, salgados e bebidas. Essa área é a que recebe maior permanência de público. A igreja permanece sempre fechada fora dos horários de missa que acontecem diariamente às 7h30 e às 19h, exceto aos sábados, que acontecem às 7h30 e às 17h, o que acaba decepcionando os turistas que buscam visitá-la fora dos horários estipulados. Nesses horários, a praça recebe maior fluxo de carros e pedestres, tornando-se mais movimentada.

Apesar de os ventos predominantes na cidade de Salvador incidirem na direção sul e sudeste, respectivamente no inverno e no verão, a praça recebe uma brisa marítima que vem em direção sudoeste, perpendicular à faixa de areia. Essa brisa associada às áreas de sombra da praça, que acontecem basicamente em razão das árvores e de uma faixa sombreada pelo volume da igreja no turno vespertino, geram uma temperatura agradável. Fora das áreas sombreadas e em horários de maior inércia das massas de ar, o local se torna desconfortável.

O aprofundamento nos estudos que envolvem o Largo da Boa Viagem parte da necessidade de compreender as reverberações que podem ocorrer a partir de um projeto de intervenção na Fábrica Leão do Norte. Observa-se que os edifícios do perímetro da praça estão abandonados ou possuem uso esporádico, o que contribui para a falta de permanência no local. Qualquer intervenção que venha a se realizar, tanto no largo quanto nos edifícios que o circundam, devem levar em consideração a importância da manutenção da ambiência da igreja, que se comporta como protagonista na paisagem do largo. Para a proposta de intervenção, identifica-se como potencialidade do objeto que a sua conversão de uso pode ser capaz de qualificar o Largo da Boa Viagem, modificando as relações do público com o espaço da praça.

A partir deste segundo capítulo, que teve o objetivo de situar o leitor em termos geográficos e urbanísticos, seguiremos para o reconhecimento do objeto de estudo propriamente dito, quando será apresentada a estrutura física do conjunto, tanto as suas características construtivas quanto a sua composição arquitetônica.

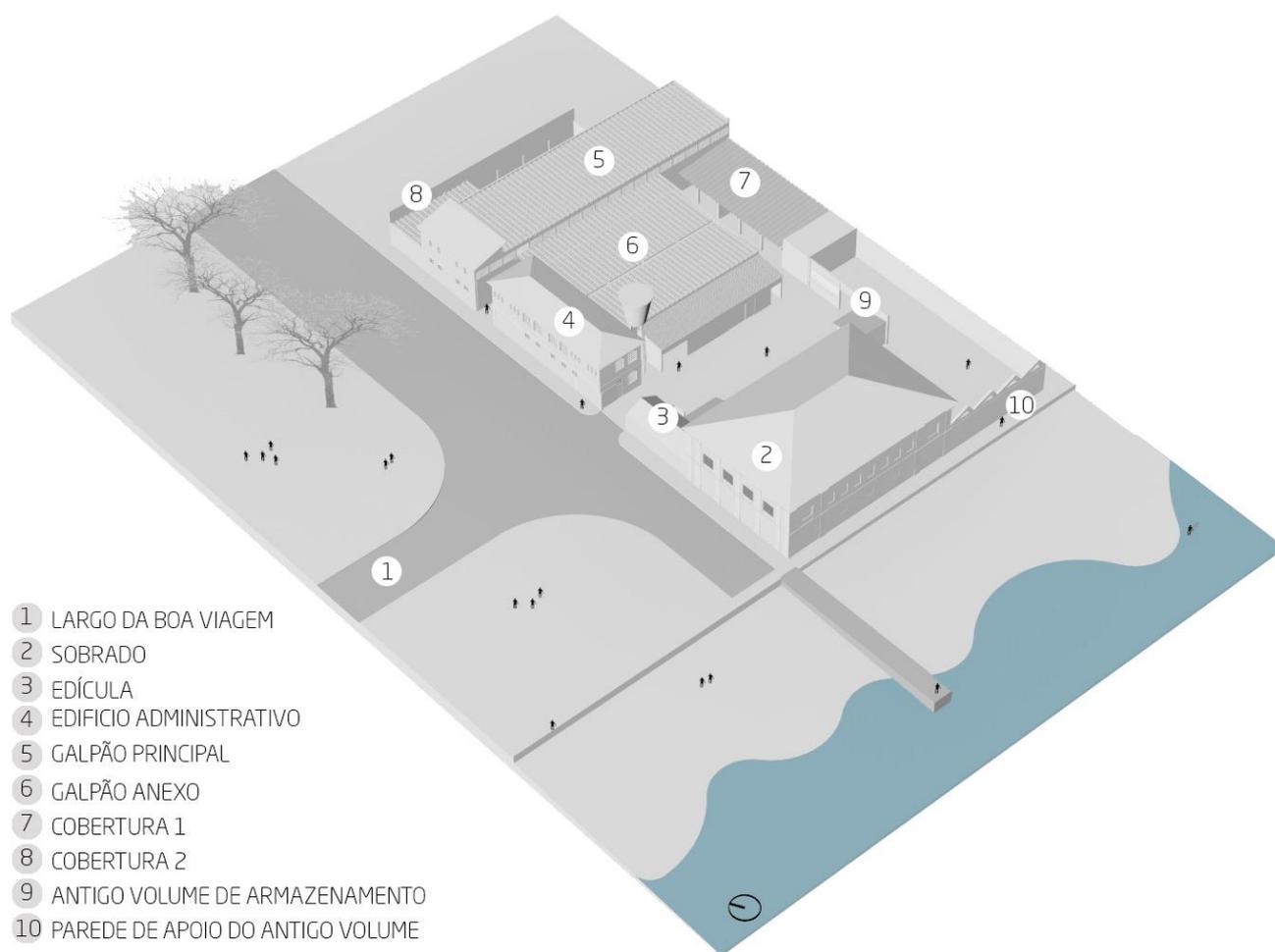
CAPÍTULO 3

CONJUNTO ARQUITETÔNICO DA ANTIGA FÁBRICA JURUBEBA LEÃO DO NORTE

A apresentação do objeto arquitetônico que será fruto de intervenção projetual se dará primeiramente por uma breve exposição da composição geral da antiga Fábrica Jurubeba Leão do Norte, demonstrando os seus volumes, circulações e espaços livres. Em seguida, será apresentada a história e cronologia da sua construção e, por fim, um aprofundamento nas suas características construtivas, por meio de uma análise crítica, a fim de evocar suas qualidades e seus valores, que demonstram, de fato, a necessidade de sua preservação.

O esquema isométrico que se segue (Figura 38) ilustra as partes que compõem o conjunto de edifícios da antiga fábrica. Os números que aparecem legendados na imagem serão mencionados no texto à medida que forem apresentados.

Figura 38 -Perspectiva isométrica do conjunto da Fábrica Leão do Norte.



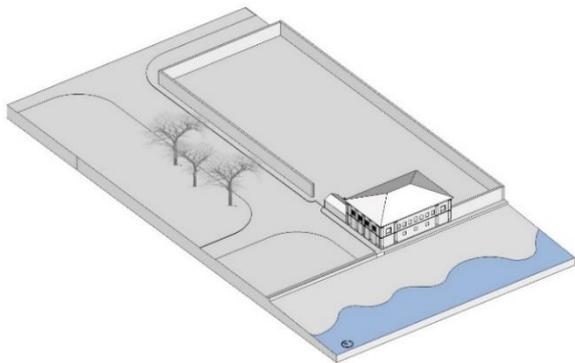
Fonte: Acervo do autor.

A propriedade compreende um terreno de aproximadamente 2.750 m², com 73,35 m de comprimento, ao longo do Largo da Boa Viagem (1), e 40,6 m de comprimento de fachada voltada para praia. É constituído por quatro edifícios principais e algumas estruturas complementares. Em sua extremidade próxima ao mar, se situa o sobrado de características neoclássicas (2), edificação mais antiga do conjunto. A ele justaposta, se encontra a edícula (3). Na outra extremidade do terreno se situa o galpão principal (5), que ocupa toda a largura do terreno. Ao centro, estão localizados o edifício administrativo (4) e o galpão anexo (6), em torno dos quais ocorre a circulação principal da fábrica. A circulação se caracteriza por um corredor em “L”, que se dá entre a Cobertura 1 (7), o Galpão principal e o Galpão anexo. A cobertura 2 (8) consiste em uma precária instalação justaposta ao galpão principal. O pequeno volume (9) serviu como espaço de armazenamento de matéria prima para a fabricação do vinho fortificado, e com a demolição da cobertura em “shed” que se apoiava na parede remanescente (10), acabou ficando isolado em meio a uma grande área descoberta. Outro espaço vazio acontece no limite do terreno justaposto ao galpão principal (5) e a cobertura 2 (8). Um importante elemento arquitetônico do conjunto é a caixa d’água de concreto armado que se localiza entre o edifício administrativo e o galpão anexo.

3.1 EVOLUÇÃO FÍSICA DO CONJUNTO

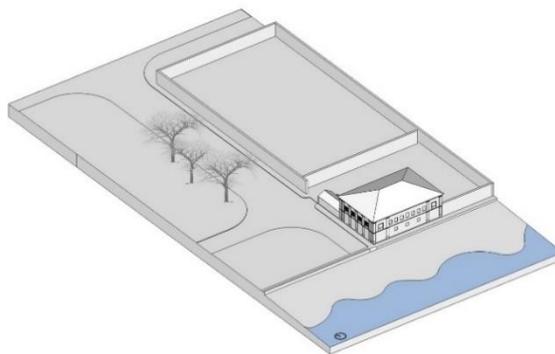
A sequência de imagens abaixo visa a ilustrar os diversos momentos que remontam à criação e evolução do conjunto arquitetônico da antiga Fábrica Jurubeba Leão do Norte. Quando Paulo da Costa Lima comprou o imóvel, a propriedade compreendia toda a margem do Largo da Boa Viagem, desde o mar até a Avenida Luiz Tarquínio (Figura 39). Após a compra do imóvel, o terreno foi desmembrado e em parte vendido (Figura 40), fenômeno que ocorreu em diversos lotes na Península de Itapagipe e permitiu o adensamento de seu tecido urbano. O imóvel consistia em um casarão de características neoclássicas, que certamente foi construído após a Igreja Nossa Senhora da Boa Viagem, que data dos anos 1710. Justaposta ao casarão, contíguo à testada do lote voltada para a praça, se situa uma edícula que já existia mesmo antes da fábrica se instalar no local.

Figura 39 – Simulação do imóvel em 1932.



Fonte: Acervo do autor.

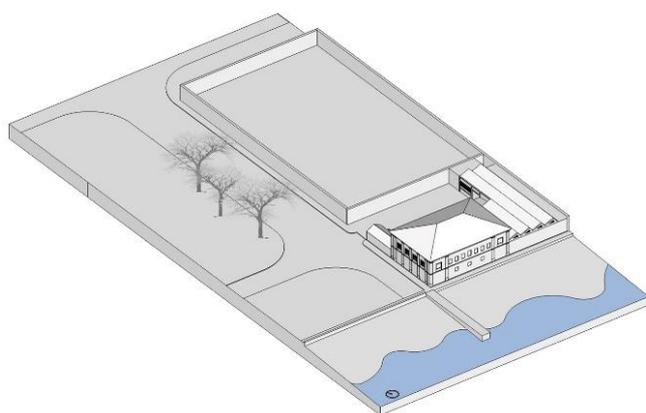
Figura 40 – Simulação do imóvel após o desmembramento.



Fonte: Acervo do autor.

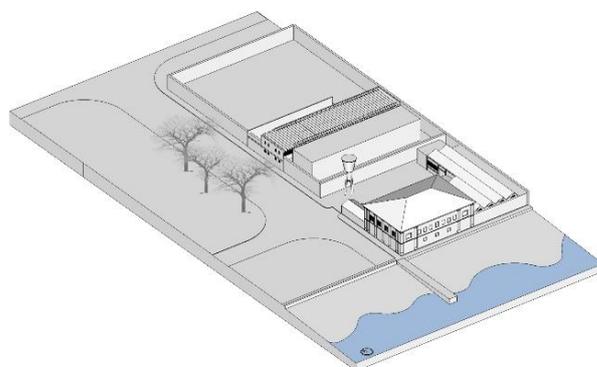
Entre meados da década de 1940 e 1950, a empresa passou por um novo contrato social e se renomeou Organização Leão do Norte. Nessa década, a fábrica ganhou seu primeiro anexo. Ao fundo do terreno, foi construído um galpão de estrutura metálica e cobertura em “shed” com uma área de aproximadamente 420 m² (Figura 41). Essa intervenção contemplou, além do galpão, uma pequena cobertura metálica avarandada que foi introduzida na fachada nordeste do casarão, voltada para o pátio central do conjunto. Ainda nesse período, o entorno imediato da fábrica sofreu algumas alterações, como a construção do píer, em 1943 (Figura 41), obra do governo para escoamento de águas pluviais, e a construção da sede da Indústria de Detergentes da Bahia (IDEBA), na parte do terreno que fora vendida para tal empresa (Figura 42).

Figura 41 – Simulação do imóvel após a primeira expansão.



Fonte: Acervo do autor.

Figura 42 – Simulação do imóvel após a edificação dos galpões da IDEBA.



Fonte: Acervo do autor.

Em 1972, a sede da fábrica passou por uma grande modificação e ampliação do seu espaço físico. Uma parte do terreno que havia sido vendida para a IDEBA foi reincorporada ao patrimônio da Organização Leão do Norte e um dos seus edifícios foi demolido (Figura 43), cedendo lugar para a construção do edifício administrativo e do galpão central. O outro galpão construído pela IDEBA foi mantido e passou por uma reforma (Figura 44). A expansão de 1972 é a única que se tem registro em projeto (Figura 45).

Figura 43 – Simulação do imóvel após derrubada do galpão.

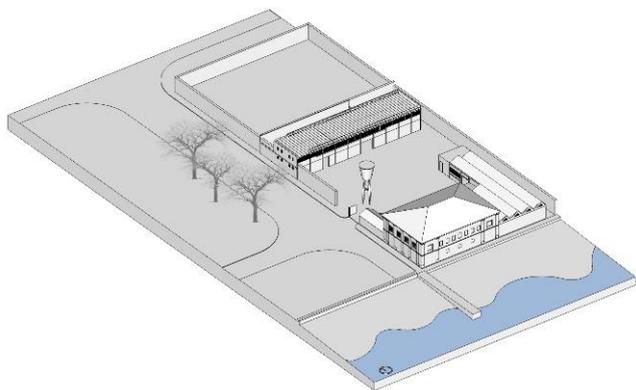
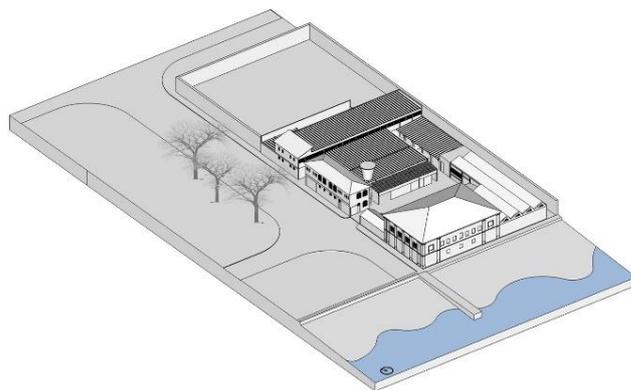


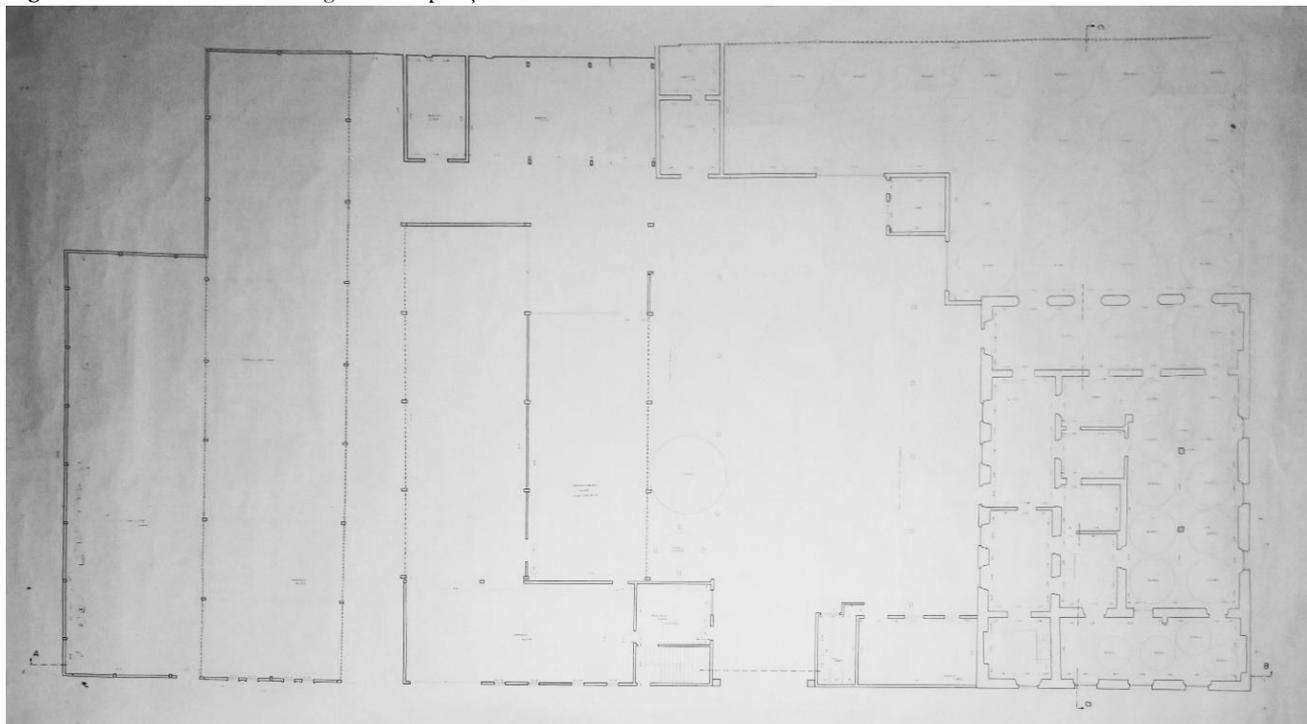
Figura 44 – Simulação do imóvel após executada a segunda expansão da fábrica.



Fonte: Acervo do autor.

Fonte: Acervo do autor.

Figura 45 – Planta baixa da segunda ampliação executada em 1972.



Fonte: Acervo da Organização Leão do Norte. Foto tirada pelo autor em 18/05/2018

A planta baixa observada apresenta grande semelhança com o estado atual do conjunto, exceto pela demolição do galpão de cobertura em “shed”. Dessas estruturas, só restou a parede dentada contígua ao casarão, que delimita a propriedade na fachada voltada para a praia, e a parede lateral, que demarca sua entrada perante o pátio central.

A planta baixa a seguir (Figura 46) consiste em uma síntese esquemática, em cores, do processo cronológico descrito anteriormente e representa o conjunto em seu estado atual. A fábrica, portanto, passou por duas expansões significativas. A primeira em verde, que consiste na cobertura em “shed”, que já foi demolida, e a segunda em amarelo, que incorpora e reforma o galpão principal em azul, que havia sido construído na década de 50 pela IDEBA, além de construir o galpão central e o edifício administrativo.

Figura 46 –Planta baixa: Síntese cronológica.



Fonte: Acervo do autor.

3.2 SISTEMAS CONSTRUTIVOS E ANÁLISE CRÍTICA DO OBJETO

A partir da compreensão da dimensão histórica que envolve o conjunto edificado e da apresentação cronológica de sua configuração espacial, serão apresentadas as características construtivas e arquitetônicas do conjunto, além do reconhecimento de suas qualidades estéticas e espaciais que justificam a sua preservação e o seu entendimento enquanto patrimônio histórico.

O contraste gerado pela sobreposição de camadas históricas traz originalidade à composição arquitetônica da antiga fábrica. Conquanto nem todos os elementos tragam contribuições estéticas, questão que será também aprofundada posteriormente, ainda assim suas relações volumétricas são capazes de estabelecer uma clara leitura do espaço, que, em geral, apresenta qualidades em suas relações de proporção, disposição e circulação. Com o objetivo de aprofundar no reconhecimento do conjunto, os elementos arquitetônicos serão apresentados individualmente, em subitens.

Casarão de características neoclássicas

Na extremidade sudoeste da propriedade, se encontra o edifício mais antigo e de maior relevância estética e histórica do conjunto. Trata-se de um casarão de dois pavimentos e aberturas em suas quatro fachadas (Figura 47). Essa tipologia foi amplamente utilizada nas construções do período colonial, para abrigar sedes de propriedades rurais ou semirurais, o que condiz com o momento de sua construção, que, por suas características construtivas, estima-se que tenha ocorrido em finais do século XVIII ou no primeiro quartel do XIX. Sabe-se que a residência era a única edificação na propriedade que, anteriormente à 1932, compreendia toda a porção sudoeste do Largo da Boa Viagem, e que o parcelamento desse território urbano era constituído de grandes lotes, que funcionavam como sítios ou chácaras. Foi justamente no período do crescimento industrial na Península de Itapagipe que vários desses terrenos sofreram desmembramento, assim como a propriedade em questão, permitindo o adensamento urbano no bairro.

Figura 47: Sobrado no Largo da Boa Viagem.



Fonte: Arquivo Histórico Municipal de Salvador.

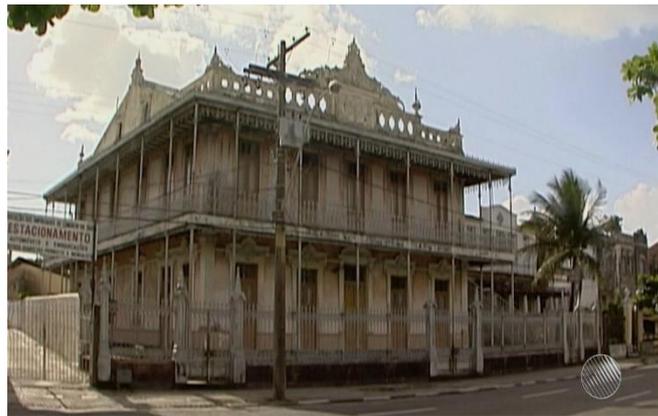
O casarão pertenceu ao Dr. Adriano Gordilho. Membro da elite baiana, foi um importante médico que atendeu os funcionários da CIEN durante 41 anos, e que, além de professor universitário, seguiu a carreira política tendo ocupado a cadeira de senador estadual e deputado federal (ALVES DE ABREU, 2015). Ainda que menos suntuoso, o casarão se assemelha em termos tipológicos aos solares presentes na Península de Itapagipe, como por exemplo, o solar Marback e o solar Amado Bahia, que possuem aberturas em suas quatro fachadas, sendo uma delas, lindeira ao lote. Estes solares são importantes referências históricas implantadas, respectivamente, na Ladeira do Bonfim e no Bairro da Ribeira, à beira mar, ambos na Península de Itapagipe (Figuras 48 e 49).

Figura 48 – Solar Marback.



Fonte: Acervo do autor (em 10/12/2017).

Figura 49 – Solar Amado Bahia.

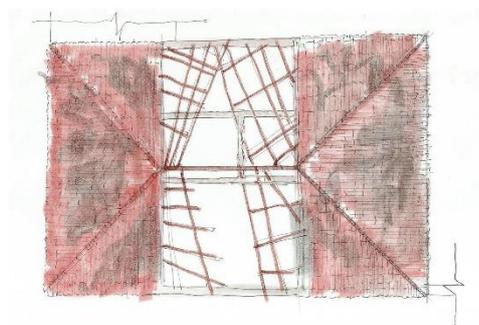


Fonte: Acervo do autor (em 27/08/2018).

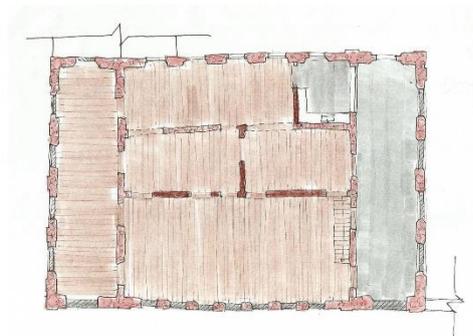
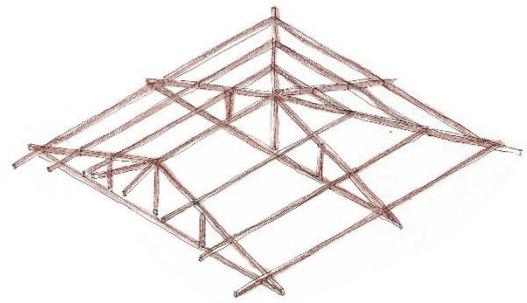
Certamente o casarão não foi construído por Dr. Adriano Gordilho (1865-1938). Porém, as características arquitetônicas observadas no edifício correspondem à época em que a ele pertenceu, e condizem, também, com o seu status social. O edifício, que foi construído em um período anterior, passou, portanto, por uma grande reforma e ampliação, que trouxe essa roupagem que se aproxima ao estilo neoclássico. Independentemente da data de sua construção, o casarão em questão carrega essas características pelo menos desde 1932, data do mais antigo registro fotográfico encontrado (Figura 47), e será, logicamente, a partir desta forma que serão apresentadas as suas características arquitetônicas e revelados os seus valores estéticos, apesar de apresentar, atualmente, diversas descaracterizações.

A edificação, implantada à beira mar, ocupa uma área de 450 m². Consiste em um volume de planta retangular de aproximadamente 17 m por 25 m, constituído por dois pavimentos, coberto por um telhado em quatro águas com no máximo 11 m de altura. Está estruturado sobre robustas paredes autoportantes em alvenaria mista de blocos cerâmicos e pedras com argamassa de cal. As paredes do perímetro possuem espessura de 70 cm (em média) e servem como apoio para o assoalho do primeiro pavimento e para a cobertura. As paredes internas possuem espessura média de 50 cm e auxiliam na amarração estrutural do edifício. O assoalho de madeira é apoiado por barrotes que descarregam o seu peso diretamente nas paredes internas e perimetrais. Essas paredes também recebem os frechais, responsáveis por transferir para elas o peso da cobertura. No topo de todas as paredes do segundo pavimento existe uma viga de concreto adicionada posteriormente com o objetivo de proporcionar estabilidade para a estrutura (Figura 50).

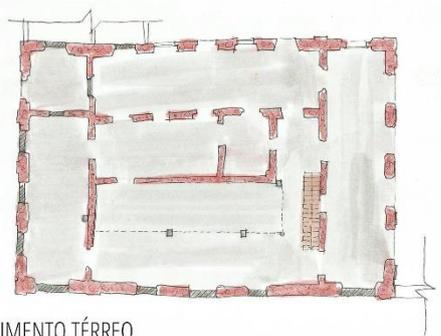
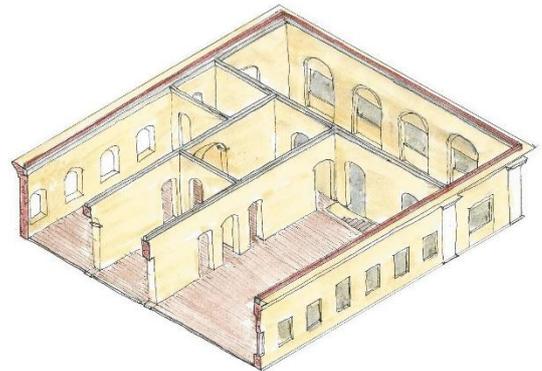
Figura 50 –Plantas e esquema isométrico do sobrado.



COBERTURA



1º PAVIMENTO



PAVIMENTO TÉRREO



ESQUEMA ISOMÉTRICO



Fonte: Acervo do autor.

A edificação apresenta simetria bilateral, com eixo no sentido transversal, característica frequente no estilo neoclássico. Essa simetria, que se observa em planta, também se reflete nas fachadas. Apesar de estarem profundamente descaracterizadas, através da análise das fotografias antigas comparadas com uma observação cuidadosa do seu estado atual, é possível compreender a forma original das fachadas do casarão. Essas descaracterizações não impedem um olhar para suas qualidades estéticas, mesmo em seu estado atual. Outra característica observada no edifício que se conecta com estilo neoclássico é a proporção de cheios e vazios nas fachadas, que é marcada por grandes aberturas, gerando maior entrada de luz no seu interior.

As fachadas noroeste e sudeste, de menor comprimento, são análogas entre si (Figuras 51 e 52) e marcadas por uma forte verticalidade observada pelo alinhamento entre as aberturas do pavimento térreo

e as do primeiro pavimento. Essa verticalidade é ressaltada pela presença das pilastras ornamentais, intercaladas com as aberturas. Apesar de não possuírem função estrutural, as pilastras são claramente motivadas pelo estilo neoclássico, formada pela base, fuste e capitel, ainda que de forma elementar.

Figura 51 - Fachada sudeste do casarão.



Fonte: Acervo do autor (em 10/12/2017).

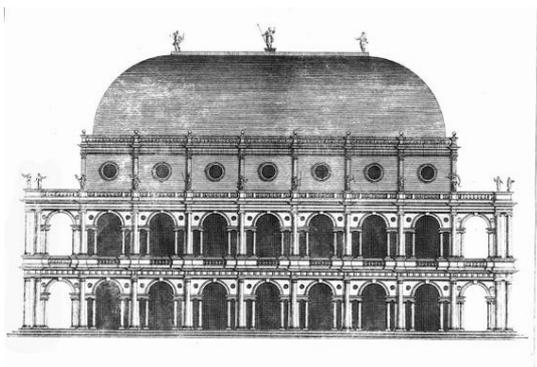
Figura 52 - Fachada noroeste do casarão.



Fonte: Acervo do autor (em 27/08/2018).

A presença do friso horizontal divide os dois pavimentos e as pilastras, que também recebem capitéis intermediários, fazendo uma referência às “colunas acima de colunas”, tipologia comum no neoclassicismo. A solução dos arremates laterais dessas fachadas (cunhais), que recebem duplas pilastras, também está presente em diversos edifícios neoclássicos, a exemplo do *Palazzo della Ragione* (Figuras 53 e 54), localizado em Vicenza, Itália, conhecido pela intervenção arquitetônica de Paládio, grande inspirador do estilo Neoclássico.

Figura 53 - Fachada *Palazzo della Ragione*.



Fonte: <http://rosapierno.blogspot.com/2012/06/jacques-derrida-adesso-larchitettura.html>

Figura 54 - Foto *Palazzo della Ragione*.



Fonte: <https://deu.archinform.net/projekte/5557.htm>

Não se pretende aqui aproximar a tipologia do casarão ao *Palazzo della Ragione*, menos ainda o classificar como edifício neoclássico. Mas sim esclarecer que sua roupagem apresenta inspirações que se aproximam do estilo neoclássico, ainda que de forma simplificada e indireta: a solução de duplo cunhal, que remete ao vocabulário arquitetônico do estilo neoclássico, está presente no repertório do arquiteto que o projetou, e traz harmonia e equilíbrio ao ritmo estabelecido pelas aberturas das fachadas do casarão. Acima dos capitéis, uma elegante cornija faz o arremate entre a cobertura e as paredes das fachadas. Esse tipo de acabamento apresenta um certo distanciamento do estilo neoclássico, que em geral é feito por meio de platibanda.

Observando-se as janelas da fachada sudeste, nota-se a presença das linhas de **formato abaulado** das vergas, que correspondem à fotografia de 1932 e que apresentavam fechamento em madeira maciça. Esse formato não é comum nem no estilo barroco, que utiliza vergas em **arco abatido**, nem no estilo neoclássico, que geralmente é feita em **arco pleno**. No entanto, o formato de laterais abauladas tem maior proximidade estética com o arco pleno do que com o arco abatido. Na foto de 1932, as aberturas do pavimento inferior da fachada noroeste, voltadas para o largo, consistem em uma porta, na extremidade nordeste, e três janelas. Já da fachada sudeste, voltada para o interior do conjunto, não se tem registro fotográfico. Pela simetria que permeia todo o casarão, presume-se que teria a mesma configuração, porém, essa informação não poderá ser confirmada, pois, se um dia existiam peitoris, atualmente são observados apenas os vãos que conectam o cômodo lateral sudeste à área externa em suas quatro aberturas (Figura 47).

As fachadas nordeste e sudoeste (Figuras 55 e 56) são mais difíceis de serem compreendidas em sua forma original. Isso ocorre por não haver registro fotográfico da fachada sudoeste, voltada para o mar, mas também pelo grande número de intervenções observadas em ambas.

Figura 55 - Fachada Nordeste do casarão.



Fonte: Acervo do autor (em 10/12/2017).

Figura 56 - Fachada Sudoeste do casarão.



Fonte: Acervo do autor (em 10/12/2017).

Essas fachadas também são marcadas por uma forte verticalidade resultante do alinhamento de aberturas e das pilastras. O formato dos cômodos laterais nordeste e sudeste, que se repetem em planta tanto no térreo quanto no primeiro pavimento, reverberam na forma exterior do edifício, o que traz personalidade à arquitetura do casarão. As pilastras acontecem no mesmo alinhamento desses cômodos laterais e isolam as aberturas das extremidades, que se igualam às das fachadas opostas e se diferenciam das aberturas que ocorrem entre as pilastras centrais.

Na primeira foto que se tem registro, dentre as cinco aberturas entre as pilastras do pavimento superior da fachada nordeste (Figura 47), as duas das extremidades apresentavam vergas em arco abatido, e as três centrais em verga reta. Não se tem registro fotográfico das aberturas do pavimento inferior, mas percebe-se, atualmente, que acontecem alinhadas àquelas do pavimento superior. Já a fachada sudoeste, voltada para o mar, apresenta, entre as pilastras, sete aberturas no pavimento superior, sendo a central ligeiramente mais alta, destacando o eixo de simetria do edifício. A influência neoclássica utiliza diversos artifícios para evidenciar esse eixo, entre eles, o uso dos frontões. No pavimento inferior, observa-se a marcação das grandes aberturas voltadas para o mar nos cômodos laterais, que acontecem na fachada, entre as pilastras. Na porção central do edifício, observa-se a marcação de apenas três janelas.

Os cômodos laterais, que são interligados e se relacionam com as fachadas sudeste, nordeste e noroeste, funcionam como um grande espaço avarandado, que faz a transição entre o espaço externo e interno do edifício, já que possuem múltiplos acessos para o exterior e para os cômodos centrais (Figuras 57, 58, 59 e 60), esses espaços, ainda que de forma não intencional, assemelha-se às *loggias*, tipologia frequente no vocabulário neoclássico italiano.

Figura 57 - Cômodo lateral sudeste.



Fonte: Acervo do autor (em 10/12/2017).

Figura 58 - Cômodo lateral noroeste.



Fonte: Acervo do autor (em 10/12/2017).

Figura 59 –Cômodo lateral nordeste com vista para noroeste.



Fonte: Acervo do autor (em 10/12/2017).

Figura 60 - Cômodo lateral nordeste com vista para sudeste.



Fonte: Acervo do autor (em 10/12/2017).

Os cômodos centrais do edifício são divididos por uma parede que se aproxima do eixo longitudinal do casarão. A sudoeste da parede, tem-se um grande salão voltado para a paisagem da Baía de Todos os Santos. Suas aberturas se encontram isoladas com alvenaria. No salão principal, foi adicionado um mezanino de madeira, que ocupa metade do seu espaço, e que se encontra em péssimo estado de conservação. Esse mezanino apoia-se, de um lado, em barrotes fixados diretamente na parede central e, do outro, em uma viga de madeira sustentada, por sua vez, em dois pilares os quais também suportam uma grande viga de madeira que estrutura o assoalho do primeiro pavimento (Figura 61). Essa adição ocorreu logo que a Fábrica se instalou no local. A nordeste da parede longitudinal, três cômodos se relacionam tanto com a sala quanto com os cômodos laterais do edifício. Um desses cômodos internos funciona como *hall* de circulação vertical, que acontece graças a uma precária escada (Figura 62) contígua à parede que separa o cômodo lateral sudeste e o salão principal.

Figura 61 –Salão principal.



Fonte: Acervo do autor (em 10/12/2017).

Figura 62 - Circulação vertical.



Fonte: Acervo do autor (em 10/12/2017).

O primeiro pavimento corresponde à parte mais íntima do casarão e possui atualmente a mesma configuração do pavimento térreo, considerando que foram retiradas pelo menos duas paredes transversais que dividiam esse espaço. Essas paredes, cuja marcação está presente na Figura 63, possivelmente definiam três quartos que aconteciam no local. Ao serem derrubadas, a área se tornou equivalente ao salão principal do pavimento térreo. A maioria das paredes que dividem os cômodos do primeiro pavimento são executadas em tabique, se diferenciando das paredes perimetrais, que são em alvenaria mista de pedra e tijolo. O salão do pavimento superior recebe pinturas decorativas interessantes, que infelizmente se apresentam em avançado processo de decomposição. Essas paredes são responsáveis por dividir e interligar os demais espaços através de portas com arco abatido que levam bandeiras trabalhadas em vidro e madeira (Figura 63). Nos ambientes de transição entre a parede longitudinal e os cômodos laterais, existem passagens em arco pleno (Figura 64), que também se relacionam com a arquitetura do estilo neoclássico e se comportam como importante elemento caracterizador da arquitetura do sobrado. Apesar da dificuldade de acesso, foi possível ao autor deste trabalho visitar os cômodos laterais noroeste e sudeste do primeiro pavimento, que, como dito anteriormente, são análogos aos do pavimento térreo (Figuras 66 e 67).

Figura 63 -Salão superior.



Fonte: Acervo do autor (em 27/08/2018).

Figura 64 - Cômodo de transição com passagem em arco pleno.



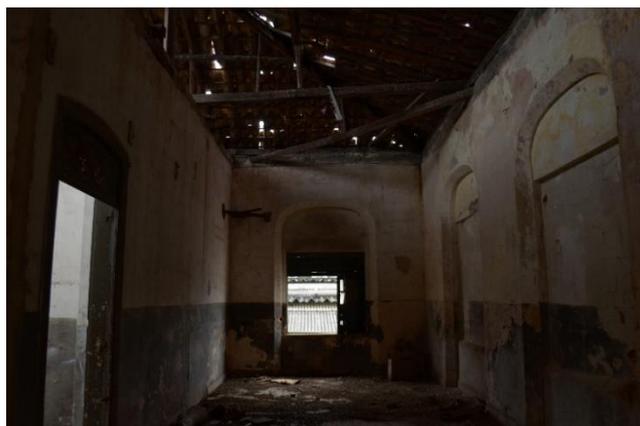
Fonte: Acervo do autor (em 27/08/2018).

Figura 65 –Cômodo lateral nordeste. Primeiro pavimento.



Fonte: Acervo do autor (em 27/08/2018).

Figura 66 – Cômodo lateral sudeste-. Primeiro pavimento.



Fonte: Acervo do autor (em 10/12/2017).

Conquanto bastante comprometida, ainda é possível se fazer uma leitura do funcionamento da cobertura do casarão. De formato simples e imponente, é constituída por duas águas mestras trapezoidais e duas águas triangulares (tacaniças) cobertas com telhas cerâmicas de estilo capa canal. As telhas são apoiadas sobre as ripas, que se apoiam sobre caibros, que por sua vez se sustentam nas terças. A cumeeira e os espigões, que fazem o encontro entre as águas, estão no mesmo plano das terças, e toda essa trama estrutural é sustentada por tesouras, cuja forma não é possível identificar e que descarregam o peso tanto nas paredes perimetrais, por meio dos frechais, quanto nas paredes de divisão interna do edifício. O fato dos frechais se apoiarem sobre a “cinta” de concreto que circunda o edifício é um indício de que a cobertura presente no edifício, já bastante arruinada, não é original (Figuras 67 e 66).

Figura 67 –Tesoura em estado de desabamento.



Fonte: Acervo do autor (em 10/12/2017).

Figura 68 – Cobertura desabada.



Fonte: Acervo do autor (em 10/12/2017).

A espacialidade interna do edifício, de pé direito alto e agradável, apresenta boa qualidade arquitetônica no dimensionamento de seus espaços, circulações e em suas aberturas originais, que permitiriam iluminação e ventilação confortáveis a todos os ambientes. Tanto o térreo quanto o primeiro pavimento apresentam uma planta clara e racional, de fácil leitura e agradável percepção dos espaços. Suas fachadas e sua volumetria são elementos caracterizadores, não só em face da arquitetura da fábrica, mas também perante a composição arquitetônica do Largo da Boa Viagem como um todo.

Edícula com cobertura cerâmica

Em continuidade à fachada noroeste do casarão, voltada para o Largo da Boa Viagem, encontra-se anexada uma pequena edícula de aproximadamente 11 m de comprimento e um pavimento com cobertura em telhado cerâmico em duas águas (Figura 69). Na entrevista com Eduardo da Costa Lima, soube-se que a edícula servia como casa dos funcionários da casa do Dr. Adriano Gordilho e, posteriormente, se tornou o sanitário dos operários da fábrica (Figura 70). Nota-se pelas fotografias que tanto a cobertura quanto o comprimento da edícula foram alterados ao longo das reformas pelas quais passou o conjunto. A construção não apresenta qualidades estéticas, e ainda que tenha alguma importância histórica, não possui relevante valor patrimonial.

Figura 69 –Edícula em seu estado atual.



Fonte: Acervo do autor (em 27/08/2018).

Figura 70 –Foto de 1935, mostrando a presença da edícula.



Fonte: Site da empresa.

Remanescentes da antiga cobertura em “shed”

Como mencionado na cronologia da edificação, a primeira expansão da propriedade se deu com a construção de uma cobertura industrial em “shed”, ocorrida entre meados de 1930 e 1940. Sua demolição, que aconteceu entre abril de 2010 e julho de 2012, acarretou uma grande perda da memória industrial do conjunto, já que, indubitavelmente, esse galpão era o edifício de maior valor histórico e estético relacionado, diretamente, à uma tipologia industrial. Os remanescentes deste galpão se constituem pela parede de forma “dentada” (Figura 71), contígua a fachada sudoeste do casarão, e pela parede que recebe trechos em cobogó (Figura 72), por onde se dava um dos acessos à cobertura. Anexado à parede de entrada do antigo galpão, se encontra atualmente um pequeno cômodo que recebe cobertura de fibrocimento. O cômodo serviu como depósito de insumos para a produção da bebida.

Figura 71 – Parede “dentada” de sustentação do “shed”.



Fonte: Acervo do autor (em 10/12/2017).

Figura 72 – Parede lateral de sustentação do “shed”.



Fonte: Acervo do autor (em 10/12/2017).

Verifica-se, na parede dentada, um grande valor estético, tanto por sua forma quanto pela sua ambientação na ótica do conjunto, em que a parede se conecta ao casarão, formando um pitoresco contraste estético e histórico. Já a parede de entrada, em conjunto com o cômodo de armazenamento, não apresenta maiores relevâncias estéticas por si só.

Galpão industrial de estrutura porticada

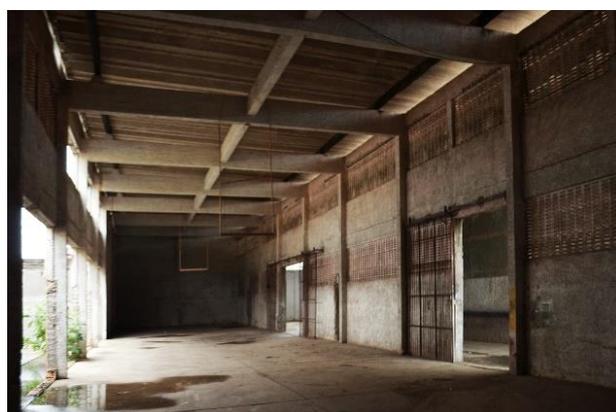
Construído na década de 1950 pela IDEBA, o galpão, que foi incorporado ao patrimônio da Organização Leão do Norte em 1972, é constituído por uma sequência de dez pórticos de aproximadamente 9 m de largura e 6,5 m de altura, distanciados por aproximadamente 4,5 m, executados em concreto armado (Figura 73 e 74). Foi utilizado para abrigar as grandes dornas de madeira para o armazenamento e envelhecimento da bebida, depois de finalizados os processos de fabricação.

Figura 73 -Galpão de estrutura porticada. Direção noroeste.



Fonte: Acervo do autor (em 10/12/2017).

Figura 74 -Galpão de estrutura porticada. Direção sudoeste.



Fonte: Acervo do autor (em 10/12/2017).

Os pórticos são ligados por três grandes vigas superiores, duas nas extremidades e uma central. A estrutura em concreto moldado *in locu* sustenta os barrotes de madeira, responsável por receber a cobertura de fibrocimento. A sua espacialidade interna, que se comporta como um único vão, é caracterizada por uma intensa verticalidade e um ritmo bastante legível, que se dá pela presença dos pilares, os quais sobressaem das paredes de fechamento lateral. Esses fechamentos são caracterizados por paredes executadas em alvenaria e argamassa de cimento, que apresentam acessos tanto para o corredor de circulação da fábrica quanto para a área descoberta ao lado. As paredes laterais contam com duas faixas horizontais de cobogó. Uma logo abaixo da viga superior e outra na meia altura das paredes, contribuindo esteticamente com as linhas da perspectiva, que tem o seu ponto de fuga nas paredes das extremidades. Essa forte perspectiva, reforçada também pela presença da viga central no sentido longitudinal, é a maior responsável pelas qualidades estéticas do galpão. A estrutura se apresenta relativamente bem preservada, apesar de sofrer com algumas patologias e descaracterizações, como a exposição das armaduras e demolições em suas paredes de fechamento. A arquitetura do galpão, ainda

que não apresente grande erudição e nem complexidade formal, se conecta ao movimento moderno, no que tange a sua racionalidade, funcionalidade e ambiência.

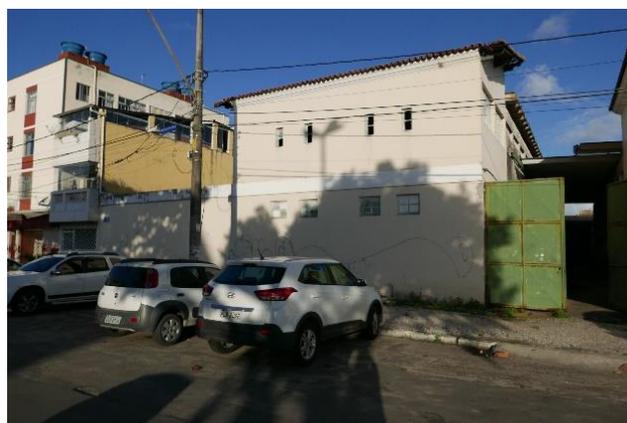
Na última porção da sua estrutura, na fachada noroeste, o edifício muda drasticamente de características e apresenta uma cobertura em telhado cerâmico em uma água voltada para o Largo da Boa Viagem (Figuras 75 e 76). Essa característica lhe foi adicionada em 1972, quando a fábrica passou por uma grande expansão em suas instalações. Essa questão será melhor elucidada posteriormente, na apresentação do edifício administrativo, já que foram edificados em conjunto, e existe uma correlação estética indissociável entre os dois.

Figura 75 –Modificação tipológica na última porção do edifício voltada para o largo.



Fonte: Acervo do autor (em 10/12/2017).

Figura 76 – Fachada noroeste do galpão.



Fonte: Acervo do autor (em 10/12/2017).

Edifício administrativo em “estilo patrimônio”

Pela proximidade com a Igreja Nossa Senhora da Boa Viagem e pela existência do casarão, o estilo adotado pelo autor do projeto, cujo nome é desconhecido, condiz com a década de 1970, quando foram empregados em áreas do tecido histórico urbano, inclusive no Bairro do Pelourinho, um grande número de novas construções com uma estética “neutra” ironicamente denominada de “estilo patrimônio”, já que essa estética era recomendada pelo IPHAN (Figura 70). A prática é condenável por induzir o observador a encarar essas construções deslocadas do seu próprio tempo. Essa estética foi empregada não somente no edifício aqui apresentado, como também na “falsa” fachada construída em 1978, para o galpão mencionado no subitem anterior.

Este edifício relaciona-se à frente com o Largo da Boa Viagem e ao fundo com um galpão de mesma largura que será apresentado na sequência (figura 77 e 78). O pavimento superior (Figura 79) serviu como área administrativa, e observa-se a existência de uma abertura voltada para o interior do galpão ao fundo, de onde os coordenadores podiam observar o processo de produção, característica típica em edificações industriais. O pavimento térreo é constituído por dois espaços que não se conectam internamente: o hall de circulação vertical, que possui acessos tanto pela fachada nordeste, quanto pela sua fachada sudoeste; e o outro cômodo (Figura 80), que se conecta exclusivamente com o galpão ao fundo, que funcionava como área armazenamento e controle de expedição.

Figura 77 – Fachada noroeste do edifício administrativo.



Fonte: Acervo do autor (em 27/08/2018).

Figura 78 – Fachada sudoeste e interação entre o edifício administrativo, a caixa d'água e o galpão central.



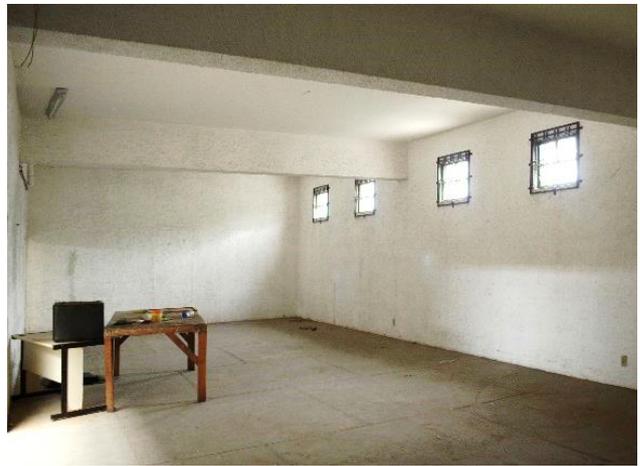
Fonte: Acervo do autor (em 27/08/2018).

Figura 79 – Edifício administrativo. Pavimento Superior.



Fonte: Acervo do autor (em 10/12/2017).

Figura 80 – Edifício administrativo. Pavimento inferior.



Fonte: Acervo do autor (em 10/12/2017).

O edifício de estrutura autônoma, em concreto armado e pilares embutidos, apresenta integridade construtiva e se encontra em bom estado de conservação. Ainda assim, o seu valor arquitetônico é questionável, tanto pelos acabamentos quanto pela falsa estética que permeia as suas aberturas e fachadas, induzindo a erro o leigo espectador, que, ao se deparar com a igreja e com o sobrado, acredita se tratar de uma construção antiga. Além dessa desvantagem, observa-se que sua fachada não promove harmonia nem equilíbrio entre os cheios e vazios. Apesar disso, é importante reconhecer a sua qualidade enquanto volumetria, que dialoga bem com os outros volumes da fábrica, obedecendo a mesma altura do sobrado e a disposição dos ambientes internos, que certamente apresentaram eficiência durante a sua utilização no período da atividade fabril.

Galpão central e caixa d'água

Construído também em 1972, o galpão, que se localiza ao centro do conjunto e se conjuga com o edifício de “estilo patrimônio”, é acessado por grandes portões metálicos voltados para o casarão (Figura 81). São constituídos por painéis fixos e móveis, com fechamento em chapa metálica maciça estruturada em perfis tubulares em retícula quadriculada, e apresentam certa qualidade estética por sua escala e modulação. Tanto que os portões se assemelham aos de acesso principal e são importante testemunho da arquitetura industrial do conjunto. O galpão possui dimensões aproximadas de vinte metros de largura por 25 m de comprimento e 4,3 m de pé direito. Estruturado em concreto armado, suas vedações são alvenaria comum, aberturas em cobogó e cobertura em fibrocimento. A viga central funciona como calha, que recebe as duas águas da cobertura, inclinadas para o eixo longitudinal do edifício. O seu interior é marcado pelo grande espaço livre (Figura 82) e dois cômodos de transição entre os portões metálicos e o espaço interno, cobertos por um telhado independente.

Figura 81 -Entrada do galpão central e lateral do edifício administrativo.



Fonte: Acervo do autor (em 10/12/2017).

Figura 82 -Interior do galpão central.



Fonte: Acervo do autor (em 10/12/2017).

Entre o edifício administrativo e o galpão central, há um grande reservatório de água executado em concreto armado em formato de tronco de cone invertido apoiado por quatro pilares. Esse forte elemento vertical, de aproximadamente 12 m de altura, se faz presente na paisagem urbana do Largo da Boa Viagem e estabelece um rico diálogo, ainda que não intencional, com a torre da igreja, e é capaz de transmitir a memória do conjunto industrial em sua imagem (Figura 83).

Figura 83 - Reservatório.



Fonte: Acervo do autor (em 10/12/2017).

Corredores de circulação e espaços livres

Como observamos na planta baixa do conjunto, o pátio entre o galpão central e o casarão, visualizado na figura anterior, possui um formato claro e retangular, delimitado pela fachada nordeste do casarão, a edícula, o galpão central e a parede remanescente da antiga cobertura em “shed”. Esse grande vazio, recoberto por piso de paralelepípedo, além de receber o acesso principal da fábrica, funciona como circulação entre os edifícios e é fundamental para a caracterização da ambiência fabril. Outro espaço livre é constituído pelo vazio gerado a partir da demolição da antiga cobertura em “shed” (Figura 84). Seus vestígios, ainda que tenham perdido sua função de estrutura do antigo galpão, são responsáveis por delimitar e separar esses dois espaços.

Figura 84 – Vazio ocasionado pela demolição da antiga cobertura em “shed”.



Fonte: Acervo do autor (em 10/12/2017).

A circulação geral do conjunto se dá em torno do galpão central. Em cada lado do edifício administrativo existem os dois acessos para o interior da fábrica. Essa circulação em “U” é uma forte característica do conjunto fabril, que traz personalidade ao objeto arquitetônico enquanto ambiência. A sudoeste do galpão central, localiza-se o pátio já mencionado. A sudeste e nordeste, o corredor em “L” conduz o público desde o pátio central ao galpão principal e à saída do conjunto (Figura 85). No braço sudeste, existe um galpão lateral percebido à esquerda da imagem abaixo. Apesar de consistir em uma precária cobertura de fibrocimento formada por uma estrutura em concreto armado mal executada, a sua espacialidade permite a leitura do corredor, que é um importante elemento de reconhecimento do conjunto.

Figura 85 – Corredor de circulação em torno do galpão central.



Fonte: Acervo do autor (em 10/12/2017).

Observa-se nos edifícios da antiga Fábrica Leão do Norte diversas qualidades estéticas. No entanto, não se nega que ocorra, por essa ótica, um certo protagonismo do sobrado, que conta com uma arquitetura mais comovente e interessante, com suas belas fachadas que tão bem se relacionam com o entorno. Porém, no reconhecimento do objeto como um todo, cada edificação contribui volumetricamente com as espacialidades gerais, que são importantes testemunhos históricos e não deixam de ser observadas enquanto objeto estético. Nota-se a importância da manutenção das ambiências, dos espaços cheios e vazios e das circulações, por serem características que trazem originalidade e personalidade ao conjunto.

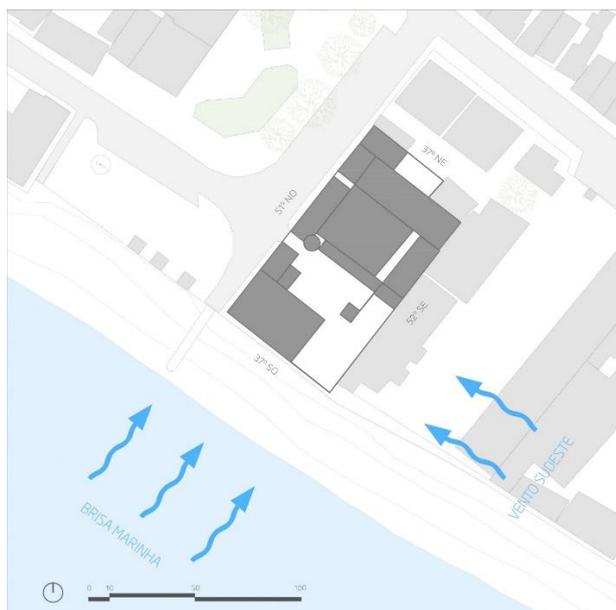
3.3 CONDICIONANTES CLIMÁTICAS

Sabe-se que o conjunto da antiga Fábrica Leão do Norte se encontra atualmente em mau estado de conservação. A fim de investigar melhor quais as patologias que assolam os edifícios, para se chegar a um correto diagnóstico, é importante, antes de tudo, compreender as influências que o clima exerce sobre o objeto de estudo.

Os ventos predominantes que incidem diretamente no conjunto vêm na direção sudeste e sudoeste. O vento sudoeste é caracterizado pela brisa marinha, que ocorre perpendicularmente à praia e acontece em maior intensidade em relação ao vento sudeste, vento predominante em Salvador (Figura 79). Sabe-se que a direção pluviométrica segue a predominância dos ventos, portanto, ocorrem majoritariamente nas direções sudoeste, sul e sudeste. É importante mencionar que a brisa marinha também traz consigo o “spray” marinho, que é um dos fortes agentes provocadores de danos aos edifícios, pelo seu alto teor de cloreto de sódio solubilizado nesse vapor d’água. Também incidem no conjunto os ventos noroestes, que acontecem nos períodos de tempestade provocando destelhamentos e erosões nas paredes que conformam a quina oeste do edifício.

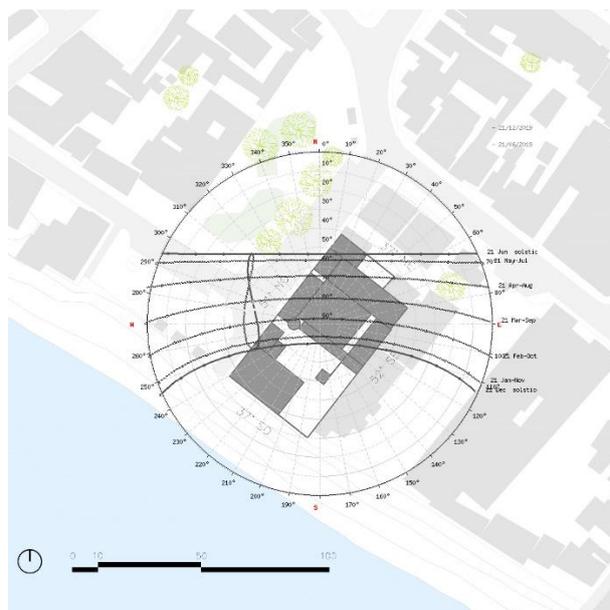
O gráfico de percurso do sol mostra que as fachadas noroeste e sudoeste são as que recebem maior incidência solar no turno vespertino. Já os limites sudeste e nordeste, além de só receberem incidência no turno matutino, estão sombreados pelos vizinhos, perdendo a radiação solar no início da manhã (Figuras 86 e 87).

Figura 86 - Incidência de vento no conjunto.



Fonte: Base SICAR, adaptado pelo autor, 2018.

Figura 87 - Incidência solar no conjunto.



Fonte: Base SICAR, adaptado pelo autor, 2019- Gráfico elaborado a partir do site < www.sunearthtools.com > acesso em 8/2/2019.

A incidência solar direta ocorre nas fachadas sudoeste e noroeste, que se encontram livres de barreiras geradoras de sombra. De acordo com o gráfico (Figura 88), no solstício de verão, a fachada 37° sudoeste, compreendida pelo sobrado e pela parede a ele contígua, recebe radiação solar durante sete horas e vinte minutos. Já a fachada 51° noroeste, formada por todos os volumes que se voltam para o Largo da Boa Viagem, recebem cinco horas e quarenta minutos de radiação solar (Figura 89). No solstício de inverno, a fachada noroeste recebe sete horas e trinta minutos. Porém, a fachada sudoeste recebe apenas duas horas de insolação. Este fato, somado à forte incidência de águas pluviais direcionada pela brisa marinha, tornam essa fachada bastante suscetível às patologias relacionadas à umidade.

Figura 88 – Incidência solar na fachada sudoeste.

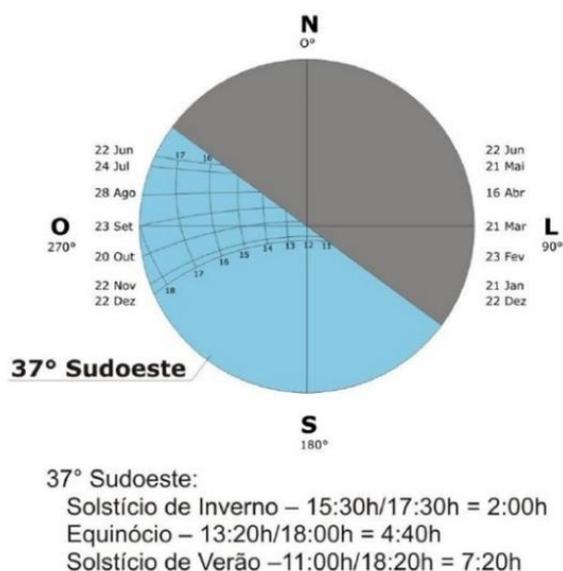
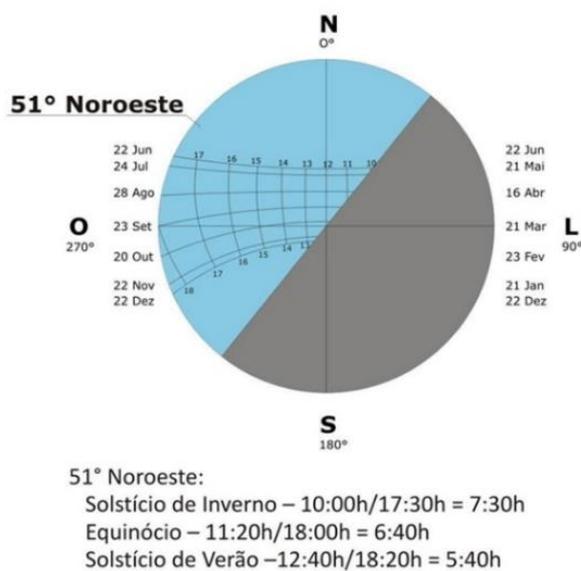


Figura 89 – Incidência solar na fachada noroeste.

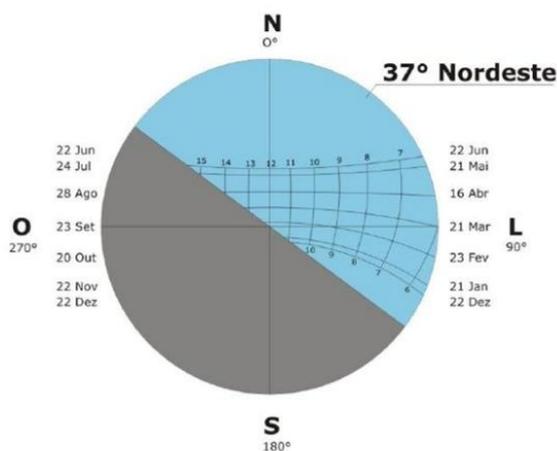


Fonte: Diagnóstico de Patologias Trabalho da disciplina Ateliê IV - FAUFBA, 2010.

Fonte: Diagnóstico de Patologias Trabalho da disciplina Ateliê IV - FAUFBA, 2010.

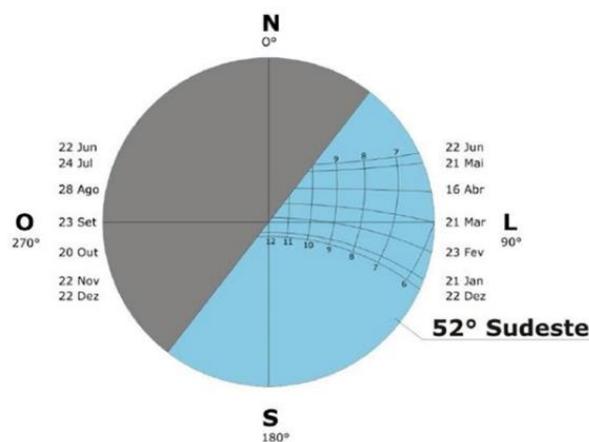
As fachadas nordeste e sudeste do conjunto, por estarem conjugadas com os vizinhos no interior do quarteirão, possuem comportamento distinto da carta solar (Figuras 90 e 91). Porém, a carta mostra a incidência do sol nas fachadas do sobrado, voltadas para área livre. A fachada nordeste recebe teoricamente nove horas de incidência solar matinal no solstício de inverno. Esse número, na prática, diminui, uma vez que os outros volumes da fábrica geram um sombreamento no início da manhã. A fachada sudeste do casarão, exposta à chuva proveniente do vento sudeste, recebe baixíssima incidência solar no solstício de inverno, sendo, portanto, a que mais sofre patologias relacionadas à umidade.

Figura 90 - Incidência solar na fachada nordeste.



37° Nordeste:
 Solstício de Inverno – 6:30h/15:30h = 9:00h
 Equinócio – 6:00h/13:00h = 7:00h
 Solstício de Verão – 5:40h/11:00h = 5:20h

Figura 91 - Incidência solar na fachada sudeste.



52° Sudeste:
 Solstício de Inverno – 6:30h/10:00h = 3:30h
 Equinócio – 6:00h/11:20h = 5:20h
 Solstício de Verão – 5:40h/12:40h = 7:00h

Fonte: Diagnóstico de Patologias Trabalho da disciplina Ateliê IV - FAUFBA, 2010.

Fonte: Diagnóstico de Patologias Trabalho da disciplina Ateliê IV - FAUFBA, 2010.

As fachadas noroeste e sudoeste do conjunto estão voltadas para o espaço público, enquanto as fachadas sudeste e nordeste, para o interior do quarteirão. Ainda que receba a forte incidência salina e pluviométrica da direção nordeste, a fachada noroeste se encontra paralela à brisa marinha e, portanto, está relativamente menos exposta às intempéries, se comparada com a fachada sudoeste, voltada para a praia, que se orienta de forma perpendicular aos ventos predominantes. Portanto, os limites a noroeste da propriedade sofrem com a incidência direta do vento, da chuva, do “spray” marinho e, em momentos de tempestades em maré cheia, até da água do mar. O sobrado, que se encontra na extremidade mais próxima ao mar, é o edifício em pior estado de conservação. Não apenas por ser o mais antigo do conjunto, mas também pelo seu posicionamento em relação ao mar e ao vento. Já os edifícios que se localizam a sudeste e a nordeste da propriedade se encontram mais conservados. Isso ocorre não só por terem sido construídos posteriormente, mas também porque faziam os limites do terreno que dão para o interior do quarteirão, obtendo alguma proteção originada pela presença dos volumes vizinhos.

3.4 PATOLOGIAS

Desde a saída da Organização Leão do Norte em 1972, como visto anteriormente, o imóvel vem sendo subutilizado. Esse fato contribui para o seu estado atual, pois a ausência de uso gera a falta de manutenção do conjunto, que passa a sofrer com a agressividade do clima e com ações antrópicas que favorecem a sua degradação. Os edifícios se encontram em estágios diferenciados de degradação. O casarão construído ao final do século XIV, é, como se disse, o edifício que se encontra em pior estado de conservação, seguido pelo galpão de estrutura porticada construído na década de 1950. O edifício administrativo e o galpão central, por sua vez, construídos na década de 1970, formam a parte mais conservada do conjunto. A elaboração do mapeamento de danos, presente no volume 3 deste trabalho, bem como os ensaios laboratoriais realizados ao longo do curso, foram ferramentas fundamentais para a compreensão do estado de degradação da fábrica.

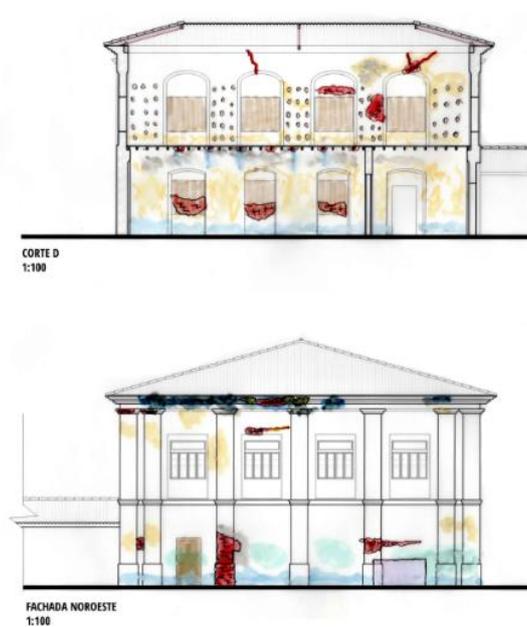
Como apresentadas no mapeamento de danos (Figuras 92, 93 e 94), o casarão padece de diversas patologias, tais como desabamento da cobertura, manchas de água, biofilme, vegetação, descascamento de pintura, perda de reboco, exposição das alvenarias, vedação de vãos e fissuras superficiais e estruturais.

Figura 92 – Mapeamento de danos, prancha 3.



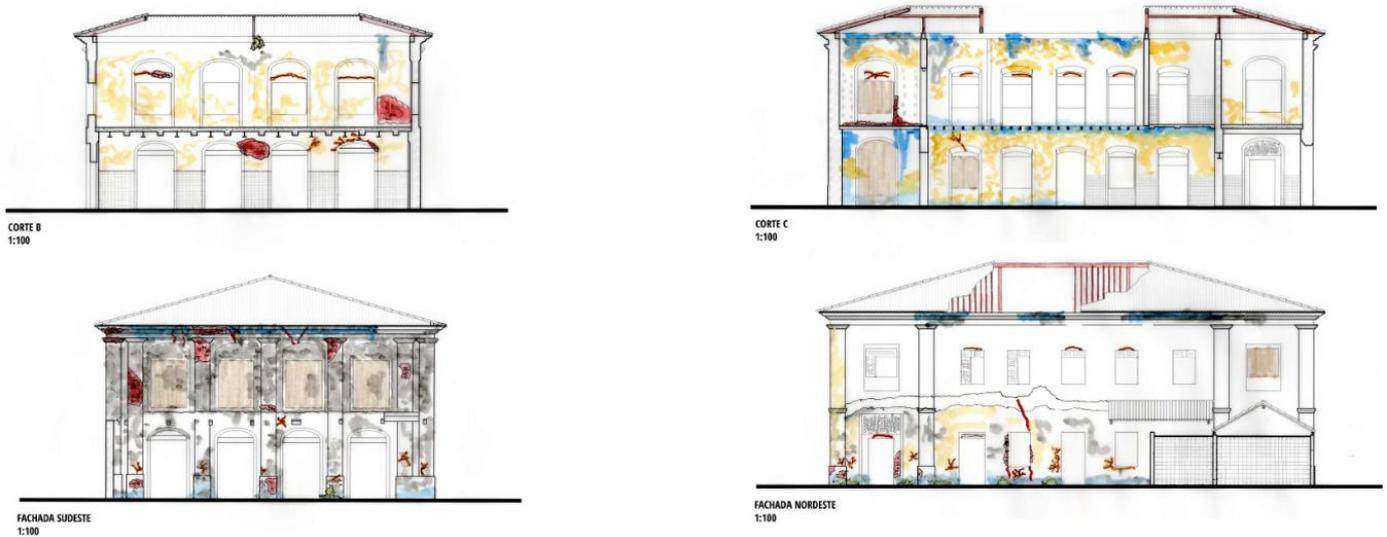
Fonte: Acervo do Autor.

Figura 93 – Mapeamento de danos, prancha 5.



Fonte: Acervo do Autor.

Figura 94 -Mapeamento de danos, prancha 4.



Fonte: Acervo do autor.

A partir da sequência de imagens do Google Earth, que disponibiliza fotografias aéreas em diferentes datas (Figuras 95, 96 e 97), foi possível verificar que o processo de desabamento da cobertura do casarão se iniciou entre julho de 2014 e julho de 2015.

Figura 95 - Cobertura íntegra. Junho de 2014.



Fonte: Google Earth.

Figura 96 –Cobertura parcialmente desabada. Junho de 2015.



Fonte: Google Earth.

Figura 97 –Avanço no desabamento da cobertura. Setembro de 2017.



Fonte: Google Earth.

Esse ininterrupto processo de arruinamento da cobertura, somado às condicionantes climáticas antes mencionadas, constituem uma das principais causas das lesões observadas no casarão. Atualmente a porção central da edificação, entre as tesouras da cobertura, se encontra a céu aberto. A partir desse fato, os danos observados acontecem em cadeia: o sobrepeso das telhas que se acomodaram no assoalho do primeiro pavimento causou o rompimento do tabuado (Figura 98), o que favorece o acúmulo de água na base da edificação causando manchas de água ascendente, que por sua vez geram a proliferação de microrganismos e vegetação (Figura 99).

Figura 98 – Rompimento do taboado.



Fonte: Acervo do Autor (3/12/2018).

Figura 99 – Crescimento de vegetação de médio porte.



Fonte: Acervo do Autor (3/12/2018).

Ainda que o desabamento da cobertura tenha provocado vários danos à edificação, nota-se que as paredes do sobrado continuam relativamente íntegras, em termos estruturais. Um fator que contribui para a estabilidade das paredes é a viga contínua de concreto que permeia o topo de todas as paredes no segundo pavimento (Figuras 100 e 101). A existência dessa viga demonstra que o casarão passou por uma intervenção estrutural. Apesar de não se saber ao certo a data, presume-se que a viga foi executada juntamente com a atual cobertura, que, pelas características do madeiramento e pelo tipo de telha, certamente não são originais.

Figura 100 – Viga de concreto.



Fonte: Acervo do Autor (3/12/2018).

Figura 101 – Parede nordeste (viga no topo).



Fonte: Acervo do Autor (3/12/2018).

Outro princípio que contribui para a estabilidade das paredes é o fato de boa parte dos vãos terem sido fechados com alvenaria. Ainda que as paredes se encontrem relativamente estáveis, foram encontradas algumas fissuras estruturais, sendo que a maioria delas não possuem grande extensão e partem dos vãos de portas e janelas que permaneceram abertos. A fissura de maior dimensão (Figura 102 e 103) ocorre na parede sudoeste próxima ao cunhal na extremidade oeste do edifício. Podendo ser observada tanto por fora quanto por dentro da edificação, a fenda parte da base e avança até o topo atingindo a cornija (ver Prancha 5 do mapeamento de danos constante no segundo volume deste trabalho). Provavelmente a fissura foi causada por um deslocamento do solo, pois a área é propícia para a existência de lençóis freáticos que podem gerar o rebaixamento do terreno, ou seja, um recalque. A verticalidade dessa fissura corrobora com o diagnóstico apresentado.

Figura 102 - Fissura estrutural derivada de recalque.



Fonte: Acervo do Autor (3/12/2018).

Figura 103 - Fissura estrutural derivada de recalque II.



Fonte: Acervo do Autor (3/12/2018).

Outro dano que acomete as paredes do casarão está relacionado às argamassas. Esse fato é observado tanto nas paredes perimetrais quanto nas divisórias internas. As argamassas de revestimento se encontram em diversos níveis de degradação. Desde a desagregação do barrado, até a perda completa do reboco, deixando a alvenaria exposta em alguns pontos. Esse fato ocorre pela perda da cobertura e falta de manutenção nas superfícies que deixam o material exposto à lixiviação. Intervenções inadequadas, como a aplicação de argamassa de cimento, que possui incompatibilidade físico-química com as argamassas de cal originais da construção, também são fatores que contribuem para os danos nas superfícies da edificação. Nota-se também que foram aplicadas tintas plásticas, o que impede a “respiração” das paredes ocasionando o surgimento de bolhas e descascamentos que expõem as camadas mais internas. Observa-se que o edifício passou por várias intervenções sucessivas e muitas delas feitas com material inadequado, de tal maneira que se torna penoso mapear os pontos que receberam esse tipo de revestimento (Figuras 104 e 105).

Figura 104 - Perda do reboco com exposição da alvenaria.



Fonte: Acervo do Autor (3/12/2018).

Figura 105 - Tinta plástica aplicada em argamassa de cimento sob reboco à base de cal.



Fonte: Acervo do Autor (3/12/2018).

Boa parte do pavimento superior se encontra à céu aberto e por isso as paredes internas, que recebem pintura ornamental, apresentam perda da camada pictórica. Portas e janelas bandeiradas estão severamente degradadas e são elementos caracterizadores da arquitetura do edifício (Figuras 106 e 107).

Figura 106 – Perda da pintura ornamental.



Fonte: Acervo do Autor (3/12/2018).

Figura 107 – Degradação das esquadrias.



Fonte: Acervo do Autor (3/12/2018).

Verifica-se que a ação antrópica é um forte agente de degradação. Os cômodos do pavimento térreo apresentam acúmulo de lixo, deixando o ambiente insalubre e propício para proliferação de agentes biológicos que também causam a degradação (Figura 108). Boa parte do lixo observado é constituído por entulho oriundo de pequenas intervenções e reformas que acontecem continuamente no conjunto, descaracterizando os edifícios. As portas e janelas do casarão se encontram fechadas, em sua maioria, ou modificadas para atender as necessidades de uso, desconsiderando os valores de sua arquitetura (Figura 109). O fechamento dos vãos causa danos à imagem da edificação.

Figura 108 – Acúmulo de lixo e entulho.



Fonte: Acervo do Autor (3/12/2018).

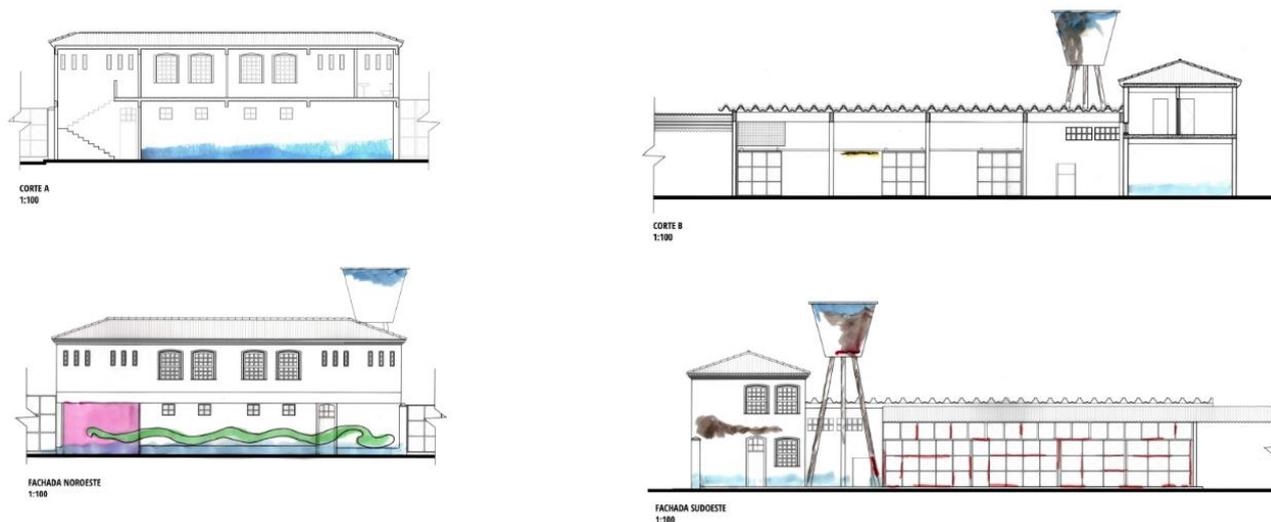
Figura 109 – Descaracterização dos vãos.



Fonte: Acervo do Autor (3/12/2018).

Os outros edifícios do conjunto da antiga Fábrica Leão do Norte estão em melhor estado de conservação em relação ao casarão. O bloco formado pelo edifício administrativo e o galpão central, edificados em 1972, não sofre de graves patologias, como mostra o mapeamento de danos (Figura tal).

Figura 110 - Mapeamento de danos, prancha 6.



Fonte: Acervo do autor (em 10/12/2017).

O edifício administrativo se apresenta íntegro em termos estruturais, apesar de apresentar internamente e externamente manchas de água ascendente em sua base. Verifica-se neste edifício o fechamento de um grande vão voltado para o Largo da Boa Viagem, no cômodo que funcionava a expedição da Fábrica (Figuras 111 e 112).

Figura 111 - Portão de expedição em 2010.



Fonte: Diagnóstico de Patologias Trabalho da disciplina Ateliê IV - FAUFBA, 2010.

Figura 112 - Vão fechado em 2018.



Fonte: Acervo do Autor (29/08/2018).

Tanto o pavimento inferior quanto o pavimento superior apresentam bom estado de conservação, apesar das manchas de água ascendente em suas fachadas (Figura 113). A caixa d'água que se localiza entre o edifício e o galpão central é o elemento mais degradado do bloco, revelando fissuras no concreto, exposição das armaduras, além de manchas de água descendente e biofilme, principalmente em sua superfície voltada para o sudeste e o sudoeste, que recebe menor insolação e maior incidência direta da água (Figura 114).

Figura 113 - Fachada sudoeste. Mancha de água na base e descascamento de pintura.



Fonte: Acervo do Autor (29/08/2018).

Figura 114 - Caixa d'água apresentando fissuras com exposição das armaduras.



Fonte: Acervo do Autor (29/08/2018).

O galpão central também está bem conservado. No entanto, manchas de água ascendente permeiam as bases dos fechamentos do galpão. Internamente, o edifício apresenta maior integridade do que as fachadas, que ficam expostas à ação da água e do ar. A ausência de esquadrias em algumas aberturas gera o acúmulo de água nos peitoris, causando manchas de água descendente tanto nas fachadas quanto no interior do galpão. Devido à proximidade com o mar e a presença do cloreto de sódio, manchas de ferrugem aparecem nos portões metálicos da fachada sudeste, ainda que não estejam em avançado processo de corrosão (Figura 115).

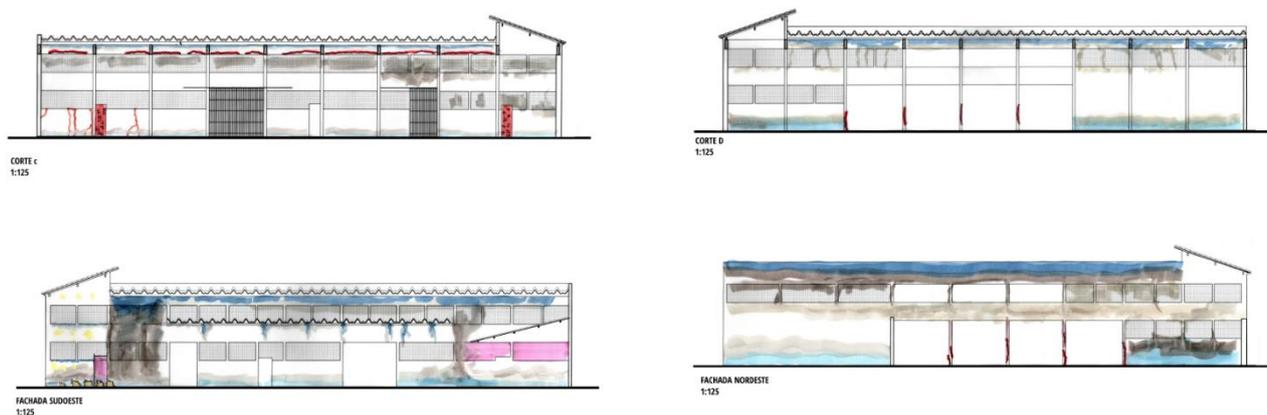
Figura 115 – Fachada Sudoeste. Portões metálicos apresentando manchas de ferrugem.



Fonte: Acervo do autor (10/12/2017).

Localizado na porção noroeste do conjunto, o galpão principal de estrutura porticada se apresenta em estágio intermediário de conservação entre o sobrado e o edifício administrativo como ilustra a imagem abaixo (Figura 116).

Figura 116 – Mapeamento de danos, prancha 9.



Fonte: Acervo do autor (10/12/2017).

A maioria dos danos deste edifício está relacionada à incidência de água e umidade. Construído na década de 1950, a estrutura de concreto armado moldada *in locu* apresenta atualmente diversas fissuras com exposição das armaduras. Esse dano ocorre principalmente nos pilares da fachada noroeste, voltados para a área externa (Figuras 117), em razão da incidência pluviométrica. Observa-se que, apesar de estar

em área coberta, a viga longitudinal superior da parede sudoeste, sofre com a chuva direcionada pela brisa marinha por entre a cobertura e a estrutura, acumulando água no local (Figura 118).

Figura 117 – Exposição das armaduras. Pilares da fachada nordeste.



Fonte: Acervo do Autor (30/06/2018).

Figura 118 – Fissura contínua na viga superior, com exposição das armaduras.



Fonte: Acervo do Autor (30/06/2018).

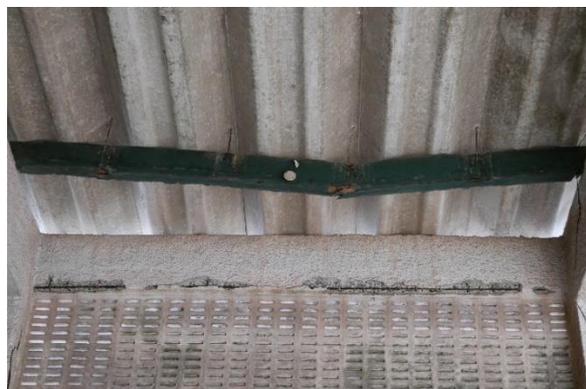
Essas patologias são resultantes da oxidação da ferragem do concreto armado, que aumenta de volume, causando as fissuras no concreto que aos poucos se desprende. A ação antrópica também é um forte agente de degradação desta edificação, já que foram demolidos vários trechos dos fechamentos laterais e das faixas de cobogó, danificando o edifício e tornando-o mais aberto e suscetível à entrada de água. Na parede sudeste e sudoeste observa-se a presença de galerias de xilófagos, ainda que a madeira não seja um material abundante na edificação. Presente em apenas duas vigas longitudinais superiores, a madeira apresenta deterioração em alguns trechos, provocando um ligeiro abaulamento do telhado de fibrocimento (Figuras 119 e 120)

Figura 119 – Galeria de xilófagos.



Fonte: Acervo do Autor (30/06/2018)

Figura 120 – Deterioração da madeira por ataque de xilófagos.



Fonte: Acervo do Autor (30/06/2018)

CAPÍTULO 4

CONVERSÃO DA ANTIGA FÁBRICA LEÃO DO NORTE NO ESTALEIRO ESCOLA DA BOA VIAGEM

O último capítulo deste trabalho tem por finalidade apresentar a proposta de projeto arquitetônico de intervenção na antiga Fábrica Jurubeba Leão do Norte, mediante a qual se pretende transformá-la em um estaleiro escola. A partir das questões levantadas ao longo deste trabalho, compreende-se que o reuso do patrimônio industrial é um fator determinante para garantir a salvaguarda dos poucos exemplares dos bens industriais que permanecem de pé na Península de Itapagipe. Antes da apresentação do projeto em si, faz-se fundamental uma reflexão sobre o uso, bem como a elucidação das bases teóricas que subsidiaram a proposta.

4.1 PROPOSTA DE USO

O imóvel de aproximadamente 2.800 m² pertence aos herdeiros do sócio minoritário da Organização Leão do Norte. Desde a mudança da fábrica para o CIA, em 1978, o imóvel vem sendo subutilizado, passando por períodos de completo abandono. Uma parte do imóvel tem sido explorado como estacionamento particular nos finais de semana, ofertando vagas para aqueles que frequentam a praia da Boa Viagem. O edifício administrativo se encontra alugado e é utilizado como alojamento para operários que trabalham atualmente nas obras de intervenção no Forte de Monte Serrat. Porém, estima-se que mais de 50% da área está abandonada, incluindo o antigo sobrado. Os proprietários afirmam não ter interesse em realizar nenhuma obra de intervenção na propriedade, que está à venda. Nesse sentido, o imóvel, que não conta com nenhuma proteção legal, corre o risco não só de entrar em processo acelerado de arruinamento, mas também de ser comprado e sofrer uma intervenção danosa ou até mesmo a sua completa demolição, indício relatado pelos proprietários que receberam propostas de compra com a intenção de construir edifícios residenciais naquela área.

Como colocado ainda no primeiro capítulo, o imóvel faz parte do patrimônio industrial da Península de Itapagipe. Como critério para a seleção dos bens a serem inventariados visando à preservação do patrimônio industrial itapagipano, Luther resgata aqueles propostos por Buchanan (1972) e os aplica ao legado do período industrial vivido pela península. Neste sentido, a inclusão do conjunto no inventário se apoia nos seguintes valores colocados pela autora:

(...) 2. Distinção representativa (representational distinction), ou seja, quando o exemplar apresenta uma tipologia regional, estilo de arquitetura ou design distintos, ou propriedades estruturais incomuns. Também representa os exemplares que se caracterizam como um marco ou que possuam qualidades que requeiram a preservação como um grupo; (...)

4. Possibilidade de atração do público e turística (possibility of public and tourist attraction) através da inserção de alguma atividade relacionada ao lazer, que possa, incidentalmente, gerar alguma renda para a própria manutenção do monumento, melhorando as suas perspectivas de preservação; (...) (BUCHANAN apud LUTHER, 2014, p. 141)

Além desses valores identificados pela autora, acredita-se que o conjunto apresenta outros valores ainda dentro dos critérios propostos por Buchanan. Acrescenta-se, assim:

(...) 3. Tamanho e uso (size and use), devido à ocupação do espaço. Os edifícios industriais em geral ocupam uma vasta área e a valorização desta pode ser um importante critério para a preservação, já que sofrerá maior pressão imobiliária. O uso (seja o original, um reuso ou uma conversão) tem uma grande importância na preservação, sendo muito mais difícil manter um edifício abandonado e sem utilidade funcional, mesmo que tenha importância histórica; (...)

5. Suporte local (local support), especialmente se mostrado positivamente em termos financeiros. A possibilidade de atrair investidores (proprietários, fundos públicos ou privados) pode fazer toda a diferença entre preservação ou destruição; (...) (BUCHANAN apud LUTHER, 2014, p. 141).

Ainda que os critérios propostos por Buchanan possam ser incorporados para a valorização do patrimônio industrial, vale lembrar o contexto em que vivia a Europa quando foram escritos, no qual a patrimonialização do legado industrial estava ligada também a uma questão econômica e apresentava o turismo como solução para os inúmeros complexos industriais desativados a partir do pós-guerra. Sobre o critério 5, observa-se que apesar da expressão “suporte local” indicar certa preocupação social com a utilidade do imóvel, se trata, na realidade, de uma preocupação financeira no sentido de alavancar a economia da área, visando à preservação do monumento. Ainda que esse valor possa ser, de fato, determinante para a sua conservação, observa-se que nenhum dos critérios propostos incorporam a capacidade de determinado bem cultural servir, de fato, à comunidade local. Nota-se, portanto, que o foco dos critérios e valores para a definição do patrimônio industrial propostos por Buchanan está na conservação do monumento em si, quando na realidade deveriam responder o porquê e para quem esse patrimônio deve ser preservado

Nesse sentido, a proposta de uso a ser apresentada busca atender à comunidade, que deve ser, de fato, a detentora do patrimônio em questão, sem deixar de lado a questão da sustentabilidade econômica, fator fundamental para garantir a manutenção necessária para a conservação do imóvel.

No caso do Brasil, há um interesse social básico na restauração:

[F]rente à quantidade imensa de edifícios arruinados que encontramos nos sítios históricos brasileiros, é inegável que a sua recuperação, para novos ou antigos usos, representará uma possibilidade de atender o interesse social (ANDRADE, 2013, p. 64).

Sabe-se que o reuso de edificações com caráter patrimonial deve ser pautada por uma via de mão dupla entre a adequação à sua espacialidade original, para que se possa efetivamente responder às questões de preservação do bem, mas também deve ser adequado à realidade local, para que população seja contemplada e que o bem seja compreendido enquanto patrimônio pela comunidade. Atentando para essas condicionantes, propõe-se o reuso da antiga fábrica, adequando os seus espaços para abrigar o Estaleiro Escola da Boa Viagem.

Sobre a adequação do uso à estrutura física existente, observa-se que suas diversas espacialidades podem ser adequadas para comportar o estaleiro escola sem que haja a descaracterização do bem. Essa questão será melhor respondida durante a apresentação do projeto, mas inicialmente, cabe frisar que tanto os grandes vãos dos galpões podem atender à construção e manutenção de pequenas embarcações, quanto o casarão pode ser adaptado para a parte educacional da proposta, funcionando como salas de aula e biblioteca.

Na outra via, que trata da pertinência do uso em relação à realidade local, percebe-se que o tema do mar e da navegação marca diversos momentos da história da Península de Itapagipe, apresentada no primeiro capítulo. Sabe-se que a península apresenta, histórica e geograficamente, uma vocação para a navegação, os esportes aquáticos e a pesca. Como exposto no primeiro capítulo, o primeiro estaleiro no território nacional foi construído em 1550 precisamente na Península de Itapagipe a mando de Tomé de Souza (LUTHER, 2012). A pesca na área, é uma realidade local mesmo antes da chegada dos portugueses e perdura até os dias atuais como atividade de comércio e subsistência e para muitos moradores da região. Também é notório o fato de que a navegação por saveiros teve grande importância econômica e cultural na história da Baía de Todos os Santos, que utilizava amplamente a via marítima como transporte de pessoas e mercadorias até meados do século XX. Com a descoberta do petróleo e o desenvolvimento rodoviário, a navegação por meio dos saveiros foram perdendo o seu protagonismo na Baía de Todos os Santos, e atualmente se encontra em vias de desaparecimento, junto com os mestres carpinteiros navais (Bastos, 2018).

É importante mencionar que a manutenção e construção de embarcações é comum na Península de Itapagipe, ainda que não exista nenhum estaleiro na região. Atualmente essas atividades acontecem principalmente no Bairro da Ribeira, onde existe uma concentração de píeres e marinas. Em visita ao

local, foi verificado que as atividades de limpeza de cascos, que gera resíduos tóxicos, e também a construção e manutenção de embarcações ocorrem diretamente na praia, sem nenhuma infraestrutura capaz de abrigar a atividade e proporcionar o mínimo de proteção e segurança aos trabalhadores (Figuras 121 e 122). A área, portanto, funciona como um estaleiro a céu aberto a uma distância relativamente curta do objeto de estudo (aproximadamente 3 km de caminhada).

Figura 121 – Construção de um Saveiro na praia de Ribeira.



Fonte: Acervo do Autor (20/06/2019).

Figura 122 – Cobertura improvisada.



Fonte: Acervo do Autor (20/06/2019).

Outra questão que corrobora com proposta é o fato de que na virada de 2018 para 2019, a Procissão Marítima do Bom Jesus dos Navegantes, pela primeira vez em mais de cem anos, não ocorreu na tradicional galeota Gratidão do Povo (Figuras 123 e 124), por um embargo da capitania dos portos, “depois que uma vistoria apontou problemas estruturais na quilha”, como informa reportagem veiculada no jornal A Tarde de 27 de dezembro de 2018.⁴ Não se pretende afirmar que o estaleiro escola poderá evitar esse tipo de problema específico – embora possa ser também útil para prover a manutenção da galeota –, mas a notícia evidencia que o “saber fazer” e as técnicas da carpintaria naval tradicional vêm perdendo espaço atualmente na Península de Itapagipe.

⁴ Para maiores informações sobre o fato buscar site <https://g1.globo.com/ba/bahia/noticia/2018/12/29/apos-embargo-da-galeota-gratidao-do-povo-imagem-do-senhor-bom-jesus-dos-navegantes-sera-conduzida-por-procissao-terrestre.ghtml>

Figura 123 – Fachada da Igreja Nossa Senhora da Boa Viagem com galpão da galeota Gratidão do Povo ao lado.



Fonte: Acervo do Autor (20/06/2019).

Figura 124– Galeota Gratidão do Povo.



Fonte: Acervo do Autor (20/06/2019).

Pondera-se, como dificuldade dessa proposta, a sua viabilidade econômica. Porém, dado o seu interesse sociocultural, poderia haver incentivo fiscal para a sua execução. Ainda que não possa ser alavancada exclusivamente pelo Estado, poderia haver parcerias público-privadas para esse fim.

Mas há no Brasil experiência exitosa semelhante à ora proposta. O Estaleiro Escola do Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Governo do Maranhão, localizado no Rio Bacanga, busca resgatar a cultura naval popular, capacitando profissionais como mestres carpinteiros, pintores, calafates, ferreiros e mecânicos. O projeto decorre da pesquisa “Embarcações do Maranhão” (1998), do professor Luiz Phelipe Andrès. Iniciativa correlata poderia ser adotada na Bahia.

Por sua vez, Marcelo Bastos, que desenvolve o Projeto Içar – pesquisa patrocinada pela Lei Rouanet relativa aos saveiros da Baía de Todos os Santos –, aponta que, atualmente, a produção desse tipo de embarcação se encontra na clandestinidade, por não estarem dentro dos parâmetros legais da engenharia naval. “Quem sabe construir os barcos não tem o direito de fazer, e quem tem o direito de fazer não sabe construir os barcos”, lamenta Bastos em vídeo de apresentação do projeto, que visa a elaborar a documentação técnica dos saveiros por meio da fotogrametria, a fim de gerar modelos parametrizados digitalmente para que se valide a forma de projetar e construir esse tipo de embarcação. Verifica-se, nesse sentido, a importância desta pesquisa, cujo objetivo é propiciar suporte tecnológico no ensino e construção das embarcações, que assumem, para além do caráter comercial, uma dimensão cultural de grande relevância.

O Projeto Içar, dentro da proposta de uso ora indicada, funciona como diretriz pedagógica para o estaleiro escola, visando a disponibilizar um ambiente físico para um diálogo direto entre o “saber fazer” e a “academia”. Atualmente essa falta de diálogo acaba gerando uma situação absurda em que os mestres carpinteiros navais, apesar de terem seu trabalho reconhecido pelo IPHAN como patrimônio imaterial, não possuem o aval necessário para atender às normas e parâmetros de segurança para a construção naval, tornando a atividade legalmente marginalizada. É importante deixar claro que o projeto não pretende impor aos mestres carpinteiros navais o estudo acadêmico para a adequação de sua forma de trabalhar às normas da construção naval. Nesse sentido, o objetivo acadêmico do estaleiro escola é justamente o contrário: valorizar e validar esse método, por meio da tecnologia e da informação.

4.2 EMBASAMENTO TEÓRICO

Entende-se que, ao se propor qualquer intervenção em edificações de caráter patrimonial, é fundamental o estudo, o conhecimento e a aplicabilidade das teorias que conformam o tema, objetivo desta parte do quarto capítulo.

Embora as restaurações, readaptações de uso e ações de intervenção em edificações antigas remetam a tempos mais remotos, o conceito “moderno” de restauração surgiu no Renascimento Italiano, calcado nos ideais iluministas, em reação às modificações e destruições provocadas pela Revolução Industrial e pela Revolução Francesa (KHÜL, 2015). Desde então, após séculos de discussões dentro e fora da academia, surgiram vários autores e foi gerada uma rica historiografia sobre o tema da restauração e do patrimônio.

Não se pretende aqui falar sobre cada autor ou cada teoria, mas apenas tecer breves considerações sobre o Restauro Crítico desenvolvido por Cesare Brandi (1906-1988), bem como sobre as contribuições mais recentes de Giovanni Carbonara (1942) na corrente do Restauro Crítico Conservativo-Criativo, além de outras teorias posteriores, contemporâneas e até vanguardistas, que influíram direta ou indiretamente nas soluções arquitetônicas e de uso ora propostas.

Ainda que a intervenção sugerida não tenha o objetivo de realizar uma restauração propriamente dita em todo o conjunto da antiga Fábrica Leão do Norte, tal como indica o próprio título desta dissertação, os escritos de Cesare Brandi foram importantes, embora não exclusivamente, para o desenvolvimento do projeto, uma vez que mereceram a devida consideração na tomada de algumas decisões durante a ação projetual.

O Restauro Crítico nasce a partir da evolução do restauro científico ou filológico, desenvolvido por Camilo Boito e por Gustavo Giovannoni. Ao contrário do restauro filológico, em que se enfatizava o valor documental dos monumentos históricos, as bases do Restauro Crítico são fundamentadas no **juízo de valor** exercido para se reconhecer ou não determinado monumento como obra de arte.

Brandi, cuja teoria representa, sem dúvida, um divisor de águas na matéria, aprofunda a dialética entre os valores estéticos e históricos e cria uma sistematização dos procedimentos de restauração válida até hoje. Sua obra trouxe contribuições fundamentais na consolidação da restauração enquanto disciplina, vinculando-a às ciências e ao pensamento crítico e se distanciando do empirismo que até então prevalecia.

Um dos fatores que promoveu a escola brandiana foi a circunstância de que o então preponderante restauro filológico, que partia de um olhar dirigido sobretudo à documentação histórica dos monumentos, mostrou-se – em razão da insuficiência teórica para apreciar a importância figurativa dos monumentos –, incapaz de enfrentar os desafios decorrentes das trágicas destruições de muitos dos centros urbanos europeus ocorridas na segunda guerra mundial.

Nesse sentido, Brandi trouxe um olhar preponderantemente estético, sem se dissociar da esfera histórica. É importante mencionar que o autor atuou não somente no campo teórico, mas também no ensino e na prática, tendo sido fundador, em 1938, e diretor, entre 1939 e 1960, do Instituto Central de Restauro (ICR) em Roma. Sua experiência no instituto foi fundamental para a consolidação do seu pensamento, uma vez que se criou um ambiente de diálogo entre a teoria e a prática, originando a Teoria da Restauração, publicada pela primeira vez em 1963, que se tornou obra incontornável para aqueles que pretendem trabalhar na área do patrimônio (KÜHL, 2007).

Ao introduzir o conceito de restauração, Brandi propõe a distinção entre, de um lado, os **manufatos industriais**, que são restaurados com exclusivo intuito de reestabelecer a sua **funcionalidade**, e, de outro, as **obras de arte**, cuja restauração busca reestabelecer a sua **unidade potencial**, a partir dos seus aspectos **históricos** e **estéticos**. No caso da obra de arte, para ele, o reestabelecimento da função deve ser um aspecto secundário, e não o objetivo central da restauração (BRANDI, 2004)

Brandi entende que, para determinado produto receber o *status* de obra de arte, é necessário, antes de tudo, o reconhecimento do objeto como tal, sem o que não poderá ser fruto de uma intervenção de restauro. A partir desse entendimento, o autor define: “a restauração constitui o momento metodológico do reconhecimento da obra de arte, na sua consistência física e na sua dúplici polaridade estética e histórica, com vistas à sua transmissão para o futuro” (BRANDI, 2004, p.30).

Ao problematizar os aspectos históricos e estéticos dos monumentos, o autor deixa claro que a instância estética deve, em regra, prevalecer sobre a instância histórica, pois é do seu caráter artístico que deriva o seu reconhecimento enquanto obra de arte que, portanto, deve ser preservada. Ainda que a instância estética deva ser privilegiada, a instância histórica não pode jamais ser negligenciada. Nem a historicidade relacionada ao momento da formulação da obra, que remete ao seu criador e ao ato de criação, nem a historicidade que a obra carrega no momento de seu reconhecimento, que expõem as marcas da passagem do tempo. Por consequência, Brandi preconiza que: “a restauração deve visar ao reestabelecimento da unidade potencial da obra de arte, desde que isso seja possível sem cometer um falso artístico ou falso histórico, e sem cancelar nenhum traço da passagem da obra de arte no tempo” (BRANDI, 2004, p.33).

Em relação ao problema da conservação ou remoção das adições, cada instância (histórica e estética) exige uma postura prática distinta, o que pode resultar em contradição. Ao observar o monumento enquanto história, qualquer adição lhe confere um novo fato histórico, portanto deveria ser sempre preservado, tendo em vista o seu valor documental. Porém, a partir de uma leitura que se baseia no olhar estético, se determinada adição perturba a unidade potencial da obra de arte, admite-se a sua remoção, desde que essa remoção permita a sua fácil identificação, seja precedida de boa documentação e bem fundamentada em sólidos princípios. Ao contrário, se a adição confere uma nova unidade à obra de arte, recomenda-se a sua manutenção. Daí a importância do rigor metodológico e do **juízo crítico** para o direcionamento da restauração.

Entretanto, é importante reconhecer que, no campo da restauração, o dissenso sobre inúmeros aspectos relativos ao tema é recorrente e está no âmago de sua construção historiográfica. Nesse sentido, a teoria brandiana, especialmente quando separa a historicidade da estética, merece ser relativizada, segundo alguns teóricos, como esclarece CUNHA:

No caso da corrente que defende a “pura conservação” ou “conservação integral”, a relação dialética entre as instâncias estética e histórica dos bens culturais é negada. Para esses autores, a historicidade e a artisticidade não podem ser separadas, pois ambas são constituintes da obra de arte. Também segundo os defensores da conservação integral, a decisão quanto ao que deve permanecer e o que deve ser removido das várias etapas de uma dada obra não pode apoiar-se em um juízo histórico-crítico, o qual, segundo propõe a historiografia contemporânea, tem pertinência relativa, decorrendo daí a defesa da manutenção de todas as estratificações da obra, mesmo que disso resulte uma leitura fragmentada ou descontínua. (CUNHA, 2012, p. 107)

Küll, não obstante, sustenta a atualidade e a aplicabilidade da teoria brandiana a todos os “bens culturais”, mesmo que não configurem “obra de arte”, nestes termos:

O restauro e a conservação, hoje, voltam-se não mais apenas para aquilo que era entendido como “obra de arte”, mas dirigem suas atenções também às obras modestas as quais, com o tempo, assumiram conotação cultural, antes excluídas. Por isso, a ênfase crescente, na atualidade, nos aspectos documentais, e nesse sentido vai o esforço de alargamento de variados autores, baseado nos princípios brandianos, buscando interpretá-los não apenas para as obras de arte, mas para todos os “bens culturais”, lembrando-se que mesmo não sendo “obras de arte”, possuem uma configuração e estratificações no tempo, as quais devem ser analisadas e respeitadas (KÜHL, 2007, pg. 203)

Entre as teorias contemporâneas, a do Restauro Crítico Conservativo-Criativo, de Giovanni Carbonara, “herdeiro direto do Restauro Crítico e da Teoria da Restauração” (NAHAS, 2016), amplia o campo do restauro crítico para o **projeto de intervenção** e se volta mais especificamente para a arquitetura, incorporando a criatividade como elemento fundamental na restauração, entendida como expressão cultural:

(...) reconhecer ao restauro um “a mais” a respeito da pura conservação material e considerar que possa, de maneira culturalmente legítima, desenvolver, quando necessário, um papel de meditada reposição, de reintegração, de reinterpretção da obra, sem esquecer os êxitos figurativos ou, como diria R. Pane, sem negligenciar em dar uma “forma estética” à própria intervenção. O que significa, em conclusão, atribuir ao restauro tarefas “críticas”, mas também “criativas” (ou melhor, a ser desenvolvida com capacidade e instrumentos “criativos”); não se recusar, *a priori*, firme estabelecido o respeito que essa merece, desconsiderar a obra como possível objeto de uma cautelosa e correta realização projetual; não excluir finalmente (...), que o restauro possa alcançar a qualidade de uma “obra de arte” (...).²⁹ (CARBONARA, apud FREIRE, 2015, pg. 188.)

Os aspectos teóricos levantados até aqui visam a demonstrar pontos fundamentais da discussão sobre a preservação do patrimônio, que se relacionam com o objeto deste trabalho. As questões relativas ao juízo de valor histórico ou estético, sobre a caracterização do bem como manufaturado ou obra de arte, sobre o falso artístico e o falso histórico, a respeito da conservação ou da remoção de adições, bem como outros assuntos não mencionados, como o preenchimento de lacunas, a reversibilidade e a

distinguibilidade das intervenções – ampla e calorosamente discutidos na esfera patrimonial – foram enfrentados para a formulação da proposta e de **intervenção arquitetônica** no conjunto da Fábrica Leão do Norte.

Portanto, a partir de um **olhar ampliado** para a Teoria da Restauração de Brandi, verifica-se a possibilidade de aplicação de alguns de seus conceitos na ação projetual. Entende-se que a questão do juízo de valor e da dialética entre as instâncias, bem como o reconhecimento do objeto enquanto obra de arte, são bases necessárias, embora não exclusivas, para a construção metodológica deste trabalho. Essa visão relativizada sobre o restauro crítico, agregando o binômio conservação-criação, torna-se importante para o exercício projetual, uma vez que a intervenção pretende apresentar também respostas criativas para o espaço, no intuito de evidenciar e potencializar a preexistência, a partir das análises críticas e do juízo de artisticidade/historicidade do objeto. O restauro crítico, portanto, é utilizado, não sobre toda a proposta de intervenção, muito menos de maneira ortodoxa, mas apenas como um dos instrumentos empregados para amparar decisões de projeto, como será visto adiante.

Mas outras teorias contemporâneas e vanguardistas do restauro também influenciaram as soluções arquitetônicas alcançadas, principalmente tendo em vista a proposta de uso ora sugerida, que, embora não tenha sido considerada o seu objetivo principal, como preconiza Brandi para as obras de arte, acabou por assumir protagonismo no curso das pesquisas e dos trabalhos realizados para a elaboração deste estudo.

Para respaldar teoricamente o uso proposto ao patrimônio arquitetônico em estudo, vale destacar artigo de Nivaldo Vieira de Andrade Júnior, intitulado “*Novas’ questões na teoria da restauração do patrimônio urbano: identidades culturais, função social e participação dos usuários*”, mediante o qual, a respeito do tema “*Uso e função social do patrimônio edificado*”, o autor sustenta:

A segunda questão que nos parece importante discutir se refere à revalorização do uso social do patrimônio edificado, um aspecto considerado pouco relevante por Brandi:

[...] mesmo se entre as obras de arte haja algumas que possuam estruturalmente um objetivo funcional, como as obras de arquitetura e, em geral, os objetos da chamada arte aplicada, claro estará que o restabelecimento da funcionalidade, se entrar na intervenção de restauro, representará, definitivamente, só um lado secundário ou concomitante, e jamais o primário e fundamental que se refere à obra de arte como obra de arte (BRANDI apud ANDRADE, 2004, p. 26).

A ânsia de colocar o patrimônio edificado na mesma “gaveta” das demais obras de arte de valor patrimonial, como pinturas e esculturas, mostra-se inapropriada por diversas razões. Em primeiro lugar, é preciso reconhecer que o

uso do patrimônio edificado contribui para a sua preservação e, portanto, não é um aspecto que pode ser negligenciado, como já alertava, há 150 anos, o fundador do restauro modernamente entendido, Viollet-le-Duc:

Uma vez que todos os edifícios nos quais se empreende uma restauração têm uma destinação, são designados para uma função, não se pode negligenciar esse lado prático para se encerrar totalmente no papel de restaurador de antigas disposições fora de uso (VIOLLET-LE-DUC, 2006, p. 64)

O equivocado desprezo à necessidade de atribuir um uso ao patrimônio edificado pode ser comprovado pelas desastrosas políticas públicas, levadas a cabo no Brasil e em outros países, que se baseiam, muitas vezes, na restauração de bens culturais sem que lhes sejam atribuídos novos ou resgatados antigos usos. Frequentemente, se limitam a propor a criação de “museus-de-si-mesmos” nestas edificações, sem que seja prevista uma estrutura de gestão ou sem que se planeje de onde virão os recursos para a sua manutenção. Além disso, a pouca agilidade e a elevada burocracia dos órgãos públicos – aí incluídos aqueles voltados à preservação do patrimônio cultural – faz com que seja mais fácil e prático investir, a cada dez ou quinze anos, uma elevada soma, de forma concentrada, na completa – e muitas vezes invasiva – restauração de um determinado bem tombado do que despender uma minúscula fração deste valor mensalmente na sua conservação (ANDRADE, 2013, pp. 62/63).

A presente proposta de restauração do conjunto arquitetônico para nele instalar o Estaleiro Escola da Boa Viagem, ainda que não tenha sido um ponto de partida, acabou sendo um ponto de chegada da maior relevância deste trabalho. A função social atribuída ao conjunto arquitetônico em estudo, além de representar uma forma de preservar, só pelo uso, o bem, ainda lhe confere uma destinação que visa ao atendimento de relevante interesse público.

Assim, o projeto ora apresentado está também teoricamente embasado em correntes restaurativas que dão maior ênfase ao uso proposto para o patrimônio arquitetônico, que no caso se destina não só à manutenção do espaço, mas também ao cumprimento de relevante função social:

“O que se quer demonstrar aqui não é, de modo algum, que a questão da atribuição de um uso a um determinado edifício histórico seja mais importante que a preservação dos seus valores culturais; o que nos parece pertinente é, sim, alertar que, ao contrário do que preconizou Brandi – e continua, muitas vezes, a ser repetido no ambiente acadêmico e dos órgãos de preservação –, o aspecto do uso, no que se refere ao patrimônio edificado, possui importância inquestionável e deve ser considerado no processo de análise dos projetos que são submetidos aos órgãos públicos voltados à sua proteção, não só porque o uso, como vimos, contribui diretamente para a preservação do patrimônio, mas também porque

tão legítimo quanto a preservação dos valores culturais de um bem tombado é garantir que o mesmo cumpra sua função social” (ANDRADE, 2013, p. 64).

Ainda sobre as bases teóricas que fundamentaram as soluções arquitetônicas ora apresentadas, importante destacar as correntes contemporâneas que vão além da preservação do “patrimônio histórico e artístico” para alcançar o conceito mais amplo de “patrimônio cultural”. Na coletânea da Coleção Arquimemória, publicada pela Editora da UFBA (EDUFBA) sob o título *Reconceituações contemporâneas do patrimônio*, Honório Nicholls Pereira, no artigo “*Tendências contemporâneas na teoria da restauração*”, esclarece:

A “virada cultural” dos anos sessenta e a “virada comunicativa” dos anos oitenta levaram a conservação-restauração a um novo arcabouço conceitual. O debate deslocou-se do eixo estético-histórico para o antropológico-cultural, resultando em novas propostas teóricas. A mudança mais notável foi a inflexão do conceito de patrimônio, que passou do restrito conceito de “Patrimônio Histórico e Artístico” para o amplo conceito de “Patrimônio Cultural”. Acompanhando essa mudança, os principais conceitos da conservação-restauração foram culturalizados e relativizados; e o foco da conservação-restauração mudou, passando dos aspectos materiais para os aspectos imateriais do patrimônio. (PEREIRA, 2011, p. 102)

Por isso:

"Os profissionais da conservação-restauração, hoje em dia, tendem a preferir intervenções indiretas sobre os bens culturais, preferindo a conservação preventiva à restauração; e a **conservação informacional** à material. Contudo, essa relativização não significa simplesmente que a materialidade deixou de ser importante, mas que emergiram outros aspectos materiais, geralmente relacionados à **imaterialidade**, que não haviam sido considerados importantes pelas teorias clássicas – aspectos como **técnicas tradicionais, saber-fazer e ritos de produção**. Em outras palavras, a discussão vem se deslocando da preservação da materialidade para a **preservação e transmissão do conhecimento**. Os conceitos de substância e materialidade tornaram-se menos convenientes à medida que as novas abordagens mudaram o foco para a **preservação de valores e significados**." (PEREIRA, 2011, p. 106) (Grifou-se).

A proposta de uso ora indicada visa à preservação de “técnicas tradicionais”, do “saber-fazer”, de “ritos de construção” referentes à fabricação, manutenção e navegação de saveiros, e contempla, portanto, esse importante patrimônio imaterial e cultural do povo baiano, fundamentando-se também nas mais recentes teorias do restauro, que dão destaque ao patrimônio cultural, para além do patrimônio histórico e artístico.

Mas é importante esclarecer que, para estar afinado com as recentes concepções teóricas de patrimônio cultural como valorização atribuída à própria comunidade a que ele se destina – e não como fruto de uma decisão privativa da academia ou de órgãos públicos –, o autor recomenda que a proposta de uso ora apresentada seja, antes de qualquer avanço para a sua implementação, submetida em consulta pública à população da Península de Itapagipe.

Em síntese, seguindo os oportunos conselhos que, no artigo *La restauración después de Cesare Brandi*, contido na referida coletânea *Reconceituações contemporâneas do patrimônio*, Maria Margarita Segarra Lagunes dirige aos arquitetos (LAGUNES, 2011), o autor desta dissertação declara, à guisa de conclusão sobre as diversas correntes teóricas que influenciaram este trabalho, que:

reconhece a indiscutível contribuição das teorias clássicas, especialmente da Teoria da Restauração de Brandi, aplicando, quando cabíveis, suas prescrições a partes das soluções arquitetônicas encontradas;

entende que **superou o debate ideológico e os preceitos normativos e abandonou a adesão obrigatória a uma ou outra tendência teórica**, adotando soluções que não se resumem à teoria brandiana, mas encontram respaldo também nas teorias mais atuais antes mencionadas;

considera o **projeto ora apresentado o meio através do qual pretende dar uma resposta satisfatória às demandas da sociedade contemporânea**, especificamente da comunidade da Península de Itapagipe, propiciando a valorização de um bem cultural relevante e o seu uso de modo a cumprir uma importante função social;

esforça-se para **aguçar sua sensibilidade para decifrar os diversos códigos que os edifícios escondem**, mais um motivo para não se prender a uma só determinada teoria, tendo em vista a complexidade histórica, estética e funcional do conjunto edificado objeto da intervenção;

procura **identificar o papel e o significado histórico do conjunto arquitetônico no transcurso dos séculos**, para reconhecer as diferentes etapas que o moldaram, apreciando-o como resultado de um **processo plurissecular**, que no caso já atravessa três séculos de existência, pois o casarão foi construído no final do século XVIII;

busca **afinar e definir caso por caso as soluções**, considerando as características de cada edifício isoladamente e em seu conjunto, **livre de preconceitos e não como um caminho obrigatório**;

formula projetos de **adições contemporâneas**, com a intenção de **que se tornem parte do processo histórico em que o edifício está imerso**;

tem o propósito de conceber um projeto enxuto, que **não seja exibição narcisista nem auto-limitação rígida**, mas pretende ser uma **resposta calibrada e coerente aos valores e significados que cada edifício histórico possui**;

procura manter uma atitude quanto às teorias que **não indica um caminho preciso através da aplicação de regras ou normas**, não propõe um “ou isto ou aquilo”;

assume, como arquiteto, a **inteira responsabilidade sobre as propostas**, estabelecendo no projeto a sede da verificação da qualidade da solução;

entende que o **trabalho de restauração deve ser parte ativa do processo histórico e não um ponto de chegada;**

no âmbito dos bens culturais, procura valorizar os testemunhos da arqueologia industrial (a preexistência fabril) e da paisagem cultural da Península de Itapagipe e do Largo da Boa Viagem; busca identificar e fortalecer o significado que o patrimônio desempenha nas diferentes regiões geográficas e culturais;

procura expressar a consciência de que os bens culturais desempenham um papel que tem a ver não apenas com valores históricos ou artísticos, mas com a economia, com o clima, com o desenvolvimento eco-sustentável;

propõe a preservação de bens materiais e imateriais valiosos para toda a região da Península de Itapagipe, com uma atitude responsável não só do ponto de vista cultural, mas também social, econômico, respeito ao meio ambiente e sem a falsificação de seus valores, pois nele os bens culturais coincidem com os motores do desenvolvimento, o que depende da validação mediante a realização de consulta pública à comunidade local, como mencionado;

enfim, o autor busca nas bases teóricas ora expostas a inspiração para a resolução de problemas delicados e complexos com os quais se depara diante do conjunto arquitetônico da antiga Fábrica Leão do Norte.

4.3 CARACTERIZAÇÃO DA INTERVENÇÃO

Observa-se que o objeto de estudo é composto por um conjunto, tanto na instância histórica quanto na estética, heterogêneo: formado pelo casarão, edifício mais antigo e de maior valor arquitetônico, somado às outras edificações mais recentes, responsáveis por caracterizar o tecido figurativo complexo do objeto. Nesse sentido, seria contraditório compreender o casarão como absoluto protagonista, ofuscando o olhar para o conjunto fabril.

Entende-se que a preservação do sobrado, por si só, se justificaria por um ponto de vista paisagístico cultural e urbanístico, mas não apenas por suas características arquitetônicas. Menos ainda, se justificaria a preservação dos edifícios posteriormente construídos pelos seus atributos estéticos e históricos. Entretanto, o casarão, que foi remodelado, somado ao contexto edificado pela Organização Leão do Norte, são, coletivamente, capazes de transmitir a memória da Fábrica que se instalou no Largo da Boa Viagem. Portanto, o **conjunto** é, certamente, digno de preservação.

A antiga fábrica não é entendida, em suas partes, como um objeto artístico. Porém, se analisados os elementos coletivamente, observa-se que o contraste gerado pelas camadas históricas e estéticas entre os diversos volumes apresenta um significativo valor em termos estéticos. Acredita-se que, diante da heterogeneidade arquitetônica, a **ambiência fabril** permeia toda a espacialidade do conjunto, independentemente da linguagem estética de cada elemento, e é justamente essa ambiência que permite

o entendimento do conjunto enquanto **obra de arte**. Nesse sentido, objetiva-se a reconstituição da “unidade potencial” do conjunto e a intervenção proposta busca a **restauração da espacialidade** fabril, que se encontra fragmentada.

Mais precisamente, pode-se dizer que, exercido o juízo crítico sobre cada edifício do conjunto isoladamente considerado, o autor reconhece como obra de arte apenas o casarão, talvez a caixa d’água e quiçá a parede que suportava o “shed”. Os demais elementos, segundo a classificação brandiana, seriam considerados apenas “manufatos industriais”. Mas, além disso, o autor considera também como obra de arte a ambiência fabril, a espacialidade do conjunto, gerada pelas diversas partes que o compõem. Nesse ponto, a teoria brandiana até não abonaria a proposta do autor, mesmo porque, segundo o 1º axioma de Brandi: “restaura-se somente a matéria da obra de arte” (BRANDI, 2008, p. 31- 32).

Assim, a proposta de intervenção busca reconhecer tanto a sua homogeneidade, em termos de implantação, proporção, massas e vazios, quanto a sua heterogeneidade, em termos arquitetônicos. Nesse sentido, conclui-se, como já dito, que nem todos os edifícios seriam passíveis de restauração, o que resulta em intervenções distintas para os edifícios que compõem o conjunto. Essas intervenções serão calibradas por uma análise crítica, pautada em um **juízo de valor** de cada elemento, individualmente, visando reconhecer os seus atributos estéticos e históricos e a sua contribuição e significado para o todo. Com isso, as intervenções em cada objeto variam entre **restauração, reconstituição volumétrica, remodelação e demolição**.

Atenta-se que, diante da complexidade do objeto e da análise de seus aspectos históricos, estéticos, materiais e imateriais, o termo restauração não pode ser empregado para designar a intervenção aqui apresentada sem que se restrinja à **espacialidade fabril** do conjunto. Nesse sentido, a teoria do restauro crítico funciona principalmente para nortear o juízo de valor do objeto em suas partes, definindo os limites das intervenções tanto individualmente quanto coletivamente, enxergando a espacialidade fabril do conjunto como unidade potencial a ser restaurada.

Definido o compromisso com a espacialidade fabril e utilizando o juízo de artisticidade e historicidade como método para a tomada de algumas decisões projetuais, a proposta a ser apresentada pretende se apropriar dos elementos existentes, não como um simples “pré-texto”, mas como um “pretexto”, ou seja, como ponto de partida para a intervenção.⁵ Mas, também neste ponto, a questão do uso proposto merece relevo, porque embora em princípio secundário, como recomendaria Brandi, acabou por ganhar destaque no desenvolvimento do trabalho, como se demonstrará mais adiante.

⁵ utilizando os conceitos de Torselo, apresentados na tese do professor Frederico Calabrese (CALABRESE, 2018, p.43).

4.4 PARTIDO ARQUITETÔNICO

Durante a etapa de diagnóstico, foi verificada a importância da Fábrica Jurubeba Leão do Norte como um dos poucos exemplares remanescentes do período da industrialização que ocorreu na Península de Itapagipe, entre o final do século XIX e meados do século XX, que ainda resistem ao descaso sistemático com o patrimônio industrial em questão. Trata-se de um conjunto heterogêneo, que se expandiu a partir de uma arquitetura preexistente: o sobrado construído no final do século XVIII, que provavelmente sofreu uma “modernização”, adquirindo feições inspiradas no estilo neoclássico. Ao longo dos 40 anos de ocupação, o conjunto ganhou novas edificações, deixando o registro histórico de suas etapas.

É importante mencionar que, durante a ocupação do conjunto, a Organização Leão do Norte saiu de um processo artesanal para a produção industrial do vinho fortificado. Nesse sentido, as expansões foram mais pautadas no aumento da área produtiva do que em uma setorização planejada, como ocorre atualmente na sede da empresa construída em 1978, quando deixou o Bairro da Boa Viagem e se instalou no CIA. Assim, o conjunto edificado não representa de maneira definitiva todo esse processo industrial, nem contém vestígio de maquinário utilizado durante a sua ocupação. No entanto, o seu caráter industrial é percebido pela implantação do conjunto e pelas ambiências tanto dos seus espaços internos, ou seja, os “cheios”, quanto das circulações e áreas livres, os “vazios”.

Além da perda parcial da cobertura do sobrado, que ocorreu entre 2014 e 2015, sendo causa de diversas patologias que degradam a edificação, verifica-se que a demolição da cobertura em “shed”, que ocorreu entre abril de 2009 e julho de 2012, ocasionou uma fratura na composição volumétrica do conjunto. Além da perda volumétrica, essa demolição acabou descaracterizando o pátio central, importante elemento do conjunto. A expansão ocorrida em 1972, quando o galpão porticado foi remodelado, e foram construídos o galpão central e o edifício administrativo, carregam em sua arquitetura o fado de se remeterem à uma outra época, caracterizando-se como um “falso histórico”.

O partido desta proposta de “**intervenção**”, como o próprio título desta dissertação indica, parte, portanto, de algumas premissas básicas: a manutenção e a restauração das ambiências do conjunto, que envolve a **reconstituição volumétrica** da cobertura em “shed” (Figura 118); a **restauração do sobrado**; a **demolição** das edificações que corrompem a leitura do pátio central e da circulação; e a **remodelação** dos elementos historicistas do conjunto, que envolve a modificação das fachadas do galpão porticado e do edifício administrativo, tornando-os objetos de intervenção para a recriação de sua imagem a partir de uma linguagem arquitetônica contemporânea. As figuras 125, 126, 127, 128 ilustram o partido arquitetônico descrito e apresentam as intenções projetuais.

Figura 125 – Estado atual do conjunto, com a nova cobertura do sobrado.



Fonte: Acervo do autor.

Figura 126 – Reconstituição volumétrica do antigo galpão em “shed”, delimitando o pátio central.



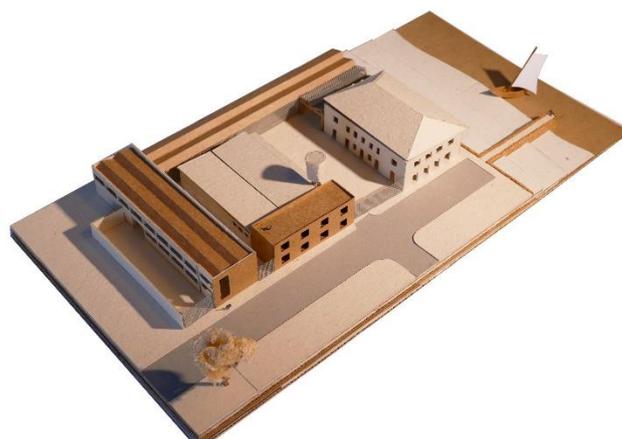
Fonte: Acervo do autor.

Figura 127 – Remodelação do edifício administrativo e da fachada do galpão



Fonte: Acervo do autor.

Figura 128 – Demolição da edícula e demarcação entre o espaço interior e exterior do conjunto, com elementos de transparência



Fonte: Acervo do autor.

4.5 PROJETO ARQUITETÔNICO

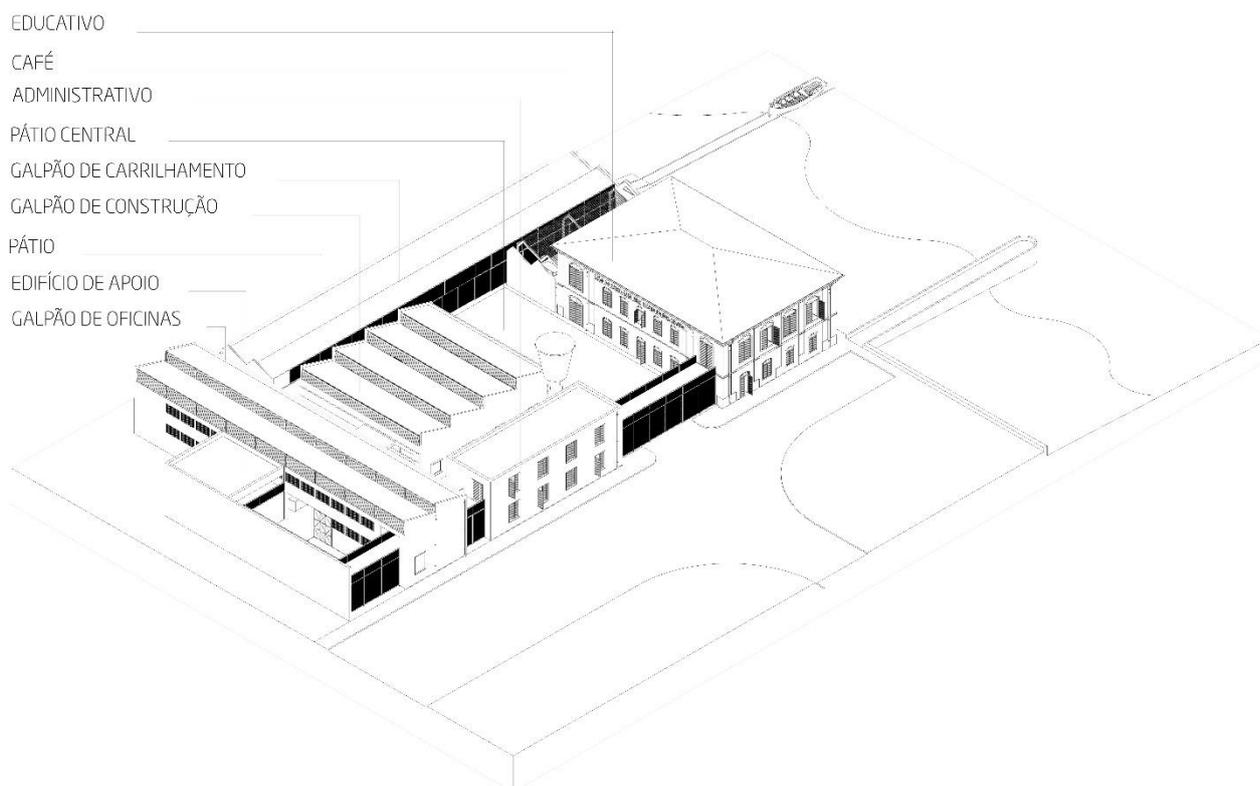
Visando à manutenção e à restauração da espacialidade existente, o programa adotado para a transformação do conjunto no estaleiro escola foi elaborado durante o processo projetual, tendo em vista que a proposta de intervenção no objeto não partiu, inicialmente, de uma subordinação ao uso. O reconhecimento das características espaciais de cada edificação foi determinante para a definição do programa e para a hierarquização dos espaços. **O partido**, que já define a volumetria do conjunto, também auxiliou na definição geral do programa, que **se divide, basicamente, em educativo, administrativo e produtivo.**

O **casarão**, que possui dois pavimentos, abriga o uso **educativo**. No térreo, se encontra a **recepção**, a **biblioteca**, uma área de **exposição** e um **café**, que funciona não só como cantina para os estudantes, mas atende ao público geral, como fonte de renda extra para o estaleiro escola. No primeiro pavimento, funcionam as **salas de aula**, sendo o maior salão, um **espaço flexível**, atuando como **sala ou auditório**.

O antigo edifício **administrativo** mantém a sua função. No térreo, acontecem os **sanitários** e uma **enfermaria**, que atendem ao público do conjunto. O segundo pavimento, que conta com uma **sala de reunião e direção**, também possui sanitários, que se destinam a atender tanto ao casarão quanto à administração.

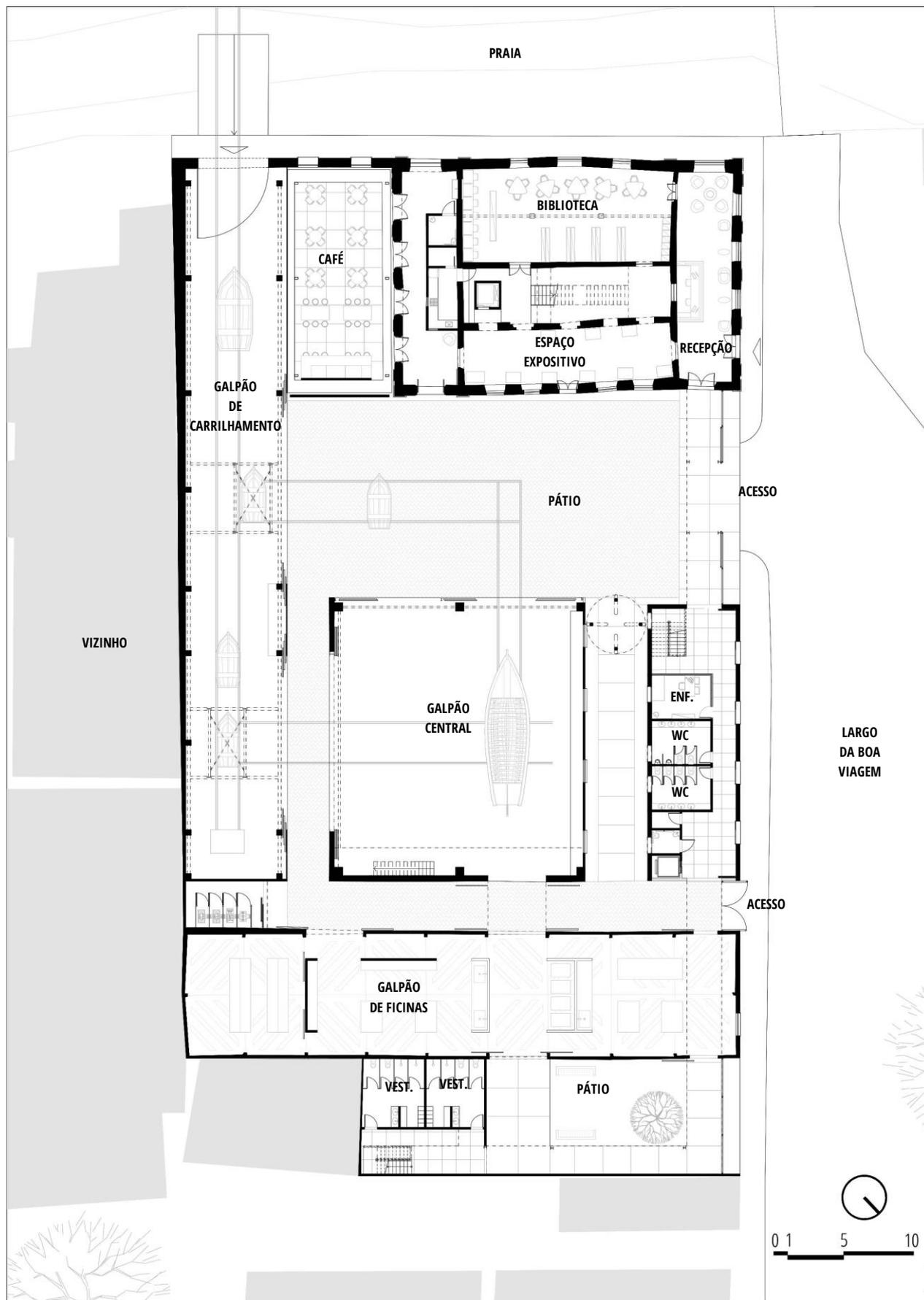
O uso **produtivo** conta com três edificações: o **galpão central**, destinado à construção de embarcações; o **galpão de carrilhamento**, responsável por conduzir as embarcações para o interior do conjunto e destinado também a manutenções; e o **galpão de oficinas**, que dispõe de marcenaria, depósito e espaço de prototipagem. Ao lado do galpão das oficinas, foi proposta uma nova edificação de **apoio**, que abriga **vestiários** no térreo e uma **copa** no primeiro pavimento. As imagens a seguir (Figura 129, 130 e 131) visam a situar a definição geral do programa no conjunto.

Figura 129 – Esquema isométrico do conjunto.



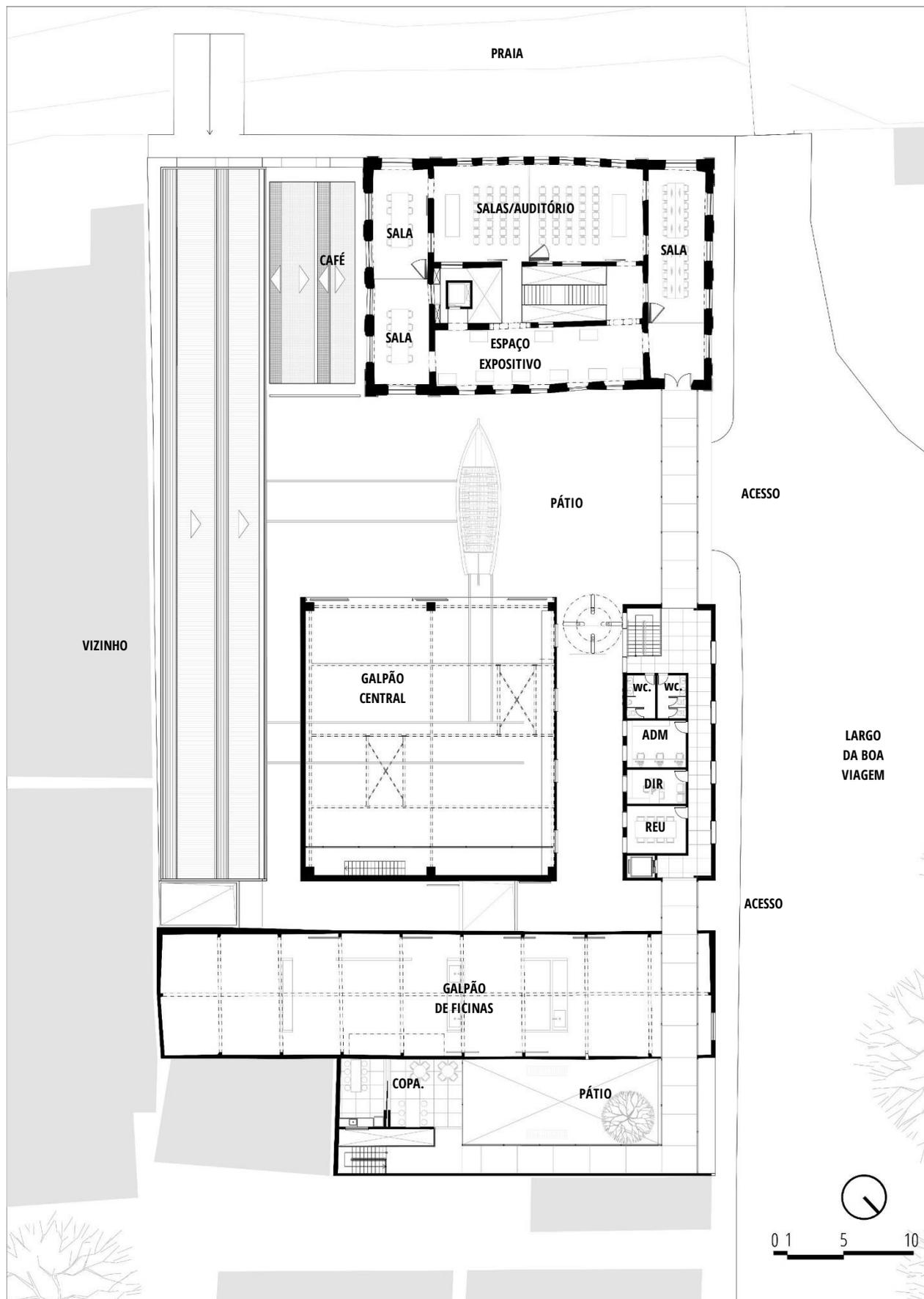
Fonte: Acervo do autor.

Figura 130 – Planta baixa. Pavimento térreo.



Fonte: Acervo do autor.

Figura 131 – Planta baixa – Primeiro Pavimento.



Fonte: Acervo do autor.

GALPÃO DE CARRILHAMENTO

A proposta de reconstituição volumétrica do antigo galpão em “shed” surge a partir da percepção de sua importância para o conjunto. Não só por sua massa construída, mas também pelos vazios gerados pela sua delimitação, responsável por criar a espacialidade do pátio e do corredor de circulação em torno do galpão central, que são elementos que assumem grande relevância no espaço. Nesse sentido, entende-se a sua ausência como uma lacuna. A nova cobertura parte da parede preexistente, propondo uma nova cobertura em “shed”, voltada para o mar, e se estende por cinquenta metros ao encontro do galpão edificado pela IDEBA.

Uma vez que se pretende propor o reuso do conjunto como um Estaleiro, uma das questões fundamentais em termos funcionais é a circulação de embarcações entre o mar e o interior do conjunto. Este edifício funciona como uma oficina de manutenção de embarcações, e para isso é equipado com um molinete, que consiste em um motor elétrico para recolher os barcos por meio de cabos de aço, funcionando como guincho.

Os esquemas a seguir ilustram o processo de demolição (Figura 132) e de inserção desta reconstituição volumétrica (Figura 133). Entende-se que as construções existentes em destaque na imagem 130 não possuem qualidades estéticas nem históricas tampouco culturais que justifiquem a sua preservação, e se comportam como elementos espúrios a serem demolidos.

Figura 132 – Esquema de demolições de elementos espúrios.

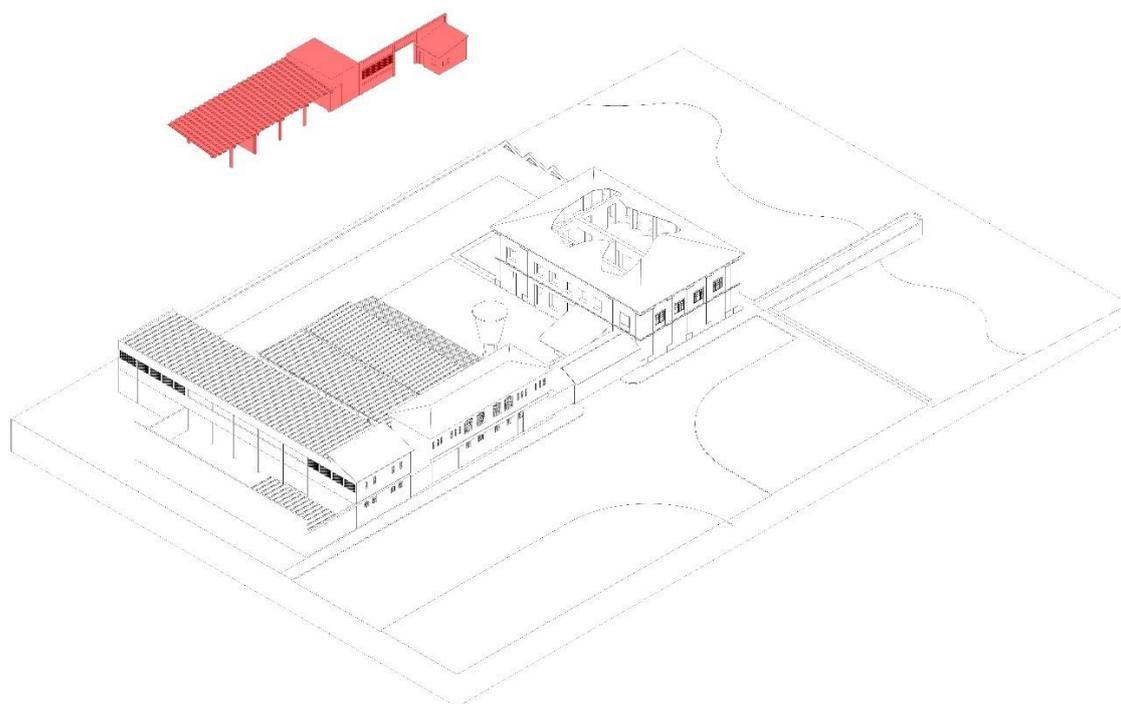
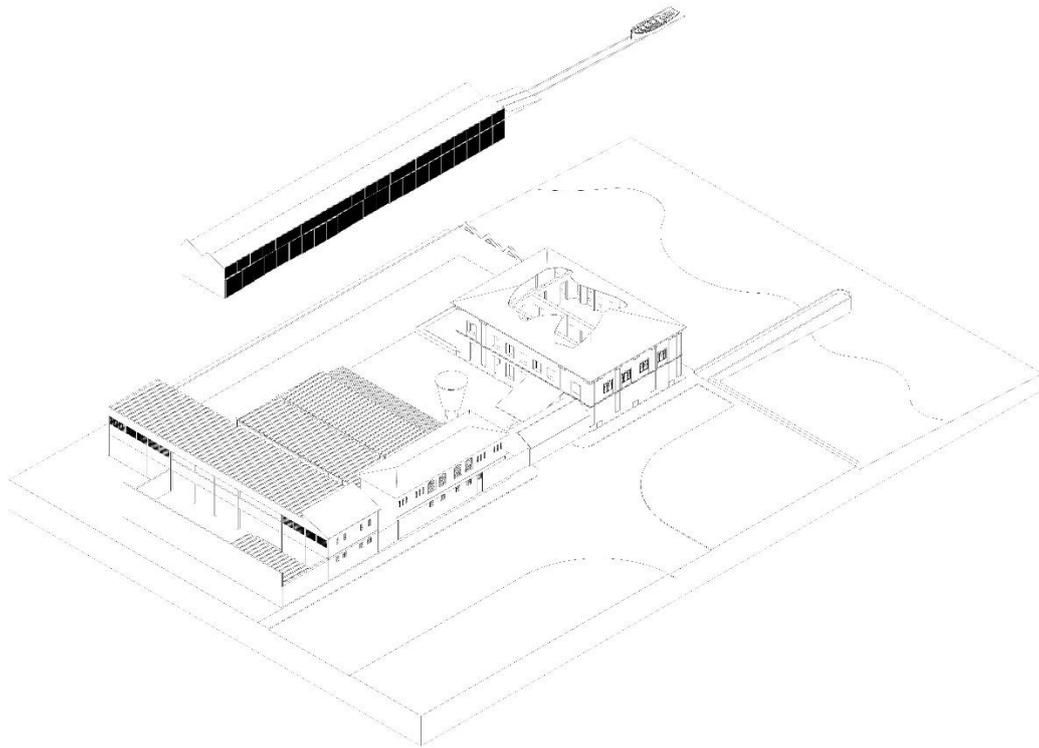


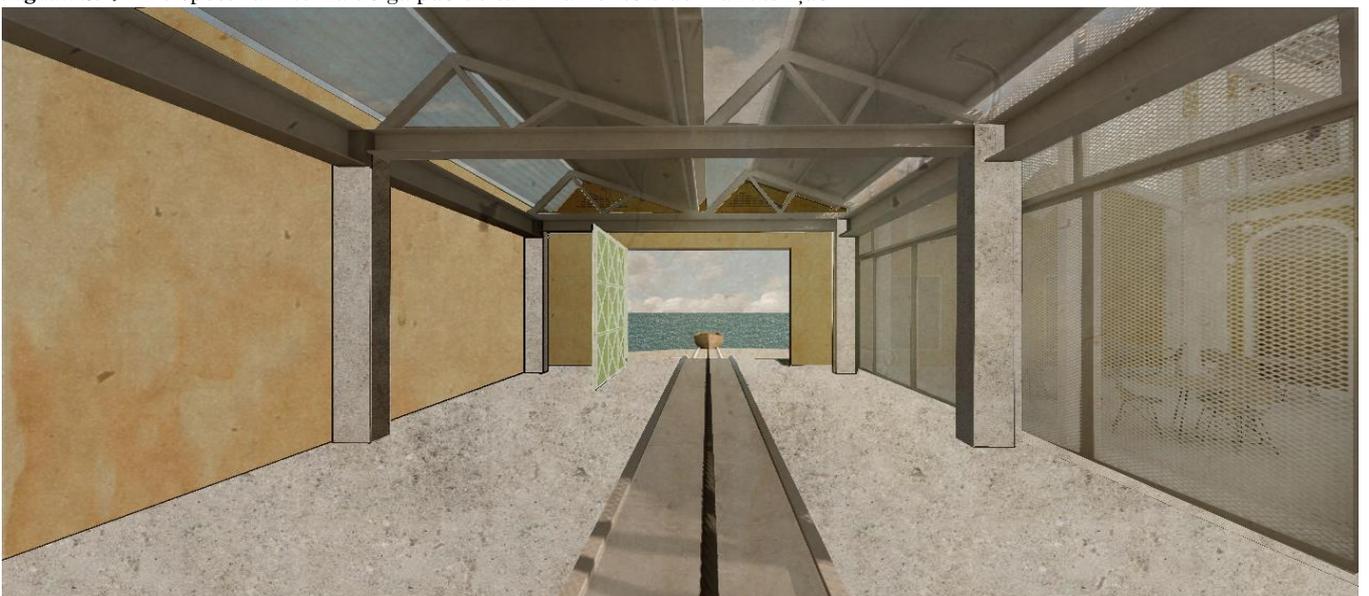
Figura 133 – Inserção do galpão de carrilhamento com nova cobertura em “shed”.



Fonte: Acervo do autor.

O galpão é estruturado por pilares em concreto, e a cobertura em “shed”, que varia entre telhas metálicas e venezianas em vidro, se apoia sobre treliças metálicas. Os barcos sobem do nível do mar por uma carreira: rampa destinada à colocação dos barcos nos berços, que correm pelos trilhos ao longo do galpão (Figura 134)

Figura 134 – Perspectiva interna do galpão de carrilhamento e de manutenção.

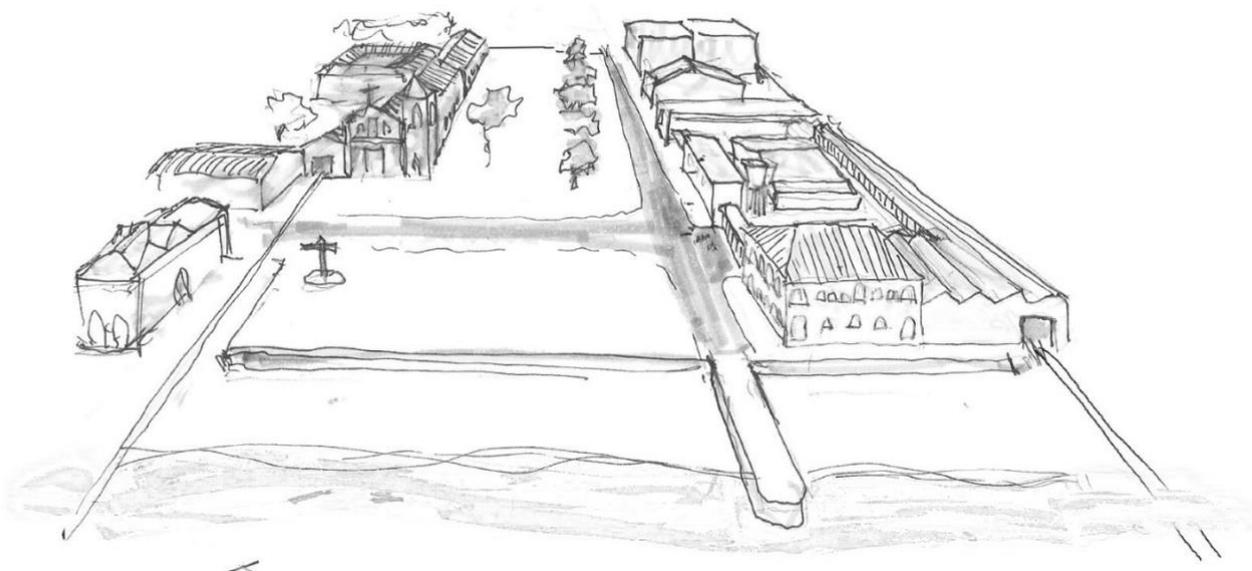


Fonte: Acervo do autor.

CASARÃO

Entende-se que o casarão à beira mar desempenha um papel compositivo não só para o conjunto fabril, mas também para a paisagem cultural e ainda para o tecido urbano, já que se trata de uma construção bela e antiga que demarca o Largo da Boa Viagem. Em conjunto com o casarão do Convento dos Padres Passionistas, o sobrado faz parte do contexto edificado da Igreja da Boa Viagem, e sua restauração é determinante para a manutenção da ambientação da Igreja e do Largo em si, pois propicia uma bela volumetria à paisagem daquele sítio urbano (Figura 135).

Figura 135 – Papel compositivo do casarão, no contexto da ambiência da Igreja da Boa Viagem (croquis).



Fonte: Acervo do autor.

Internamente, a espacialidade gerada pelas demolições de divisões internas, proporcionando espaços vazios e simétricos, que ocorreram com a ocupação da fábrica, é entendida com um valor a ser preservado e potencializado.

Apesar do mau estado em que se encontra o casarão, verifica-se que, de uma maneira geral, seus ornamentos, suas aberturas e sua espacialidade são claramente perceptíveis e recuperáveis. Nesse sentido, a intervenção no sobrado se caracteriza como uma **restauração**.

Entende-se a importância histórica da edícula anexa ao casarão. No entanto, pondera-se que, considerando a prioridade de restaurar o casarão, a reabertura de todos os vãos em suas quatro fachadas se torna preponderante sobre a manutenção da edícula. Portanto, propõe-se a sua demolição. (Figuras 136 e 137).

Figura 136 – Edícula de cobertura cerâmica.



Fonte: Acervo do autor.

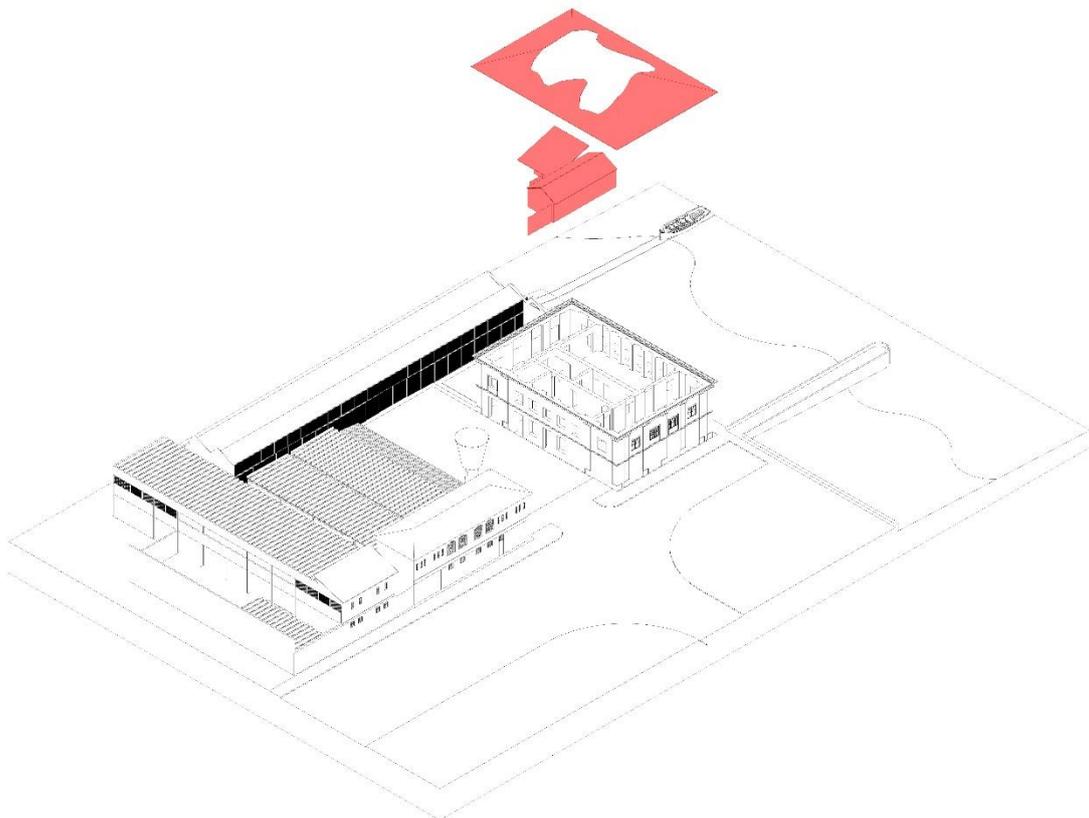
Figura 137 – Edícula de cobertura cerâmica e volume em anexo interrompendo a espacialidade do pátio.



Fonte: Acervo do autor.

Visando, portanto, à restauração do casarão, o esquema abaixo (Figura 138) ilustra as demolições da edícula de cobertura cerâmica, da edícula de cobertura em fibrocimento e da própria cobertura do casarão, que se encontra parcialmente desabada.

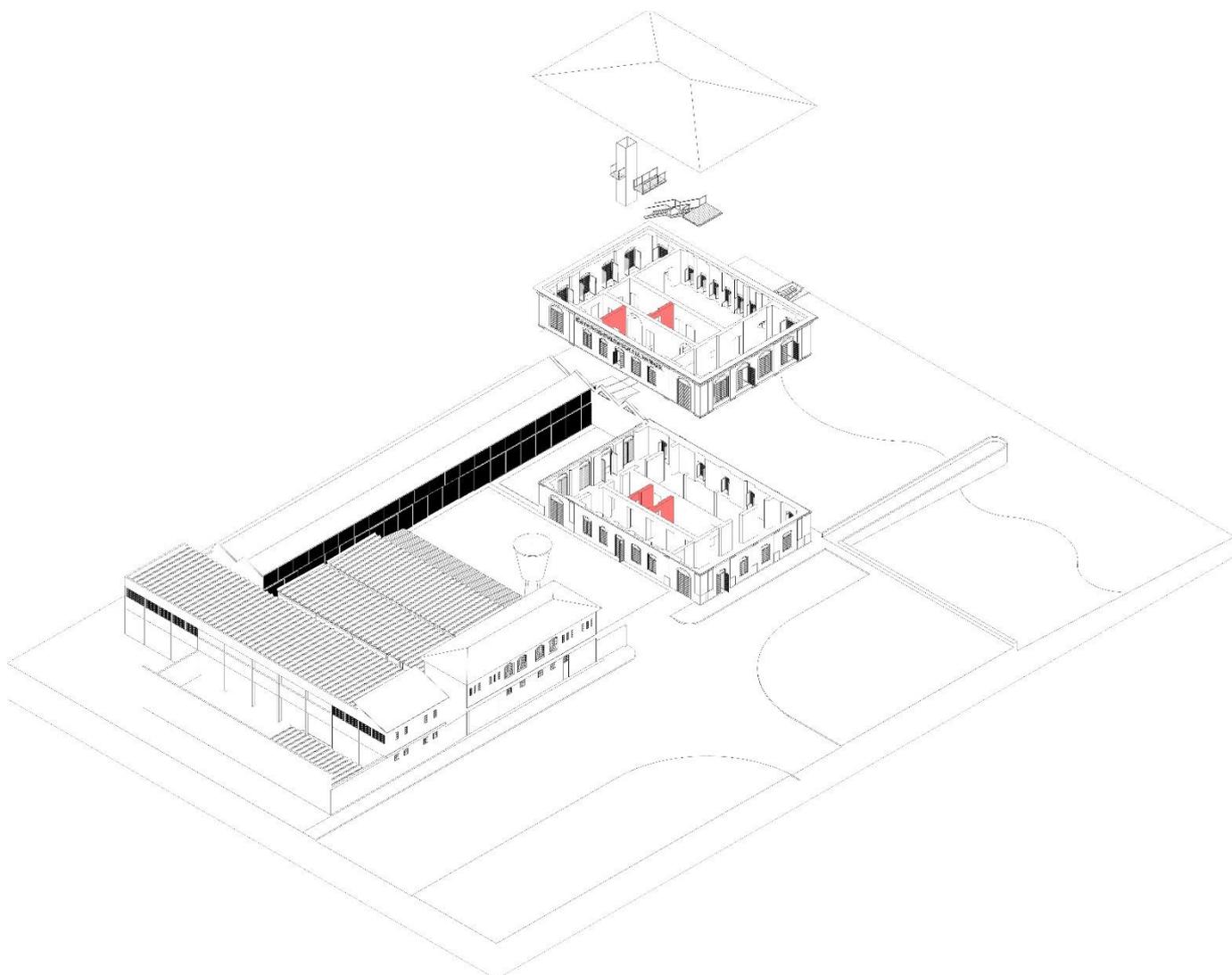
Figura 138 – Esquema de demolições visando a restauração do casarão.



Fonte: Acervo do autor.

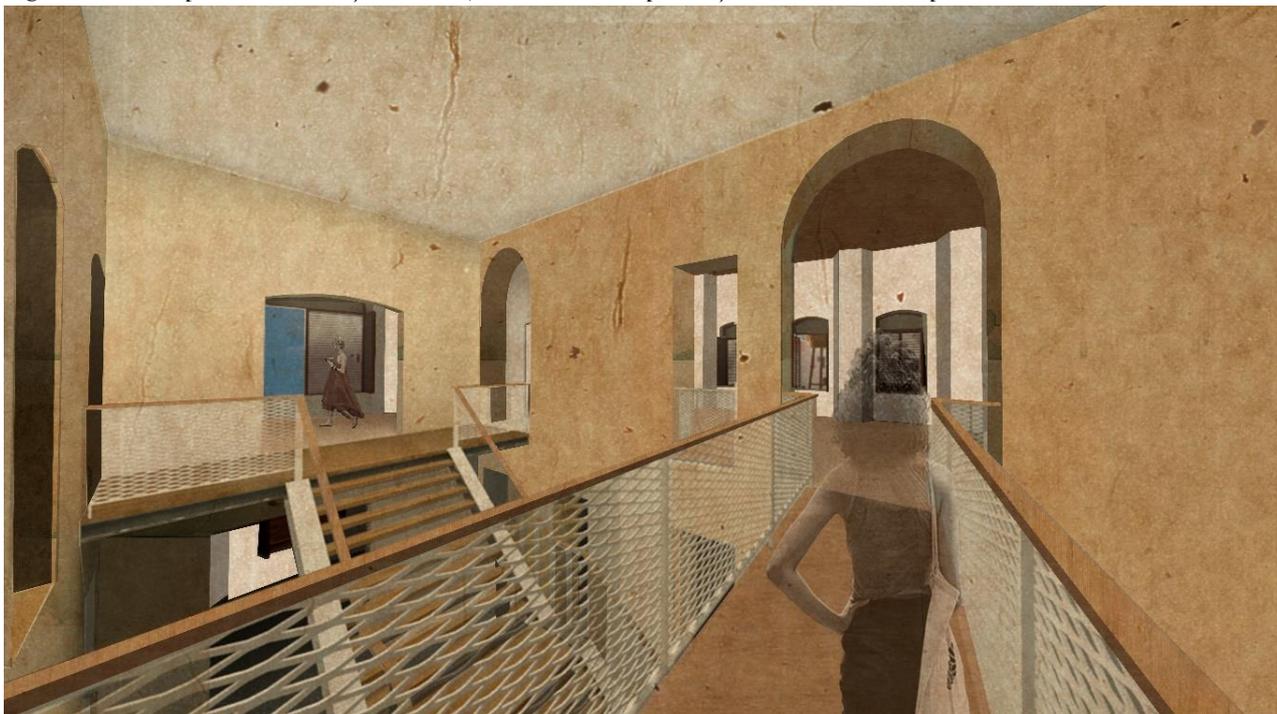
A imagem a seguir (Figura 139) apresenta a proposta de intervenção no casarão, que parte da apropriação da área central da edificação, entendendo que o maior valor em termos de espacialidade interna é oferecido pelos salões iluminados pelas fachadas. Para isso, foi proposta a demolição de algumas paredes internas, evidenciando e potencializando a espacialidade gerada pela ocupação fabril no casarão. Cria-se um átrio de circulação vertical, composto pelo volume do elevador, pela escada e uma passarela que conecta os ambientes internos do segundo pavimento. Tanto a passarela quanto a chegada da escada se alinham com as aberturas em arco pleno, a fim de valorizar e evidenciar estes elementos existentes (Figura 140).

Figura 139 - Proposta de circulação vertical



Fonte: Acervo do autor.

Figura 140 – Proposta de circulação vertical, evidenciando a presença dos vãos em arco pleno.



Fonte: Acervo do autor.

Externamente, se propõe a restauração de todas as aberturas (Figura 141), que se encontram tapadas ou desfiguradas, e a inserção de novas esquadrias. As calhas desempenham não só um papel conservativo, mas também compositivo, remetendo à estética industrial ligada à ocupação do casarão, uma vez que estavam presentes nas primeiras imagens da ocupação fabril (Figura 70). A inserção do letreiro entre as pilastras é inspirada também pelas primeiras imagens da edificação, em que a própria alvenaria era utilizada como engenho publicitário pela Leão do Norte.

Figura 141 – Restauração de todas as aberturas do casarão. Vista para o conjunto desde o mar.



Fonte: Acervo do autor.

CAFÉ

Ao propor a reconstituição volumétrica do galpão em “shed”, foi observado que a antiga cobertura tocava a fachada do casarão (Figura 142). Atualmente essa fachada se encontra liberada (Figura 143). Não só por uma questão conservativa, mas também com o objetivo de manter a fachada sudeste desobstruída visando à restauração do casarão, optou-se por propor um café como elemento de transição entre os dois volumes (Figura 144).

Figura 142 - Encontro entre a fachada sudeste do casarão e a antiga cobertura em “shed”.



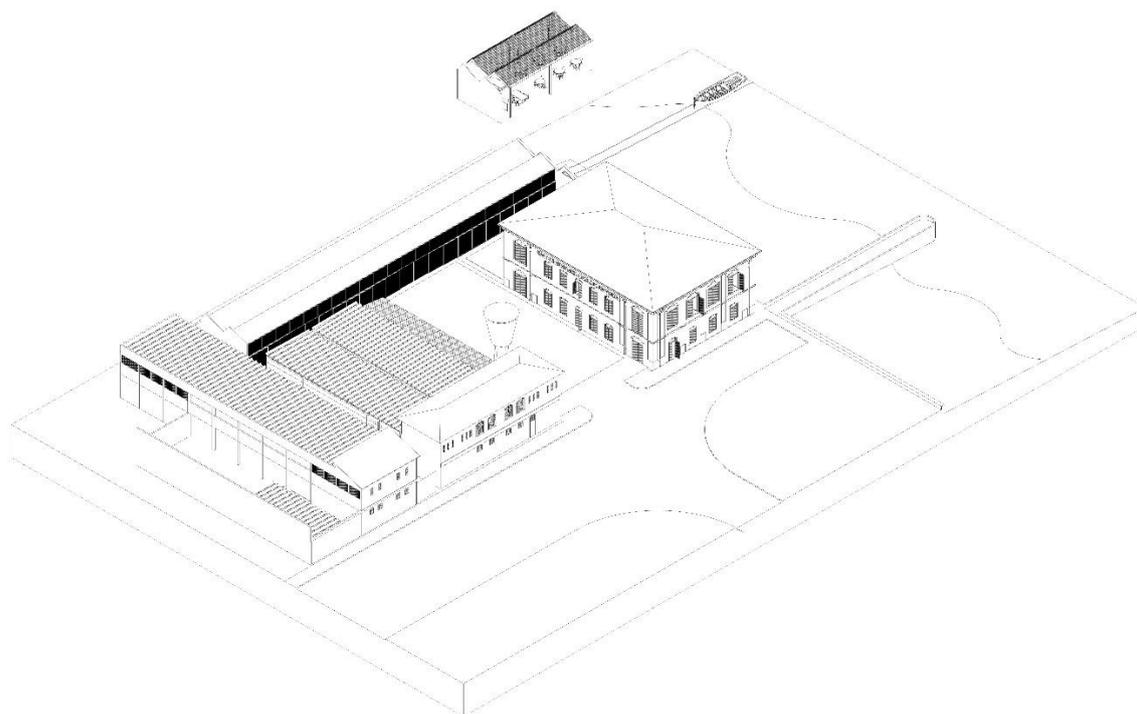
Figura 143 - Fachada sudeste do casarão liberada.



Fonte: Diagnóstico de patologias, 2010.

Fonte: Acervo do autor (em 10/12/2017).

Figura 144 - Café como elemento de transição entre o casarão e o galpão de carrilhamento.



Fonte: Acervo do autor.

Ainda que seja um espaço permeável, entende-se que a sua demarcação volumétrica é de fundamental importância para a restauração da espacialidade do pátio. Nesse sentido, foi proposta uma parede cega entre o pergolado e o pátio. Essa parede apresenta o coroamento da cobertura em “shed” e se desprende tanto do casarão quanto do galpão, reforçando a ideia do café como elemento de transição (Figura 145). A parede impede a visualização e a passagem direta do café a partir do pátio, e o acesso se dá, portanto, pelo casarão, transformando o pergolado em um “elemento surpresa”.

Figura 145 - Parede de fechamento do café, responsável pela demarcação volumétrica do pátio.



Fonte: Acervo do autor.

Este espaço possui uma cobertura leve e independente, não toca nenhum outro elemento do conjunto (Figura 146). O pergolado abriga o salão e o bar, enquanto a parte de apoio do café, que conta com cozinha, depósito e sanitário, se encontra no interior do casarão. O café se insere no programa no intuito de atender não só ao público interno, mas também ao público em geral, trazendo maior permeabilidade urbana para o conjunto do Estaleiro Escola, além de sustentabilidade financeira para o empreendimento.

Figura 146 - Pergolado do café com estrutura independente entre o casarão e o galpão das oficinas.

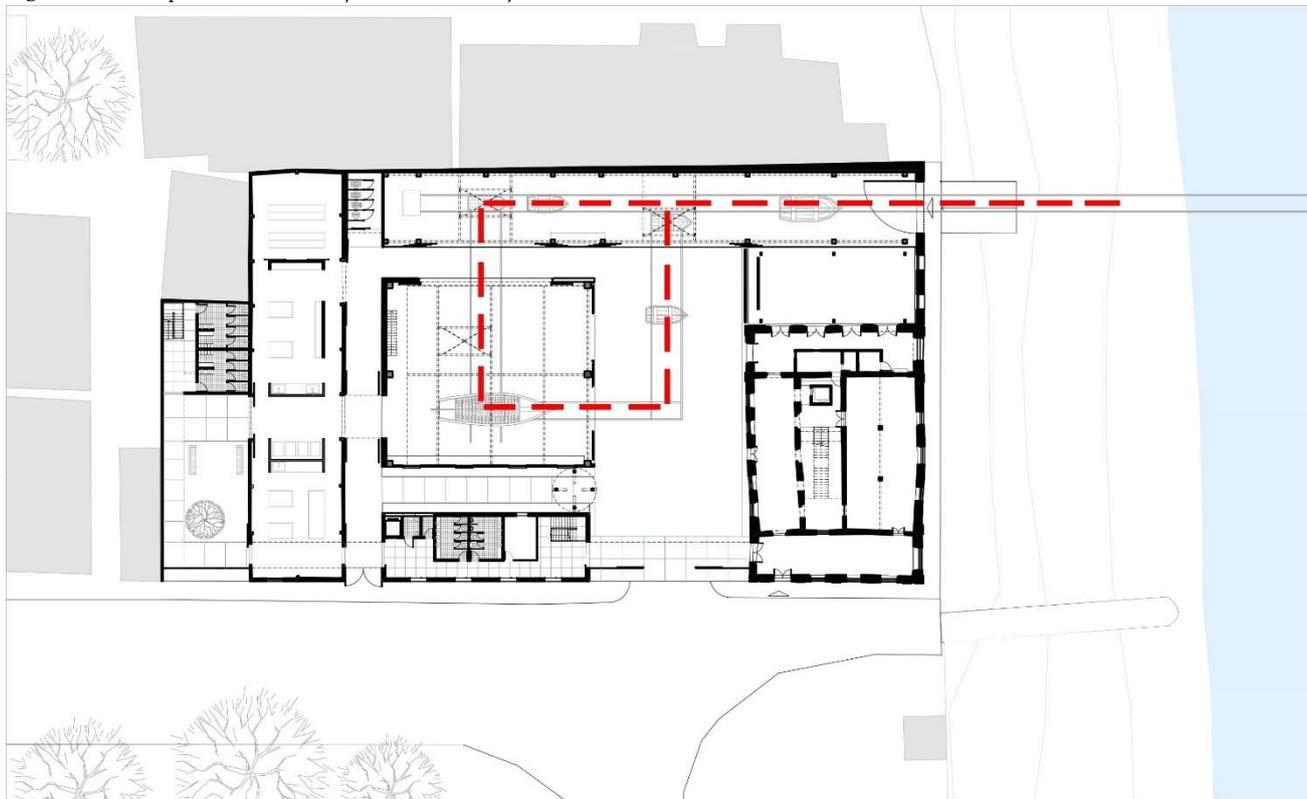


Fonte: Acervo do autor.

CIRCULAÇÃO DE EMBARCAÇÕES

Ao longo dos cinquenta metros do galpão de carrilhamento (visto à esquerda na imagem acima), existem duas aberturas de doze metros, o que limita os barcos que podem circular no Estaleiro: no máximo, quarenta pés. Esses vãos, que determinam o ritmo da estrutura do galpão, são vencidos por treliças metálicas responsáveis também por suportar as pontes rolantes, que consiste no sistema de elevação das embarcações. Esse sistema, presente tanto no galpão de carrilhamento quanto no galpão central, permite não só a manutenção e construção, senão também a circulação de embarcações no interior do estaleiro. A imagem a seguir (Figura 147) apresenta, em tracejado, esse circuito. Como foi visto anteriormente, a entrada se dá pelo galpão de carrilhamento, voltado para o mar. O sistema de elevação é responsável por transpor os barcos para os trilhos perpendiculares, que se localizam no pátio, que pode ser utilizado para teste e hasteamento de velas, e no galpão central, que é destinado à construção naval.

Figura 147 - Esquema de circulação de embarcações no Estaleiro Escola.

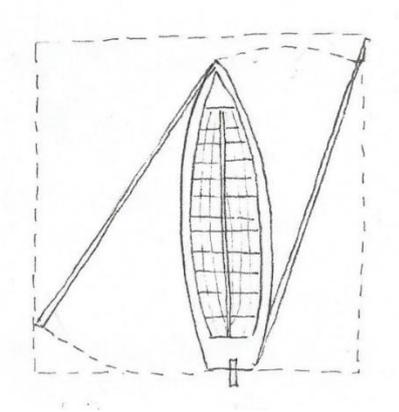


Fonte: Acervo do autor.

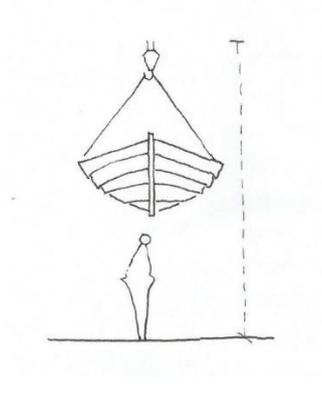
GALPÃO DE CONSTRUÇÃO NAVAL

Diante das limitações horizontais e verticais impostas pela estrutura do galpão central, a intervenção no galpão acabou divergindo das intenções concebidas durante a definição do partido arquitetônico, que previa a sua manutenção. O espaço livre necessário para a fabricação de embarcações de madeira possui um formato quadrado, definido pelo comprimento da embarcação. Isso ocorre pelo fato de que a madeira é dobrada *in loco*, tanto no sentido da proa, quanto no sentido da popa (Figura 148). Verticalmente, o espaço ideal deve comportar o sistema de elevação das embarcações, sobrando espaço para uma pessoa trabalhar de pé, embaixo do barco. Esse sistema evita o constante processo de giro da embarcação e auxilia tanto na construção, durante o processo de calafetação, quanto na manutenção e reparos no casco (Figura 149).

Figura 148 - Espaço quadrado (12m X 12m) necessário para o processo de dobra da madeira (croquis). **Figura 149** - Espaço vertical mínimo de 5m (croquis).



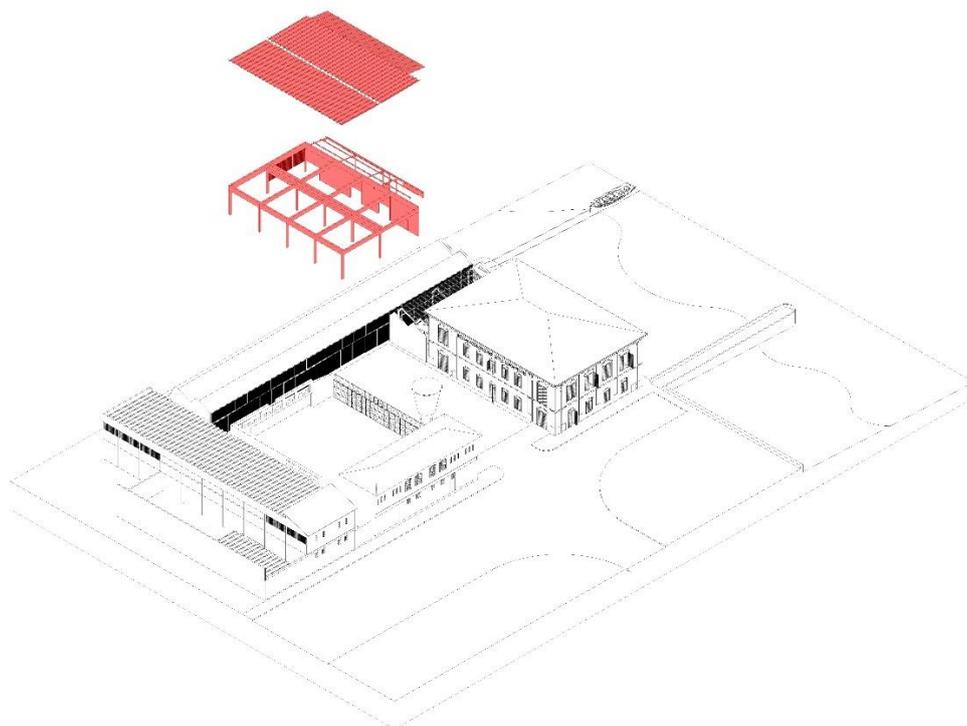
Fonte: Acervo do autor.



Fonte: Acervo do autor.

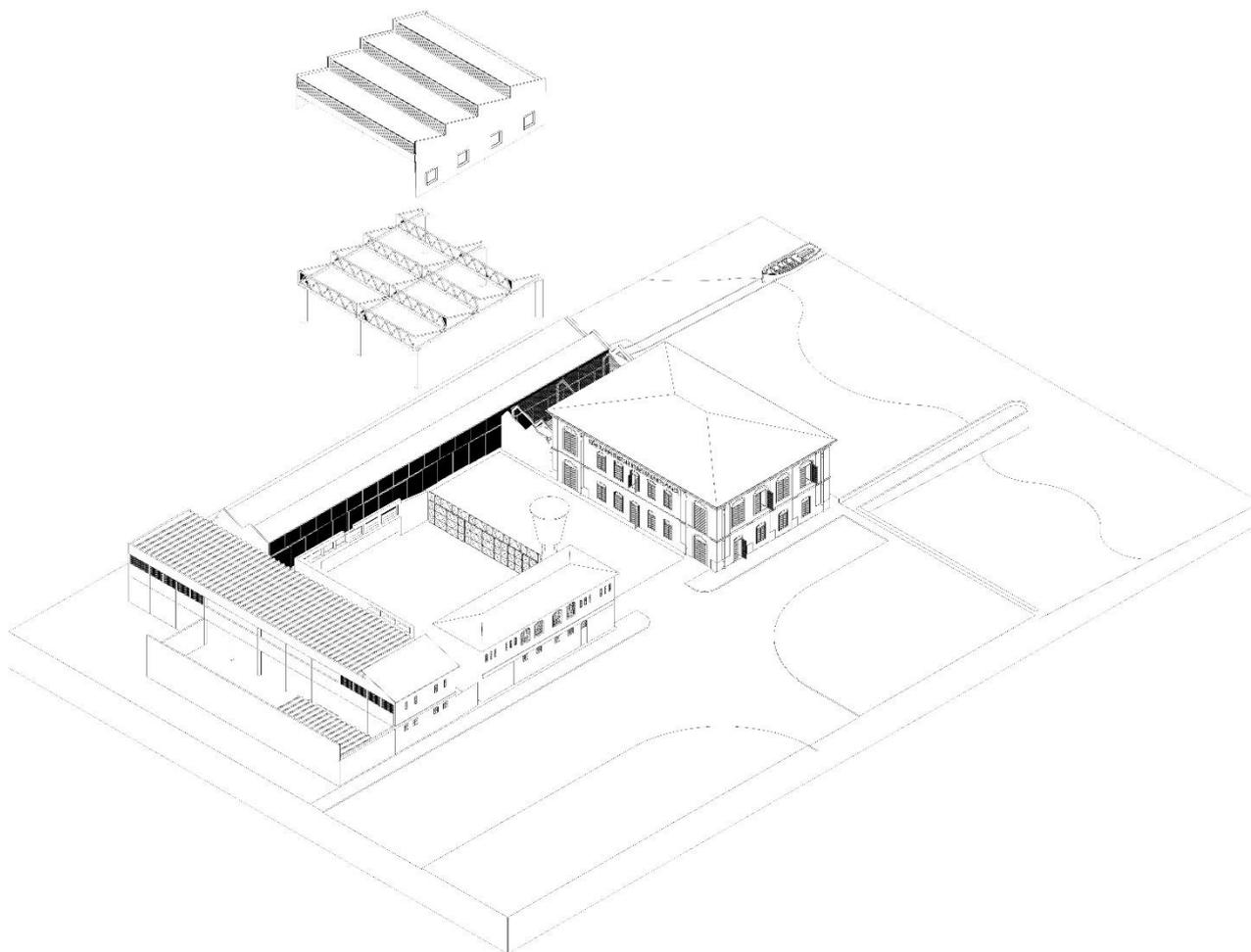
O projeto prevê, portanto, a substituição da estrutura do galpão central (Figuras 150 e 151), que apresenta uma distância de apenas sete metros e meio entre os pilares, o que impedia, inclusive, a entrada pela lateral, próxima ao galpão de carrilhamento. O pé direito de 4 metros não é suficiente para atender à demanda de uso do espaço. Além das limitações espaciais, a estrutura provavelmente não seria capaz de suportar o peso do sistema de elevação, já que não foi dimensionada para isso.

Figura 150 - Esquema de demolição da estrutura e cobertura do galpão central.



Fonte: Acervo do autor.

Figura 151 – Nova estrutura e cobertura treliçada em “shed” para o galpão central.



Fonte: Acervo do autor.

Entende-se que essa intervenção, apesar de modificar radicalmente a imagem do galpão e gerar uma perda em termos históricos, o valor de uso acaba adquirindo um peso para a tomada da decisão. No entanto, durante o reconhecimento do objeto, os valores identificados nesta edificação estão mais associados à sua volumetria e implantação em relação ao conjunto do que à sua arquitetura, o que colabora com a decisão da substituição da estrutura e da cobertura.

Em termos estéticos, os elementos mais relevantes desta edificação consistem nos portões em chapa de aço maciça, de modulação quadrangular (Figura 152), que são, sem dúvida, uma forte marca do uso industrial do conjunto. Também se coloca como relevantes as paredes externas, manchadas pelo tempo, que conformam o corredor de circulação em torno do galpão (Figura 153). Aponta-se, portanto, a intenção da manutenção de tais elementos. Essa manutenção não se apoia apenas na ideia de manutenção da parte da materialidade do galpão, mas da apropriação desses elementos para a criação de um novo espaço, com uma nova linguagem.

Figura 152 – Portão de acesso ao galpão central.



Fonte: Acervo do autor (em 27/08/2018).

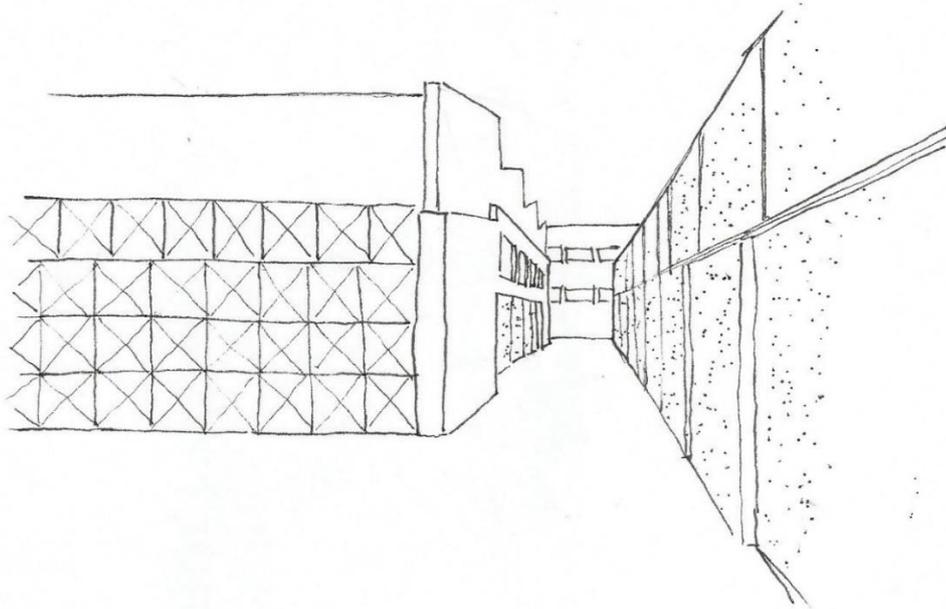
Figura 153 – Parede lateral existente.



Fonte: Acervo do autor (em 27/08/2018).

Para atingir o nível da nova cobertura, será necessário um complemento sobre as paredes existentes. As paredes possuem espessura de trinta centímetros e os complementos serão executados em alvenaria com espessura de quinze centímetros, faceando o plano interior (Figura 154). Busca-se, com isso, o efeito de distinguibilidade e o registro do que foi parte da materialidade do galpão preexistente.

Figura 154 –Platibanda em alvenaria sobre a parede existente (croquis).



Fonte: Acervo do autor.

Além da estrutura, da cobertura e do novo coroamento sob as paredes existentes, também se propõe um afastamento entre o galpão e o edifício administrativo, liberando as duas fachadas para iluminação e ventilação natural, além de funcionar como um “desventramento”, evidenciando o volume da caixa d’água, importante elemento estético e memorial, que é responsável por demarcar a presença industrial no Largo da Boa Viagem (Figura 155).

Figura 155 – Liberação do volume da caixa d’água entre a fachada posterior do edifício administrativo e o galpão central.



Fonte: Acervo do autor.

Assim como o galpão de carrilhamento, a nova cobertura do galpão central segue o mesmo sistema estrutural, composto por treliças metálicas, que suportam o sistema de elevação das embarcações, e a cobertura em “shed” (Figura 156).

Figura 156 – Interior do galpão central.

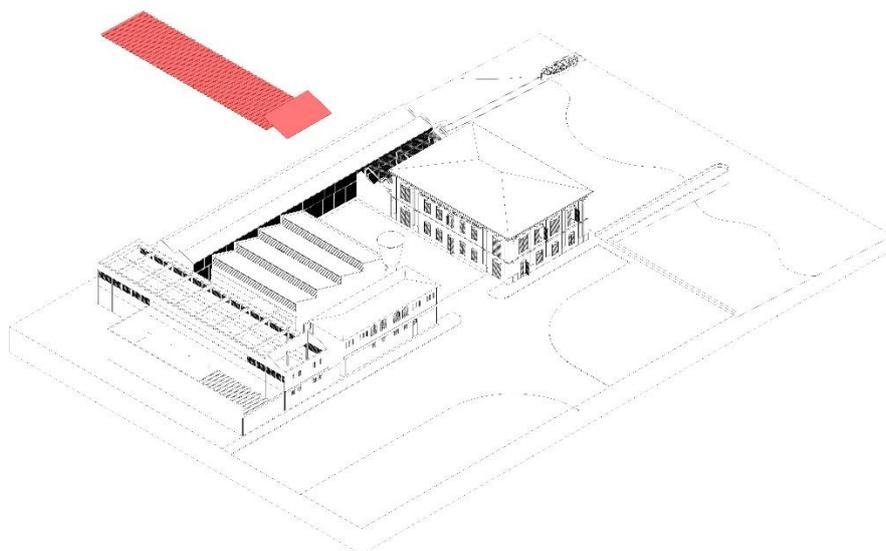


Fonte: Acervo do autor.

GALPÃO DE OFICINAS

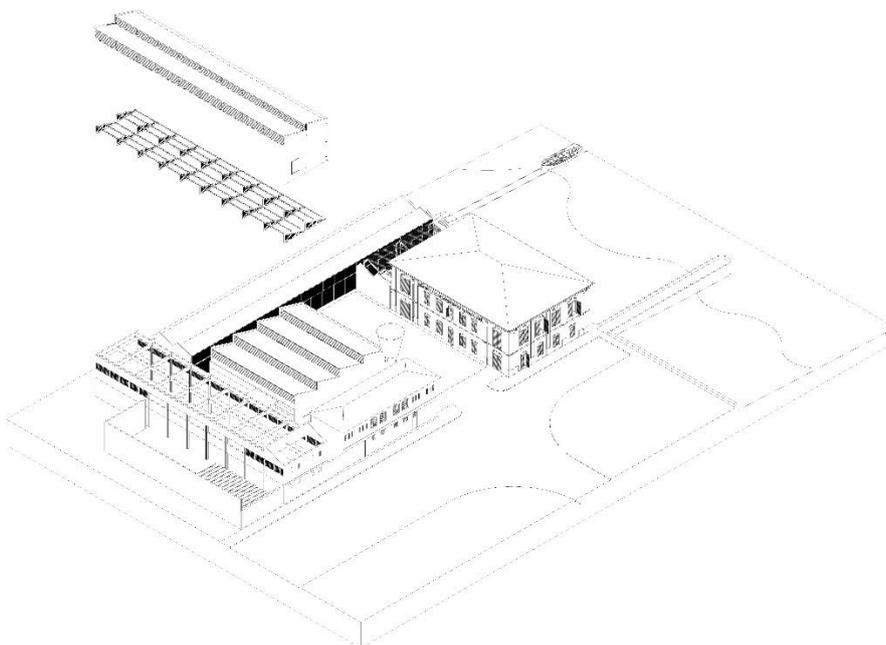
Seguindo a mesma linguagem arquitetônica das coberturas do galpão de carrilhamento e do galpão de central, o galpão de estrutura praticada em concreto, construído pela IDEBA na década de 1950, também recebe uma nova cobertura em “shed”, tendo em vista a necessidade da sua substituição (Figuras 157 e 158). A cobertura proposta se apoia em treliças sobre as vigas de concreto, obedecendo o ritmo da estrutura. É importante mencionar que a escolha deste sistema não apenas se relaciona com a arquitetura preexistente como também proporciona maior conforto ambiental para os galpões.

Figura 157 - Esquema de demolição da cobertura existente.



Fonte: Acervo do autor.

Figura 158 - Nova cobertura em “shed” apoiada sobre estrutura existente.



Fonte: Acervo do autor.

Entende-se que o maior valor deste edifício consiste na sua espacialidade, formada por um único vão marcado pelo ritmo da estrutura, que se sobressalta dos fechamentos laterais. A proposta de intervenção neste edifício visa à manutenção dessa espacialidade, que será destinada às oficinas de prototipagem e marcenaria e depósito. As divisões deste ambiente, necessárias para o funcionamento do espaço, não tocam as paredes laterais, que funcionam como circulação, evitando a interrupção da perspectiva (Figura 159).

Figura 159 - Vista interna do galpão das oficinas.



Fonte: Acervo do autor.

EDIFÍCIO ADMINISTRATIVO

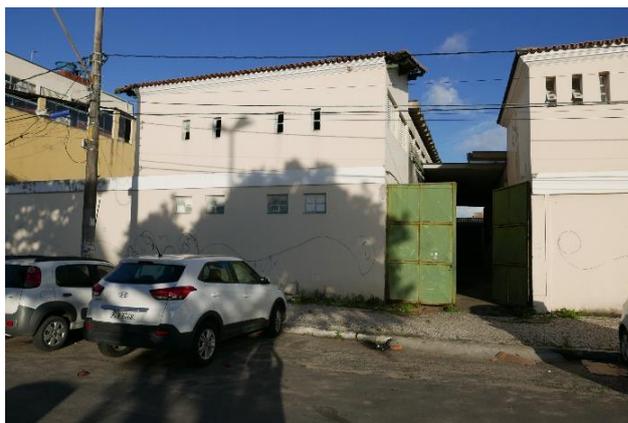
Conforme apontado no partido arquitetônico, uma das diretrizes principais deste projeto consiste na modificação das fachadas do edifício administrativo e do galpão construído pela IDEBA, que receberam uma roupagem em “estilo patrimônio”. Esta estética, adotada e recomendada pelo IPHAN na década de 1970, é uma prática criticada pela vertente do restauro crítico, que a enxerga como falso histórico ou falso estético (Figuras 160 e 161). Ainda que não se adote com rigor essas categorias brandianas, é seguro propor uma intervenção que confira estética contemporânea mais adequada ao edifício.

Figura 160 – Edifício administrativo em “estilo patrimônio”.



Fonte: Acervo do autor (em 27/08/2018).

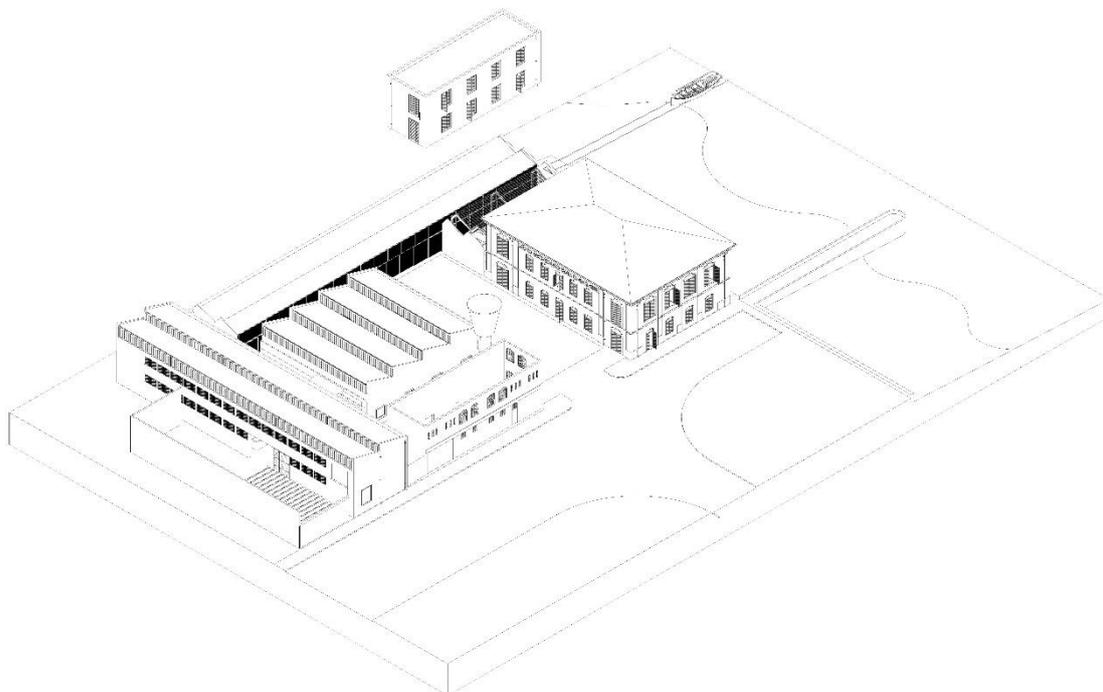
Figura 161 – Fachada do galpão construído pela IDEBA.



Fonte: Acervo do autor (em 27/08/2018).

Embora se proponha o remodelamento dessas fachadas, entende-se a importância do edifício enquanto massa construída, tanto em relação ao conjunto, quanto ao contexto em que está inserido. Aponta-se também a intenção da manutenção de sua linguagem volumétrica, constituída por massas e fenestrações, que é entendida como um valor a ser mantido (Figura 162). Propõe-se a substituição da cobertura em telhado cerâmico, inserindo-se uma nova cobertura em laje plana. A platibanda alinha-se com o nível do beiral existente, mantendo a hierarquia de gabarito entre os volumes do conjunto. As esquadrias se relacionam com as do casarão, em quantidade, alinhamento, dimensão e materialidade.

Figura 162 – Vista interna do galpão das oficinas, desde a passarela proposta.



Fonte: Acervo do autor.

FACHADA VOLTADA PARA O LARGO

A proposta de intervenção no edifício administrativo adquire um papel preponderante na composição arquitetônica, por se relacionar diretamente com toda a fachada do conjunto, que delimita boa parte do Largo da Boa Viagem (Figura 163). Portanto, buscou-se estabelecer um bom diálogo tanto com o casarão quanto com a igreja, uma vez que o objeto está locado em área de entorno de bem tombado.

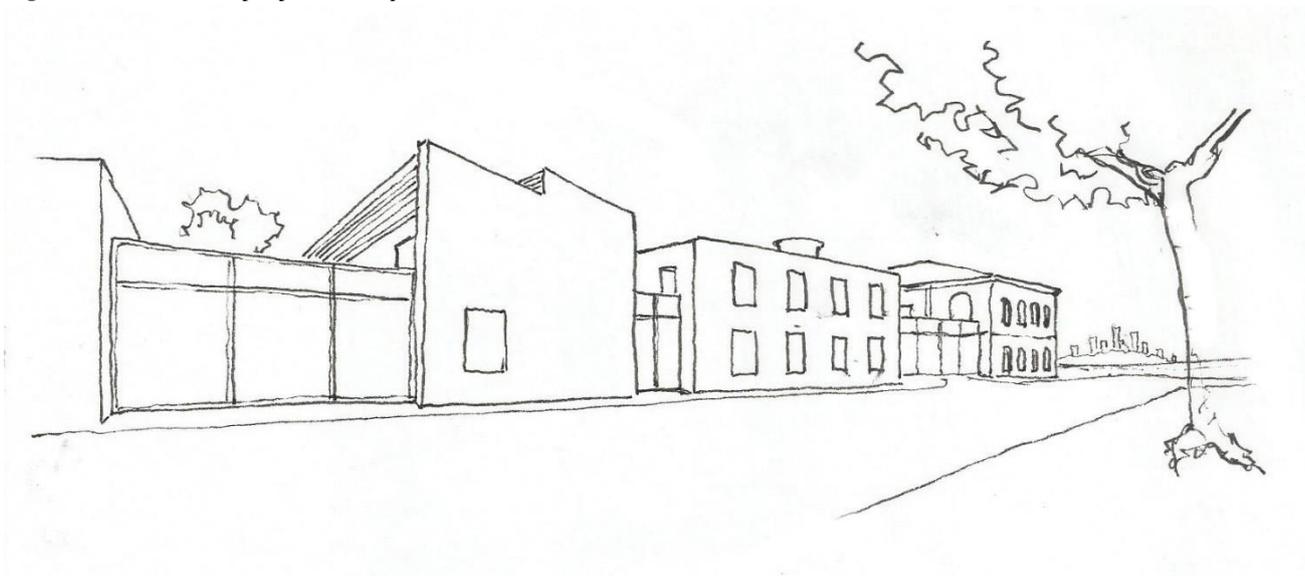
Figura 163 – Fachada atual do conjunto da Fábrica Leão do Norte.



Fonte: Acervo do autor.

Com a proposta de demolição da edícula com cobertura cerâmica, visando liberar as fachadas do casarão, surge a necessidade de criar uma delimitação entre o espaço público e o interior do conjunto. Esta nova delimitação acontece por um elemento translúcido, que preenche os espaços vazios entre os três edifícios do conjunto, em um plano recuado, evidenciando os volumes de cada edificação (Figura 164 e 165).

Figura 164 – Fachada proposta (croquis).



Fonte: Acervo do autor.

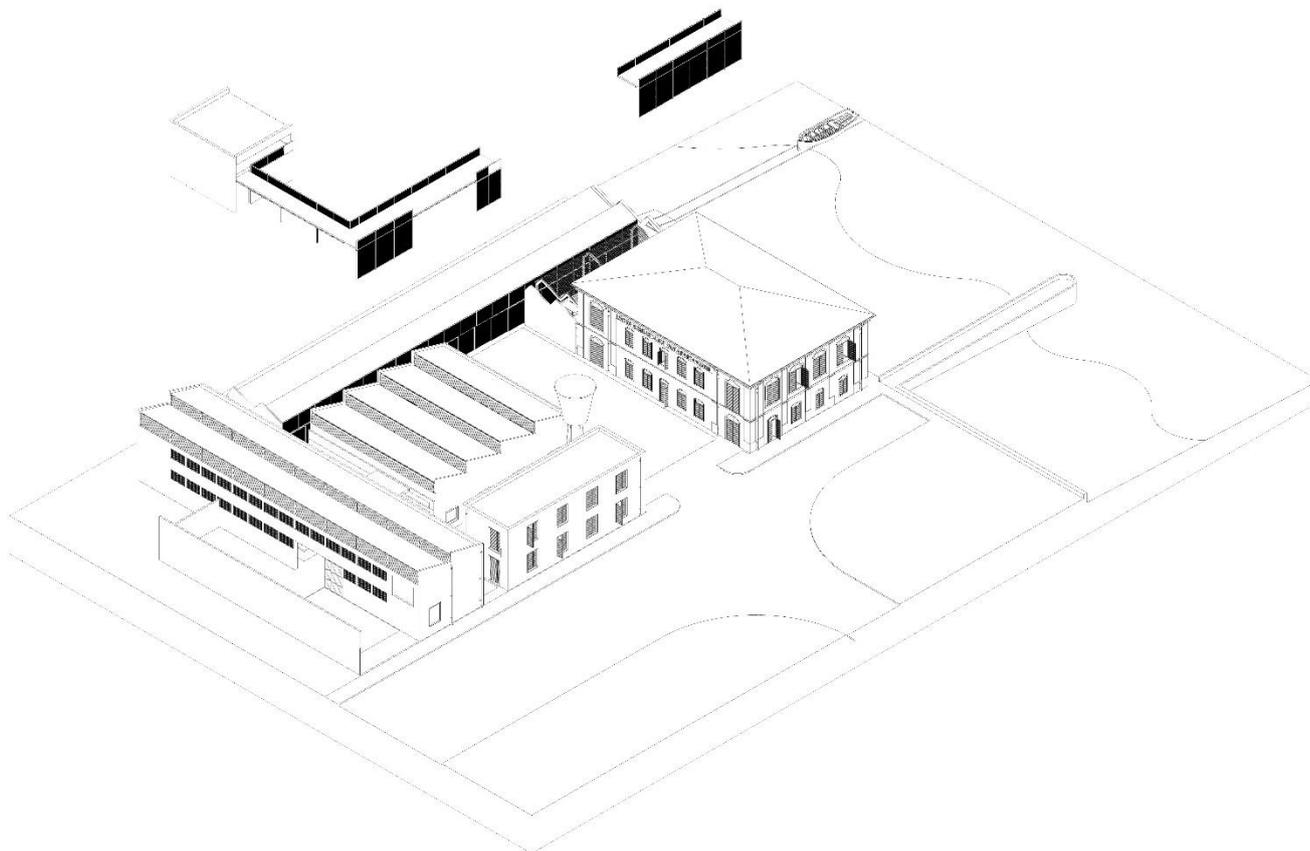
Figura 165 – Fachada proposta.



Fonte: Acervo do autor.

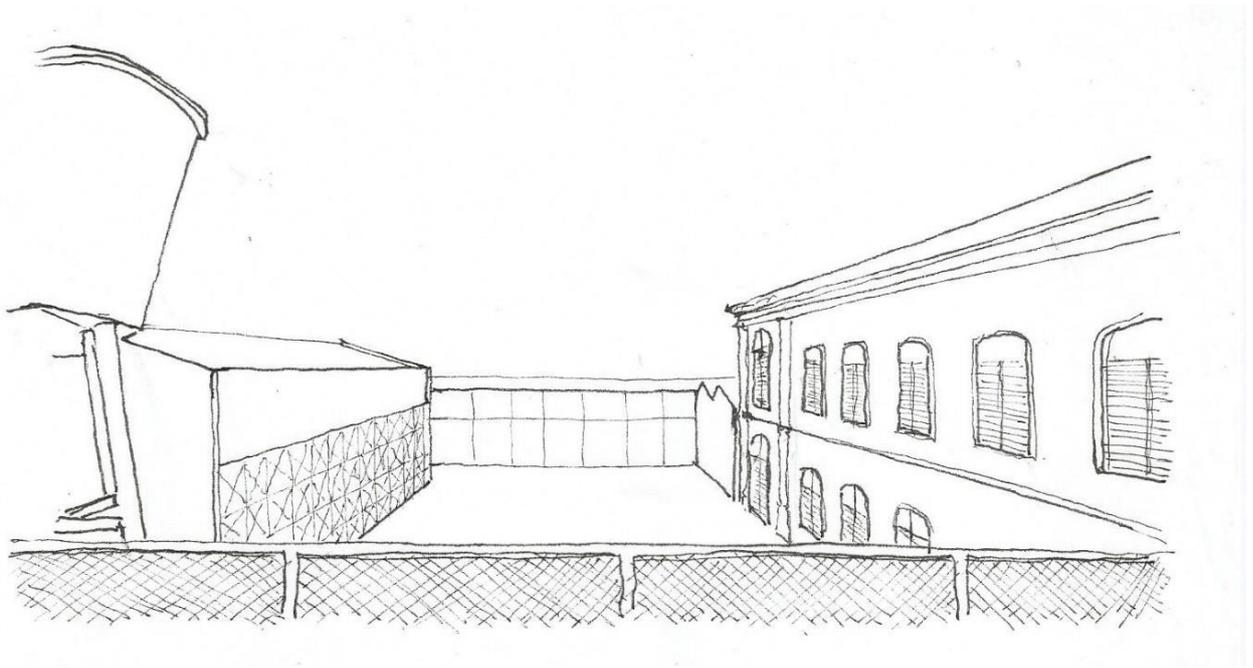
Constituídos por chapa expandida, elemento que se repete no fechamento do galpão de carrilhamento, esse fechamento funciona não só como portões de acesso ao interior do Estaleiro Escola, mas também como guarda corpo da passarela, que parte do segundo pavimento do casarão, conectando-o à administração (Figuras 166 e 167). Essa passarela se repete a partir da administração, atravessando o galpão das oficinas (Figura 168) e conduzindo o público até o novo edifício de apoio.

Figura 166 – Passarela de conexão entre os edifícios.



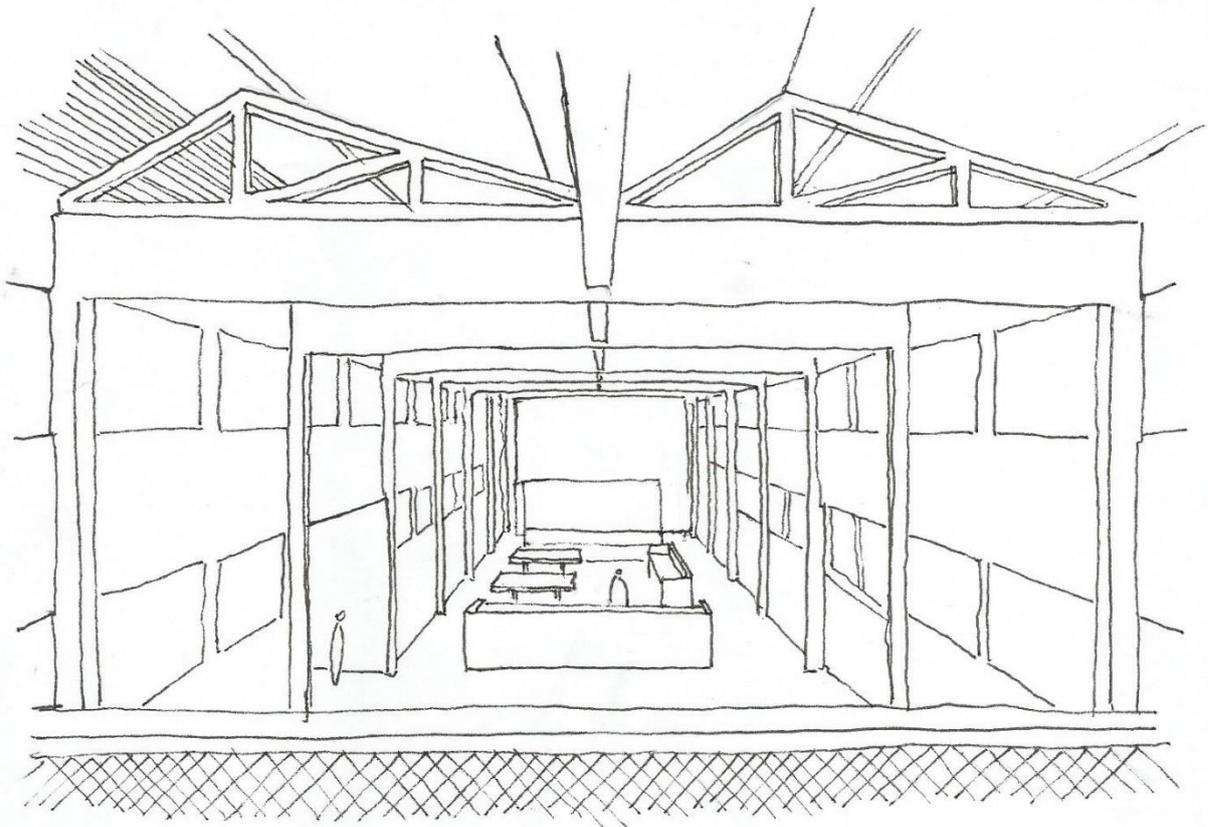
Fonte: Acervo do autor.

Figura 167 - Pátio interno visto a partir da passarela proposta (croquis).



Fonte: Acervo do autor.

Figura 168 - Galpão das oficinas visto a partir da passarela proposta (croquis).



Fonte: Acervo do autor.

O programa apresentado não pretende encerrar as possibilidades e necessidades que possam surgir ao longo da utilização do conjunto como Estaleiro Escola. Nesse sentido, buscou-se a liberação dos espaços e a fluidez das circulações, na certeza de que será utilizado de diversas maneiras imprevisíveis.

A proposta de intervenção arquitetônica na antiga Fábrica Jurubeba Leão do Norte apresenta atitudes diferenciadas para um conjunto de arquiteturas esteticamente heterogêneas. Buscou-se trabalhar uma certa unidade arquitetônica, o que é fundamental para um projeto de intervenção, no intuito de diferenciar o que são os elementos preexistentes daqueles que foram inseridos. Buscou-se nesse sentido a utilização de poucos materiais, que basicamente se resumem a alvenaria para as paredes, madeira para as esquadrias do casarão e do edifício administrativo e painéis de chapa expandida para os portões e guarda corpos. Essa unidade não foi trabalhada no intuito de “neutralizar” os elementos do conjunto, mas sim para dialogar e evidenciar esta heterogeneidade (Figura 169).

Figura 169 – Pátio interno do conjunto.



Fonte: Acervo do autor

CONSIDERAÇÃO FINAIS

Apesar de não representar um dos exemplares mais conhecidos do legado industrial da Península de Itapagipe, como a Fábrica Empório Industrial do Norte, a Fábrica da Penha ou a Fábrica Paraguaçu, o reconhecimento da história da empresa e do local permitiu uma visão mais clara do seu papel e significado enquanto patrimônio industrial. Entende-se que a península foi um espaço geográfico transitório em relação ao desenvolvimento industrial no estado da Bahia, que hoje acontece majoritariamente no Centro Industrial de Aratu e no Centro Industrial de Camaçari.

A evolução do objeto carrega em sua arquitetura as marcas dessa transitoriedade. Portanto, entende-se que a história da Organização Leão do Norte está plenamente inserida na história da Península de Itapagipe, e sua estrutura física carrega até hoje, ao final do primeiro quarto do século XXI, os traços daquele período de intensa atividade industrial, desde o fim do século XIX até meados do Século XX.

O aprofundamento no estudo do objeto, que envolveu o reconhecimento das características urbanísticas e geoclimáticas do entorno, o levantamento planialtimétrico, as análises laboratoriais e patológicas, os aspectos formais de sua arquitetura, bem como o conhecimento teórico que configura o campo do patrimônio e da restauração, foram decisivos para a elaboração do projeto.

Ainda que a proposta de uso tenha surgido após a análise crítica do objeto, até mesmo posteriormente à definição do partido arquitetônico, tal como preconiza a teoria da restauração de Brandi, o uso adotado ganha um protagonismo na proposta, uma vez que conecta o patrimônio material, uma reminiscência do surto industrial ocorrido na Península de Itapagipe, ao patrimônio imaterial, buscando resgatar e preservar a cultura naval dos saveiros da Baía de Todos os Santos e o “saber fazer” dos mestres carpinteiros navais.

A relevância do uso proposto merece, pois, especiais considerações. No caso brasileiro em geral, tendo em vista a enorme quantidade de edifícios históricos abandonados e arruinados, o que causa por si só graves problemas urbanos, até mesmo de segurança e saneamento – a simples restauração e reutilização adequada do imóvel já vem ao encontro de relevante interesse social.

Mas no caso específico da proposta deste trabalho, além de buscar atender o interesse público relativo à segurança, ao saneamento, entre outros problemas urbanos básicos que acometem o lugar, o interesse social almejado é ainda maior, porque a destinação do imóvel à criação do Estaleiro Escola pode propiciar importante melhoria das condições de vida da comunidade local, tanto do ponto de vista econômico quanto educativo e cultural.

No tocante ao aspecto econômico, a proposta de uso não apenas visa a propiciar receita necessária à manutenção e conservação do patrimônio histórico e artístico do próprio conjunto arquitetônico em si. O Estaleiro Escola pode oferecer também melhores condições de trabalho, formação técnica, qualificação profissional e mesmo renda para a comunidade do Bairro da Boa Viagem e arredores.

A proposta de uso formulada neste trabalho, para além de preservar o patrimônio histórico e artístico do conjunto arquitetônico, ainda tem uma dupla finalidade de preservar um outro patrimônio do povo baiano, este de cunho intangível: o patrimônio cultural representado por “técnicas tradicionais”, “saber-fazer”, “ritos de construção” dos saveiros, que os mestres carpinteiros navais dominam, mas que infelizmente está se perdendo.

E esse uso proposto ainda resgata a antiga destinação do conjunto edificado: uma atividade fabril, embora distinta da produção original de bebida, mas ainda mais relevante como bem cultural da comunidade de Itapagipe: a produção de embarcações. Como visto, na península, nos tempos áureos da atividade industrial, entre os diversos tipos de fábrica ali existentes, havia também estaleiros em franca atividade instalados naquela região. Mais um resgate histórico e cultural importante que se soma à proposta ora apresentada.

Buscou-se, não obstante, no exercício projetual, a manutenção dos valores arquitetônicos identificados durante a aproximação com o objeto e atender, portanto, as “demandas patrimoniais” inerentes ao conjunto edificado. Porém, para que o objeto seja efetivamente reconhecido e preservado enquanto patrimônio cultural, cumpre seja assim valorizado não só pela academia e pelos órgãos públicos competentes, mas sobretudo pela comunidade onde está inserido. E para que a comunidade assim o reconheça, é necessário que o patrimônio restaurado e a proposta de uso realmente atendam a uma função social claramente definida.

O uso indicado na proposta de intervenção na edificação, qual seja, a criação do Estaleiro Escola da Boa Viagem, ganha relevância com base nas seguintes justificativas e motivações já apresentadas ao longo desta dissertação, pois visam ao atendimento, no entender do autor, de relevante função social e relacionam-se à preservação de bens culturais, com responsabilidade socioambiental, que podem ser assim resumidas:

o saveiro é um valioso patrimônio cultural do povo baiano, um “saber fazer” dominado pelos mestres carpinteiros navais que corre o risco de extinção;

o Projeto Içar, que consiste em um importante projeto de preservação informacional sobre o saveiro, não possui uma sede para se estabelecer;

os pescadores e barqueiros locais trabalham a céu aberto, pois não têm um espaço adequado para exercer seu ofício (Figuras 121 e 122);

também por falta de espaço adequado, como ilustram também as mesmas Figuras 121 e 122, a resina e outras substâncias poluentes utilizadas no reparo de barcos nas imediações podem causar danos ambientais em alguns pontos da praia da Península de Itapagipe;

a criação de um Estaleiro Escola no Largo da Boa Viagem pode contribuir para a preservação de um segundo bem cultural: a Procissão Marítima da Nossa Senhora da Boa Viagem, pois pode também servir para a manutenção da galeota Gratidão do Povo, que por uma significativa e infeliz coincidência, em 2018, pela primeira vez em cem anos, não teve autorização da Capitania dos Portos para sair em razão de problemas técnicos;

a intervenção sugerida recai sobre uma preexistência fabril, e o uso proposto resgata exatamente uma atividade fabril, embora diferente da original (fabricação de bebida), ainda mais relevante como bem cultural (fabricação de saveiros) do que a anterior;

o resgate da destinação fabril do conjunto seria mais um importante registro histórico para preservar a memória do antigo e efervescente polo industrial da Península de Itapagipe;

o café pode servir de receita extra para a manutenção do Estaleiro Escola, atendendo não só aos estudantes e a população local, mas servindo também como ponto de apoio aos visitantes do Largo da Boa Viagem.

Quanto ao aspecto cultural, são importantes as considerações de Leonado Barci Castriota, para quem, “(...) no que se refere à “significância cultural e valores sociais”, caberia investigar as questões centrais do **porquê** e do **para quem** um objeto ou lugar é significativo, para quem eles são conservados, como se percebe o impacto das intervenções etc.” (CASTRIOTA, 2011, p. 65).

Por fim, cumpre considerar a necessidade de incorporar, nas reflexões e práticas sobre o restauro, “a diversidade de olhares oriundos dos diversos grupos sociais, a importância da atribuição de uso aos monumentos e a **participação dos usuários diretamente envolvidos com os bens culturais nos processos decisórios e na sua gestão**”, passo necessário “em direção a uma prática da preservação menos tecnocrática e em direção a um **entendimento do patrimônio cultural como objeto de interesse de toda a sociedade**” (ANDRADE, 2013, p. 70).

Eis, portanto, a proposta de “Intervenção em patrimônio industrial: antiga Fábrica Jurubeba Leão do Norte” e de uso desse patrimônio como Estaleiro Escola da Boa Viagem, que, assim espera o autor, possa ser submetida não só à comunidade acadêmica, mas também ao povo da Península de Itapagipe e de Salvador, a quem se dedica em última instância este trabalho.

Figura 170 – Vista para o casarão e para o Largo da Boa Viagem a partir do píer.



Fonte: Acervo do autor.

REFERÊNCIAS

ALVES DE ABREU, Alzira. **Dicionário histórico-biográfico da Primeira República (1889-1930)**. [S.l.]: CPDOC, 2015.

ANDRADE JUNIOR, Nivaldo Vieira de. **Do Ouro Branco ao Ouro Negro: as políticas públicas de preservação do patrimônio industrial na Bahia**. Revista Eletrônica Urbana, nº 3, CIEC/UNICAMP, 2011. Disponível em:

<<http://www.ifch.unicamp.br/ciec/revista/artigos3/%5B9%5DNivaldoAndrade.pdf>>. Acesso em: 30 dez. 2011.

ANDRADE JUNIOR, Nivaldo Vieira de. **“Novas” questões na teoria da restauração do patrimônio urbano: identidades culturais, função social e participação dos usuários**. PARC Pesquisa em Arquitetura e Construção. Campinas, SP, v. 4, n. 1, p. 63-79, 2013.

Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/parc/article/view/8634559>. Acesso em: 2 mar. 2021.

ARAGÃO, Fábio Góis de; BARREIROS, Filipe Coelho; CERQUEIRA, Vagner Damasceno Freitas de; LIMA, Rodrigo da Silva; MARTINS, Ana Cecília Barbosa; RIOS, Fernanda Campos da Cruz; SCHULTZ, Tiago; SILVA, André Luiz Barros da; TORRES, Suzana; TRINDADE, Marília Carneiro de Campos. **Fábrica Leão do Norte. Diagnóstico de Patologias Trabalho da disciplina Ateliê IV** - FAUFBA, 2010.

BRANDI, Cesare. **Teoria da restauração**. Cotia: Ateliê, 2004.

BASTOS, Marcelo Figueiras. **Saveiros, um resgate de técnicas de projeto e construção através de ferramentas paramétricas**. Trabalho Final de graduação pela Faculdade de Arquitetura da UFBA, 2018

BRASIL. Decreto-Lei nº25, de 30 de novembro de 1937 - Organiza a proteção do patrimônio histórico e artístico nacional. Disponível em: Acesso em: 15 fev. 2018

CADENA, Nelson. **Leão do Norte: Foi o Marketing que lhe deu vida**. blogs.ibahia.com, 2013. Disponível em: <http://blogs.ibahia.com/a/blogs/memoriasdabahia/2013/09/18/jurubeba/> Acesso em: 12 dez. 2017.

CALABRESE, Frederico. **Uma fronteira sutil: entre o projeto do novo e a conservação do existente** - Brasil e Itália no século XXI. UFBA, 2018

CARBONARA, Giovanni. Brandi e a restauração arquitetônica hoje, *Desígnio*, 2006, n. 6, p. 35-47. Tradução: Beatriz Mugayar Kühl

CARDOSO, Ceila Carneiro. **As fábricas na península Itapagipe como sítio industrial da Salvador Moderna.** *Arquitextos*, 132.06, ano 11, maio 2011. Disponível em: <http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/11.132/3894>. Acesso em: 4 de dezembro de 2017.

CARDOSO, Ceila Carneiro. **Arquitetura e Indústria. A Península de Itapagipe Como Sítio Industrial da Salvador Moderna (1892-1947).** Dissertação de mestrado, 2004

CARTA de Nizhny Tagil sobre o patrimônio industrial, TICCIH, 2003. Disponível em: <http://www.mnactec.cat/ticcih/pdf/NTagilPortuguese.pdf>. Acesso em 15 de jul. 2018

CARVALHO, Carlos Alberto de. **Tradições e milagres do Bomfim. Bahia: Typografia Bahiana**, 1915.

CASTORE, Maria Helena. **A Fábrica e o bairro: um estudo sobre a paisagem industrial no bairro de plataforma em Salvador.** Dissertação de mestrado (PPG em arquitetura e urbanismo) Mestrado em conservação e Restauro, UFBA, 2013.

CASTORE, Maria Helena. **A Antiga indústria têxtil Soteropolitana- Um Patrimônio Industrial “invisível”.** Tese de Doutorado, 2018.

CASTRIOTA, Leonardo Barci. **Conservação e valores. Pressupostos teóricos das políticas para o patrimônio.** In: *Reconceituações Contemporâneas do Patrimônio. Coleção Arquimemória.* Salvador: EDUFBA, 2011.

CUNHA, Claudia dos Reis e. **Teoria e método no campo da restauração.** Pós. *Revista Do Programa De Pós-Graduação Em Arquitetura E Urbanismo Da FAUUSP.*19(31), 98-115. (2012)

Disponível em: <https://doi.org/10.11606/issn.2317-2762.v19i31p98-115>. Acesso em: 7 mar. 2021.

DALTRO, Newton. **Leão do Norte: Bebida amarga da raça que adoça meu coração** apologo11.blogspot.com.br, 2014. Disponível em: <http://apologo11.blogspot.com.br/2014/01/leao-do-norte-bebida-amarga-da-raca-que.html>. Acesso em: 12 dez. 2017.

Declaração de Xi'an sobre a conservação do entorno edificado, sítios e áreas do patrimônio cultural, ICOMOS,2005. Disponível em: <https://wiki.mpmg.mp.br/patrimoniocultural/lib/exe/fetch.php?media=xian-declaration-por.pdf>. Acesso em 9 de fev. 2018.

Documentário Jurubeba Leão do Norte: Paulo Calfa e Mário Calfa. Salvador: Sua palavra net 2011. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=rwOYH3Y2KNo>> Acesso em: 12 dez. 2017.

FREIRE, Raquel Neimann da Cunha. **Requalificação da antiga estação rodoviária de Salvador.** Dissertação de Mestrado (MP-CECRE) Mestrado Profissional em Conservação e Restauração de Monumentos e Conjuntos Históricos, UFBA, 2015.

KÜHL, Beatriz Mugayar. **Cesare Brandi e a teoria da restauração.** Pós. Revista do Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo da FAUUSP, n. 21, p. 197-211, 1 jun. 2007.

KÜHL, Beatriz Mugayar. **Preservação do Patrimônio Arquitetônico da Industrialização: Problemas teóricos do restauro.** Cotia: Ateliê Editorial, 2008.

KÜHL, Beatriz Mugayar, **Patrimônio industrial: algumas questões em aberto.** Revista arq.urb, v. 3, pp. 23-30, 2010. Disponível em: <http://www.usjt.br/arq.urb/numero_03/3arqurb3-beatriz.pdf>. Acesso em: 28 nov. 2011.

LAGEDINHO, Antônio. **A Primeira Indústria de Feira.** feiraantiga.blogspot.com.br, 2010. Disponível em: <<http://feiraantiga.blogspot.com.br/2010/03/primeira-industria-de-feira.html>> Acesso em: 12 dez. 2017.

LAGUNES, María Margarita Segarra. *La Restauración Después de Cesare Brandi.* In: Reconceituações Contemporâneas do Patrimônio. Coleção Arquimemória. Salvador: EDUFBA, 2011.

LEÃO DO NORTE. **Nossa história.** Disponível em: <<http://www.leaodonorte.com.br//historia>>. Acesso em: 12 dez. 2017.

LUTHER, Aline de Carvalho. **Patrimônio Arquitetônico industrial na Península de Itapagipe: Um estudo para a preservação.** Dissertação de Mestrado (PPG em arquitetura e urbanismo) Mestrado em Conservação e Restauro, UFBA, 2012.

NAHAS, Patricia Viceconti, **A capacidade de “escutar” o monumento - O limite entre a criatividade projetual do novo e a conservação do antigo na obra de Giovanni Carbonara.** Resenhas, 184.06, ano 16, abr. 2017. Disponível em: <<https://vitruvius.com.br/revistas/read/resenhasonline/17.184/6510>> Acesso em 28/02/2021

Patrimônio Espiritual-Histórias, Fotografias, e significados das igrejas mais bonitas do Brasil, **Igreja de Nossa Senhora da Boa Viagem – Salvador, Bahia.** patrimonioespiritual.org, 2015. Disponível em: <<https://patrimonioespiritual.org/2015/06/01/igreja-de-nossa-senhora-da-boa-viagem-salvador-ba/>> Acesso em: 12 dez. 2017.

PEREIRA, Honório Nicholls. **Tendências contemporâneas na teoria da restauração.** In: Reconceituações Contemporâneas do Patrimônio. Coleção Arquimemória. Salvador: EDUFBA, 2011.

REBOLÇAS, Daniel. **Industria na Bahia- um olhar sobre sua história,** EPP publicações e Publicidade, 2016.

REZENDE, Eron. **A fábrica ao lado- Um passeio pelos vestígios do primeiro sítio industrial do Brasil.** Muito, Revista semanal do grupo A Tarde, N°371, Domingo 26 de Julho 2015.



UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA
FACULDADE DE ARQUITETURA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ARQUITETURA E URBANISMO
MESTRADO PROFISSIONAL EM CONSERVAÇÃO E RESTAURAÇÃO DE MONUMENTOS E NÚCLEOS HISTÓRICOS

ERASTO CÉSAR PINHO VILLA-VERDE DE CARVALHO

INTERVENÇÃO EM PATRIMÔNIO INDUSTRIAL:
ANTIGA FÁBRICA JURUBEBA LEÃO DO NORTE



VOLUME 2

LEVANTAMENTO FOTOGRÁFICO

Salvador
Março de 2020



UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA
FACULDADE DE ARQUITETURA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ARQUITETURA E URBANISMO
MESTRADO PROFISSIONAL EM CONSERVAÇÃO E RESTAURAÇÃO DE MONUMENTOS E NÚCLEOS HISTÓRICOS

INTERVENÇÃO EM PATRIMÔNIO INDUSTRIAL: ANTIGA FÁBRICA JURUBEBA LEÃO DO NORTE



Dissertação e Projeto apresentados ao Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal da Bahia, no Mestrado Profissional em Conservação e Restauração de Monumentos e Núcleos Históricos, como requisito para a obtenção do título de Mestre em Arquitetura e Urbanismo.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Griselda Pinheiro Klüppel

Co-orientação: Prof. Dr. Sergio Kopinski Ekerman

Salvador
Março de 2020

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Universidade Federal da Bahia (UFBA)
Sistema Universitário de Bibliotecas (SIBI)
Biblioteca da Faculdade de Arquitetura (BIB/FAU)

C331

Carvalho, Erasto César Pinho Villa-Verde de.

Intervenção em patrimônio industrial [manuscrito] : antiga fábrica Jurubeba Leão do Norte / Erasto César Pinho Villa-Verde de Carvalho. – Salvador, 2020.

3 v. : il. ; 30 cm.

Cópia de computador (*printout(s)*).

Dissertação – Universidade Federal da Bahia, Faculdade de Arquitetura, Mestrado Profissional em Conservação e Restauração de Monumentos e Núcleos Históricos. 2020.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Griselda Pinheiro Klüppel

1. Arquitetura - Conservação e restauração - Salvador (BA). 2. Arquitetura industrial - Salvador (BA) - Séc. XX. 3. Edifícios industriais - Projetos e plantas. 4. Patrimônio cultural - Proteção - Itapagipe, Península de (Salvador, BA). I. Klüppel, Griselda Pinheiro. II. Universidade Federal da Bahia. Faculdade de Arquitetura. III. Título.

CDU: 72.025(813.8)

APRESENTAÇÃO

O presente trabalho, denominado “Intervenção em patrimônio industrial: antiga Fábrica Jurubeba Leão do Norte”, foi desenvolvido no âmbito do Mestrado Profissional em Conservação e Restauração de Monumentos e Núcleos Históricos (MP-CECRE), curso regular da Faculdade de Arquitetura da Universidade Federal da Bahia (FAUFBA). Está dividido em três volumes: o Volume 1 – correspondente à parte textual, que visa à contextualização do objeto de estudo, além da apresentação e da explicação sobre o projeto arquitetônico elaborado; o Volume 2 – que consiste no levantamento fotográfico do objeto de estudo; e o Volume 3 – composto pelas peças gráficas referentes ao levantamento planialtimétricos, ao mapeamento de danos e, finalmente, ao projeto arquitetônico.



INTERVENÇÃO EM PATRIMÔNIO INDUSTRIAL: ANTIGA FÁBRICA JURUBEBA LEÃO DO NORTE

UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA - FACULDADE DE ARQUITETURA

MESTRADO PROFISSIONAL EM CONSERVAÇÃO E RESTAURAÇÃO DE MONUMENTOS E NÚCLEOS HISTÓRICOS

ERASTO CÉSAR PINHO VILLA-VERDE DE CARVALHO

ORIENTAÇÃO: GRISELDA KLÜPPEL/ CO-ORIENTAÇÃO: SERGIO EKERMAN

VOLUME 2

LEVANTAMENTO FOTOGRÁFICO

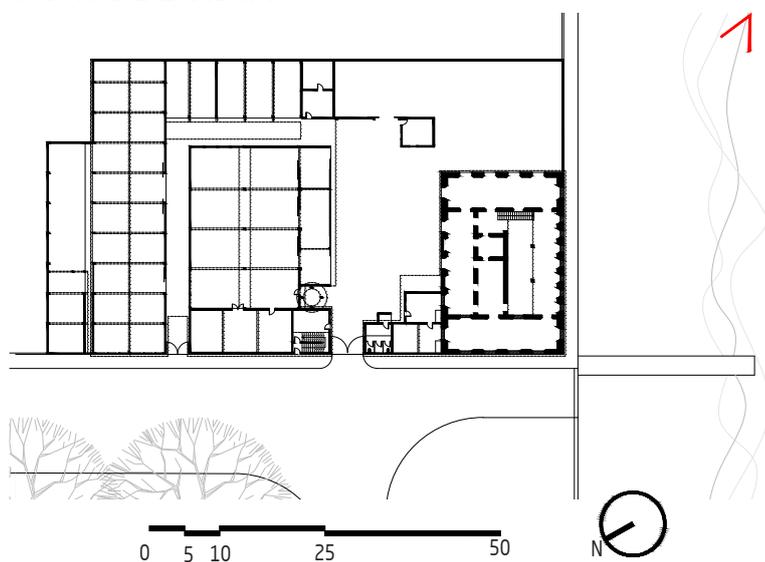
Nº 001 - DATA 02/01/2018 - FONTE ACERVO PESSOAL - CÂMERA NIKON D 5100



DESCRIÇÃO

PANORÂMICA DA FACHADA SU-DOESTE E PIER VISTOS DESDE A PRAIA DA BOA VIAGEM

PONTO DE VISTA





INTERVENÇÃO EM PATRIMÔNIO INDUSTRIAL: ANTIGA FÁBRICA JURUBEBA LEÃO DO NORTE

UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA - FACULDADE DE ARQUITETURA

MESTRADO PROFISSIONAL EM CONSERVAÇÃO E RESTAURAÇÃO DE MONUMENTOS E NÚCLEOS HISTÓRICOS

ERASTO CÉSAR PINHO VILLA-VERDE DE CARVALHO

ORIENTAÇÃO: GRISELDA KLÜPPEL/ CO-ORIENTAÇÃO: SERGIO EKERMAN

VOLUME 2

LEVANTAMENTO FOTOGRÁFICO

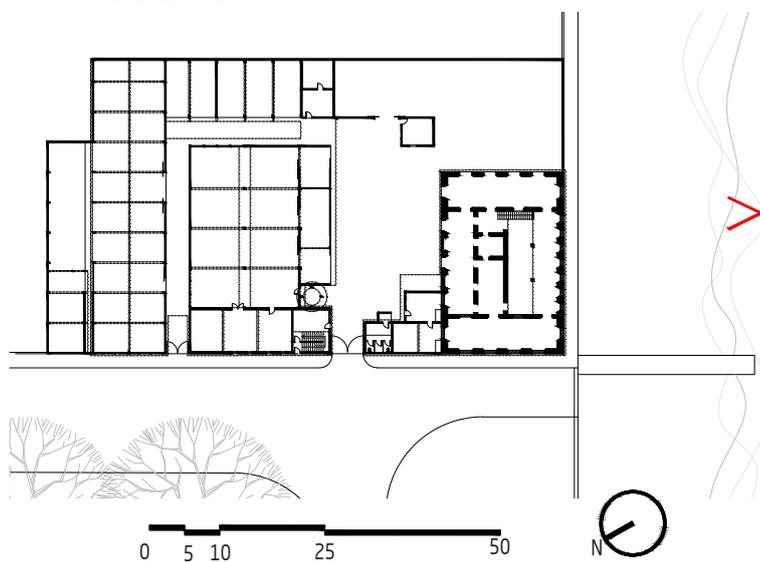
Nº 002 - DATA 02/01/2018 - FONTE ACERVO PESSOAL - CÂMERA NIKON D 5100



DESCRIÇÃO

FACHADA SUDOESTE VISTA DESDE
A PRAIA DA BOA VIAGEM

PONTO DE VISTA





INTERVENÇÃO EM PATRIMÔNIO INDUSTRIAL: ANTIGA FÁBRICA JURUBEBA LEÃO DO NORTE

UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA - FACULDADE DE ARQUITETURA

MESTRADO PROFISSIONAL EM CONSERVAÇÃO E RESTAURAÇÃO DE MONUMENTOS E NÚCLEOS HISTÓRICOS

ERASTO CÉSAR PINHO VILLA-VERDE DE CARVALHO

ORIENTAÇÃO: GISELDA KLÜPPEL/ CO-ORIENTAÇÃO: SERGIO EKERMAN

VOLUME 2

LEVANTAMENTO FOTOGRÁFICO

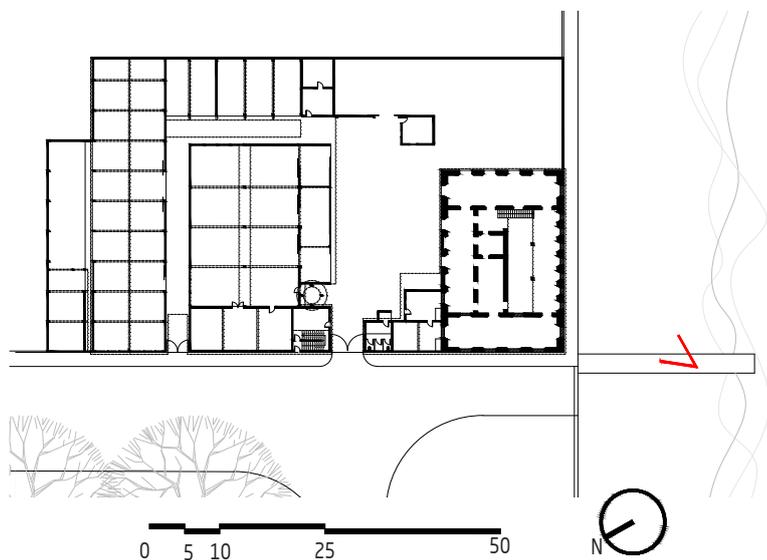
Nº 003 - DATA 02/01/2018 - FONTE ACERVO PESSOAL - CÂMERA NIKON D 5100



DESCRIÇÃO

FACHADA SUDOESTE VISTA DES-
DE O PIER

PONTO DE VISTA





INTERVENÇÃO EM PATRIMÔNIO INDUSTRIAL: ANTIGA FÁBRICA JURUBEBA LEÃO DO NORTE

UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA - FACULDADE DE ARQUITETURA

MESTRADO PROFISSIONAL EM CONSERVAÇÃO E RESTAURAÇÃO DE MONUMENTOS E NÚCLEOS HISTÓRICOS

ERASTO CÉSAR PINHO VILLA-VERDE DE CARVALHO

ORIENTAÇÃO: GRISELDA KLÜPPEL/ CO-ORIENTAÇÃO: SERGIO EKERMAN

VOLUME 2

LEVANTAMENTO FOTOGRÁFICO

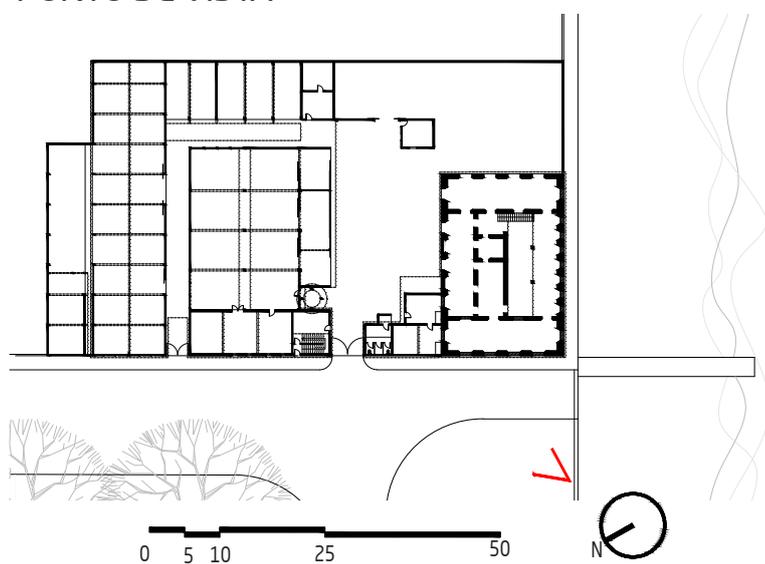
Nº 004 - DATA 02/01/2018 - FONTE ACERVO PESSOAL - CÂMERA NIKON D 5100



DESCRIÇÃO

PANORÂMICA DA FACHADA NO-ROESTE VISTA DESDE O LARGO DA BOA VIAGEM

PONTO DE VISTA





INTERVENÇÃO EM PATRIMÔNIO INDUSTRIAL: ANTIGA FÁBRICA JURUBEBA LEÃO DO NORTE

UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA - FACULDADE DE ARQUITETURA

MESTRADO PROFISSIONAL EM CONSERVAÇÃO E RESTAURAÇÃO DE MONUMENTOS E NÚCLEOS HISTÓRICOS

ERASTO CÉSAR PINHO VILLA-VERDE DE CARVALHO

ORIENTAÇÃO: GRISELDA KLÜPPEL/ CO-ORIENTAÇÃO: SERGIO EKERMAN

VOLUME 2

LEVANTAMENTO FOTOGRÁFICO

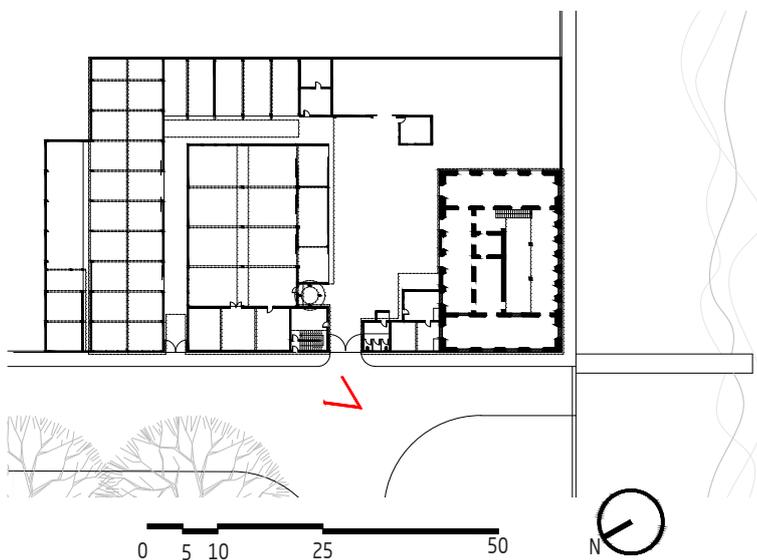
Nº 005 - DATA 02/01/2018 - FONTE ACERVO PESSOAL - CÂMERA NIKON D 5100



DESCRIÇÃO

EDIFÍCIO ADMINISTRATIVO VISTO
DESDE O LARGO DA BOA VIAGEM

PONTO DE VISTA





INTERVENÇÃO EM PATRIMÔNIO INDUSTRIAL: ANTIGA FÁBRICA JURUBEBA LEÃO DO NORTE

UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA - FACULDADE DE ARQUITETURA

MESTRADO PROFISSIONAL EM CONSERVAÇÃO E RESTAURAÇÃO DE MONUMENTOS E NÚCLEOS HISTÓRICOS

ERASTO CÉSAR PINHO VILLA-VERDE DE CARVALHO

ORIENTAÇÃO: GRISELDA KLÜPPEL/ CO-ORIENTAÇÃO: SERGIO EKERMAN

VOLUME 2

LEVANTAMENTO FOTOGRÁFICO

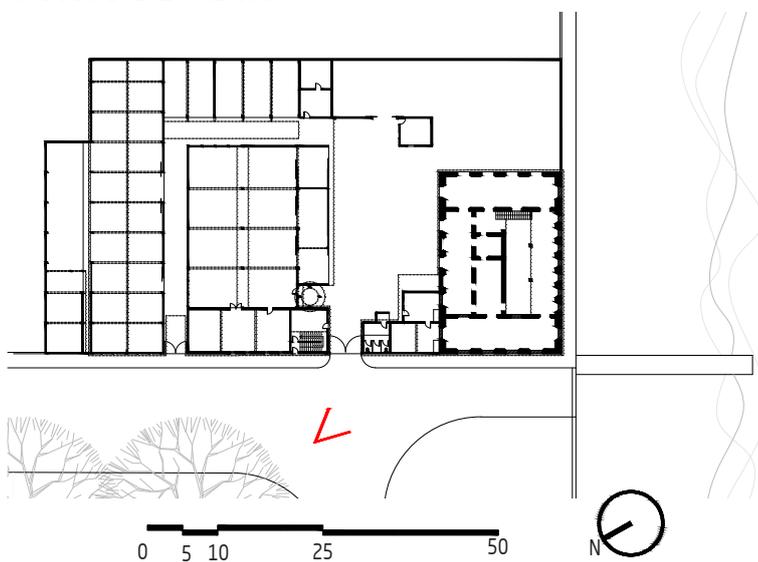
Nº 006 - DATA 02/01/2018 - FONTE ACERVO PESSOAL - CÂMERA NIKON D 5100



DESCRIÇÃO

VISTA DA ENTRADA, EDIFÍCIO ANTIGO E ANEXO, DESDE O LARGO DA BOA VIAGEM

PONTO DE VISTA





INTERVENÇÃO EM PATRIMÔNIO INDUSTRIAL: ANTIGA FÁBRICA JURUBEBA LEÃO DO NORTE

UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA - FACULDADE DE ARQUITETURA
MESTRADO PROFISSIONAL EM CONSERVAÇÃO E RESTAURAÇÃO DE MONUMENTOS E NÚCLEOS HISTÓRICOS
ERASTO CÉSAR PINHO VILLA-VERDE DE CARVALHO
ORIENTAÇÃO: GRISELDA KLÜPPEL/ CO-ORIENTAÇÃO: SERGIO EKERMAN

VOLUME 2
LEVANTAMENTO FOTOGRÁFICO

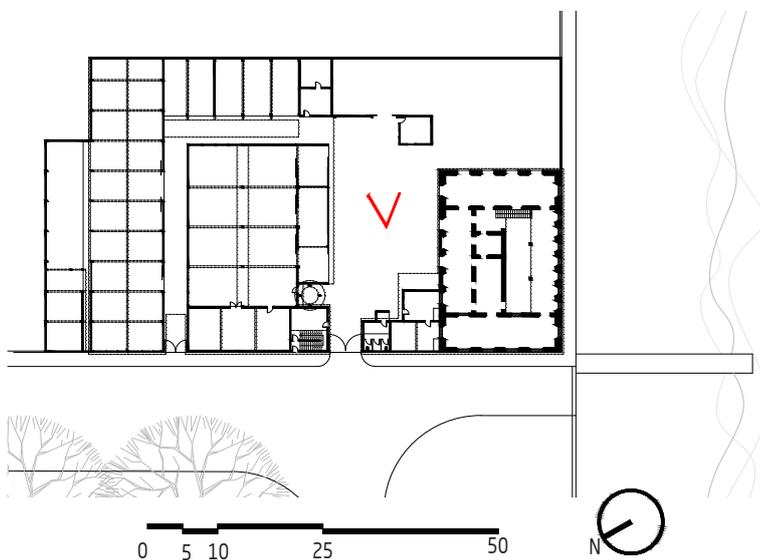
Nº 009 - DATA 10/12/2017 - FONTE ACERVO PESSOAL - CÂMERA NIKON D 5100



DESCRIÇÃO

PAREDE SOLTA E VOLUME COBERTO
VISTA DESDE O PÁTIO INTERNO

PONTO DE VISTA





INTERVENÇÃO EM PATRIMÔNIO INDUSTRIAL: ANTIGA FÁBRICA JURUBEBA LEÃO DO NORTE

UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA - FACULDADE DE ARQUITETURA
MESTRADO PROFISSIONAL EM CONSERVAÇÃO E RESTAURAÇÃO DE MONUMENTOS E NÚCLEOS HISTÓRICOS
ERASTO CÉSAR PINHO VILLA-VERDE DE CARVALHO
ORIENTAÇÃO: GRISELDA KLÜPPEL/ CO-ORIENTAÇÃO: SERGIO EKERMAN

VOLUME 2
LEVANTAMENTO FOTOGRÁFICO

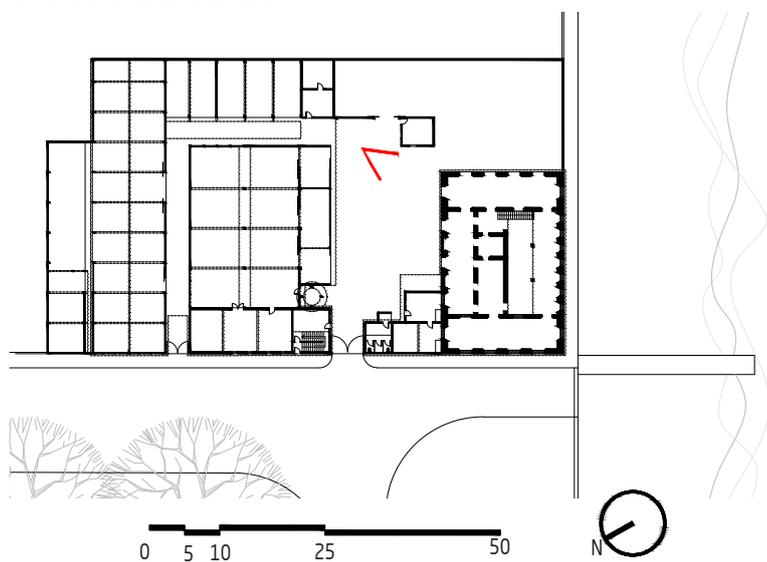
Nº 008 - DATA 10/12/2017 - FONTE ACERVO PESSOAL - CÂMERA NIKON D 5100



DESCRIÇÃO

FACHADA NORDESTE DO EDIFÍ-
CIO ANTIGO VISTA DESDE O PÁTIO
INTERNO

PONTO DE VISTA





INTERVENÇÃO EM PATRIMÔNIO INDUSTRIAL: ANTIGA FÁBRICA JURUBEBA LEÃO DO NORTE

UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA - FACULDADE DE ARQUITETURA

MESTRADO PROFISSIONAL EM CONSERVAÇÃO E RESTAURAÇÃO DE MONUMENTOS E NÚCLEOS HISTÓRICOS

ERASTO CÉSAR PINHO VILLA-VERDE DE CARVALHO

ORIENTAÇÃO: GRISELDA KLÜPPEL/ CO-ORIENTAÇÃO: SERGIO EKERMAN

VOLUME 2

LEVANTAMENTO FOTOGRÁFICO

Nº 009 - DATA 10/12/2017 - FONTE ACERVO PESSOAL - CÂMERA NIKON D 5100

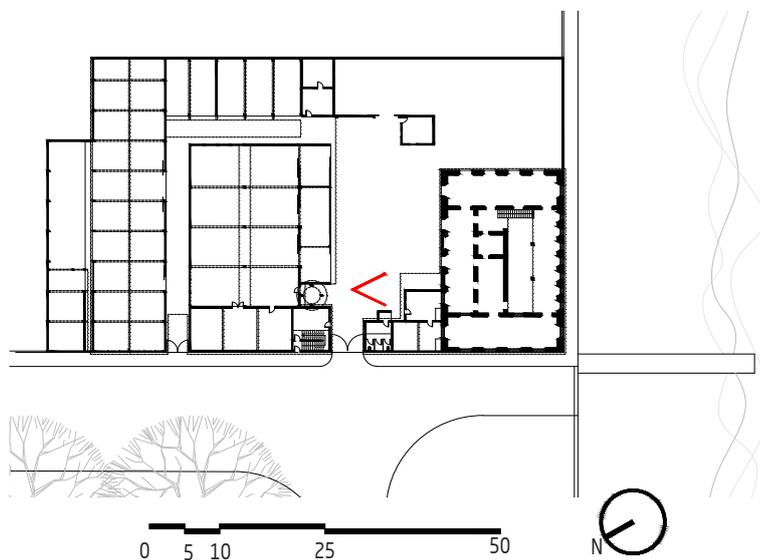


DESCRIÇÃO

VISTA PARA VOLUME ANEXO

EDIFÍCIO ANTIGO

PONTO DE VISTA





INTERVENÇÃO EM PATRIMÔNIO INDUSTRIAL: ANTIGA FÁBRICA JURUBEBA LEÃO DO NORTE

UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA - FACULDADE DE ARQUITETURA

MESTRADO PROFISSIONAL EM CONSERVAÇÃO E RESTAURAÇÃO DE MONUMENTOS E NÚCLEOS HISTÓRICOS

ERASTO CÉSAR PINHO VILLA-VERDE DE CARVALHO

ORIENTAÇÃO: GRISELDA KLÜPPEL/ CO-ORIENTAÇÃO: SERGIO EKERMAN

VOLUME 2

LEVANTAMENTO FOTOGRÁFICO

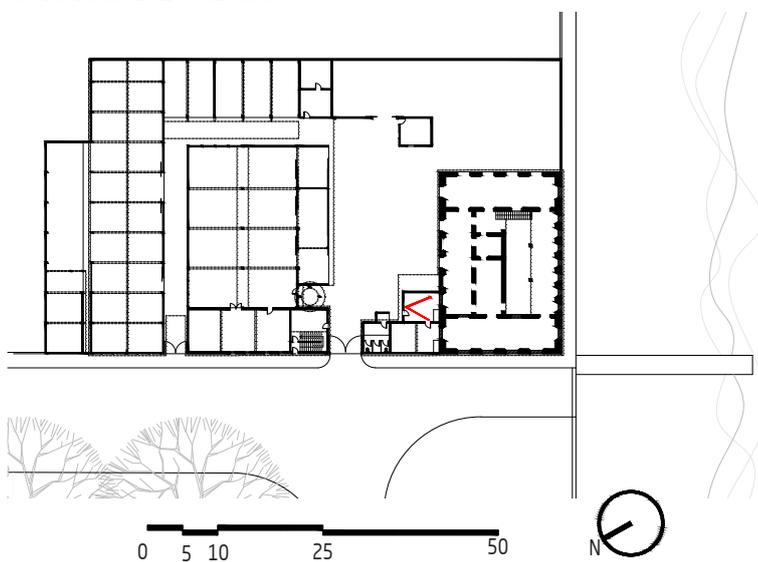
Nº 010 - DATA 10/12/2017 - FONTE ACERVO PESSOAL - CÂMERA NIKON D 5100



DESCRIÇÃO

VISTA DA ENTRADA, EDIFÍCIO AN-
TIGO E ANEXO, DESDE O LARGO DA
BOA VIAGEM

PONTO DE VISTA





INTERVENÇÃO EM PATRIMÔNIO INDUSTRIAL: ANTIGA FÁBRICA JURUBEBA LEÃO DO NORTE

UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA - FACULDADE DE ARQUITETURA

MESTRADO PROFISSIONAL EM CONSERVAÇÃO E RESTAURAÇÃO DE MONUMENTOS E NÚCLEOS HISTÓRICOS

ERASTO CÉSAR PINHO VILLA-VERDE DE CARVALHO

ORIENTAÇÃO: GRISELDA KLÜPPEL/ CO-ORIENTAÇÃO: SERGIO EKERMAN

VOLUME 2

LEVANTAMENTO FOTOGRÁFICO

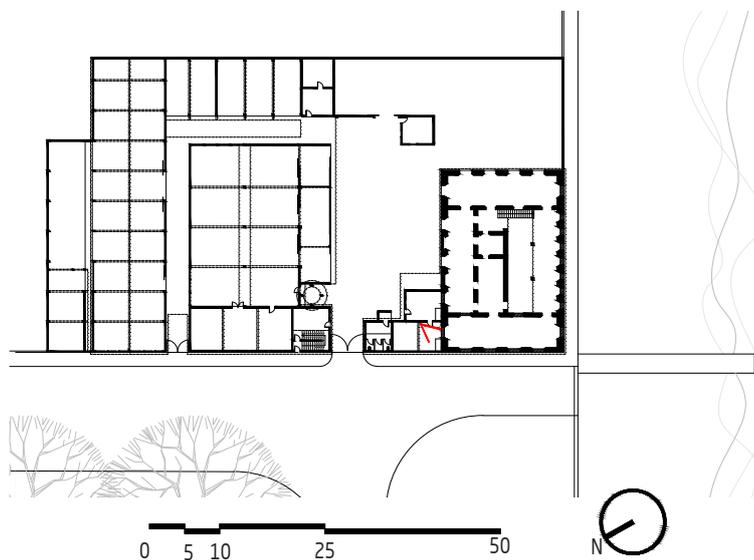
Nº 011 - DATA 10/12/2017 - FONTE ACERVO PESSOAL - CÂMERA NIKON D 5100



DESCRIÇÃO

VISTA INTERNA VOLUME ANEXO
EM COBERTURA CERÂMICA E TE-
SOURAS DE MADEIRA

PONTO DE VISTA





INTERVENÇÃO EM PATRIMÔNIO INDUSTRIAL: ANTIGA FÁBRICA JURUBEBA LEÃO DO NORTE

UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA - FACULDADE DE ARQUITETURA

MESTRADO PROFISSIONAL EM CONSERVAÇÃO E RESTAURAÇÃO DE MONUMENTOS E NÚCLEOS HISTÓRICOS

ERASTO CÉSAR PINHO VILLA-VERDE DE CARVALHO

ORIENTAÇÃO: GRISELDA KLÜPPEL/ CO-ORIENTAÇÃO: SERGIO EKERMAN

VOLUME 2

LEVANTAMENTO FOTOGRÁFICO

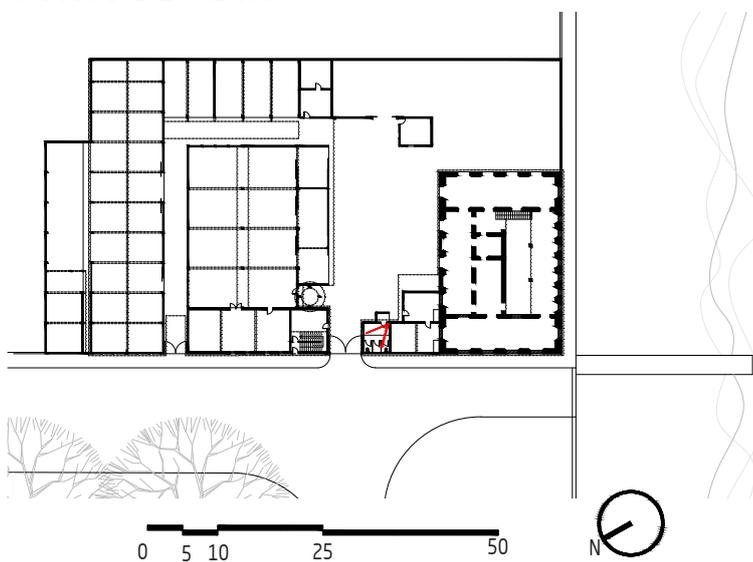
Nº 012 - DATA 10/12/2017 - FONTE ACERVO PESSOAL - CÂMERA NIKON D 5100



DESCRIÇÃO

VISTA INTERNA SANITARIO- VOL-
UME ANEXO

PONTO DE VISTA





INTERVENÇÃO EM PATRIMÔNIO INDUSTRIAL: ANTIGA FÁBRICA JURUBEBA LEÃO DO NORTE

UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA - FACULDADE DE ARQUITETURA

MESTRADO PROFISSIONAL EM CONSERVAÇÃO E RESTAURAÇÃO DE MONUMENTOS E NÚCLEOS HISTÓRICOS

ERASTO CÉSAR PINHO VILLA-VERDE DE CARVALHO

ORIENTAÇÃO: GRISELDA KLÜPPEL/ CO-ORIENTAÇÃO: SERGIO EKERMAN

VOLUME 2

LEVANTAMENTO FOTOGRÁFICO

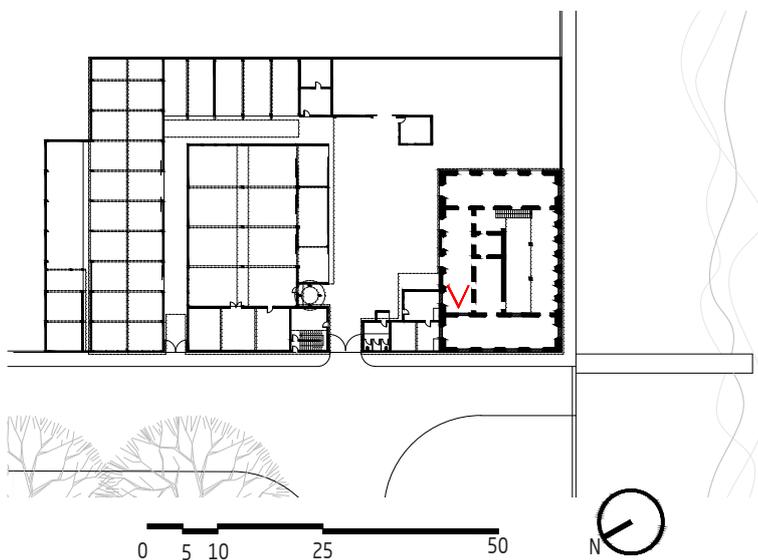
Nº 013 - DATA 10/12/2017 - FONTE ACERVO PESSOAL - CÂMERA NIKON D 5100



DESCRIÇÃO

VISTA INTERNO DO CORREDOR DE
ACESSO NORDESTE DO EDIFÍCIO
ANTIGO

PONTO DE VISTA





INTERVENÇÃO EM PATRIMÔNIO INDUSTRIAL: ANTIGA FÁBRICA JURUBEBA LEÃO DO NORTE

UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA - FACULDADE DE ARQUITETURA

MESTRADO PROFISSIONAL EM CONSERVAÇÃO E RESTAURAÇÃO DE MONUMENTOS E NÚCLEOS HISTÓRICOS

ERASTO CÉSAR PINHO VILLA-VERDE DE CARVALHO

ORIENTAÇÃO: GRISELDA KLÜPPEL/ CO-ORIENTAÇÃO: SERGIO EKERMAN

VOLUME 2

LEVANTAMENTO FOTOGRÁFICO

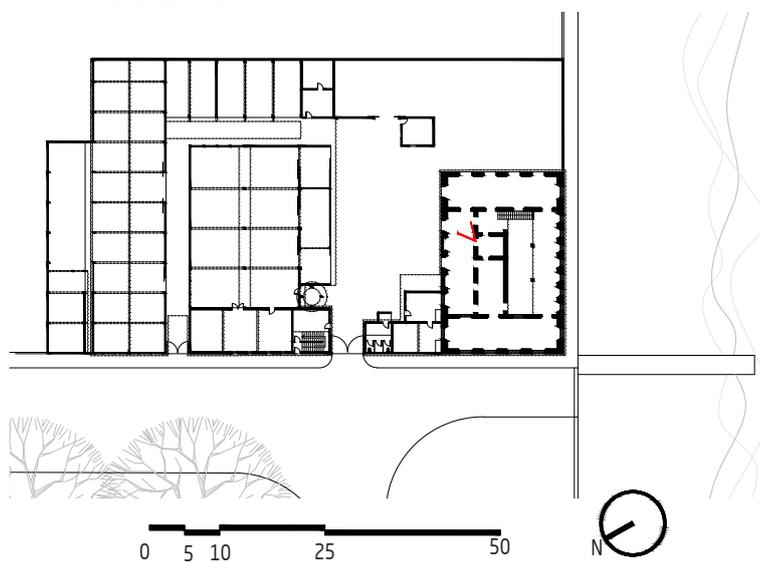
Nº 014 - DATA 10/12/2017 - FONTE ACERVO PESSOAL - CÂMERA NIKON D 5100



DESCRIÇÃO

ABERTURAS ENTRE O EDIFÍCIO
ANTIGO E O PÁTIO INTERNO DA
FÁBRICA

PONTO DE VISTA





INTERVENÇÃO EM PATRIMÔNIO INDUSTRIAL: ANTIGA FÁBRICA JURUBEBA LEÃO DO NORTE

UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA - FACULDADE DE ARQUITETURA

MESTRADO PROFISSIONAL EM CONSERVAÇÃO E RESTAURAÇÃO DE MONUMENTOS E NÚCLEOS HISTÓRICOS

ERASTO CÉSAR PINHO VILLA-VERDE DE CARVALHO

ORIENTAÇÃO: GRISELDA KLÜPPEL/ CO-ORIENTAÇÃO: SERGIO EKERMAN

VOLUME 2

LEVANTAMENTO FOTOGRÁFICO

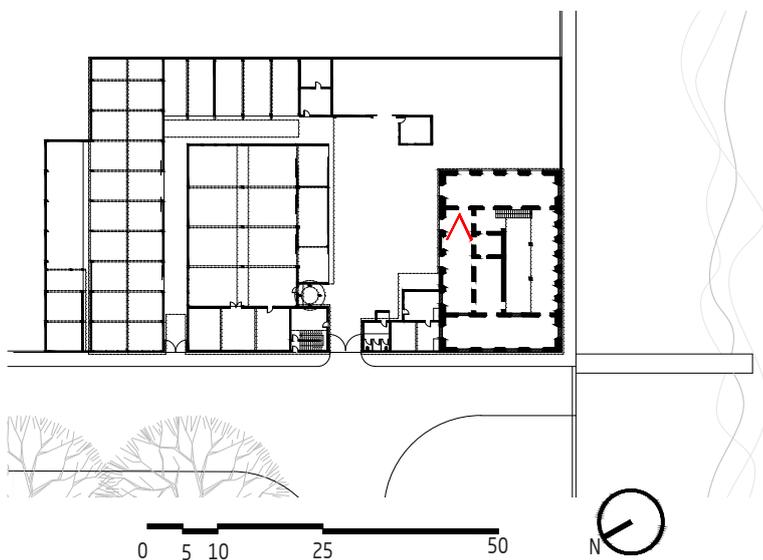
Nº 015 - DATA 10/12/2017 - FONTE ACERVO PESSOAL - CÂMERA NIKON D 5100



DESCRIÇÃO

VISTA INTERNA DO CORREDOR DE ACESSO NORDESTE DO EDIFÍCIO ANTIGO.

PONTO DE VISTA





INTERVENÇÃO EM PATRIMÔNIO INDUSTRIAL: ANTIGA FÁBRICA JURUBEBA LEÃO DO NORTE

UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA - FACULDADE DE ARQUITETURA

MESTRADO PROFISSIONAL EM CONSERVAÇÃO E RESTAURAÇÃO DE MONUMENTOS E NÚCLEOS HISTÓRICOS

ERASTO CÉSAR PINHO VILLA-VERDE DE CARVALHO

ORIENTAÇÃO: GISELDA KLÜPPEL/ CO-ORIENTAÇÃO: SERGIO EKERMAN

VOLUME 2

LEVANTAMENTO FOTOGRÁFICO

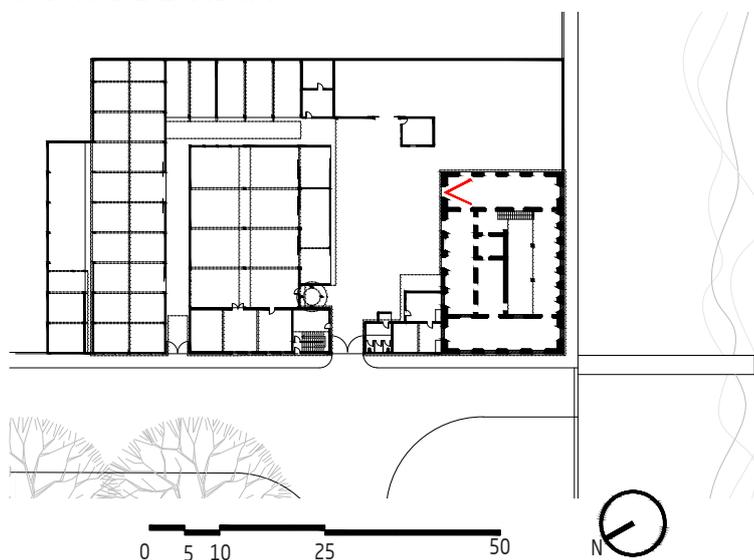
Nº 016 - DATA 10/12/2017 - FONTE ACERVO PESSOAL - CÂMERA NIKON D 5100



DESCRIÇÃO

VISTA INTERNA DO CORREDOR
DE ACESSO SUDESTE DO EDIFÍCIO
ANTIGO.

PONTO DE VISTA





INTERVENÇÃO EM PATRIMÔNIO INDUSTRIAL: ANTIGA FÁBRICA JURUBEBA LEÃO DO NORTE

UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA - FACULDADE DE ARQUITETURA

MESTRADO PROFISSIONAL EM CONSERVAÇÃO E RESTAURAÇÃO DE MONUMENTOS E NÚCLEOS HISTÓRICOS

ERASTO CÉSAR PINHO VILLA-VERDE DE CARVALHO

ORIENTAÇÃO: GRISELDA KLÜPPEL/ CO-ORIENTAÇÃO: SERGIO EKERMAN

VOLUME 2

LEVANTAMENTO FOTOGRÁFICO

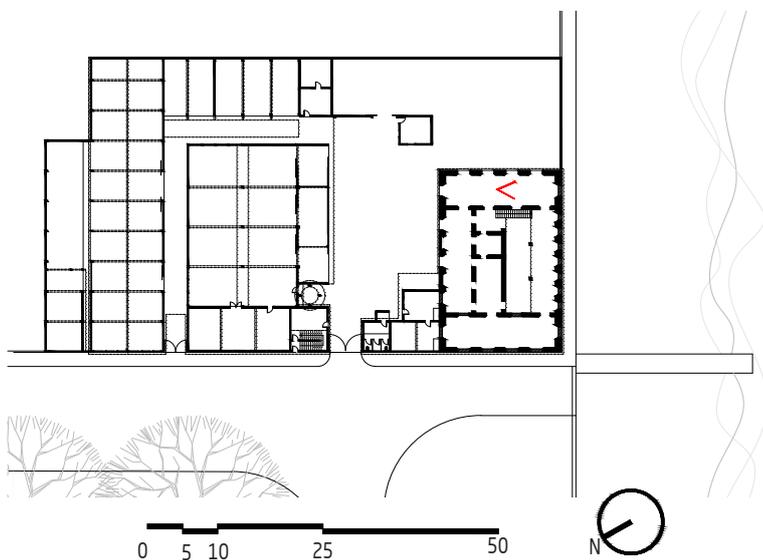
Nº 017 - DATA 10/12/2017 - FONTE ACERVO PESSOAL - CÂMERA NIKON D 5100



DESCRIÇÃO

VISTA INTERNA DO CORREDOR
DE ACESSO SUDESTE DO EDIFÍCIO
ANTIGO.

PONTO DE VISTA





INTERVENÇÃO EM PATRIMÔNIO INDUSTRIAL: ANTIGA FÁBRICA JURUBEBA LEÃO DO NORTE

UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA - FACULDADE DE ARQUITETURA

MESTRADO PROFISSIONAL EM CONSERVAÇÃO E RESTAURAÇÃO DE MONUMENTOS E NÚCLEOS HISTÓRICOS

ERASTO CÉSAR PINHO VILLA-VERDE DE CARVALHO

ORIENTAÇÃO: GRISELDA KLÜPPEL/ CO-ORIENTAÇÃO: SERGIO EKERMAN

VOLUME 2

LEVANTAMENTO FOTOGRÁFICO

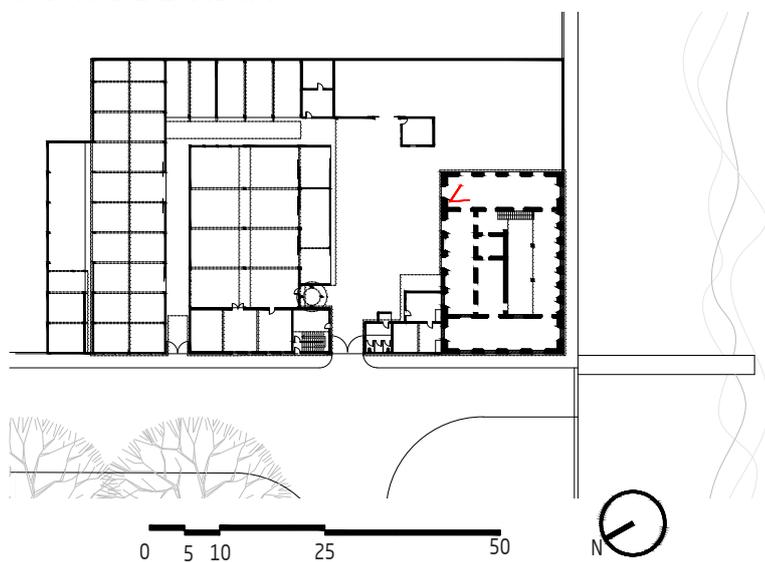
Nº 018 - DATA 10/12/2017 - FONTE ACERVO PESSOAL - CÂMERA NIKON D 5100



DESCRIÇÃO

VISTA INTERNA DO CORREDOR DE ACESSO SUDESTE DO EDIFÍCIO ANTIGO VISTA PARA O PÁTIO INTERNO DA FÁBRICA.

PONTO DE VISTA





INTERVENÇÃO EM PATRIMÔNIO INDUSTRIAL: ANTIGA FÁBRICA JURUBEBA LEÃO DO NORTE

UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA - FACULDADE DE ARQUITETURA

MESTRADO PROFISSIONAL EM CONSERVAÇÃO E RESTAURAÇÃO DE MONUMENTOS E NÚCLEOS HISTÓRICOS

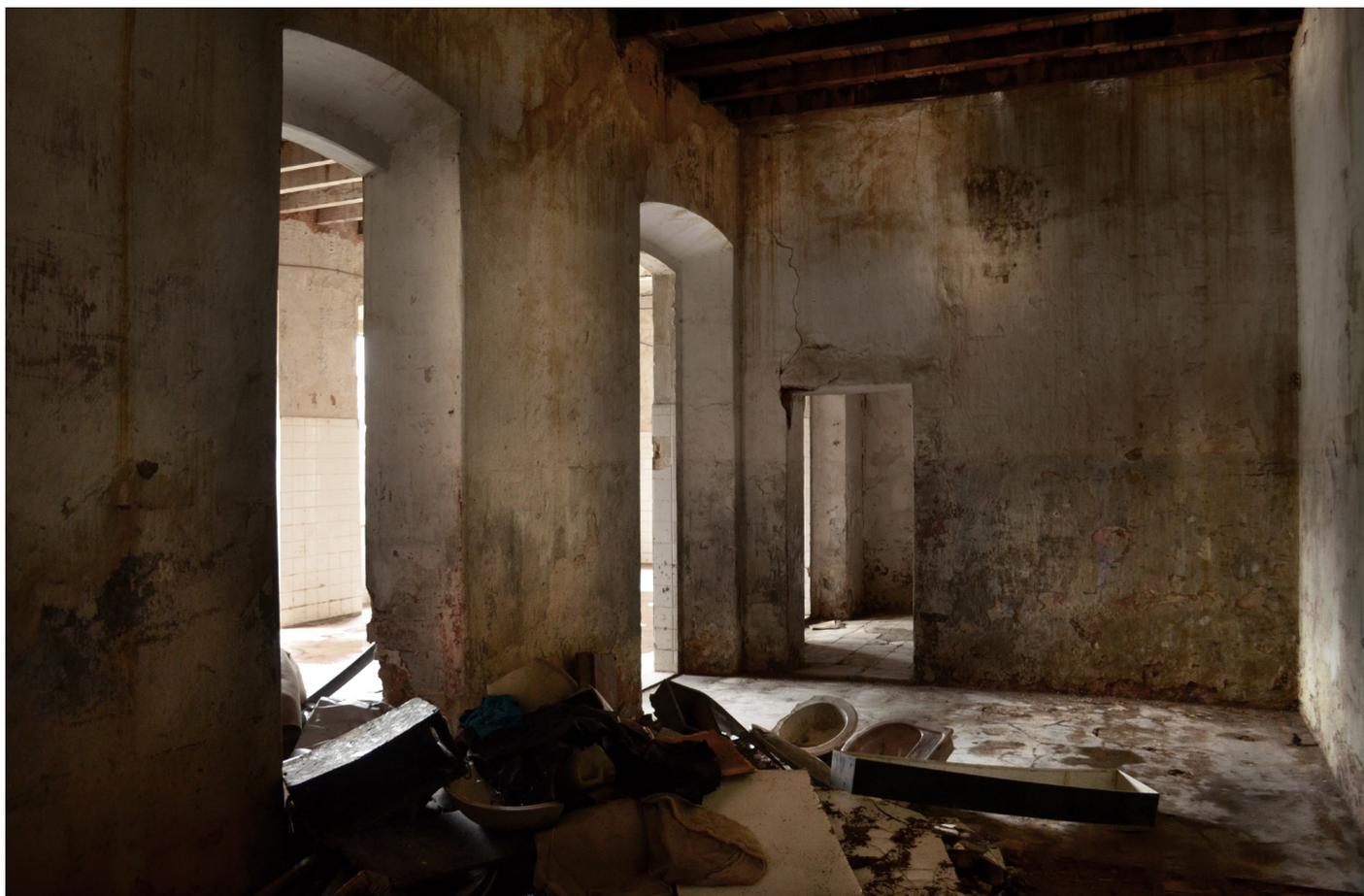
ERASTO CÉSAR PINHO VILLA-VERDE DE CARVALHO

ORIENTAÇÃO: GRISELDA KLÜPPEL/ CO-ORIENTAÇÃO: SERGIO EKERMAN

VOLUME 2

LEVANTAMENTO FOTOGRÁFICO

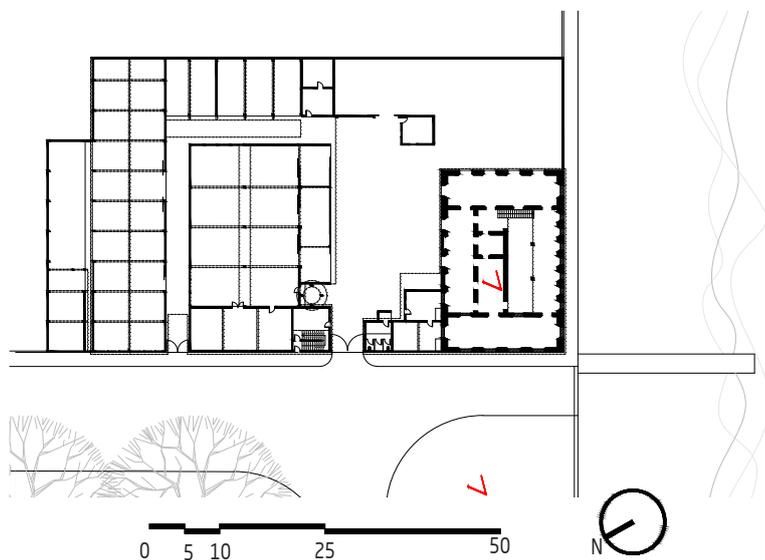
Nº 019 - DATA 10/12/2017 - FONTE ACERVO PESSOAL - CÂMERA NIKON D 5100



DESCRIÇÃO

VISTA DE AMBIENTE INTERNO DO
PAVIMENTO TÉRREO DO EDIFÍCIO
ANTIGO

PONTO DE VISTA





INTERVENÇÃO EM PATRIMÔNIO INDUSTRIAL: ANTIGA FÁBRICA JURUBEBA LEÃO DO NORTE

UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA - FACULDADE DE ARQUITETURA

MESTRADO PROFISSIONAL EM CONSERVAÇÃO E RESTAURAÇÃO DE MONUMENTOS E NÚCLEOS HISTÓRICOS

ERASTO CÉSAR PINHO VILLA-VERDE DE CARVALHO

ORIENTAÇÃO: GRISELDA KLÜPPEL/ CO-ORIENTAÇÃO: SERGIO EKERMAN

VOLUME 2

LEVANTAMENTO FOTOGRÁFICO

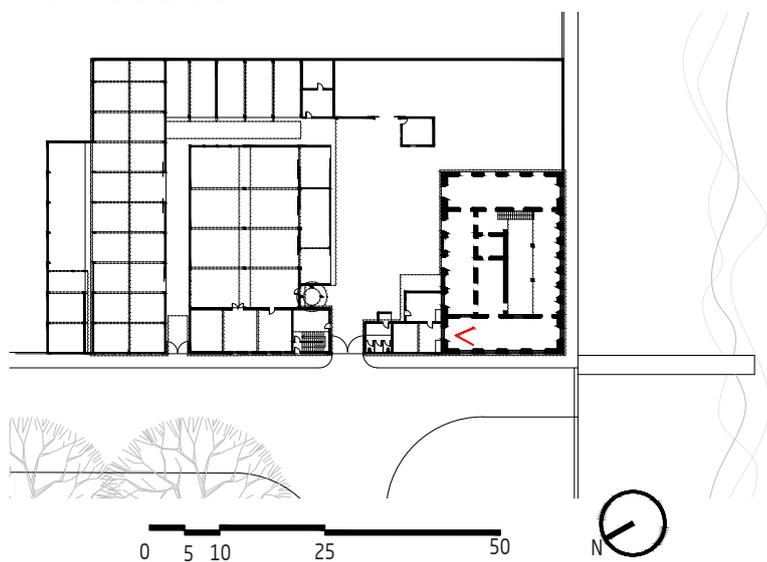
Nº 020 - DATA 10/12/2017 - FONTE ACERVO PESSOAL - CÂMERA NIKON D 5100



DESCRIÇÃO

VISTA DE AMBIENTE INTERNO DO
PAVIMENTO TÉRREO DO EDIFÍCIO
ANTIGO

PONTO DE VISTA





INTERVENÇÃO EM PATRIMÔNIO INDUSTRIAL: ANTIGA FÁBRICA JURUBEBA LEÃO DO NORTE

UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA - FACULDADE DE ARQUITETURA

MESTRADO PROFISSIONAL EM CONSERVAÇÃO E RESTAURAÇÃO DE MONUMENTOS E NÚCLEOS HISTÓRICOS

ERASTO CÉSAR PINHO VILLA-VERDE DE CARVALHO

ORIENTAÇÃO: GRISELDA KLÜPPEL/ CO-ORIENTAÇÃO: SERGIO EKERMAN

VOLUME 2

LEVANTAMENTO FOTOGRÁFICO

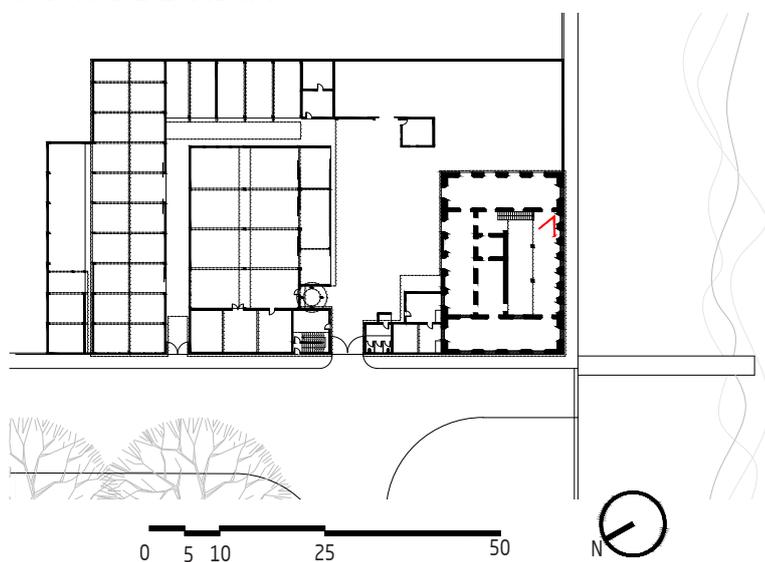
Nº 021 - DATA 10/12/2017 - FONTE ACERVO PESSOAL - CÂMERA NIKON D 5100



DESCRIÇÃO

SALÃO PRINCIPAL E MEZANIN VIS-
TOS DESDE O PAVIMENTO TÉRREO
DO EDIFÍCIO ANTIGO

PONTO DE VISTA





INTERVENÇÃO EM PATRIMÔNIO INDUSTRIAL: ANTIGA FÁBRICA JURUBEBA LEÃO DO NORTE

UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA - FACULDADE DE ARQUITETURA

MESTRADO PROFISSIONAL EM CONSERVAÇÃO E RESTAURAÇÃO DE MONUMENTOS E NÚCLEOS HISTÓRICOS

ERASTO CÉSAR PINHO VILLA-VERDE DE CARVALHO

ORIENTAÇÃO: GRISELDA KLÜPPEL/ CO-ORIENTAÇÃO: SERGIO EKERMAN

VOLUME 2

LEVANTAMENTO FOTOGRÁFICO

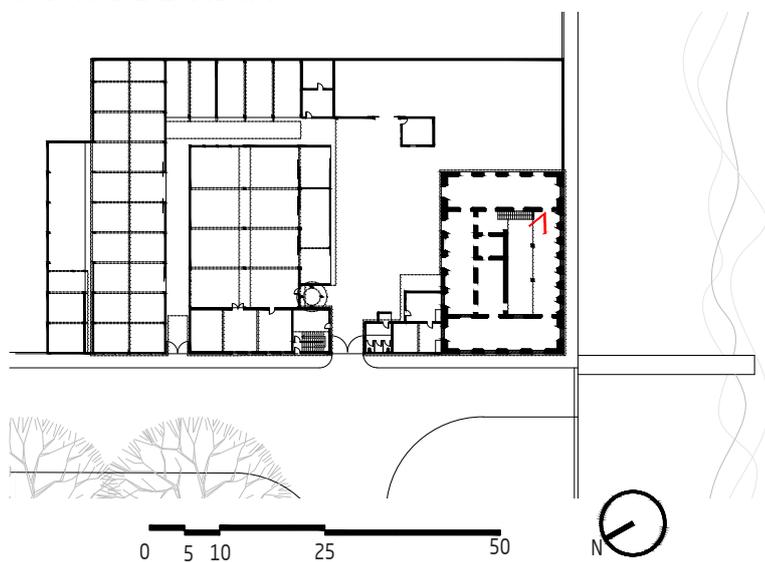
Nº 022 - DATA 10/12/2017 - FONTE ACERVO PESSOAL - CÂMERA NIKON D 5100



DESCRIÇÃO

DETALHE ENCONTRO ENTRE PILAR
E VIGA DE SUSTENTAÇÃO DO AS-
SOALHO

PONTO DE VISTA



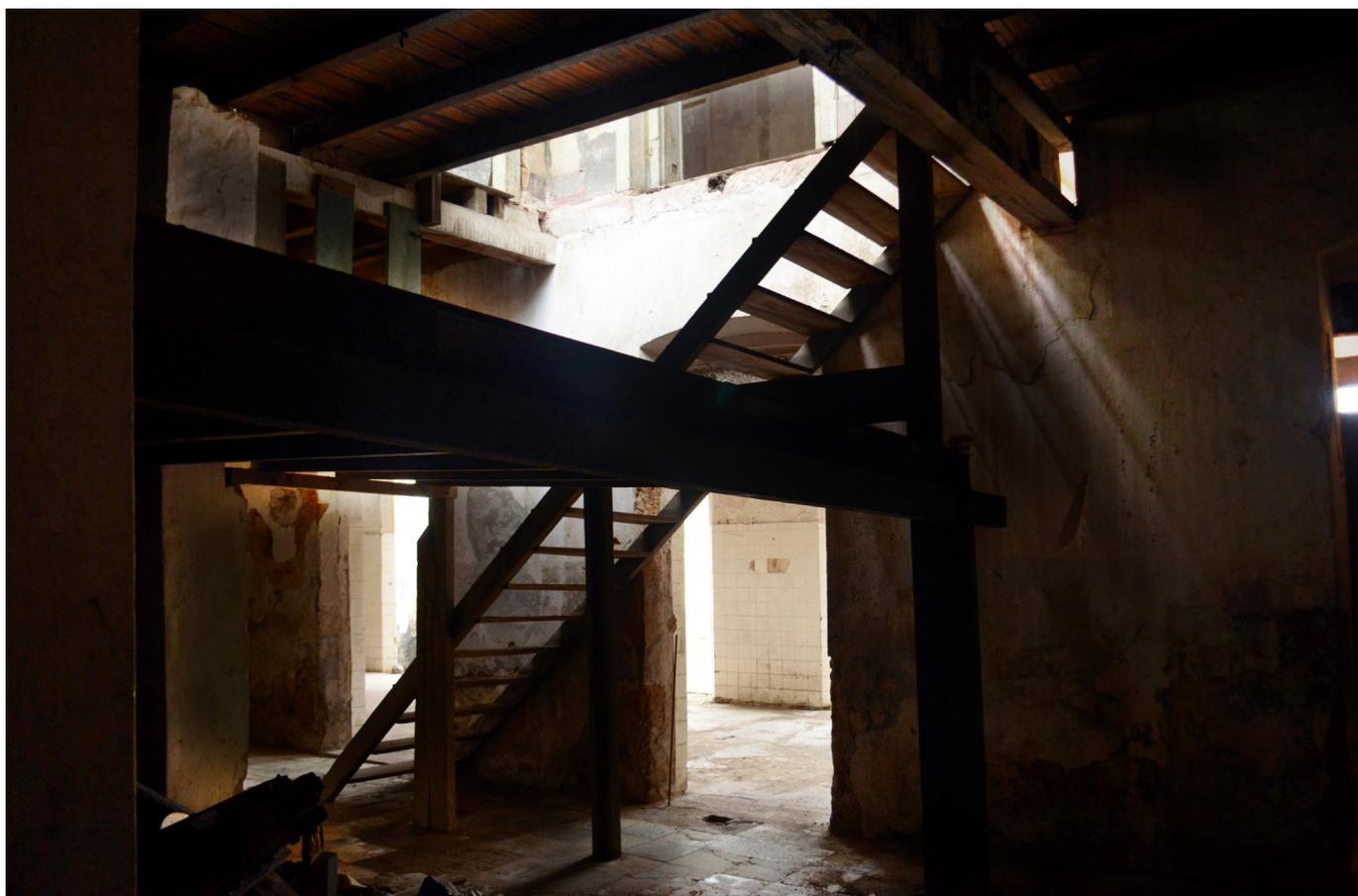


INTERVENÇÃO EM PATRIMÔNIO INDUSTRIAL: ANTIGA FÁBRICA JURUBEBA LEÃO DO NORTE

UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA - FACULDADE DE ARQUITETURA
MESTRADO PROFISSIONAL EM CONSERVAÇÃO E RESTAURAÇÃO DE MONUMENTOS E NÚCLEOS HISTÓRICOS
ERASTO CÉSAR PINHO VILLA-VERDE DE CARVALHO
ORIENTAÇÃO: GRISELDA KLÜPPEL/ CO-ORIENTAÇÃO: SERGIO EKERMAN

VOLUME 2
LEVANTAMENTO FOTOGRÁFICO

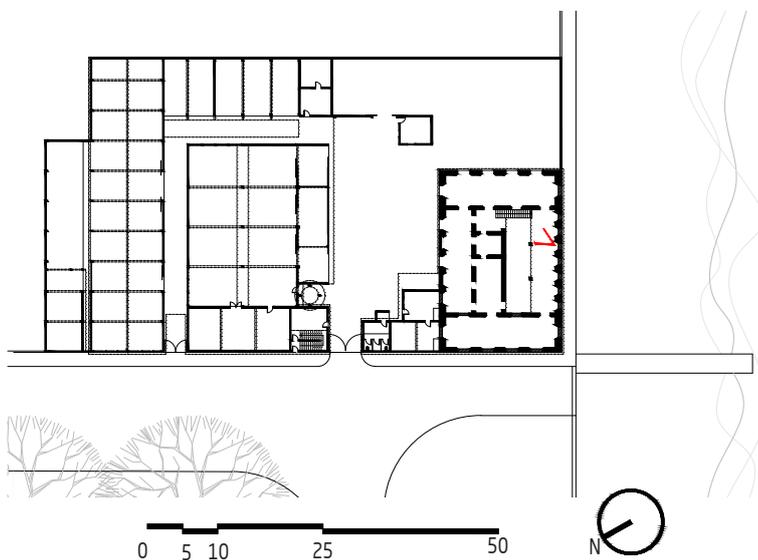
Nº 023 - DATA 10/12/2017 - FONTE ACERVO PESSOAL - CÂMERA NIKON D 5100



DESCRIÇÃO

VISTA PARA CIRCULAÇÃO VERTICAL DO CASARÃO A PARTIR DO SALÃO PRINCIPAL DO EDIFÍCIO ANTIGO

PONTO DE VISTA





INTERVENÇÃO EM PATRIMÔNIO INDUSTRIAL: ANTIGA FÁBRICA JURUBEBA LEÃO DO NORTE

UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA - FACULDADE DE ARQUITETURA
MESTRADO PROFISSIONAL EM CONSERVAÇÃO E RESTAURAÇÃO DE MONUMENTOS E NÚCLEOS HISTÓRICOS
ERASTO CÉSAR PINHO VILLA-VERDE DE CARVALHO
ORIENTAÇÃO: GRISELDA KLÜPPEL/ CO-ORIENTAÇÃO: SERGIO EKERMAN

VOLUME 2
LEVANTAMENTO FOTOGRÁFICO

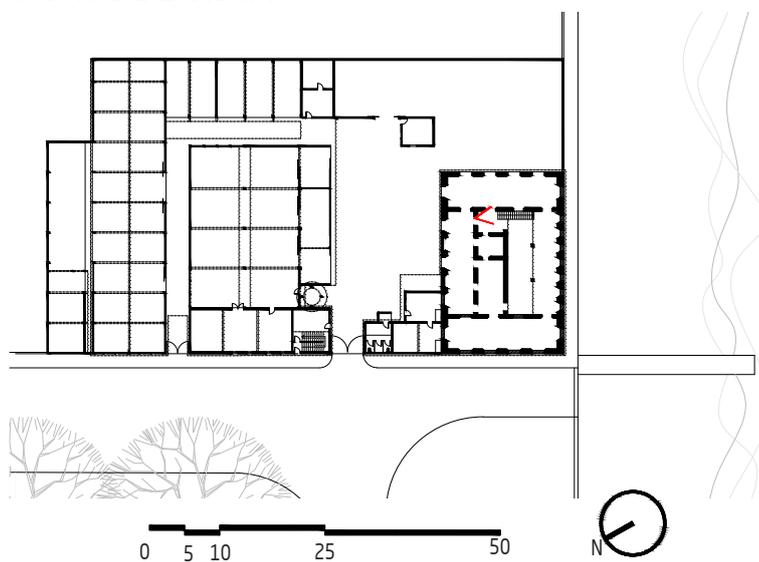
Nº 024 - DATA 10/12/2017 - FONTE ACERVO PESSOAL - CÂMERA NIKON D 5100



DESCRIÇÃO

VISTA PARA ESCADA DE ACESSO
PARA O SEGUNDO PAVIMENTO DO
SOBRADO

PONTO DE VISTA





INTERVENÇÃO EM PATRIMÔNIO INDUSTRIAL: ANTIGA FÁBRICA JURUBEBA LEÃO DO NORTE

UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA - FACULDADE DE ARQUITETURA

MESTRADO PROFISSIONAL EM CONSERVAÇÃO E RESTAURAÇÃO DE MONUMENTOS E NÚCLEOS HISTÓRICOS

ERASTO CÉSAR PINHO VILLA-VERDE DE CARVALHO

ORIENTAÇÃO: GRISELDA KLÜPPEL/ CO-ORIENTAÇÃO: SERGIO EKERMAN

VOLUME 2

LEVANTAMENTO FOTOGRÁFICO

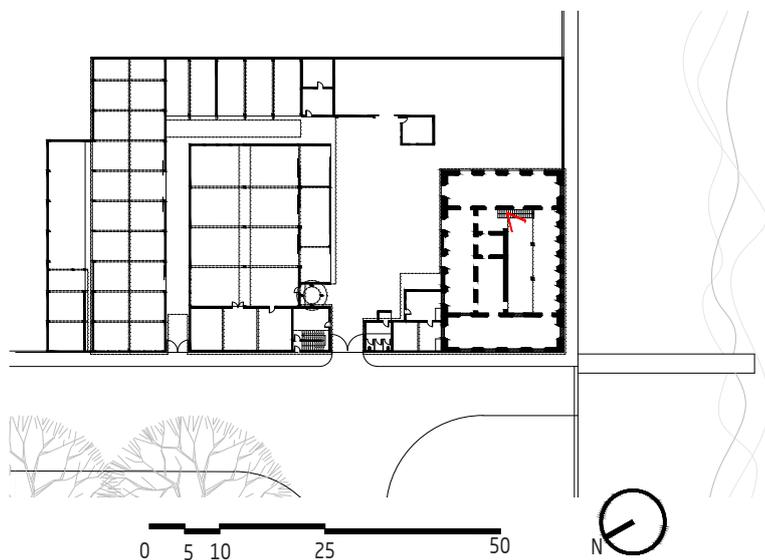
Nº 025 - DATA 10/12/2017 - FONTE ACERVO PESSOAL - CÂMERA NIKON D 5100



DESCRIÇÃO

VISTA PARA O MEZANINO QUE O
CUPA O SALÃO PRINCIPAL

PONTO DE VISTA





INTERVENÇÃO EM PATRIMÔNIO INDUSTRIAL: ANTIGA FÁBRICA JURUBEBA LEÃO DO NORTE

UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA - FACULDADE DE ARQUITETURA

MESTRADO PROFISSIONAL EM CONSERVAÇÃO E RESTAURAÇÃO DE MONUMENTOS E NÚCLEOS HISTÓRICOS

ERASTO CÉSAR PINHO VILLA-VERDE DE CARVALHO

ORIENTAÇÃO: GRISELDA KLÜPPEL/ CO-ORIENTAÇÃO: SERGIO EKERMAN

VOLUME 2

LEVANTAMENTO FOTOGRÁFICO

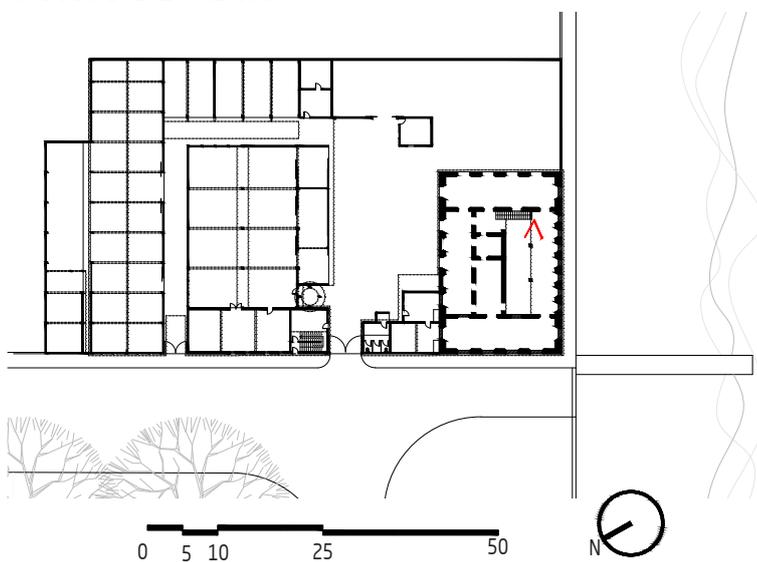
Nº 026 - DATA 10/12/2017 - FONTE ACERVO PESSOAL - CÂMERA NIKON D 5100



DESCRIÇÃO

VISTA DE AMBIENTE INTERNO DO PRIMEIRO PAVIMENTO DO EDIFÍCIO ANTIGO

PONTO DE VISTA





INTERVENÇÃO EM PATRIMÔNIO INDUSTRIAL: ANTIGA FÁBRICA JURUBEBA LEÃO DO NORTE

UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA - FACULDADE DE ARQUITETURA
MESTRADO PROFISSIONAL EM CONSERVAÇÃO E RESTAURAÇÃO DE MONUMENTOS E NÚCLEOS HISTÓRICOS
ERASTO CÉSAR PINHO VILLA-VERDE DE CARVALHO
ORIENTAÇÃO: GRISELDA KLÜPPEL/ CO-ORIENTAÇÃO: SERGIO EKERMAN

VOLUME 2
LEVANTAMENTO FOTOGRÁFICO

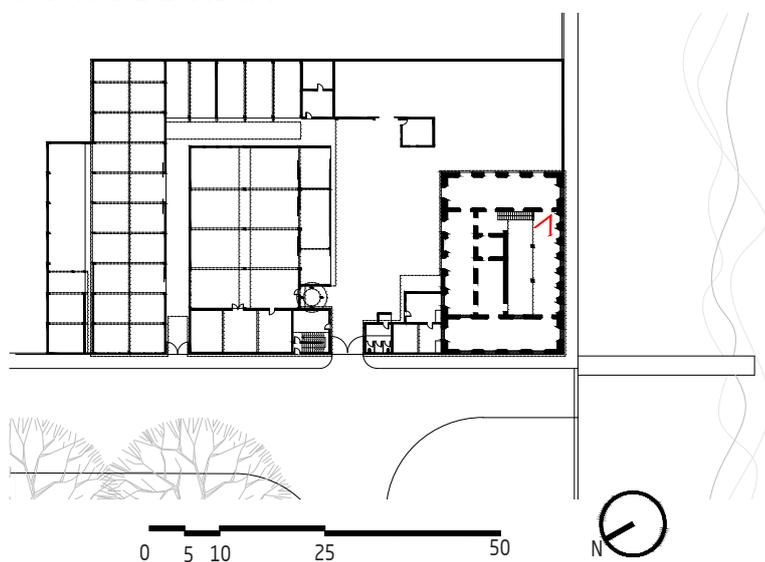
Nº 027 - DATA 10/12/2017 - FONTE ACERVO PESSOAL - CÂMERA NIKON D 5100



DESCRIÇÃO

VISTA PARA COBERTURA DESABADA A PARTIR DO SALÃO PRINCIPAL DO PRIMEIRO PAVIMENTO DO EDIFÍCIO ANTIGO

PONTO DE VISTA





INTERVENÇÃO EM PATRIMÔNIO INDUSTRIAL: ANTIGA FÁBRICA JURUBEBA LEÃO DO NORTE

UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA - FACULDADE DE ARQUITETURA

MESTRADO PROFISSIONAL EM CONSERVAÇÃO E RESTAURAÇÃO DE MONUMENTOS E NÚCLEOS HISTÓRICOS

ERASTO CÉSAR PINHO VILLA-VERDE DE CARVALHO

ORIENTAÇÃO: GRISELDA KLÜPPEL/ CO-ORIENTAÇÃO: SERGIO EKERMAN

VOLUME 2

LEVANTAMENTO FOTOGRÁFICO

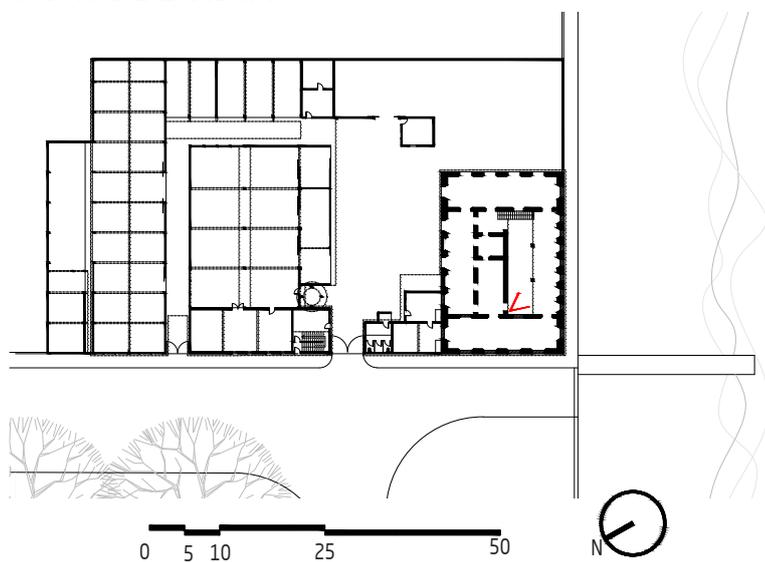
Nº 028 - DATA 10/12/2017 - FONTE ACERVO PESSOAL - CÂMERA NIKON D 5100



DESCRIÇÃO

VISTA PARA ABERTURAS ISOLADAS DO SALÃO PRINCIPAL DO PRIMEIRO PAVIMENTO DO EDIFÍCIO ANTIGO

PONTO DE VISTA





INTERVENÇÃO EM PATRIMÔNIO INDUSTRIAL: ANTIGA FÁBRICA JURUBEBA LEÃO DO NORTE

UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA - FACULDADE DE ARQUITETURA

MESTRADO PROFISSIONAL EM CONSERVAÇÃO E RESTAURAÇÃO DE MONUMENTOS E NÚCLEOS HISTÓRICOS

ERASTO CÉSAR PINHO VILLA-VERDE DE CARVALHO

ORIENTAÇÃO: GRISELDA KLÜPPEL/ CO-ORIENTAÇÃO: SERGIO EKERMAN

VOLUME 2

LEVANTAMENTO FOTOGRÁFICO

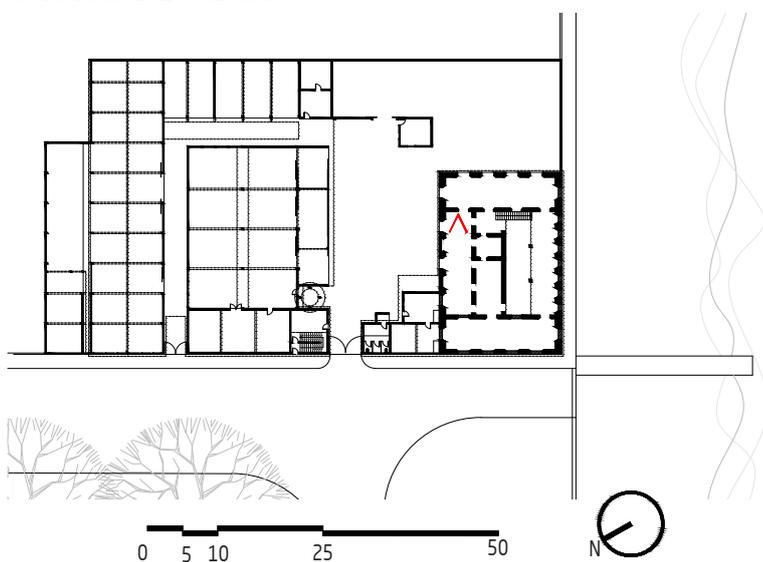
Nº 029 - DATA 10/12/2017 - FONTE ACERVO PESSOAL - CÂMERA NIKON D 5100



DESCRIÇÃO

VISTA DE AMBIENTE INTERNO DO PRIMEIRO PAVIMENTO COM ABERTURAS DA FACHADA NORDESTE À DIREITA.

PONTO DE VISTA





INTERVENÇÃO EM PATRIMÔNIO INDUSTRIAL: ANTIGA FÁBRICA JURUBEBA LEÃO DO NORTE

UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA - FACULDADE DE ARQUITETURA

MESTRADO PROFISSIONAL EM CONSERVAÇÃO E RESTAURAÇÃO DE MONUMENTOS E NÚCLEOS HISTÓRICOS

ERASTO CÉSAR PINHO VILLA-VERDE DE CARVALHO

ORIENTAÇÃO: GRISELDA KLÜPPEL/ CO-ORIENTAÇÃO: SERGIO EKERMAN

VOLUME 2

LEVANTAMENTO FOTOGRÁFICO

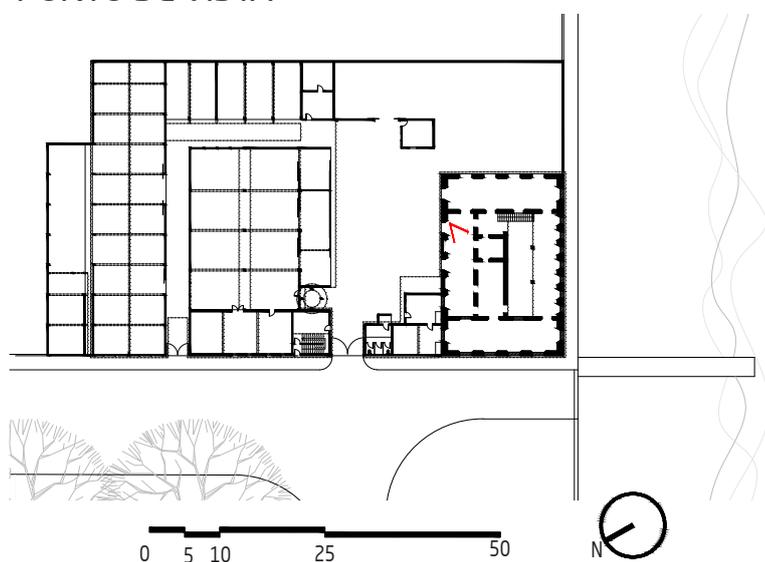
Nº 030 - DATA 10/12/2017 - FONTE ACERVO PESSOAL - CÂMERA NIKON D 5100



DESCRIÇÃO

VISTA DE AMBIENTE INTERNO
DO PRIMEIRO PAVIMENTO COM
ABERTURAS DE CIRCULAÇÃO EM
VERGAS EM ARCO PLENO E ARCO
ABATIDO

PONTO DE VISTA





INTERVENÇÃO EM PATRIMÔNIO INDUSTRIAL: ANTIGA FÁBRICA JURUBEBA LEÃO DO NORTE

UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA - FACULDADE DE ARQUITETURA

MESTRADO PROFISSIONAL EM CONSERVAÇÃO E RESTAURAÇÃO DE MONUMENTOS E NÚCLEOS HISTÓRICOS

ERASTO CÉSAR PINHO VILLA-VERDE DE CARVALHO

ORIENTAÇÃO: GRISELDA KLÜPPEL/ CO-ORIENTAÇÃO: SERGIO EKERMAN

VOLUME 2

LEVANTAMENTO FOTOGRÁFICO

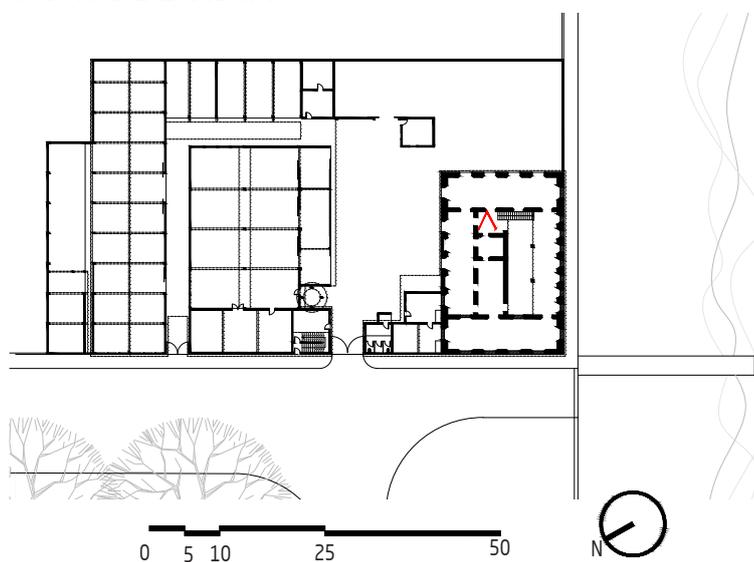
Nº 031 - DATA 10/12/2017 - FONTE ACERVO PESSOAL - CÂMERA NIKON D 5100



DESCRIÇÃO

ABERTURA DE CIRCULAÇÃO EM ARCO PLENO NO PRIMEIRO PAVIMENTO DO EDIFÍCIO ANTIGO

PONTO DE VISTA





INTERVENÇÃO EM PATRIMÔNIO INDUSTRIAL: ANTIGA FÁBRICA JURUBEBA LEÃO DO NORTE

UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA - FACULDADE DE ARQUITETURA

MESTRADO PROFISSIONAL EM CONSERVAÇÃO E RESTAURAÇÃO DE MONUMENTOS E NÚCLEOS HISTÓRICOS

ERASTO CÉSAR PINHO VILLA-VERDE DE CARVALHO

ORIENTAÇÃO: GRISELDA KLÜPPEL/ CO-ORIENTAÇÃO: SERGIO EKERMAN

VOLUME 2

LEVANTAMENTO FOTOGRÁFICO

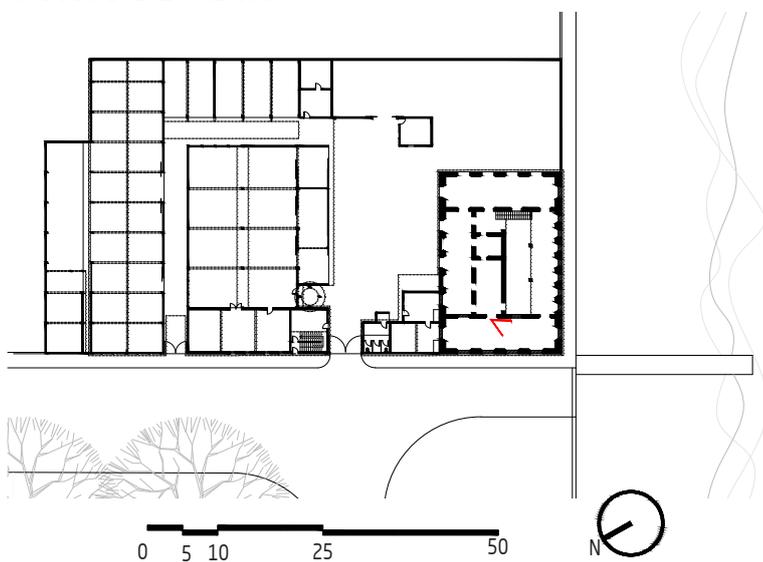
Nº 032 - DATA 10/12/2017 - FONTE ACERVO PESSOAL - CÂMERA NIKON D 5100



DESCRIÇÃO

VISTA DE AMBIENTE INTERNO DO PRIMEIRO PAVIMENTO COM ABERTURAS ISOLADAS DA FACHADA NOROESTE

PONTO DE VISTA





INTERVENÇÃO EM PATRIMÔNIO INDUSTRIAL: ANTIGA FÁBRICA JURUBEBA LEÃO DO NORTE

UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA - FACULDADE DE ARQUITETURA

MESTRADO PROFISSIONAL EM CONSERVAÇÃO E RESTAURAÇÃO DE MONUMENTOS E NÚCLEOS HISTÓRICOS

ERASTO CÉSAR PINHO VILLA-VERDE DE CARVALHO

ORIENTAÇÃO: GRISELDA KLÜPPEL/ CO-ORIENTAÇÃO: SERGIO EKERMAN

VOLUME 2

LEVANTAMENTO FOTOGRÁFICO

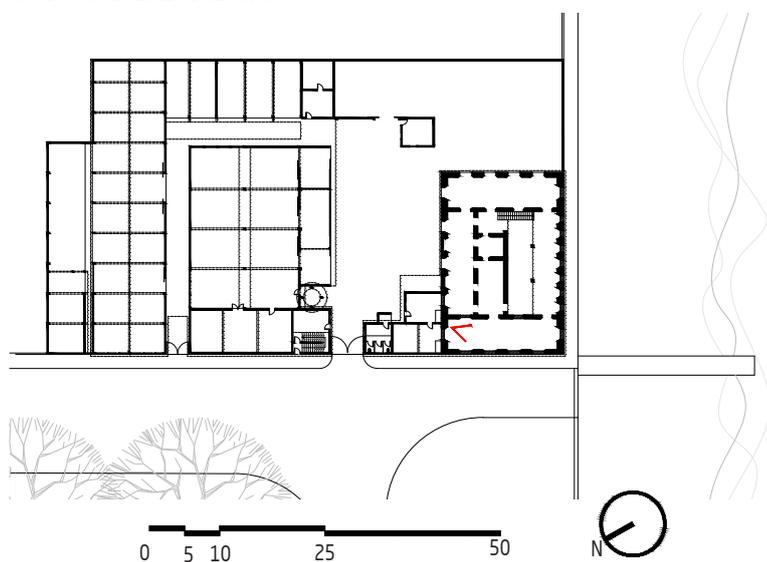
Nº 033 - DATA 10/12/2017 - FONTE ACERVO PESSOAL - CÂMERA NIKON D 5100



DESCRIÇÃO

VISTA PARA COBERTURA DO PAVI-
MENTO LATERAL DA FACHADA
NOROESTE

PONTO DE VISTA





INTERVENÇÃO EM PATRIMÔNIO INDUSTRIAL: ANTIGA FÁBRICA JURUBEBA LEÃO DO NORTE

UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA - FACULDADE DE ARQUITETURA

MESTRADO PROFISSIONAL EM CONSERVAÇÃO E RESTAURAÇÃO DE MONUMENTOS E NÚCLEOS HISTÓRICOS

ERASTO CÉSAR PINHO VILLA-VERDE DE CARVALHO

ORIENTAÇÃO: GRISELDA KLÜPPEL/ CO-ORIENTAÇÃO: SERGIO EKERMAN

VOLUME 2

LEVANTAMENTO FOTOGRÁFICO

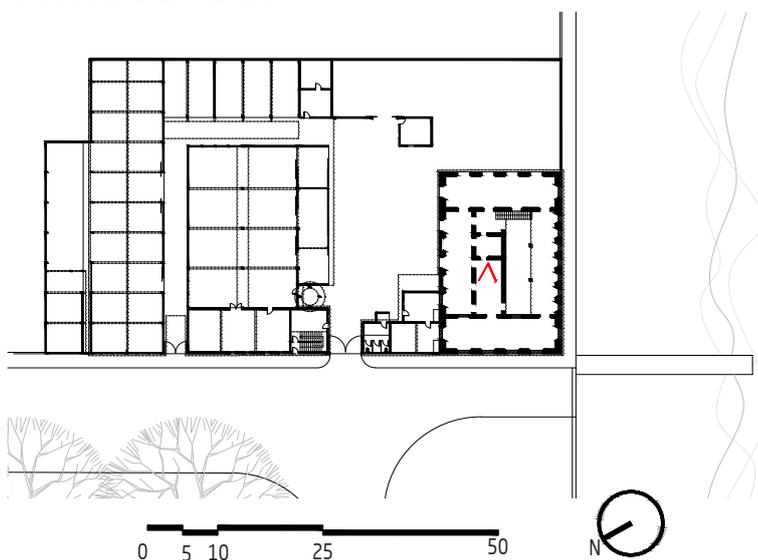
Nº 034 - DATA 10/12/2017 - FONTE ACERVO PESSOAL - CÂMERA NIKON D 5100



DESCRIÇÃO

VISTA DE AMBIENTE INTERNO DO PRIMEIRO PAVIMENTO DO EDIFÍCIO ANTIGO

PONTO DE VISTA





INTERVENÇÃO EM PATRIMÔNIO INDUSTRIAL: ANTIGA FÁBRICA JURUBEBA LEÃO DO NORTE

UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA - FACULDADE DE ARQUITETURA
MESTRADO PROFISSIONAL EM CONSERVAÇÃO E RESTAURAÇÃO DE MONUMENTOS E NÚCLEOS HISTÓRICOS
ERASTO CÉSAR PINHO VILLA-VERDE DE CARVALHO
ORIENTAÇÃO: GRISELDA KLÜPPEL/ CO-ORIENTAÇÃO: SERGIO EKERMAN

VOLUME 2
LEVANTAMENTO FOTOGRÁFICO

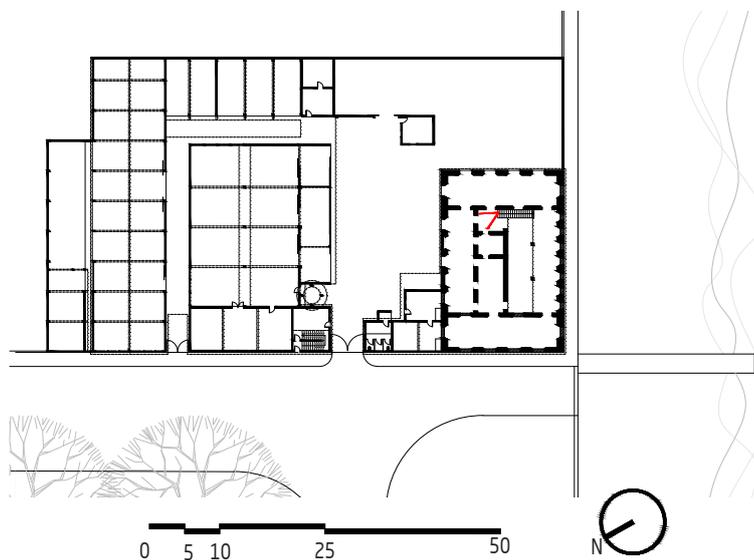
Nº 035 - DATA 10/12/2017 - FONTE ACERVO PESSOAL - CÂMERA NIKON D 5100



DESCRIÇÃO

ABERTURA DE CIRCULAÇÃO EM ARCO ABATIDO COM VISTA PARA AS JANELAS DA FACHADA NORD-ESTE

PONTO DE VISTA





INTERVENÇÃO EM PATRIMÔNIO INDUSTRIAL: ANTIGA FÁBRICA JURUBEBA LEÃO DO NORTE

UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA - FACULDADE DE ARQUITETURA

MESTRADO PROFISSIONAL EM CONSERVAÇÃO E RESTAURAÇÃO DE MONUMENTOS E NÚCLEOS HISTÓRICOS

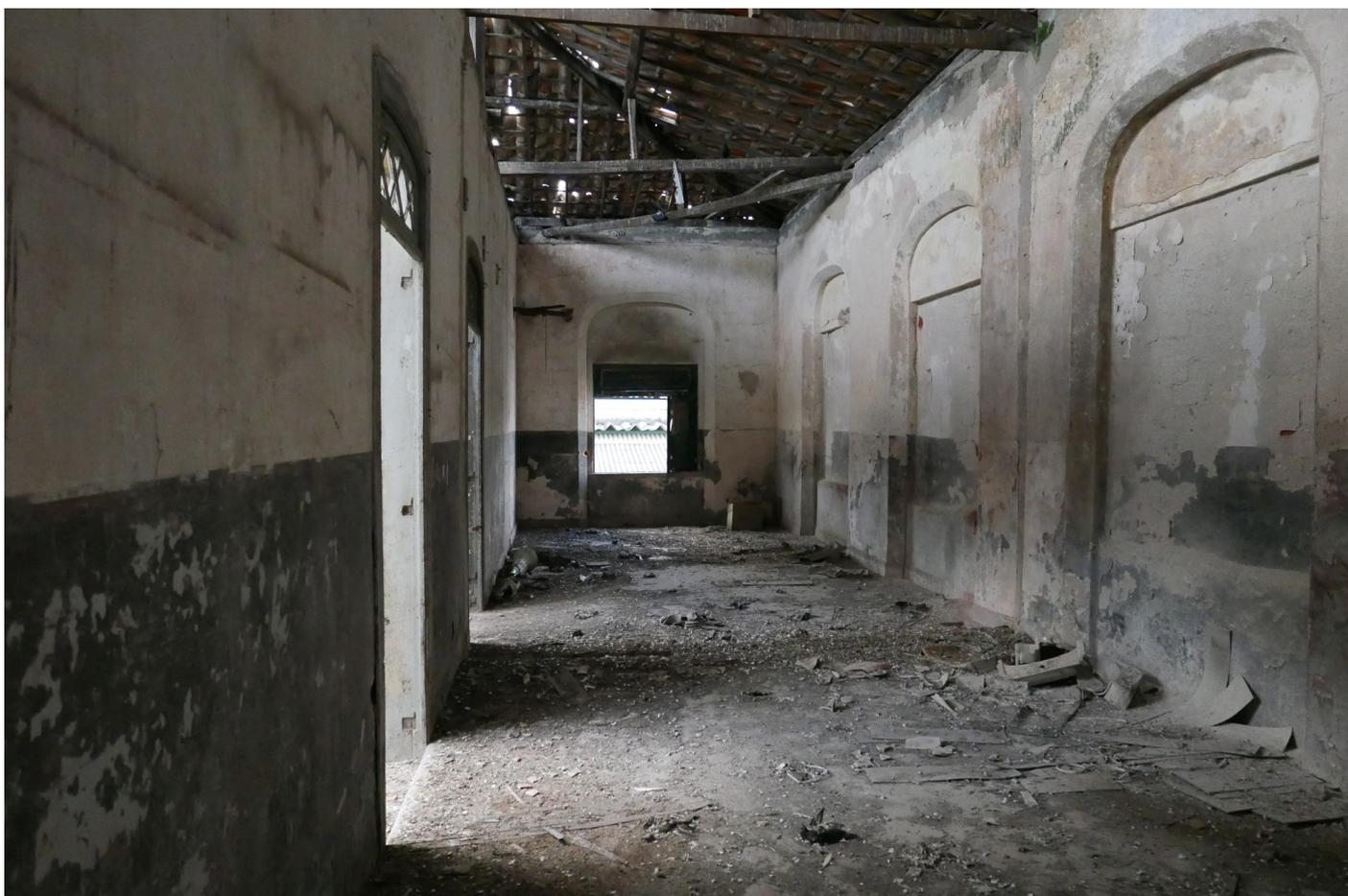
ERASTO CÉSAR PINHO VILLA-VERDE DE CARVALHO

ORIENTAÇÃO: GRISELDA KLÜPPEL/ CO-ORIENTAÇÃO: SERGIO EKERMAN

VOLUME 2

LEVANTAMENTO FOTOGRÁFICO

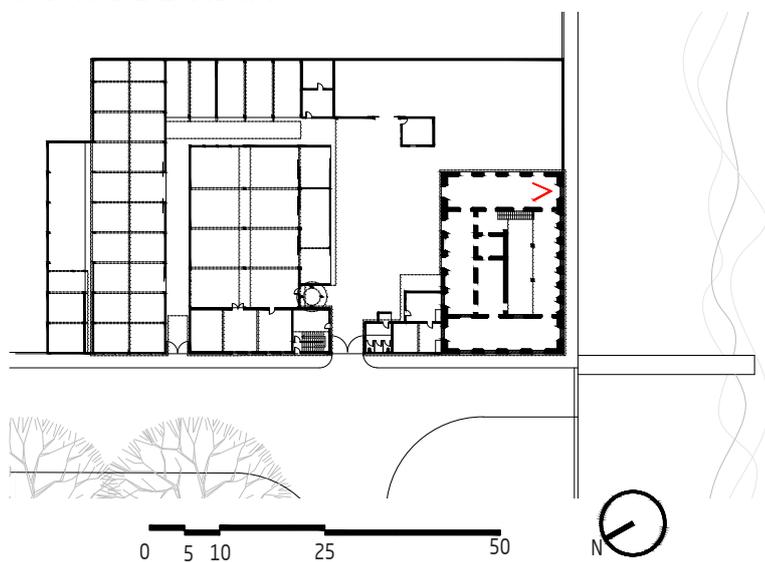
Nº 036 - DATA 10/12/2017 - FONTE ACERVO PESSOAL - CÂMERA NIKON D 5100



DESCRIÇÃO

VISTA DO CÔMODO LATERAL SU-DOESTE COM ABERTURAS ISOLADAS COM ALVENARIA À DIREITA

PONTO DE VISTA





INTERVENÇÃO EM PATRIMÔNIO INDUSTRIAL: ANTIGA FÁBRICA JURUBEBA LEÃO DO NORTE

UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA - FACULDADE DE ARQUITETURA

MESTRADO PROFISSIONAL EM CONSERVAÇÃO E RESTAURAÇÃO DE MONUMENTOS E NÚCLEOS HISTÓRICOS

ERASTO CÉSAR PINHO VILLA-VERDE DE CARVALHO

ORIENTAÇÃO: GRISELDA KLÜPPEL/ CO-ORIENTAÇÃO: SERGIO EKERMAN

VOLUME 2

LEVANTAMENTO FOTOGRÁFICO

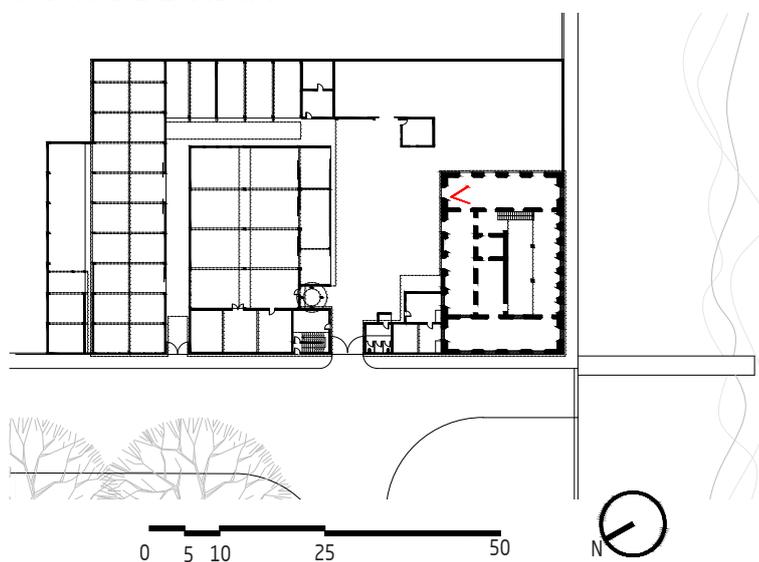
Nº 037 - DATA 10/12/2017 - FONTE ACERVO PESSOAL - CÂMERA NIKON D 5100



DESCRIÇÃO

VISTA DO COMODO LATERAL SU-DOESTE COM ABERTURAS ISOLADAS COM ALVENARIA À ESQUERDA

PONTO DE VISTA





INTERVENÇÃO EM PATRIMÔNIO INDUSTRIAL: ANTIGA FÁBRICA JURUBEBA LEÃO DO NORTE

UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA - FACULDADE DE ARQUITETURA

MESTRADO PROFISSIONAL EM CONSERVAÇÃO E RESTAURAÇÃO DE MONUMENTOS E NÚCLEOS HISTÓRICOS

ERASTO CÉSAR PINHO VILLA-VERDE DE CARVALHO

ORIENTAÇÃO: GRISELDA KLÜPPEL/ CO-ORIENTAÇÃO: SERGIO EKERMAN

VOLUME 2

LEVANTAMENTO FOTOGRÁFICO

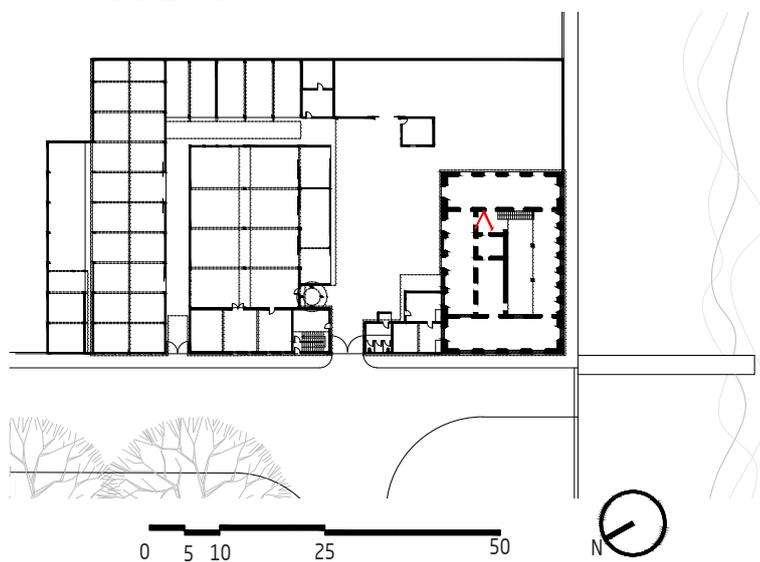
Nº 038 - DATA 10/12/2017 - FONTE ACERVO PESSOAL - CÂMERA NIKON D 5100



DESCRIÇÃO

VISTA DE AMBIENTE INTERNO DO
PRIMEIRO PAVIMENTO

PONTO DE VISTA





INTERVENÇÃO EM PATRIMÔNIO INDUSTRIAL: ANTIGA FÁBRICA JURUBEBA LEÃO DO NORTE

UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA - FACULDADE DE ARQUITETURA

MESTRADO PROFISSIONAL EM CONSERVAÇÃO E RESTAURAÇÃO DE MONUMENTOS E NÚCLEOS HISTÓRICOS

ERASTO CÉSAR PINHO VILLA-VERDE DE CARVALHO

ORIENTAÇÃO: GRISELDA KLÜPPEL/ CO-ORIENTAÇÃO: SERGIO EKERMAN

VOLUME 2

LEVANTAMENTO FOTOGRÁFICO

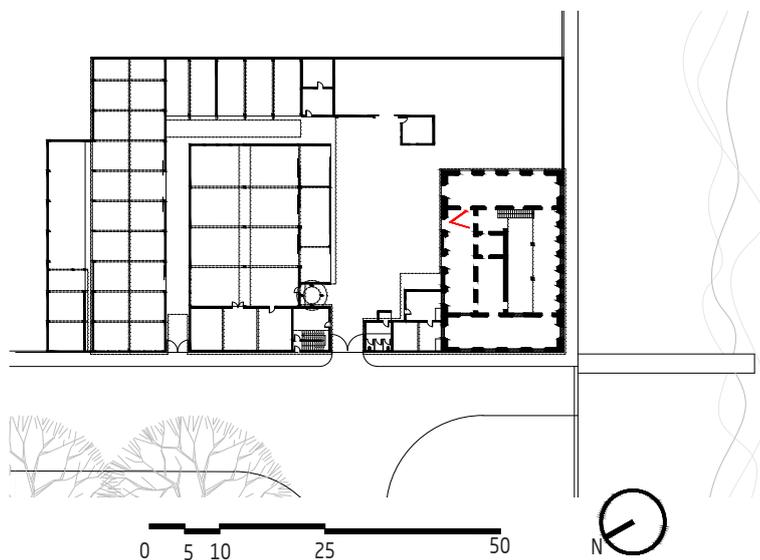
Nº 039 - DATA 10/12/2017 - FONTE ACERVO PESSOAL - CÂMERA NIKON D 5100



DESCRIÇÃO

VISTA PARA A ESCADA A PARTIR DE AMBIENTE INTERNO DO PRIMEIRO PAVIMENTO

PONTO DE VISTA





INTERVENÇÃO EM PATRIMÔNIO INDUSTRIAL: ANTIGA FÁBRICA JURUBEBA LEÃO DO NORTE

UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA - FACULDADE DE ARQUITETURA
MESTRADO PROFISSIONAL EM CONSERVAÇÃO E RESTAURAÇÃO DE MONUMENTOS E NÚCLEOS HISTÓRICOS
ERASTO CÉSAR PINHO VILLA-VERDE DE CARVALHO
ORIENTAÇÃO: GISELDA KLÜPPEL/ CO-ORIENTAÇÃO: SERGIO EKERMAN

VOLUME 2
LEVANTAMENTO FOTOGRÁFICO

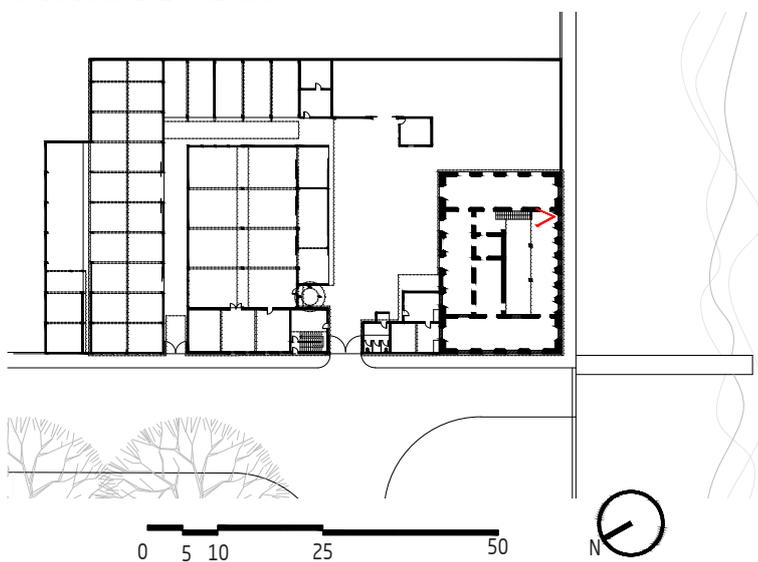
Nº 040 - DATA 10/12/2017 - FONTE ACERVO PESSOAL - CÂMERA NIKON D 5100



DESCRIÇÃO

VISTA PARA A ESCADA A PARTIR
DO PAVIMENTO SUPERIOR MIRAN-
DO O PAVIMENTO INFERIOR

PONTO DE VISTA





INTERVENÇÃO EM PATRIMÔNIO INDUSTRIAL: ANTIGA FÁBRICA JURUBEBA LEÃO DO NORTE

UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA - FACULDADE DE ARQUITETURA

MESTRADO PROFISSIONAL EM CONSERVAÇÃO E RESTAURAÇÃO DE MONUMENTOS E NÚCLEOS HISTÓRICOS

ERASTO CÉSAR PINHO VILLA-VERDE DE CARVALHO

ORIENTAÇÃO: GRISELDA KLÜPPEL/ CO-ORIENTAÇÃO: SERGIO EKERMAN

VOLUME 2

LEVANTAMENTO FOTOGRÁFICO

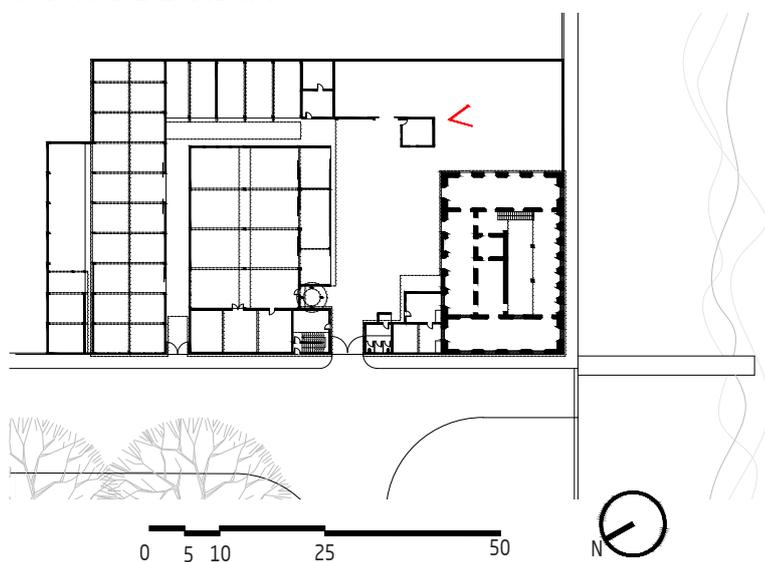
Nº 041 - DATA 10/12/2017 - FONTE ACERVO PESSOAL - CÂMERA NIKON D 5100



DESCRIÇÃO

VISTA DA PAREDE REMANECENTE
DA ANTIGA COBERTURA EM SHED
A PARTIR DO PATIO DA FÁBRICA

PONTO DE VISTA





INTERVENÇÃO EM PATRIMÔNIO INDUSTRIAL: ANTIGA FÁBRICA JURUBEBA LEÃO DO NORTE

UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA - FACULDADE DE ARQUITETURA
MESTRADO PROFISSIONAL EM CONSERVAÇÃO E RESTAURAÇÃO DE MONUMENTOS E NÚCLEOS HISTÓRICOS
ERASTO CÉSAR PINHO VILLA-VERDE DE CARVALHO
ORIENTAÇÃO: GRISELDA KLÜPPEL/ CO-ORIENTAÇÃO: SERGIO EKERMAN

VOLUME 2
LEVANTAMENTO FOTOGRÁFICO

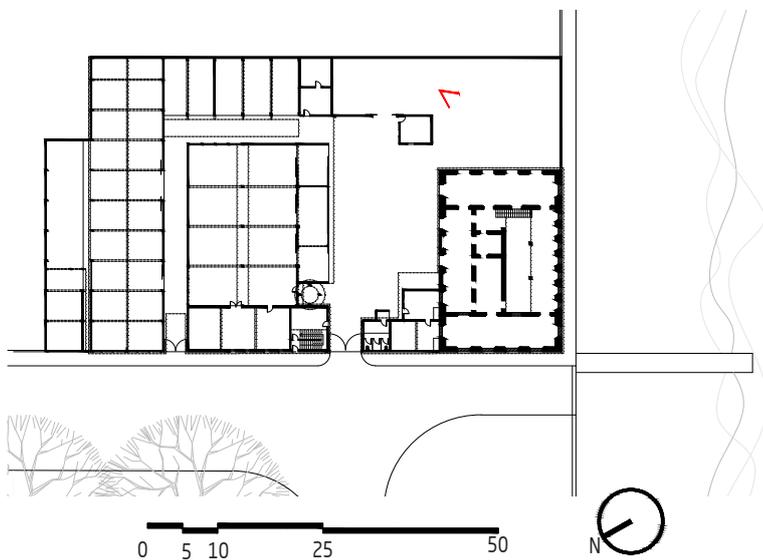
Nº 042 - DATA 10/12/2017 - FONTE ACERVO PESSOAL - CÂMERA NIKON D 5100



DESCRIÇÃO

INTERAÇÃO ENTRE FACHADA SU-DOESTE E PAREDE REMANECENTE DA COBERTURA EM SHED.

PONTO DE VISTA





INTERVENÇÃO EM PATRIMÔNIO INDUSTRIAL: ANTIGA FÁBRICA JURUBEBA LEÃO DO NORTE

UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA - FACULDADE DE ARQUITETURA
MESTRADO PROFISSIONAL EM CONSERVAÇÃO E RESTAURAÇÃO DE MONUMENTOS E NÚCLEOS HISTÓRICOS
ERASTO CÉSAR PINHO VILLA-VERDE DE CARVALHO
ORIENTAÇÃO: GRISELDA KLÜPPEL/ CO-ORIENTAÇÃO: SERGIO EKERMAN

VOLUME 2
LEVANTAMENTO FOTOGRÁFICO

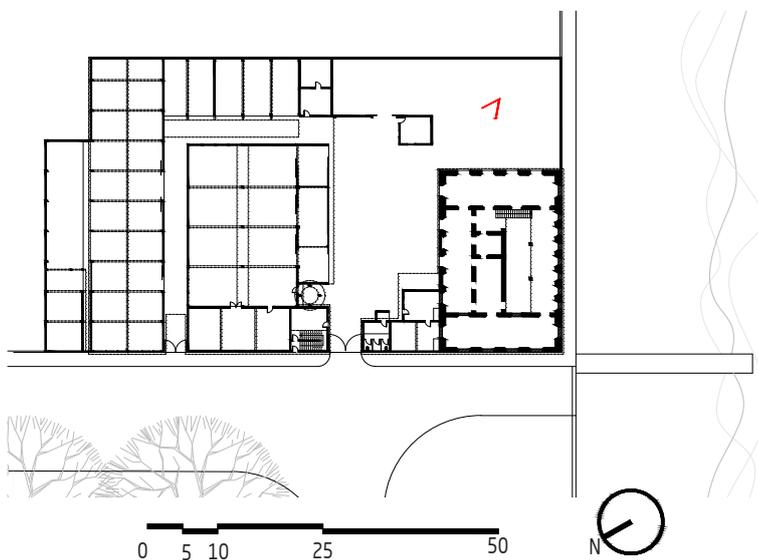
Nº 043 - DATA 10/12/2017 - FONTE ACERVO PESSOAL - CÂMERA NIKON D 5100



DESCRIÇÃO

FACHADA SUDOESTE DO CASARÃO
À ESQUERDA, CAIXA D'AGUA AO
CENTRO, VOLUME REMANECENTE
À DIREITA

PONTO DE VISTA





INTERVENÇÃO EM PATRIMÔNIO INDUSTRIAL: ANTIGA FÁBRICA JURUBEBA LEÃO DO NORTE

UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA - FACULDADE DE ARQUITETURA

MESTRADO PROFISSIONAL EM CONSERVAÇÃO E RESTAURAÇÃO DE MONUMENTOS E NÚCLEOS HISTÓRICOS

ERASTO CÉSAR PINHO VILLA-VERDE DE CARVALHO

ORIENTAÇÃO: GRISELDA KLÜPPEL/ CO-ORIENTAÇÃO: SERGIO EKERMAN

VOLUME 2

LEVANTAMENTO FOTOGRÁFICO

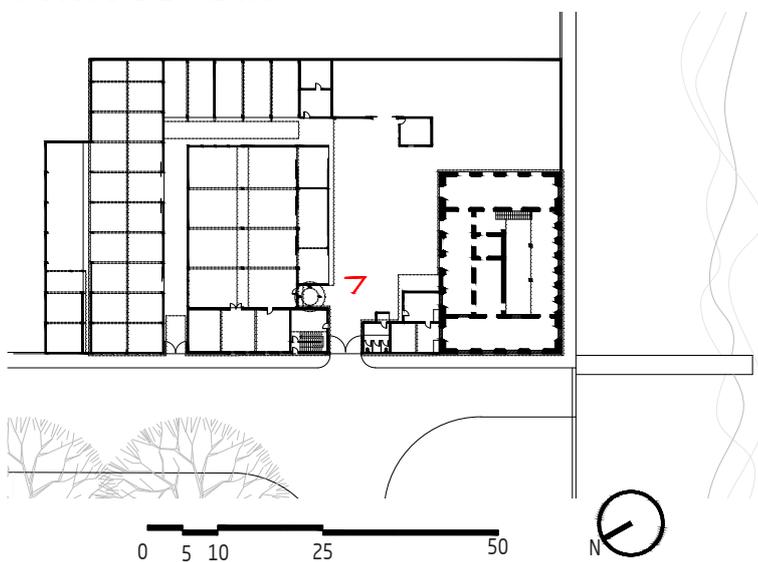
Nº 044 - DATA 10/12/2017 - FONTE ACERVO PESSOAL - CÂMERA NIKON D 5100



DESCRIÇÃO

CAIXA D'AGUA EM CONCRETO

PONTO DE VISTA





INTERVENÇÃO EM PATRIMÔNIO INDUSTRIAL: ANTIGA FÁBRICA JURUBEBA LEÃO DO NORTE

UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA - FACULDADE DE ARQUITETURA
MESTRADO PROFISSIONAL EM CONSERVAÇÃO E RESTAURAÇÃO DE MONUMENTOS E NÚCLEOS HISTÓRICOS
ERASTO CÉSAR PINHO VILLA-VERDE DE CARVALHO
ORIENTAÇÃO: GRISELDA KLÜPPEL/ CO-ORIENTAÇÃO: SERGIO EKERMAN

VOLUME 2
LEVANTAMENTO FOTOGRÁFICO

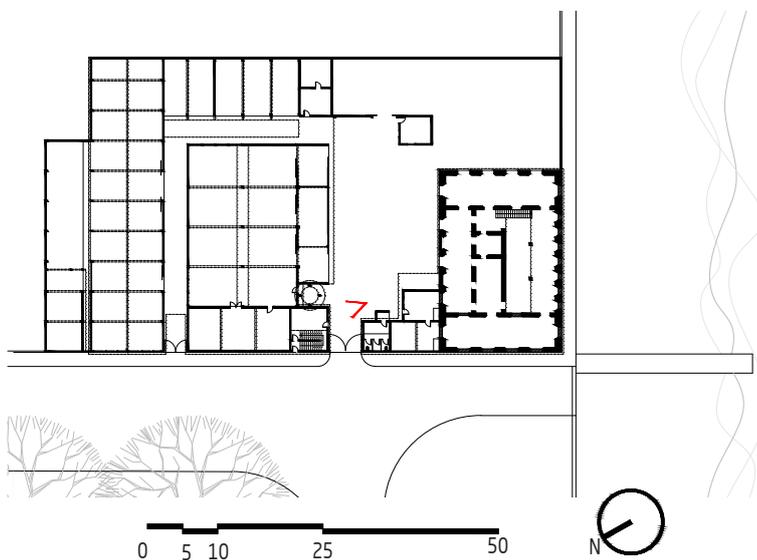
Nº 045 - DATA 10/12/2017 - FONTE ACERVO PESSOAL - CÂMERA NIKON D 5100



DESCRIÇÃO

FACHADA NOROESTE DO EDIFÍCIO
ADMINISTRATIVO

PONTO DE VISTA





INTERVENÇÃO EM PATRIMÔNIO INDUSTRIAL: ANTIGA FÁBRICA JURUBEBA LEÃO DO NORTE

UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA - FACULDADE DE ARQUITETURA

MESTRADO PROFISSIONAL EM CONSERVAÇÃO E RESTAURAÇÃO DE MONUMENTOS E NÚCLEOS HISTÓRICOS

ERASTO CÉSAR PINHO VILLA-VERDE DE CARVALHO

ORIENTAÇÃO: GRISELDA KLÜPPEL/ CO-ORIENTAÇÃO: SERGIO EKERMAN

VOLUME 2

LEVANTAMENTO FOTOGRÁFICO

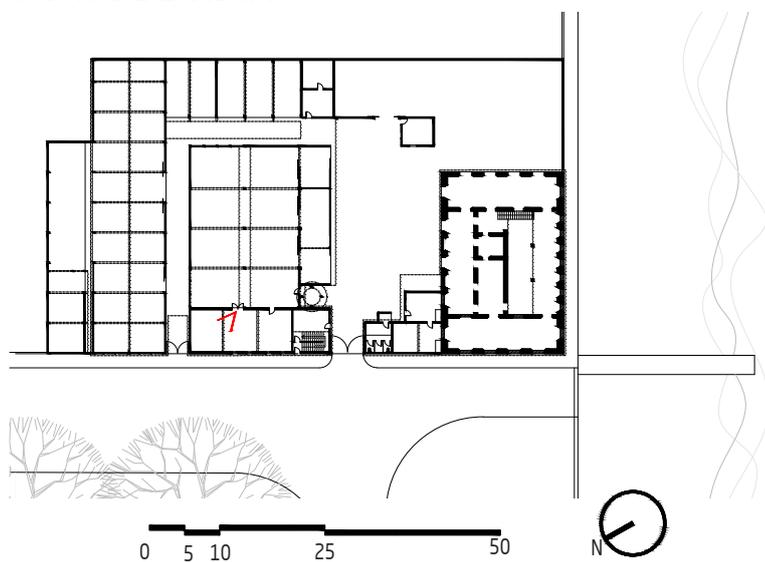
Nº 046 - DATA 10/12/2017 - FONTE ACERVO PESSOAL - CÂMERA NIKON D 5100



DESCRIÇÃO

VISTA DE AMBIENTE INTERNO DO
PAVIMENTO SUPERIOR DO EDIFÍCIO
ADMINISTRATIVO

PONTO DE VISTA





INTERVENÇÃO EM PATRIMÔNIO INDUSTRIAL: ANTIGA FÁBRICA JURUBEBA LEÃO DO NORTE

UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA - FACULDADE DE ARQUITETURA

MESTRADO PROFISSIONAL EM CONSERVAÇÃO E RESTAURAÇÃO DE MONUMENTOS E NÚCLEOS HISTÓRICOS

ERASTO CÉSAR PINHO VILLA-VERDE DE CARVALHO

ORIENTAÇÃO: GRISELDA KLÜPPEL/ CO-ORIENTAÇÃO: SERGIO EKERMAN

VOLUME 2

LEVANTAMENTO FOTOGRÁFICO

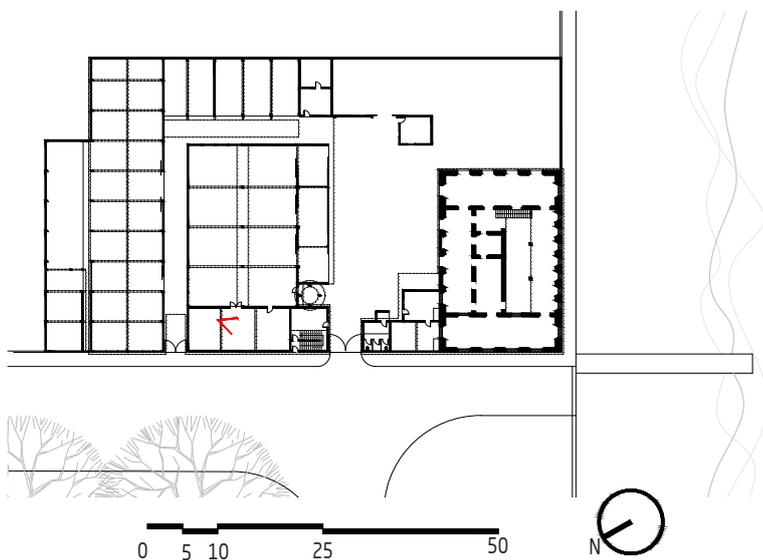
Nº 047 - DATA 10/12/2017 - FONTE ACERVO PESSOAL - CÂMERA NIKON D 5100



DESCRIÇÃO

VISTA AMBIENTE INTERNO DO
PAVIMENTO SUPERIOR DO EDIFÍCIO
ADMINISTRATIVO

PONTO DE VISTA





INTERVENÇÃO EM PATRIMÔNIO INDUSTRIAL: ANTIGA FÁBRICA JURUBEBA LEÃO DO NORTE

UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA - FACULDADE DE ARQUITETURA

MESTRADO PROFISSIONAL EM CONSERVAÇÃO E RESTAURAÇÃO DE MONUMENTOS E NÚCLEOS HISTÓRICOS

ERASTO CÉSAR PINHO VILLA-VERDE DE CARVALHO

ORIENTAÇÃO: GRISELDA KLÜPPEL/ CO-ORIENTAÇÃO: SERGIO EKERMAN

VOLUME 2

LEVANTAMENTO FOTOGRÁFICO

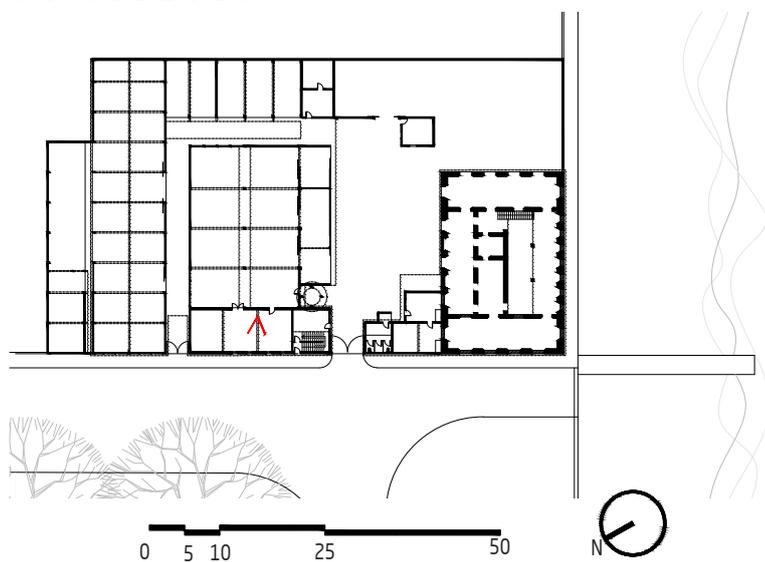
Nº 048 - DATA 10/12/2017 - FONTE ACERVO PESSOAL - CÂMERA NIKON D 5100



DESCRIÇÃO

VISTA DAS JANELAS DA FACHADA SUDESTE DO PAVIMENTO SUPERIOR DO EDIFÍCIO ADMINISTRATIVO

PONTO DE VISTA





INTERVENÇÃO EM PATRIMÔNIO INDUSTRIAL: ANTIGA FÁBRICA JURUBEBA LEÃO DO NORTE

UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA - FACULDADE DE ARQUITETURA
MESTRADO PROFISSIONAL EM CONSERVAÇÃO E RESTAURAÇÃO DE MONUMENTOS E NÚCLEOS HISTÓRICOS
ERASTO CÉSAR PINHO VILLA-VERDE DE CARVALHO
ORIENTAÇÃO: GRISELDA KLÜPPEL/ CO-ORIENTAÇÃO: SERGIO EKERMAN

VOLUME 2
LEVANTAMENTO FOTOGRÁFICO

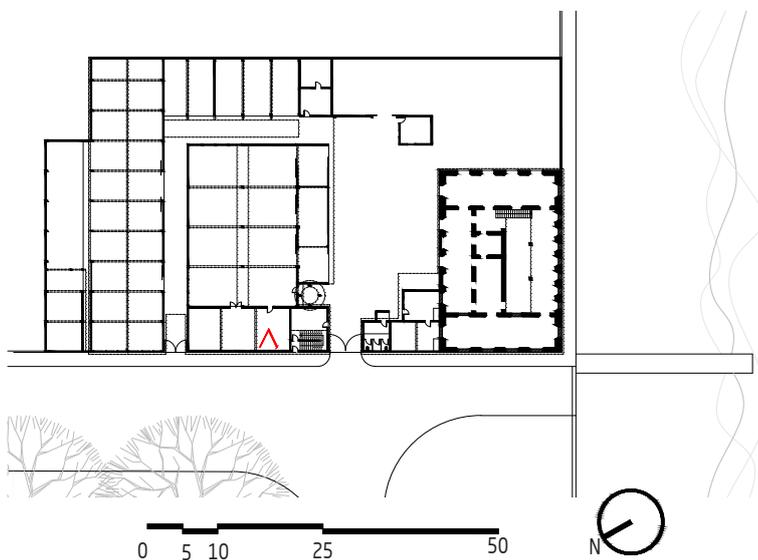
Nº 049 - DATA 10/12/2017 - FONTE ACERVO PESSOAL - CÂMERA NIKON D 5100



DESCRIÇÃO

DETALHE DA JANELAS DA FACHADA SUDESTE DO PAVIMENTO SUPERIOR DO EDIFÍCIO ADMINISTRATIVO- VISTA PARA A IGREJA

PONTO DE VISTA





INTERVENÇÃO EM PATRIMÔNIO INDUSTRIAL: ANTIGA FÁBRICA JURUBEBA LEÃO DO NORTE

UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA - FACULDADE DE ARQUITETURA

MESTRADO PROFISSIONAL EM CONSERVAÇÃO E RESTAURAÇÃO DE MONUMENTOS E NÚCLEOS HISTÓRICOS

ERASTO CÉSAR PINHO VILLA-VERDE DE CARVALHO

ORIENTAÇÃO: GRISELDA KLÜPPEL/ CO-ORIENTAÇÃO: SERGIO EKERMAN

VOLUME 2

LEVANTAMENTO FOTOGRÁFICO

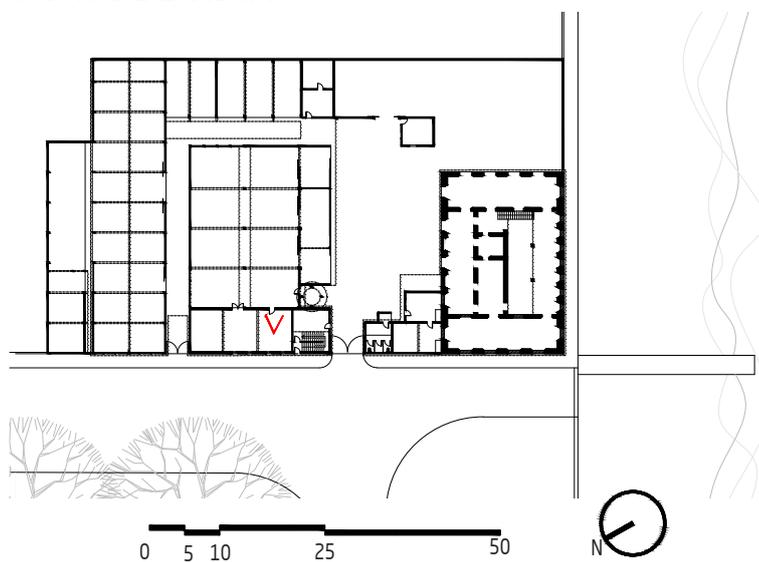
Nº 050 - DATA 10/12/2017 - FONTE ACERVO PESSOAL - CÂMERA NIKON D 5100



DESCRIÇÃO

VISTA PARA ABERTURA DE VISUALIZAÇÃO DO GAPÃO JUSTAPOSTO A PARTIR DO PAVIMENTO SUPERIOR DO EDIFÍCIO ADMINISTRATIVO

PONTO DE VISTA





INTERVENÇÃO EM PATRIMÔNIO INDUSTRIAL: ANTIGA FÁBRICA JURUBEBA LEÃO DO NORTE

UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA - FACULDADE DE ARQUITETURA

MESTRADO PROFISSIONAL EM CONSERVAÇÃO E RESTAURAÇÃO DE MONUMENTOS E NÚCLEOS HISTÓRICOS

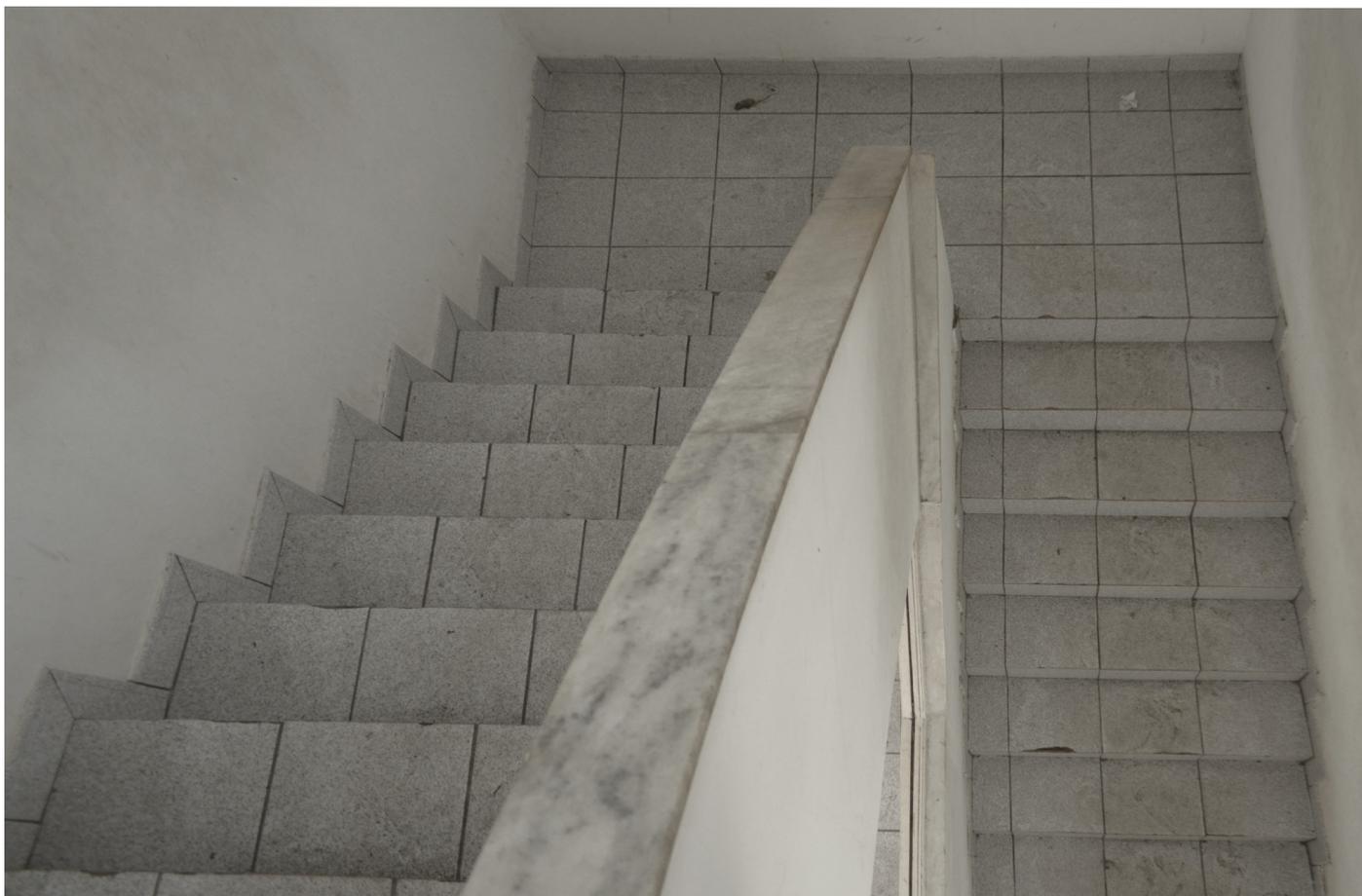
ERASTO CÉSAR PINHO VILLA-VERDE DE CARVALHO

ORIENTAÇÃO: GRISELDA KLÜPPEL/ CO-ORIENTAÇÃO: SERGIO EKERMAN

VOLUME 2

LEVANTAMENTO FOTOGRÁFICO

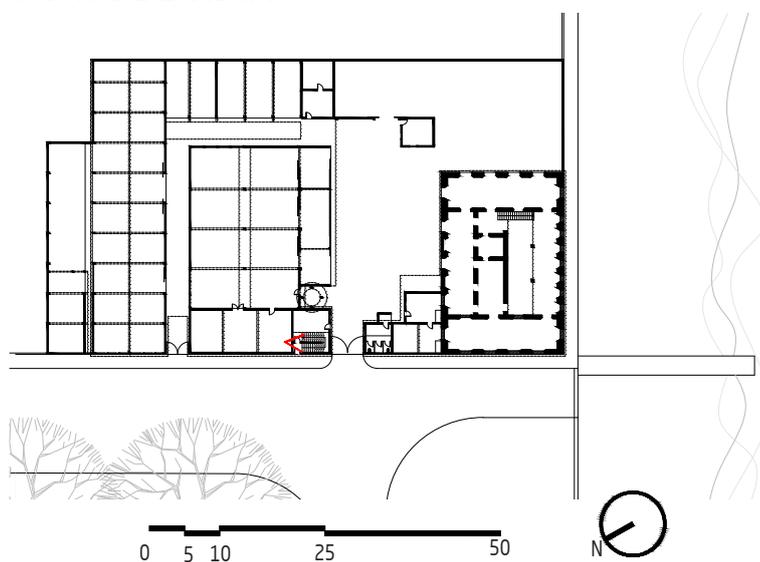
Nº 051 - DATA 10/12/2017 - FONTE ACERVO PESSOAL - CÂMERA NIKON D 5100



DESCRIÇÃO

VISTA DA CIRCULAÇÃO VERTICAL
DO EDIFÍCIO ADMINISTRATIVO A
PARTIR DO PAVIMENTO SUPERIOR

PONTO DE VISTA



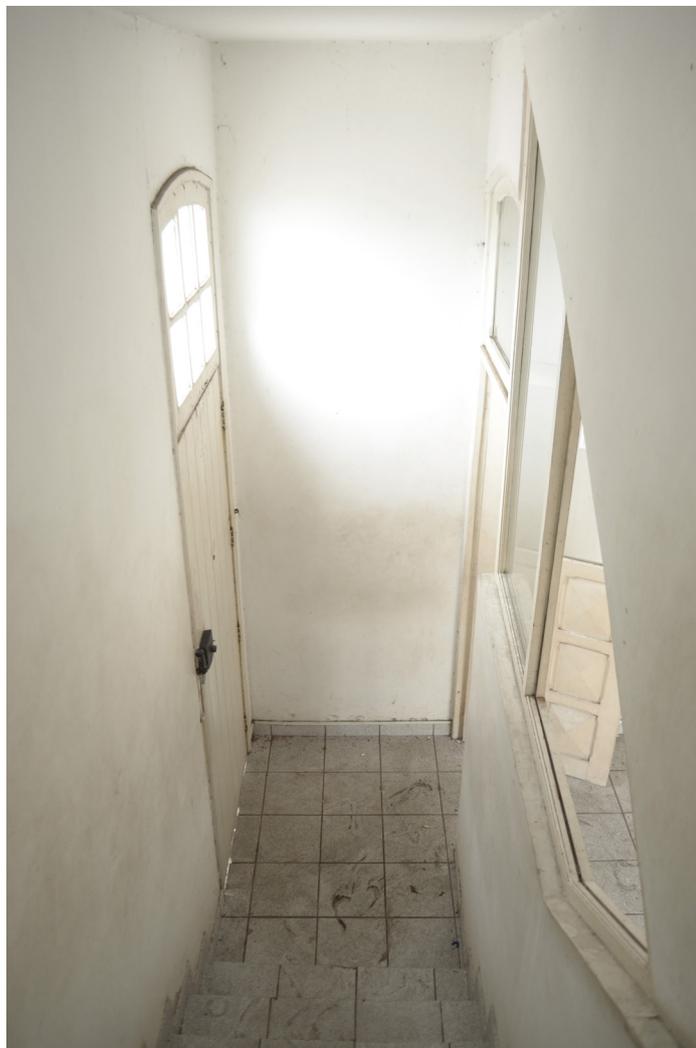


INTERVENÇÃO EM PATRIMÔNIO INDUSTRIAL: ANTIGA FÁBRICA JURUBEBA LEÃO DO NORTE

UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA - FACULDADE DE ARQUITETURA
MESTRADO PROFISSIONAL EM CONSERVAÇÃO E RESTAURAÇÃO DE MONUMENTOS E NÚCLEOS HISTÓRICOS
ERASTO CÉSAR PINHO VILLA-VERDE DE CARVALHO
ORIENTAÇÃO: GISELDA KLÜPPEL/ CO-ORIENTAÇÃO: SERGIO EKERMAN

VOLUME 2
LEVANTAMENTO FOTOGRÁFICO

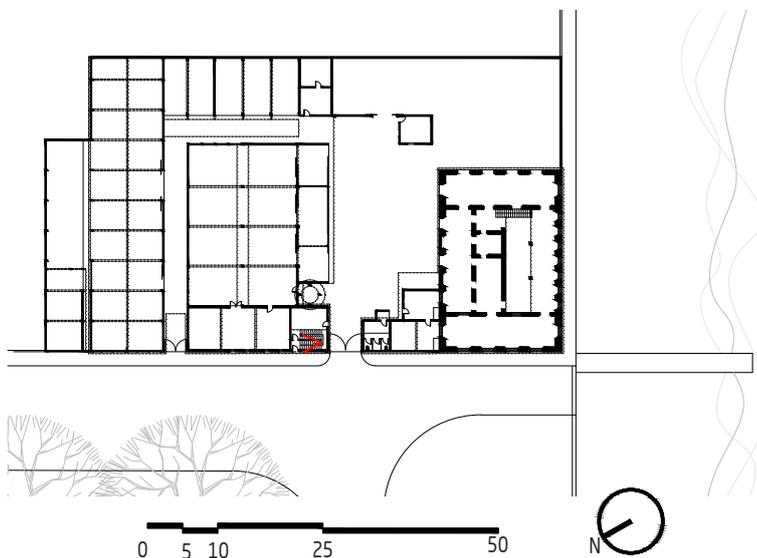
Nº 052 - DATA 10/12/2017 - FONTE ACERVO PESSOAL - CÂMERA NIKON D 5100



DESCRIÇÃO

VISTA DA CIRCULAÇÃO VERTICAL DO EDIFÍCIO ADMINISTRATIVO A PARTIR DA ESCADA.

PONTO DE VISTA





INTERVENÇÃO EM PATRIMÔNIO INDUSTRIAL: ANTIGA FÁBRICA JURUBEBA LEÃO DO NORTE

UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA - FACULDADE DE ARQUITETURA

MESTRADO PROFISSIONAL EM CONSERVAÇÃO E RESTAURAÇÃO DE MONUMENTOS E NÚCLEOS HISTÓRICOS

ERASTO CÉSAR PINHO VILLA-VERDE DE CARVALHO

ORIENTAÇÃO: GRISELDA KLÜPPEL/ CO-ORIENTAÇÃO: SERGIO EKERMAN

VOLUME 2

LEVANTAMENTO FOTOGRÁFICO

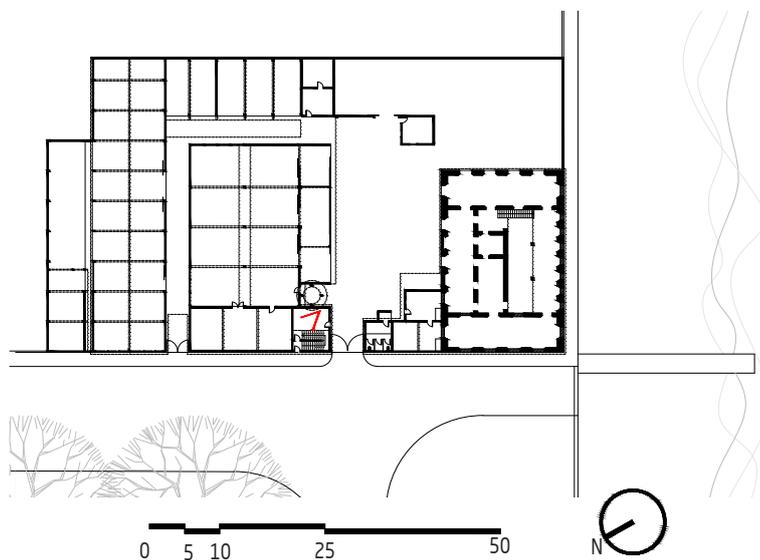
Nº 053 - DATA 10/12/2017 - FONTE ACERVO PESSOAL - CÂMERA NIKON D 5100



DESCRIÇÃO

VISTA DO HALL DE ENTRADA DO
EDIFÍCIO ADMINISTRATIVO

PONTO DE VISTA





INTERVENÇÃO EM PATRIMÔNIO INDUSTRIAL: ANTIGA FÁBRICA JURUBEBA LEÃO DO NORTE

UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA - FACULDADE DE ARQUITETURA

MESTRADO PROFISSIONAL EM CONSERVAÇÃO E RESTAURAÇÃO DE MONUMENTOS E NÚCLEOS HISTÓRICOS

ERASTO CÉSAR PINHO VILLA-VERDE DE CARVALHO

ORIENTAÇÃO: GRISELDA KLÜPPEL/ CO-ORIENTAÇÃO: SERGIO EKERMAN

VOLUME 2

LEVANTAMENTO FOTOGRÁFICO

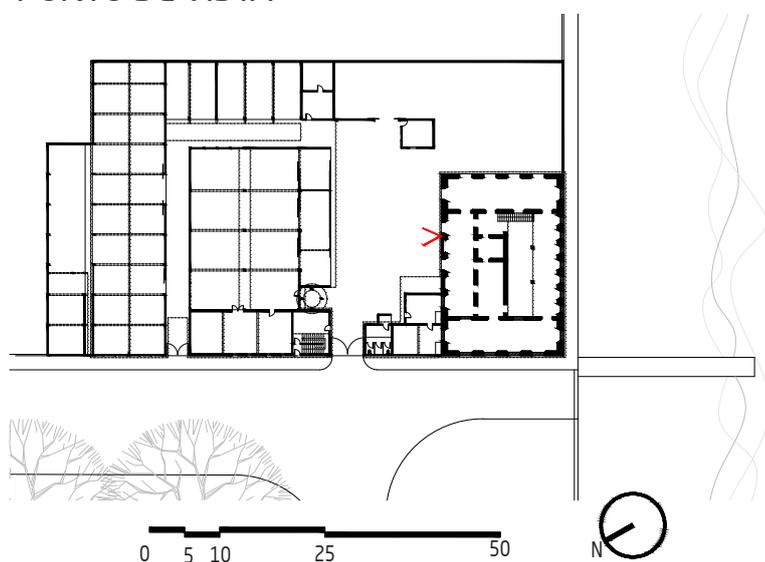
Nº 054 - DATA 10/12/2017 - FONTE ACERVO PESSOAL - CÂMERA NIKON D 5100



DESCRIÇÃO

VISTA DAS FACHADAS SUDESTE DO EDIFÍCIO ADMINISTRATIVO À ESQUERDA, CAIXA D'ÁGUA, GALPÃO AO CENTRO E PAREDE REMANECENTE DA COBERTURA EM SHED À DIREITA

PONTO DE VISTA





INTERVENÇÃO EM PATRIMÔNIO INDUSTRIAL: ANTIGA FÁBRICA JURUBEBA LEÃO DO NORTE

UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA - FACULDADE DE ARQUITETURA

MESTRADO PROFISSIONAL EM CONSERVAÇÃO E RESTAURAÇÃO DE MONUMENTOS E NÚCLEOS HISTÓRICOS

ERASTO CÉSAR PINHO VILLA-VERDE DE CARVALHO

ORIENTAÇÃO: GRISELDA KLÜPPEL/ CO-ORIENTAÇÃO: SERGIO EKERMAN

VOLUME 2

LEVANTAMENTO FOTOGRÁFICO

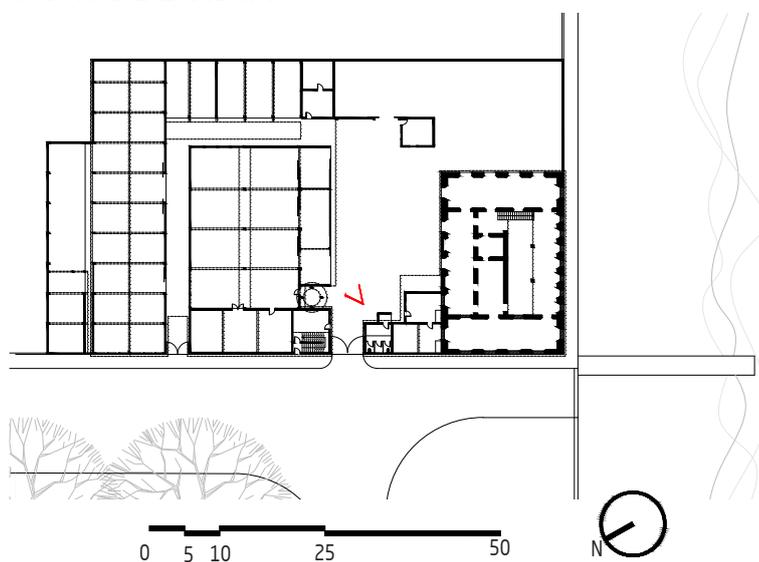
Nº 055 - DATA 10/12/2017 - FONTE ACERVO PESSOAL - CÂMERA NIKON D 5100



DESCRIÇÃO

VISTA PARA O PORTÃO DE ACESSO
AO GALPÃO CENTRAL DA FÁBRICA

PONTO DE VISTA





INTERVENÇÃO EM PATRIMÔNIO INDUSTRIAL: ANTIGA FÁBRICA JURUBEBA LEÃO DO NORTE

UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA - FACULDADE DE ARQUITETURA
MESTRADO PROFISSIONAL EM CONSERVAÇÃO E RESTAURAÇÃO DE MONUMENTOS E NÚCLEOS HISTÓRICOS
ERASTO CÉSAR PINHO VILLA-VERDE DE CARVALHO
ORIENTAÇÃO: GRISELDA KLÜPPEL/ CO-ORIENTAÇÃO: SERGIO EKERMAN

VOLUME 2
LEVANTAMENTO FOTOGRÁFICO

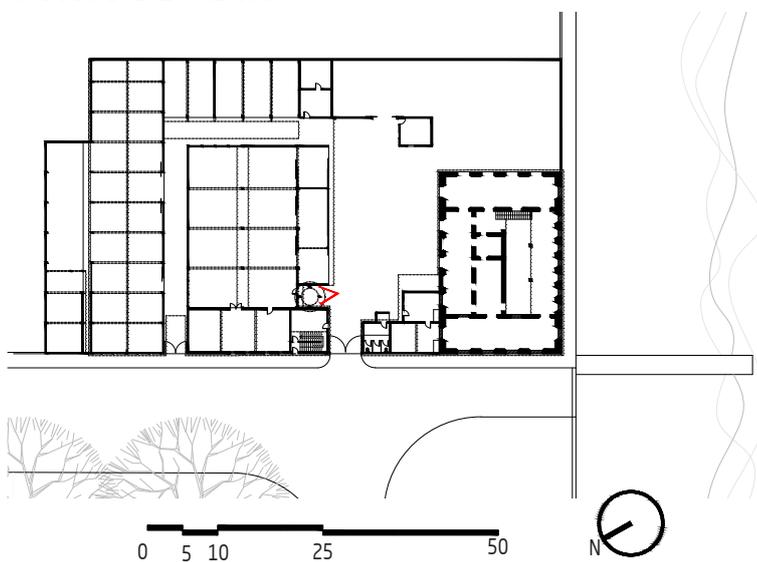
Nº 056 - DATA 10/12/2017 - FONTE ACERVO PESSOAL - CÂMERA NIKON D 5100



DESCRIÇÃO

VISTA DE AMBIENTE INTERNO DO
PAVIMENTO TÉRREO DO EDIFÍCIO
ANTIGO

PONTO DE VISTA





INTERVENÇÃO EM PATRIMÔNIO INDUSTRIAL: ANTIGA FÁBRICA JURUBEBA LEÃO DO NORTE

UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA - FACULDADE DE ARQUITETURA
MESTRADO PROFISSIONAL EM CONSERVAÇÃO E RESTAURAÇÃO DE MONUMENTOS E NÚCLEOS HISTÓRICOS
ERASTO CÉSAR PINHO VILLA-VERDE DE CARVALHO
ORIENTAÇÃO: GRISELDA KLÜPPEL/ CO-ORIENTAÇÃO: SERGIO EKERMAN

VOLUME 2
LEVANTAMENTO FOTOGRÁFICO

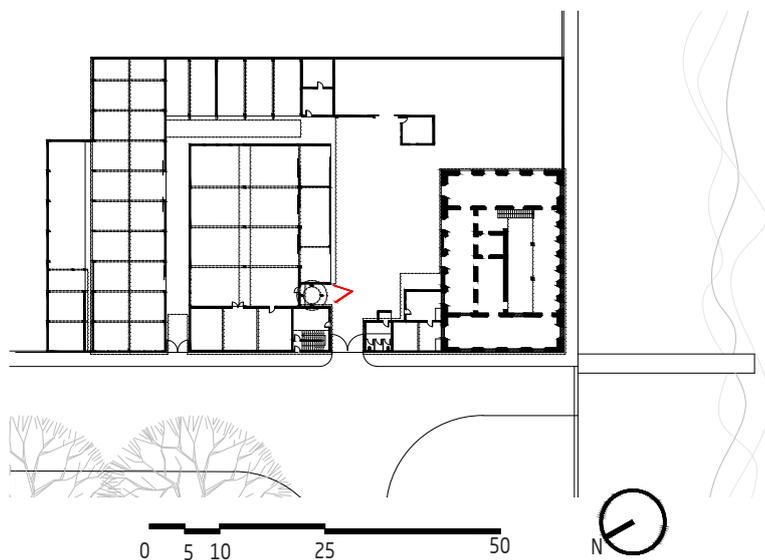
Nº 057 - DATA 10/12/2017 - FONTE ACERVO PESSOAL - CÂMERA NIKON D 5100



DESCRIÇÃO

ESPAÇO QUE SEPARA O GALPÃO CENTRAL DO EDIFÍCIO ADMINISTRATIVO EM QUE SE LOCALIZA A CAIXA D'ÁGUA

PONTO DE VISTA





INTERVENÇÃO EM PATRIMÔNIO INDUSTRIAL: ANTIGA FÁBRICA JURUBEBA LEÃO DO NORTE

UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA - FACULDADE DE ARQUITETURA

MESTRADO PROFISSIONAL EM CONSERVAÇÃO E RESTAURAÇÃO DE MONUMENTOS E NÚCLEOS HISTÓRICOS

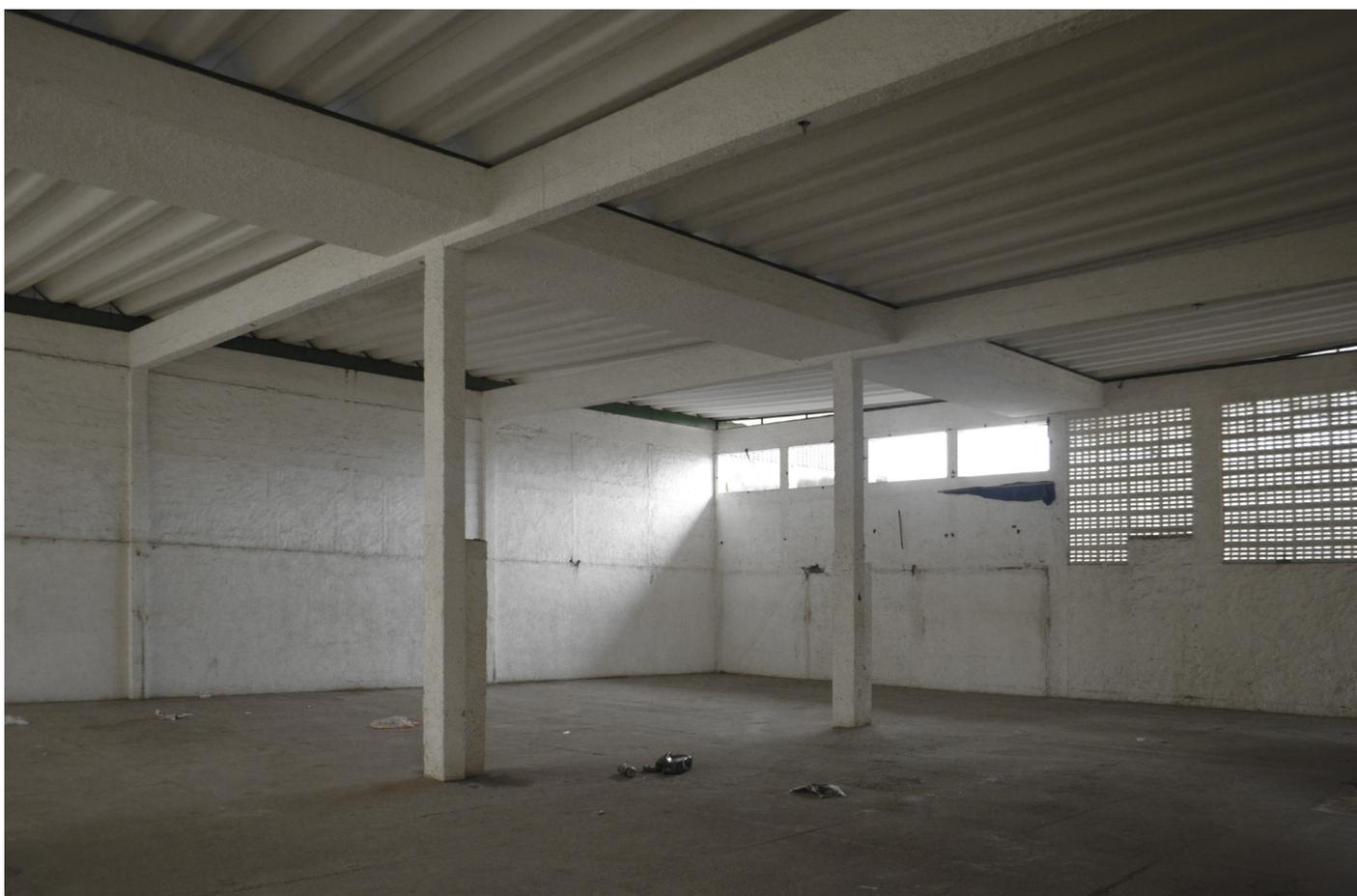
ERASTO CÉSAR PINHO VILLA-VERDE DE CARVALHO

ORIENTAÇÃO: GRISELDA KLÜPPEL/ CO-ORIENTAÇÃO: SERGIO EKERMAN

VOLUME 2

LEVANTAMENTO FOTOGRÁFICO

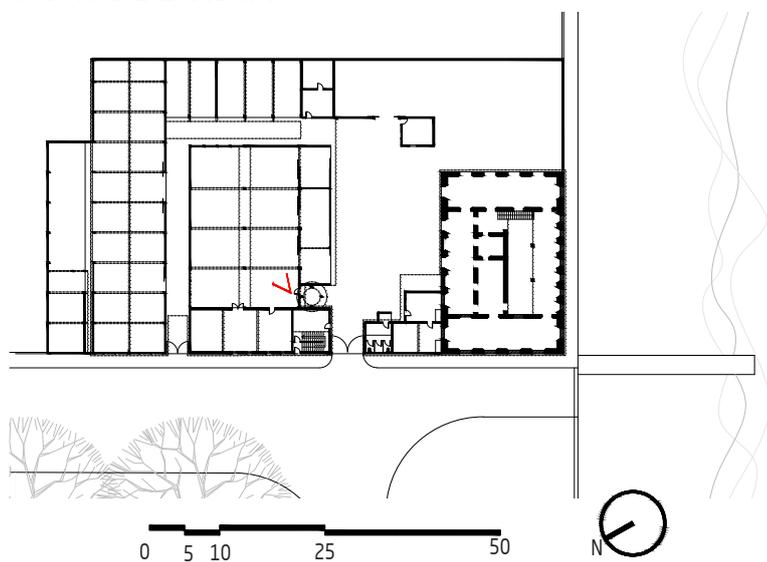
Nº 058 - DATA 10/12/2017 - FONTE ACERVO PESSOAL - CÂMERA NIKON D 5100



DESCRIÇÃO

VISTA INTERNA DO GALPÃO CENTRAL

PONTO DE VISTA





INTERVENÇÃO EM PATRIMÔNIO INDUSTRIAL: ANTIGA FÁBRICA JURUBEBA LEÃO DO NORTE

UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA - FACULDADE DE ARQUITETURA
MESTRADO PROFISSIONAL EM CONSERVAÇÃO E RESTAURAÇÃO DE MONUMENTOS E NÚCLEOS HISTÓRICOS
ERASTO CÉSAR PINHO VILLA-VERDE DE CARVALHO
ORIENTAÇÃO: GRISELDA KLÜPPEL/ CO-ORIENTAÇÃO: SERGIO EKERMAN

VOLUME 2
LEVANTAMENTO FOTOGRÁFICO

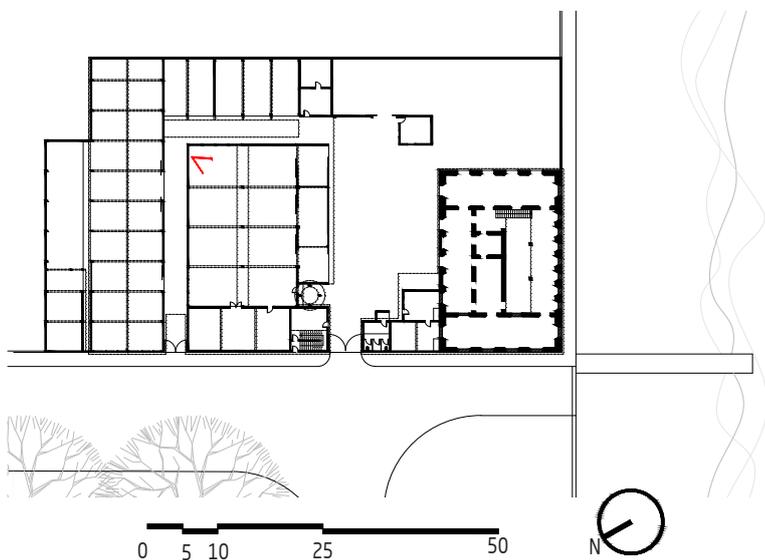
Nº 059 - DATA 10/12/2017 - FONTE ACERVO PESSOAL - CÂMERA NIKON D 5100



DESCRIÇÃO

VISTA PANORÂMICA INTERNA DO GALPÃO CENTRAL

PONTO DE VISTA





INTERVENÇÃO EM PATRIMÔNIO INDUSTRIAL: ANTIGA FÁBRICA JURUBEBA LEÃO DO NORTE

UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA - FACULDADE DE ARQUITETURA

MESTRADO PROFISSIONAL EM CONSERVAÇÃO E RESTAURAÇÃO DE MONUMENTOS E NÚCLEOS HISTÓRICOS

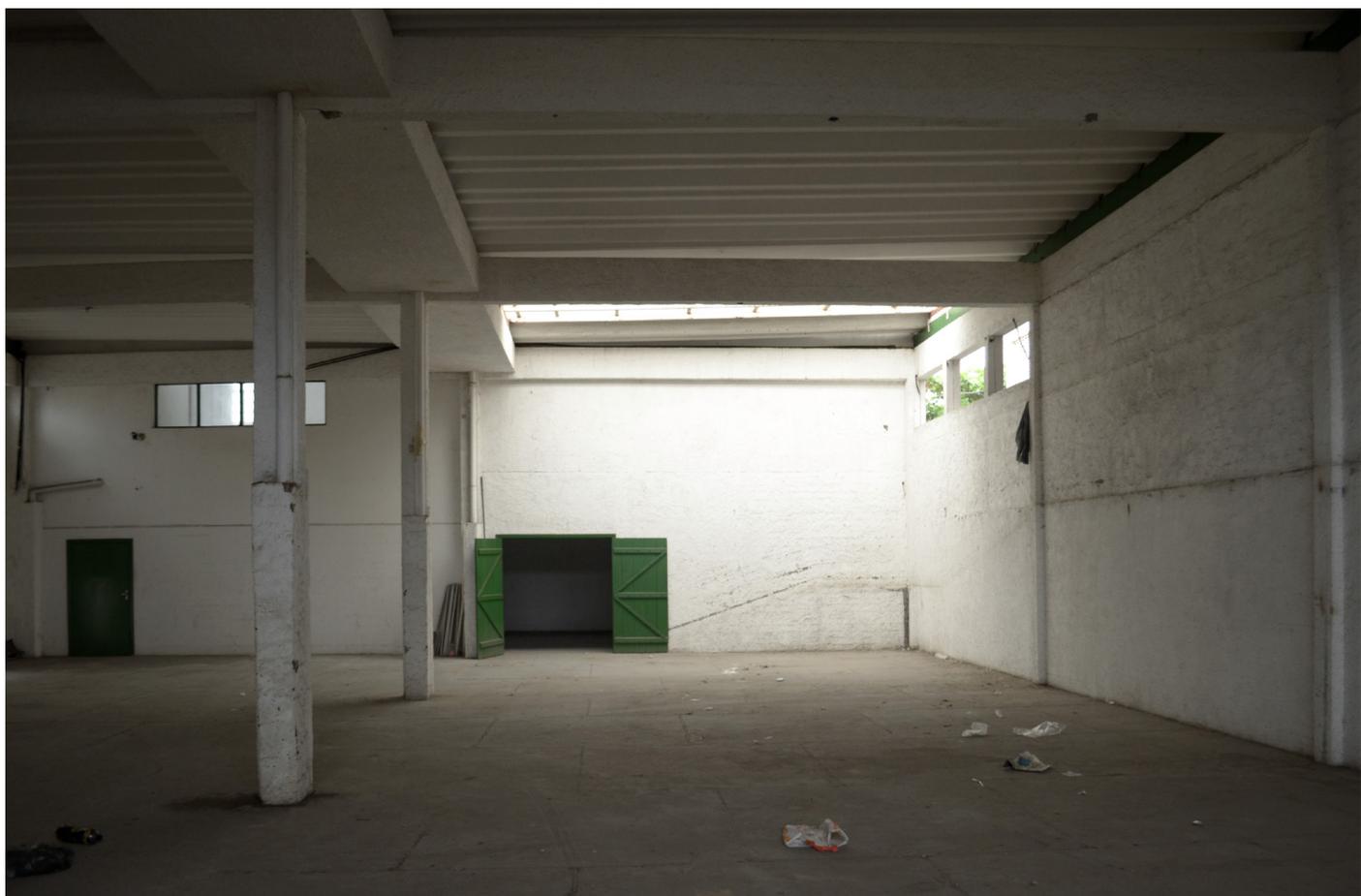
ERASTO CÉSAR PINHO VILLA-VERDE DE CARVALHO

ORIENTAÇÃO: GRISELDA KLÜPPEL/ CO-ORIENTAÇÃO: SERGIO EKERMAN

VOLUME 2

LEVANTAMENTO FOTOGRÁFICO

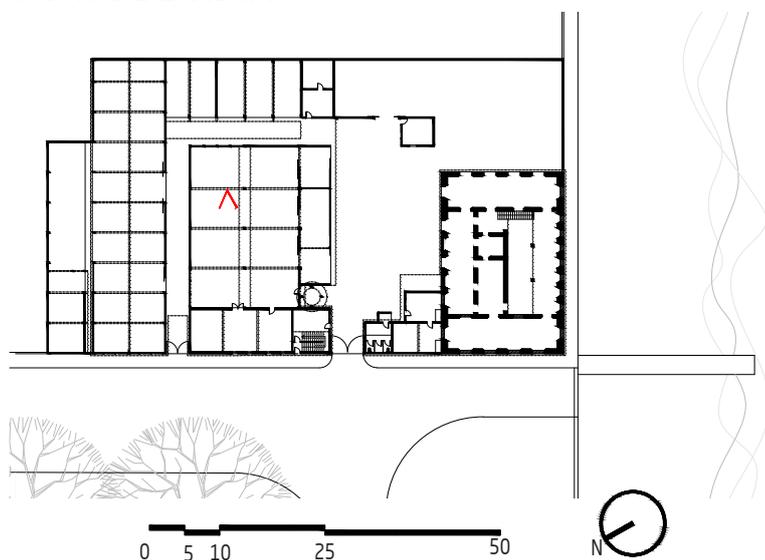
Nº 060 - DATA 10/12/2017 - FONTE ACERVO PESSOAL - CÂMERA NIKON D 5100



DESCRIÇÃO

VISTA INTERNA DO GALPÃO CENTRAL, NA PARTE SUPERIOR DIREITA SE OBSERVA A ABERTURA PARA O SEGUNDO PAVIMENTO DO EDIFÍCIO ADMINISTRATIVO

PONTO DE VISTA





INTERVENÇÃO EM PATRIMÔNIO INDUSTRIAL: ANTIGA FÁBRICA JURUBEBA LEÃO DO NORTE

UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA - FACULDADE DE ARQUITETURA

MESTRADO PROFISSIONAL EM CONSERVAÇÃO E RESTAURAÇÃO DE MONUMENTOS E NÚCLEOS HISTÓRICOS

ERASTO CÉSAR PINHO VILLA-VERDE DE CARVALHO

ORIENTAÇÃO: GRISELDA KLÜPPEL/ CO-ORIENTAÇÃO: SERGIO EKERMAN

VOLUME 2
LEVANTAMENTO FOTOGRÁFICO

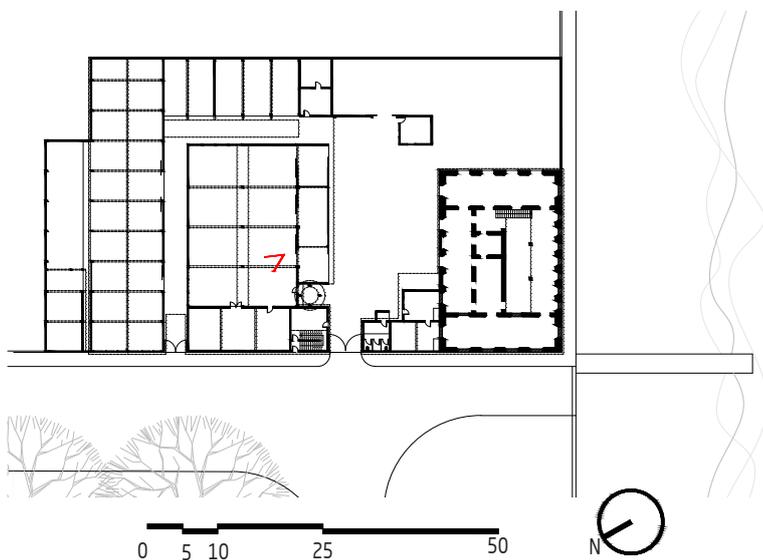
Nº 061 - DATA 10/12/2017 - FONTE ACERVO PESSOAL - CÂMERA NIKON D 5100



DESCRIÇÃO

VISTA INTERNA DO GALPAO CENTRAL COM ABERTURA PARA O PAVIMENTO TERREO DO EDIFÍCIO ADMINISTRATIVO

PONTO DE VISTA





INTERVENÇÃO EM PATRIMÔNIO INDUSTRIAL: ANTIGA FÁBRICA JURUBEBA LEÃO DO NORTE

UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA - FACULDADE DE ARQUITETURA

MESTRADO PROFISSIONAL EM CONSERVAÇÃO E RESTAURAÇÃO DE MONUMENTOS E NÚCLEOS HISTÓRICOS

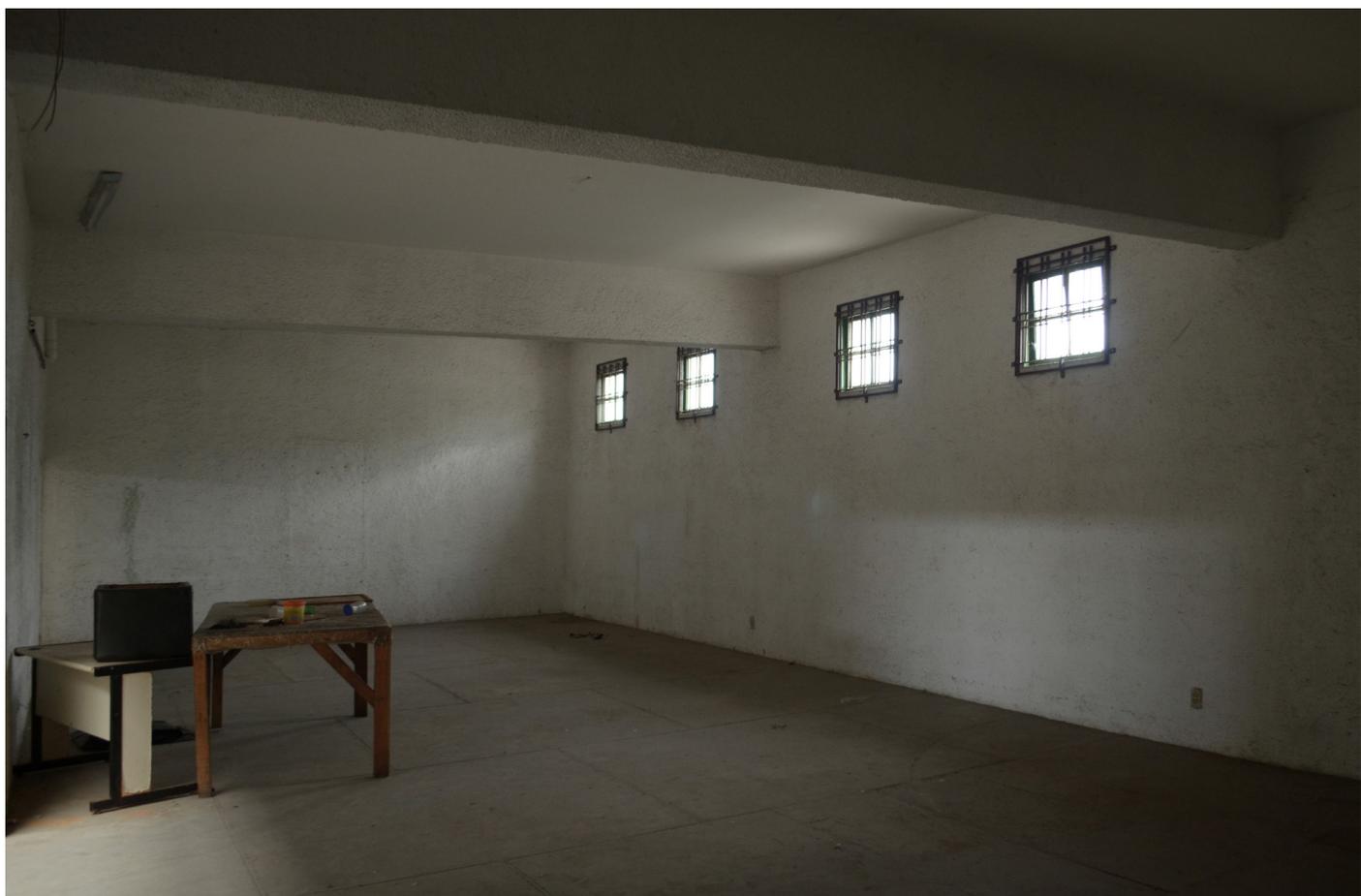
ERASTO CÉSAR PINHO VILLA-VERDE DE CARVALHO

ORIENTAÇÃO: GRISELDA KLÜPPEL/ CO-ORIENTAÇÃO: SERGIO EKERMAN

VOLUME 2

LEVANTAMENTO FOTOGRÁFICO

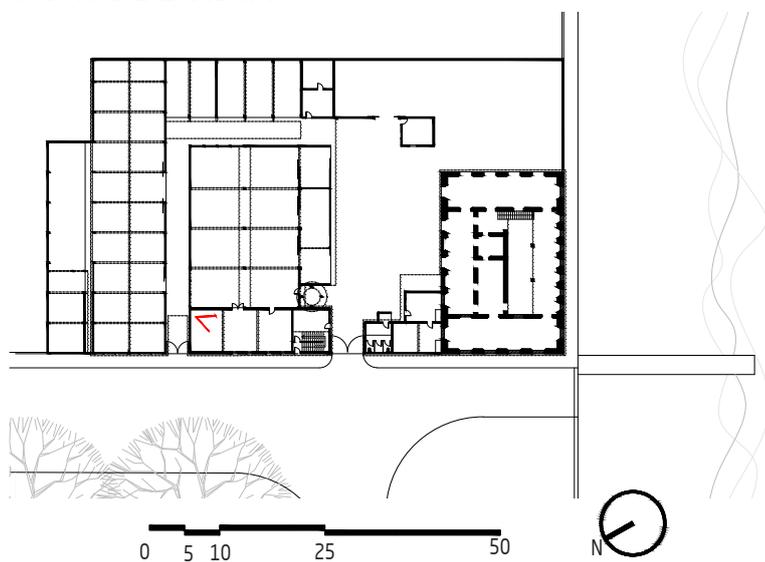
Nº 062 - DATA 10/12/2017 - FONTE ACERVO PESSOAL - CÂMERA NIKON D 5100



DESCRIÇÃO

VISTA INTERNA DO PAVIMENTO
TERREO DO EDIFÍCIO ADMINISTRATI-
VO COM ABERTURAS DA FACHADA
SUDESTE À DIREITA

PONTO DE VISTA





INTERVENÇÃO EM PATRIMÔNIO INDUSTRIAL: ANTIGA FÁBRICA JURUBEBA LEÃO DO NORTE

UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA - FACULDADE DE ARQUITETURA

MESTRADO PROFISSIONAL EM CONSERVAÇÃO E RESTAURAÇÃO DE MONUMENTOS E NÚCLEOS HISTÓRICOS

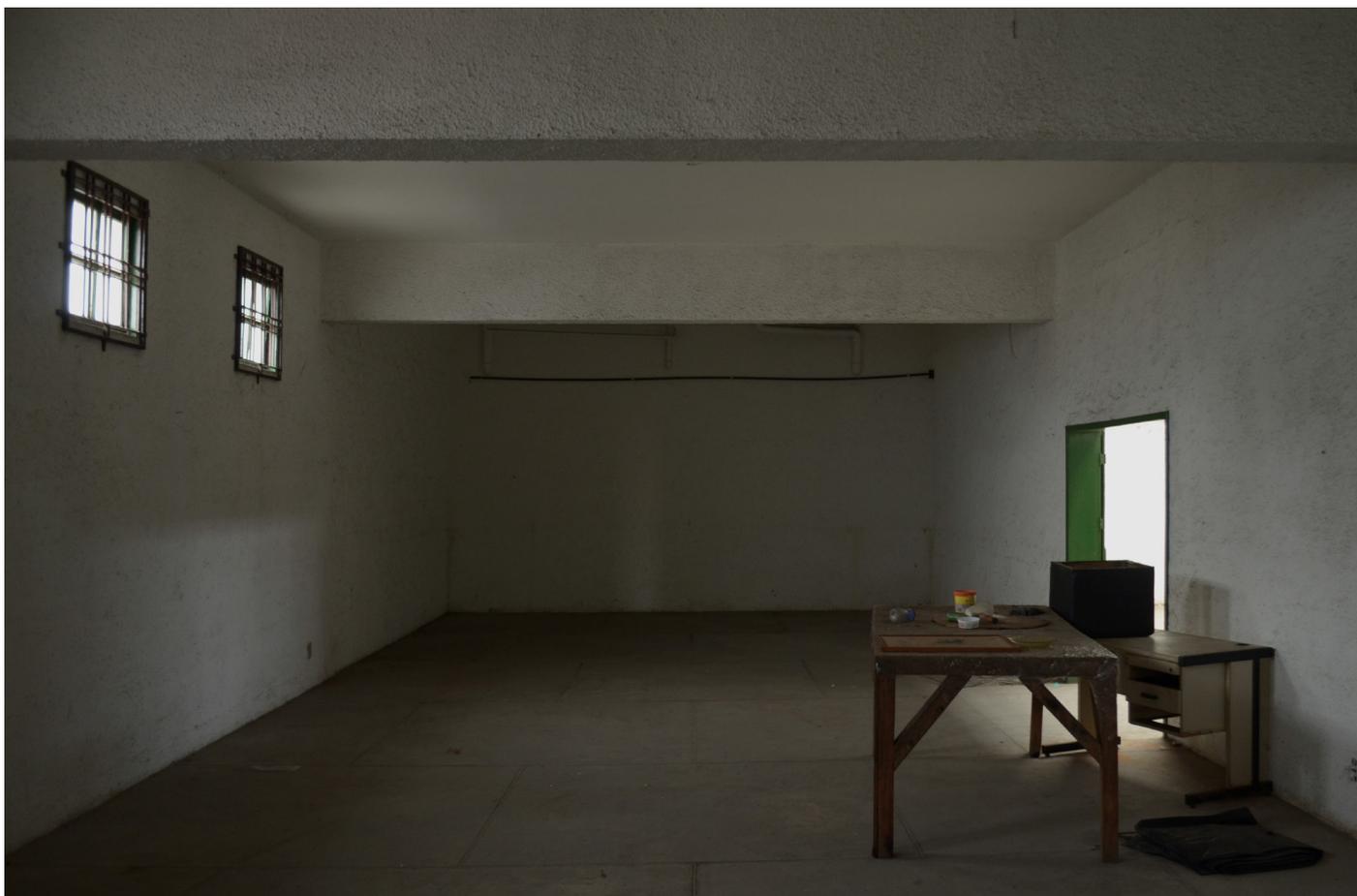
ERASTO CÉSAR PINHO VILLA-VERDE DE CARVALHO

ORIENTAÇÃO: GRISELDA KLÜPPEL/ CO-ORIENTAÇÃO: SERGIO EKERMAN

VOLUME 2

LEVANTAMENTO FOTOGRÁFICO

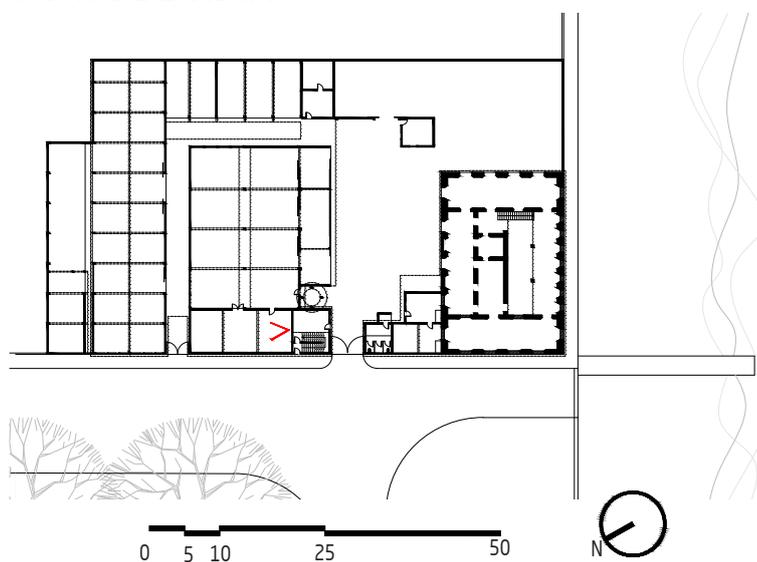
Nº 063 - DATA 10/12/2017 - FONTE ACERVO PESSOAL - CÂMERA NIKON D 5100



DESCRIÇÃO

VISTA INTERNA DO PAVIMENTO
TERREO DO EDIFÍCIO ADMINISTRA-
TIVO

PONTO DE VISTA





INTERVENÇÃO EM PATRIMÔNIO INDUSTRIAL: ANTIGA FÁBRICA JURUBEBA LEÃO DO NORTE

UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA - FACULDADE DE ARQUITETURA

MESTRADO PROFISSIONAL EM CONSERVAÇÃO E RESTAURAÇÃO DE MONUMENTOS E NÚCLEOS HISTÓRICOS

ERASTO CÉSAR PINHO VILLA-VERDE DE CARVALHO

ORIENTAÇÃO: GRISELDA KLÜPPEL/ CO-ORIENTAÇÃO: SERGIO EKERMAN

VOLUME 2

LEVANTAMENTO FOTOGRÁFICO

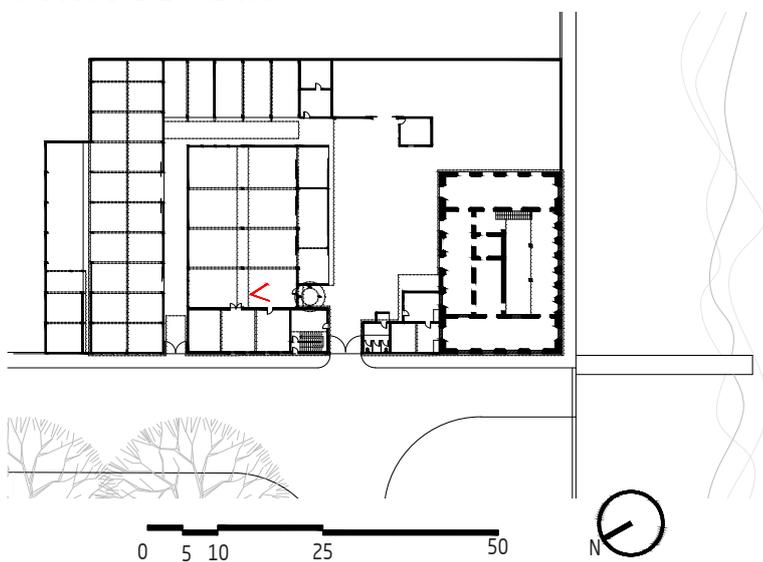
Nº 064 - DATA 10/12/2017 - FONTE ACERVO PESSOAL - CÂMERA NIKON D 5100



DESCRIÇÃO

VISTA INTERNA DO GALPÃO CENTRAL COM ACESSO PARA O AMBIENTE DA CAIXA D'ÁGUA AO CENTRO

PONTO DE VISTA





INTERVENÇÃO EM PATRIMÔNIO INDUSTRIAL: ANTIGA FÁBRICA JURUBEBA LEÃO DO NORTE

UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA - FACULDADE DE ARQUITETURA

MESTRADO PROFISSIONAL EM CONSERVAÇÃO E RESTAURAÇÃO DE MONUMENTOS E NÚCLEOS HISTÓRICOS

ERASTO CÉSAR PINHO VILLA-VERDE DE CARVALHO

ORIENTAÇÃO: GRISELDA KLÜPPEL/ CO-ORIENTAÇÃO: SERGIO EKERMAN

VOLUME 2

LEVANTAMENTO FOTOGRÁFICO

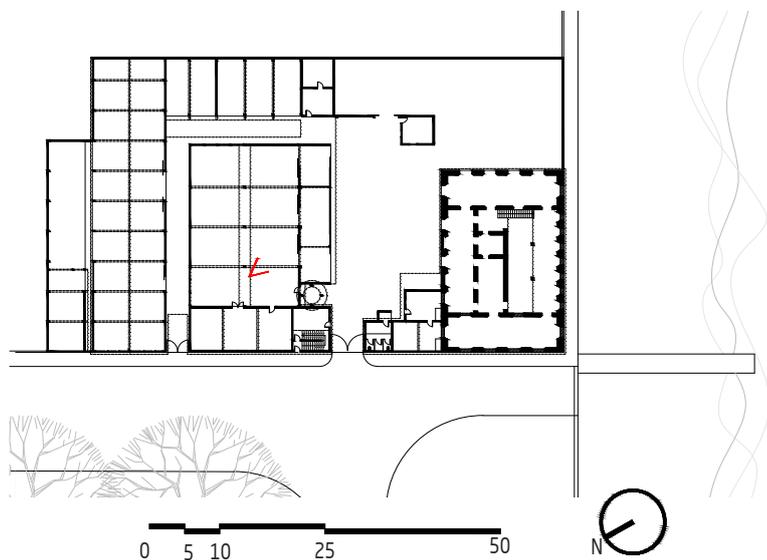
Nº 065 - DATA 10/12/2017 - FONTE ACERVO PESSOAL - CÂMERA NIKON D 5100



DESCRIÇÃO

GALPÃO CENTRAL COM VISTA
PARA OS PORTÕES DE ACESSO ÀS
ÁREAS DE TRANSIÇÃO

PONTO DE VISTA





INTERVENÇÃO EM PATRIMÔNIO INDUSTRIAL: ANTIGA FÁBRICA JURUBEBA LEÃO DO NORTE

UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA - FACULDADE DE ARQUITETURA

MESTRADO PROFISSIONAL EM CONSERVAÇÃO E RESTAURAÇÃO DE MONUMENTOS E NÚCLEOS HISTÓRICOS

ERASTO CÉSAR PINHO VILLA-VERDE DE CARVALHO

ORIENTAÇÃO: GRISELDA KLÜPPEL/ CO-ORIENTAÇÃO: SERGIO EKERMAN

VOLUME 2

LEVANTAMENTO FOTOGRÁFICO

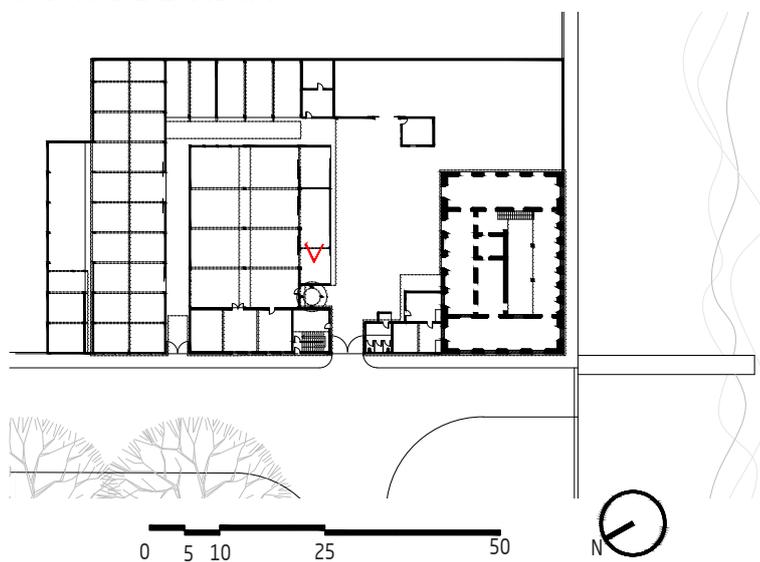
Nº 066 - DATA 10/12/2017 - FONTE ACERVO PESSOAL - CÂMERA NIKON D 5100



DESCRIÇÃO

VISTA INTERNA DA ÁREA DE
TRANSIÇÃO ENTRE O EXTERIOR E
O INTERIOR DO GALPÃO CENTRAL

PONTO DE VISTA





INTERVENÇÃO EM PATRIMÔNIO INDUSTRIAL: ANTIGA FÁBRICA JURUBEBA LEÃO DO NORTE

UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA - FACULDADE DE ARQUITETURA

MESTRADO PROFISSIONAL EM CONSERVAÇÃO E RESTAURAÇÃO DE MONUMENTOS E NÚCLEOS HISTÓRICOS

ERASTO CÉSAR PINHO VILLA-VERDE DE CARVALHO

ORIENTAÇÃO: GRISELDA KLÜPPEL/ CO-ORIENTAÇÃO: SERGIO EKERMAN

VOLUME 2

LEVANTAMENTO FOTOGRÁFICO

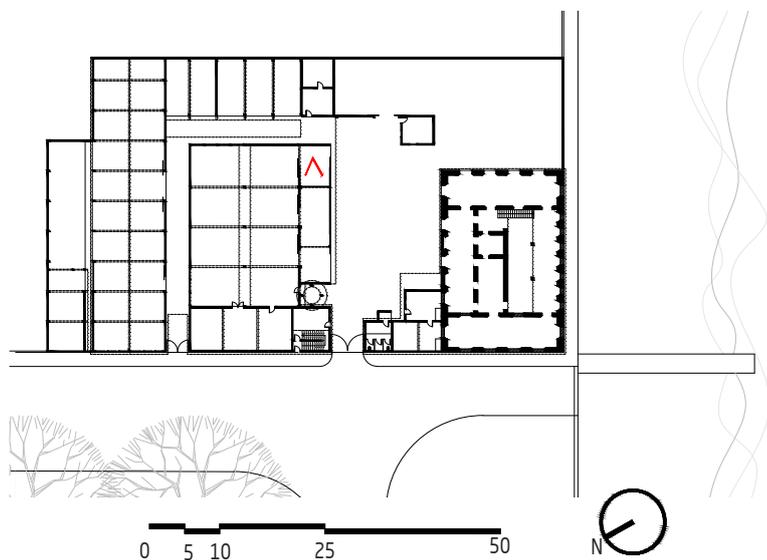
Nº 067 - DATA 10/12/2017 - FONTE ACERVO PESSOAL - CÂMERA NIKON D 5100



DESCRIÇÃO

VISTA INTERNA DA ÁREA DE
TRANSIÇÃO ENTRE O EXTERIOR E
O INTERIOR DO GALPÃO CENTRAL

PONTO DE VISTA



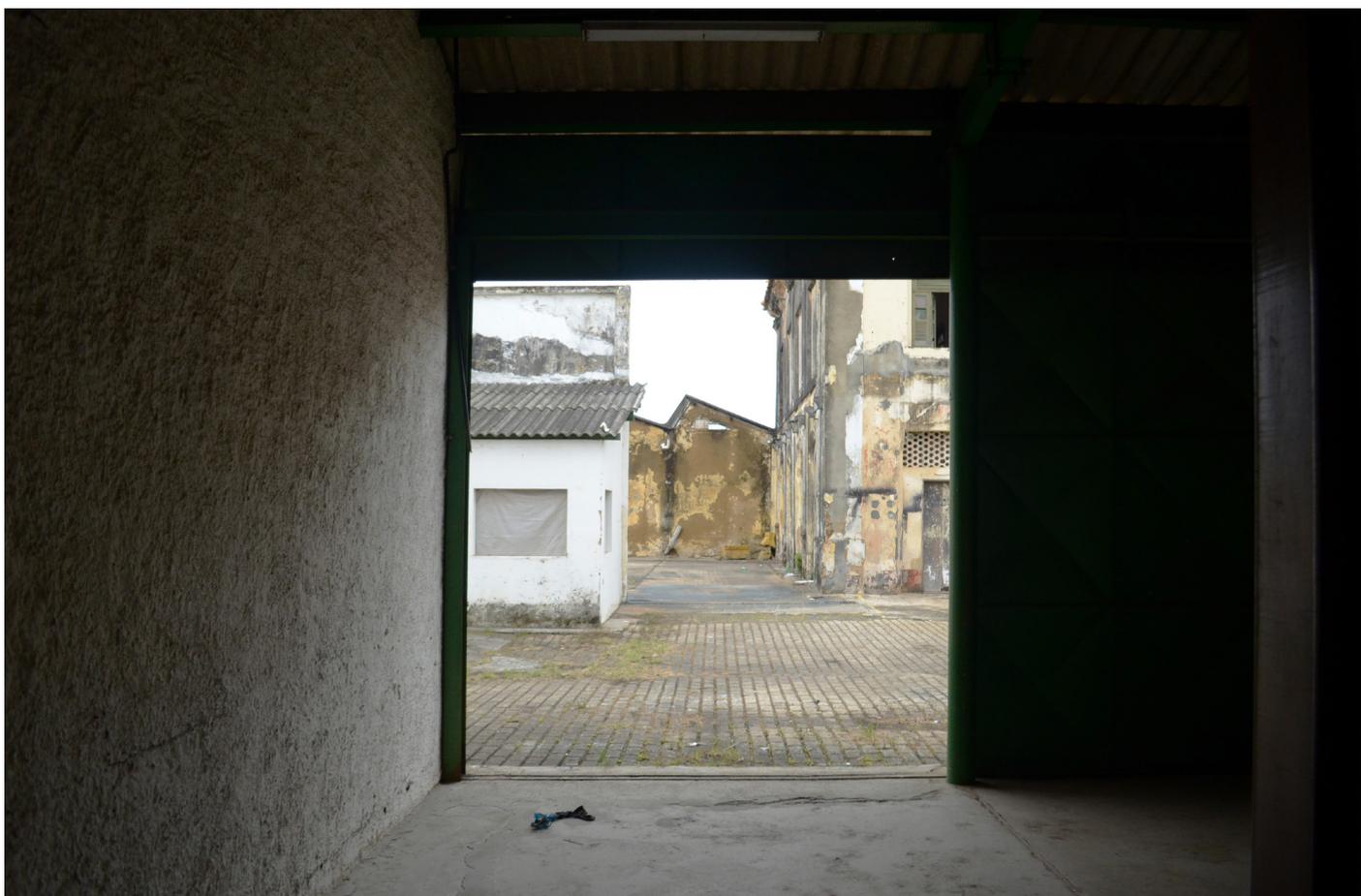


INTERVENÇÃO EM PATRIMÔNIO INDUSTRIAL: ANTIGA FÁBRICA JURUBEBA LEÃO DO NORTE

UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA - FACULDADE DE ARQUITETURA
MESTRADO PROFISSIONAL EM CONSERVAÇÃO E RESTAURAÇÃO DE MONUMENTOS E NÚCLEOS HISTÓRICOS
ERASTO CÉSAR PINHO VILLA-VERDE DE CARVALHO
ORIENTAÇÃO: GRISELDA KLÜPPEL/ CO-ORIENTAÇÃO: SERGIO EKERMAN

VOLUME 2
LEVANTAMENTO FOTOGRÁFICO

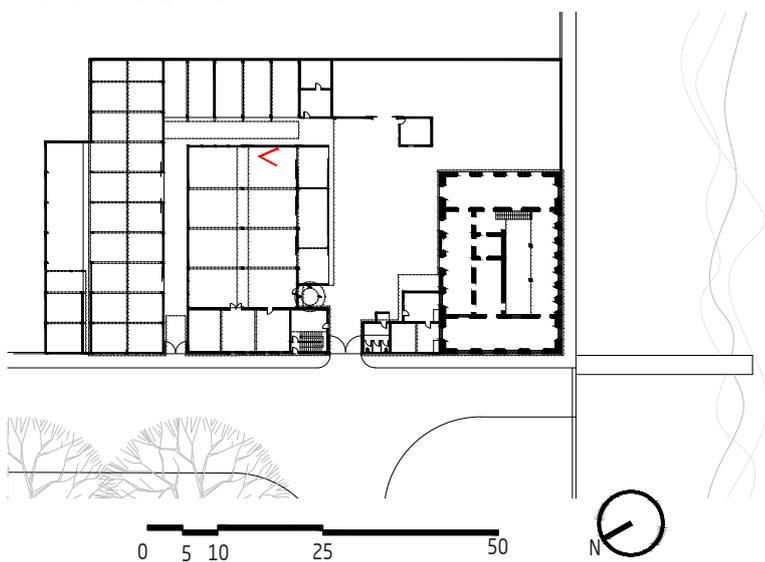
Nº 068 - DATA 10/12/2017 - FONTE ACERVO PESSOAL - CÂMERA NIKON D 5100



DESCRIÇÃO

ABERTURA DO GALPÃO CENTRAL
COM PAREDE REMANESCENTE DA
ANTIGA COBERTURA EM SHED AO
CENTRO

PONTO DE VISTA





INTERVENÇÃO EM PATRIMÔNIO INDUSTRIAL: ANTIGA FÁBRICA JURUBEBA LEÃO DO NORTE

UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA - FACULDADE DE ARQUITETURA

MESTRADO PROFISSIONAL EM CONSERVAÇÃO E RESTAURAÇÃO DE MONUMENTOS E NÚCLEOS HISTÓRICOS

ERASTO CÉSAR PINHO VILLA-VERDE DE CARVALHO

ORIENTAÇÃO: GRISELDA KLÜPPEL/ CO-ORIENTAÇÃO: SERGIO EKERMAN

VOLUME 2

LEVANTAMENTO FOTOGRÁFICO

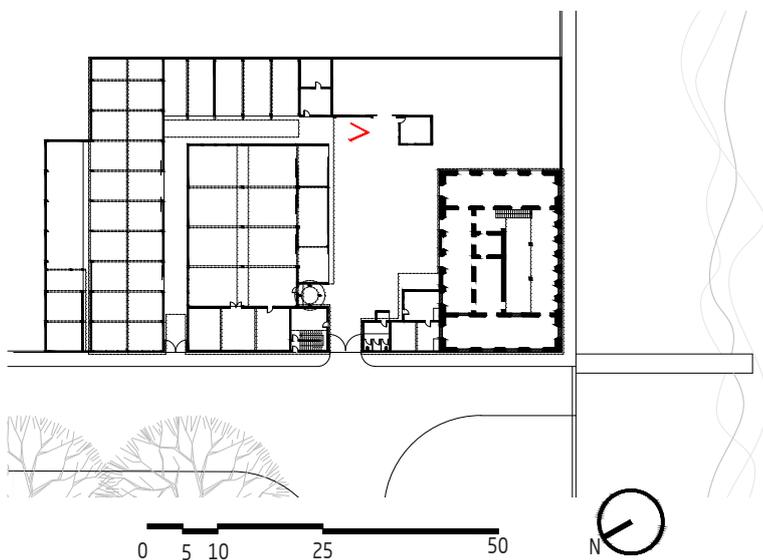
Nº 069 - DATA 10/12/2017 - FONTE ACERVO PESSOAL - CÂMERA NIKON D 5100



DESCRIÇÃO

VISTA PARA CIRCULAÇÃO PRINCIPAL DA FÁBRICA COM GALPÃO CENTRAL À ESQUERDA, E GALPÃO LATERAL À DIREITA

PONTO DE VISTA





INTERVENÇÃO EM PATRIMÔNIO INDUSTRIAL: ANTIGA FÁBRICA JURUBEBA LEÃO DO NORTE

UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA - FACULDADE DE ARQUITETURA

MESTRADO PROFISSIONAL EM CONSERVAÇÃO E RESTAURAÇÃO DE MONUMENTOS E NÚCLEOS HISTÓRICOS

ERASTO CÉSAR PINHO VILLA-VERDE DE CARVALHO

ORIENTAÇÃO: GRISELDA KLÜPPEL/ CO-ORIENTAÇÃO: SERGIO EKERMAN

VOLUME 2

LEVANTAMENTO FOTOGRÁFICO

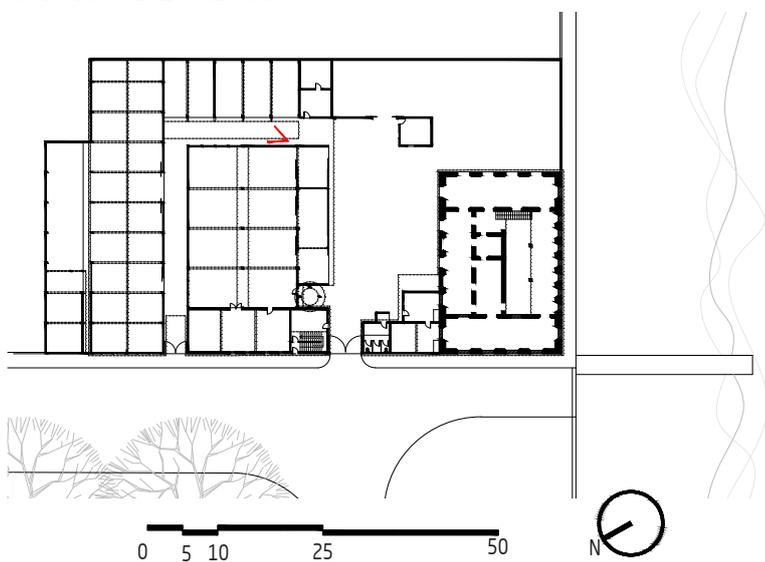
Nº 070 - DATA 10/12/2017 - FONTE ACERVO PESSOAL - CÂMERA NIKON D 5100



DESCRIÇÃO

CIRCULAÇÃO PRINCIPAL DA FÁBRICA COM GALPÃO LATERAL À DIREITA

PONTO DE VISTA





INTERVENÇÃO EM PATRIMÔNIO INDUSTRIAL: ANTIGA FÁBRICA JURUBEBA LEÃO DO NORTE

UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA - FACULDADE DE ARQUITETURA
MESTRADO PROFISSIONAL EM CONSERVAÇÃO E RESTAURAÇÃO DE MONUMENTOS E NÚCLEOS HISTÓRICOS
ERASTO CÉSAR PINHO VILLA-VERDE DE CARVALHO
ORIENTAÇÃO: GRISELDA KLÜPPEL/ CO-ORIENTAÇÃO: SERGIO EKERMAN

VOLUME 2
LEVANTAMENTO FOTOGRÁFICO

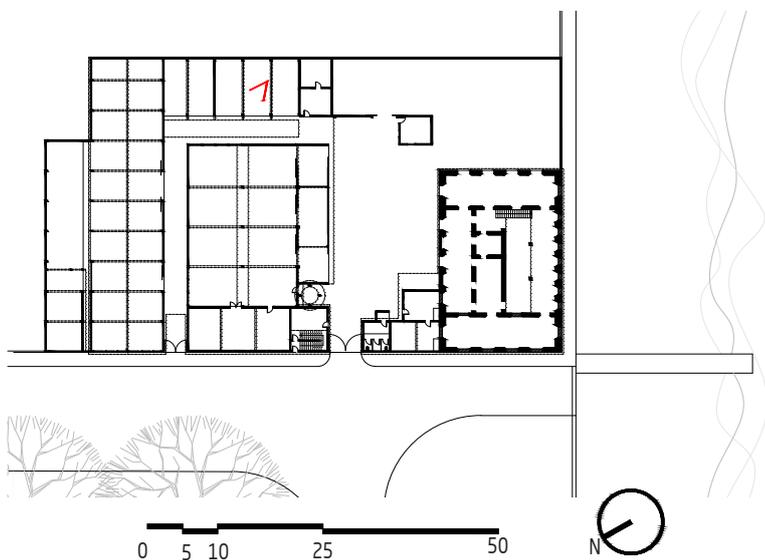
Nº 071 - DATA 10/12/2017 - FONTE ACERVO PESSOAL - CÂMERA NIKON D 5100



DESCRIÇÃO

VISTA INTERNA DO GALPÃO LAT-
ERAL EM DIREÇÃO À FACHADA
SUDOESTE DO GALPÃO CENTRAL

PONTO DE VISTA





INTERVENÇÃO EM PATRIMÔNIO INDUSTRIAL: ANTIGA FÁBRICA JURUBEBA LEÃO DO NORTE

UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA - FACULDADE DE ARQUITETURA
MESTRADO PROFISSIONAL EM CONSERVAÇÃO E RESTAURAÇÃO DE MONUMENTOS E NÚCLEOS HISTÓRICOS
ERASTO CÉSAR PINHO VILLA-VERDE DE CARVALHO
ORIENTAÇÃO: GISELDA KLÜPPEL/ CO-ORIENTAÇÃO: SERGIO EKERMAN

VOLUME 2
LEVANTAMENTO FOTOGRÁFICO

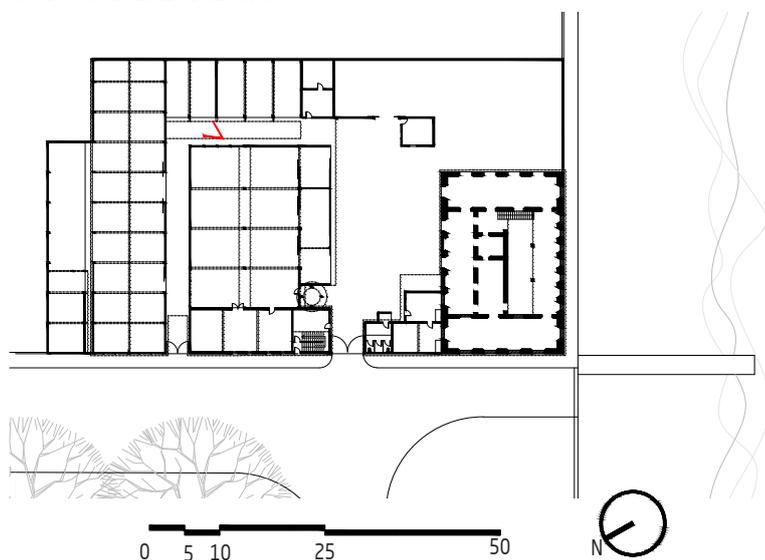
Nº 072 - DATA 10/12/2017 - FONTE ACERVO PESSOAL - CÂMERA NIKON D 5100



DESCRIÇÃO

VISTA DA INTERAÇÃO ENTRE O GALPÃO LATERAL E A PAREDE NO-ROESTE DO GALPÃO PRINCIPAL DA FÁBRICA, À PARTIR DO CORREDOR DE CIRCULAÇÃO

PONTO DE VISTA





INTERVENÇÃO EM PATRIMÔNIO INDUSTRIAL: ANTIGA FÁBRICA JURUBEBA LEÃO DO NORTE

UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA - FACULDADE DE ARQUITETURA

MESTRADO PROFISSIONAL EM CONSERVAÇÃO E RESTAURAÇÃO DE MONUMENTOS E NÚCLEOS HISTÓRICOS

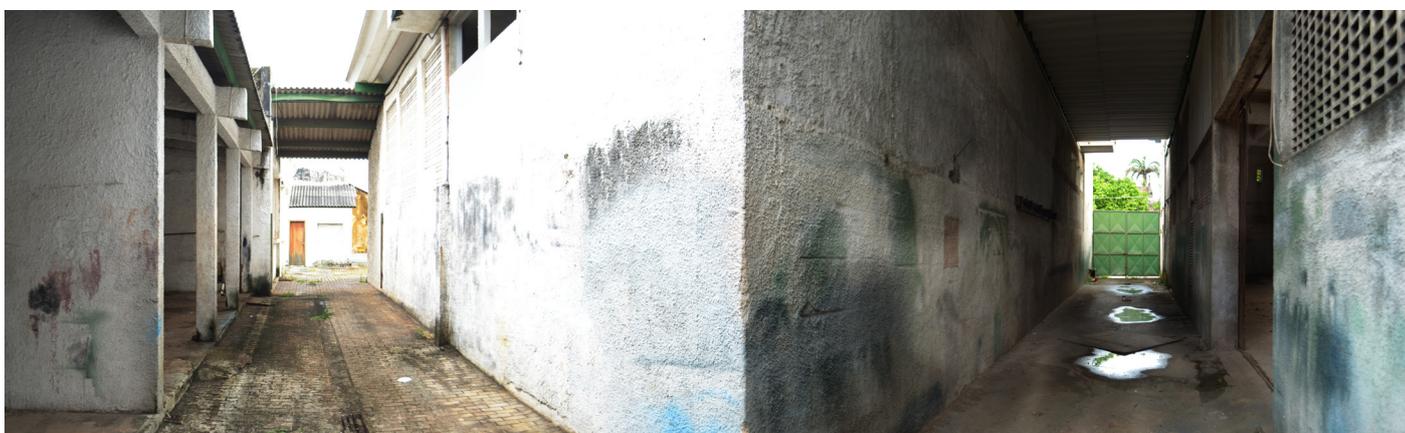
ERASTO CÉSAR PINHO VILLA-VERDE DE CARVALHO

ORIENTAÇÃO: GRISELDA KLÜPPEL/ CO-ORIENTAÇÃO: SERGIO EKERMAN

VOLUME 2

LEVANTAMENTO FOTOGRÁFICO

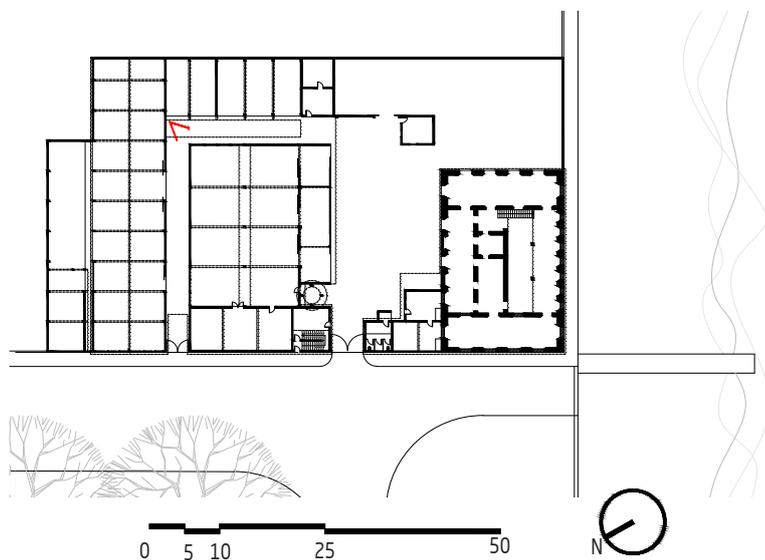
Nº 073 - DATA 10/12/2017 - FONTE ACERVO PESSOAL - CÂMERA NIKON D 5100



DESCRIÇÃO

PANORÂMICA DO CORREDOR DE CIRCULAÇÃO PRINCIPAL DA FÁBRICA, À ESQUERDA FACHADA SUDESTE DO GALÃO CENTRAL, À DIREITA FACHADA NORDESTE DO GALPÃO CENTRAL.

PONTO DE VISTA





INTERVENÇÃO EM PATRIMÔNIO INDUSTRIAL: ANTIGA FÁBRICA JURUBEBA LEÃO DO NORTE

UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA - FACULDADE DE ARQUITETURA
MESTRADO PROFISSIONAL EM CONSERVAÇÃO E RESTAURAÇÃO DE MONUMENTOS E NÚCLEOS HISTÓRICOS
ERASTO CÉSAR PINHO VILLA-VERDE DE CARVALHO
ORIENTAÇÃO: GRISELDA KLÜPPEL/ CO-ORIENTAÇÃO: SERGIO EKERMAN

VOLUME 2
LEVANTAMENTO FOTOGRÁFICO

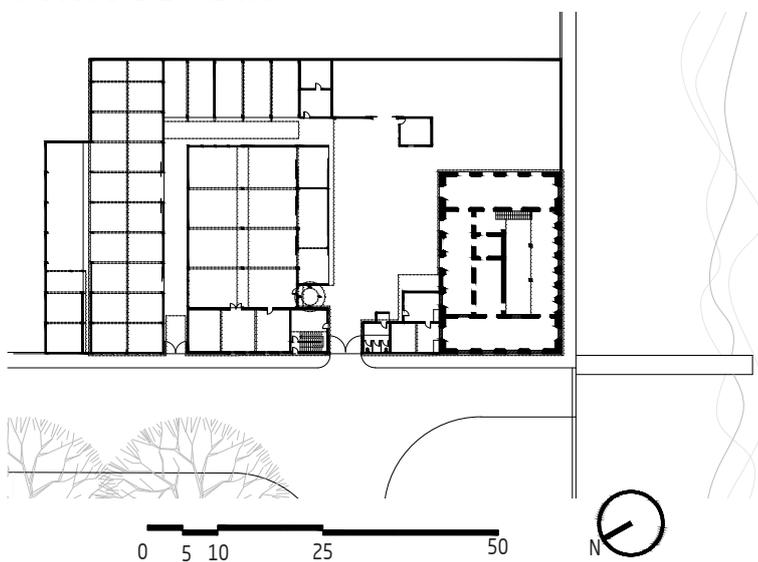
Nº 074 - DATA 10/12/2017 - FONTE ACERVO PESSOAL - CÂMERA NIKON D 5100



DESCRIÇÃO

VISTA DO CORREDOR PRINCIPAL DE CIRCULAÇÃO. À DIREITA, FACHADA NORDESTE DO GALPÃO CENTRAL, À DIREITA FACHADA NOROESTE DO GALPÃO PRINCIPAL

PONTO DE VISTA





INTERVENÇÃO EM PATRIMÔNIO INDUSTRIAL: ANTIGA FÁBRICA JURUBEBA LEÃO DO NORTE

UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA - FACULDADE DE ARQUITETURA

MESTRADO PROFISSIONAL EM CONSERVAÇÃO E RESTAURAÇÃO DE MONUMENTOS E NÚCLEOS HISTÓRICOS

ERASTO CÉSAR PINHO VILLA-VERDE DE CARVALHO

ORIENTAÇÃO: GRISELDA KLÜPPEL/ CO-ORIENTAÇÃO: SERGIO EKERMAN

VOLUME 2

LEVANTAMENTO FOTOGRÁFICO

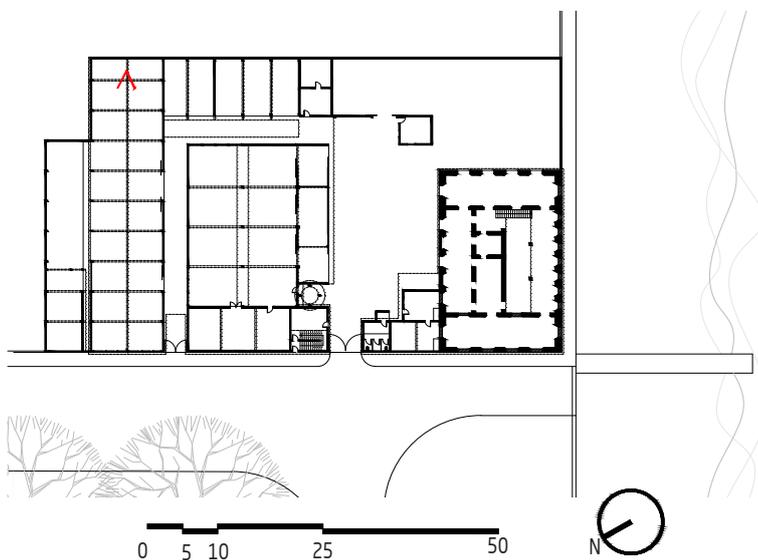
Nº 075 - DATA 10/12/2017 - FONTE ACERVO PESSOAL - CÂMERA NIKON D 5100



DESCRIÇÃO

VISTA INTERNA DO GALPÃO PRINCIPAL

PONTO DE VISTA





INTERVENÇÃO EM PATRIMÔNIO INDUSTRIAL: ANTIGA FÁBRICA JURUBEBA LEÃO DO NORTE

UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA - FACULDADE DE ARQUITETURA

MESTRADO PROFISSIONAL EM CONSERVAÇÃO E RESTAURAÇÃO DE MONUMENTOS E NÚCLEOS HISTÓRICOS

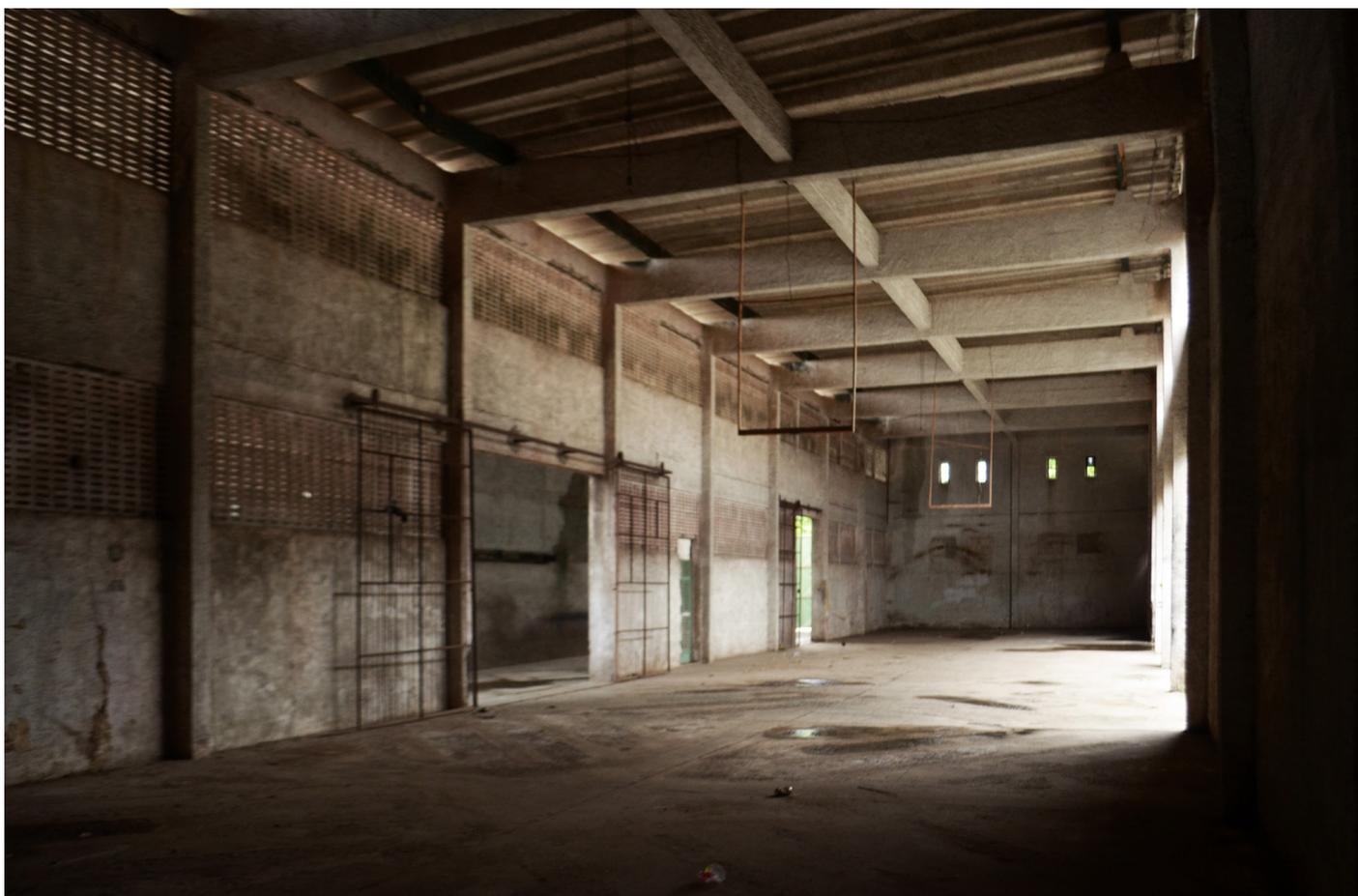
ERASTO CÉSAR PINHO VILLA-VERDE DE CARVALHO

ORIENTAÇÃO: GRISELDA KLÜPPEL/ CO-ORIENTAÇÃO: SERGIO EKERMAN

VOLUME 2

LEVANTAMENTO FOTOGRÁFICO

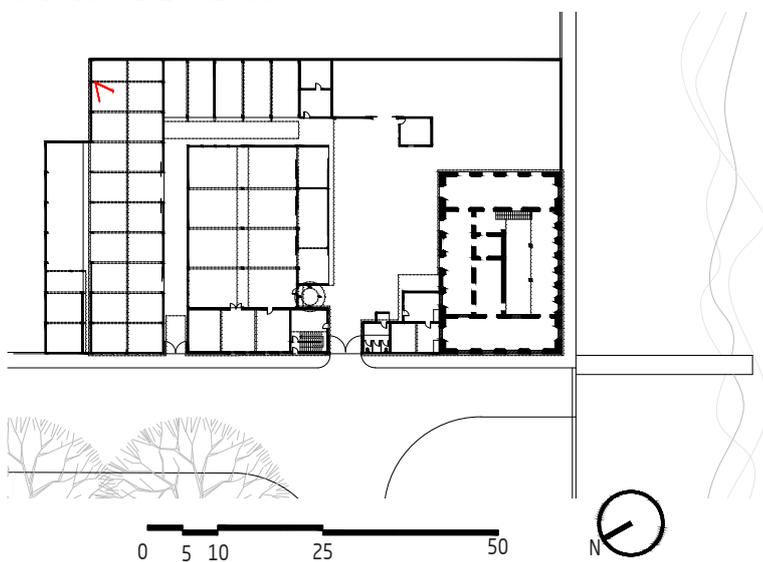
Nº 076 - DATA 10/12/2017 - FONTE ACERVO PESSOAL - CÂMERA NIKON D 5100



DESCRIÇÃO

VISTA INTERNA DO GALPÃO PRINCIPAL

PONTO DE VISTA





INTERVENÇÃO EM PATRIMÔNIO INDUSTRIAL: ANTIGA FÁBRICA JURUBEBA LEÃO DO NORTE

UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA - FACULDADE DE ARQUITETURA

MESTRADO PROFISSIONAL EM CONSERVAÇÃO E RESTAURAÇÃO DE MONUMENTOS E NÚCLEOS HISTÓRICOS

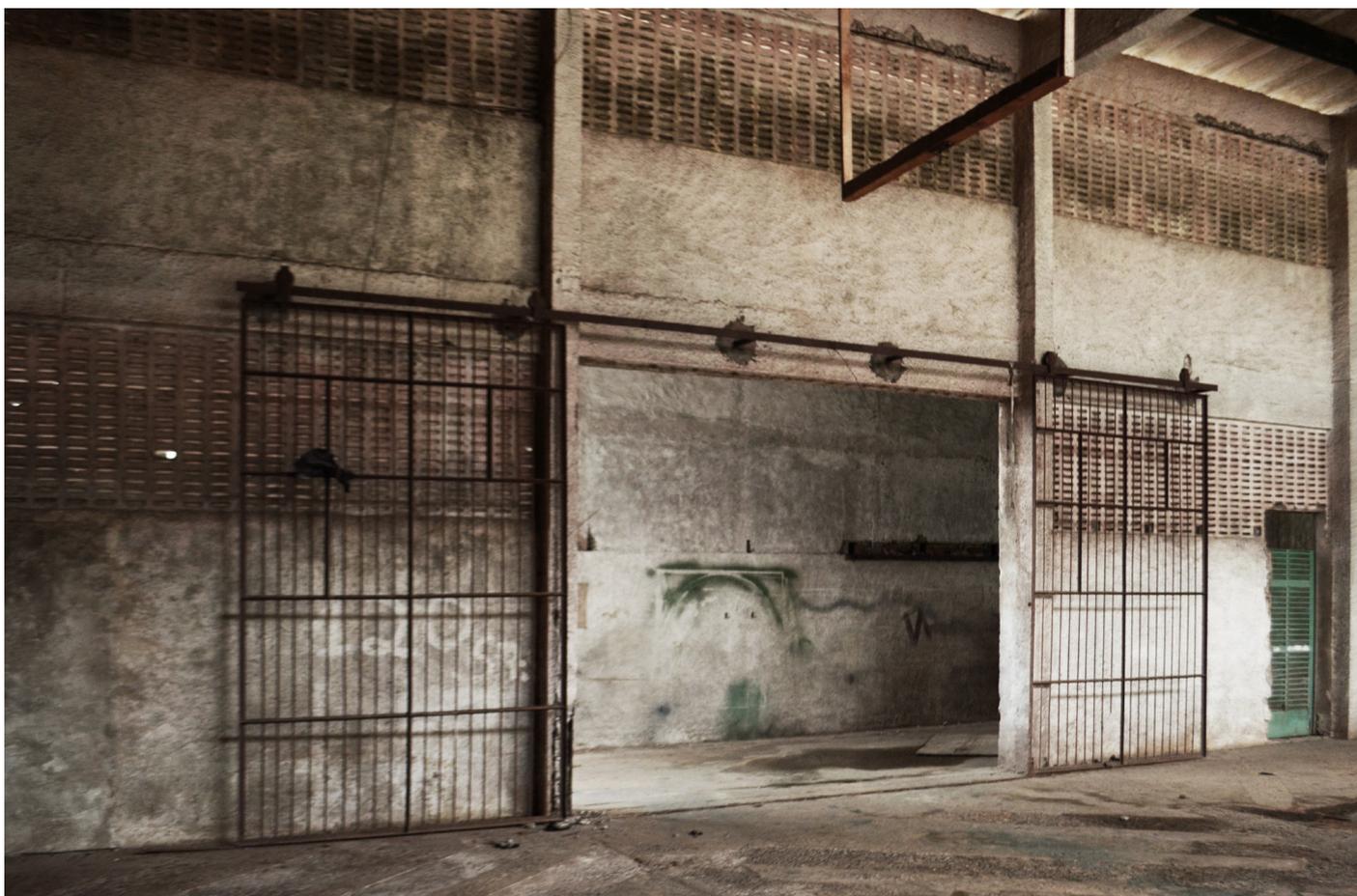
ERASTO CÉSAR PINHO VILLA-VERDE DE CARVALHO

ORIENTAÇÃO: GRISELDA KLÜPPEL/ CO-ORIENTAÇÃO: SERGIO EKERMAN

VOLUME 2

LEVANTAMENTO FOTOGRÁFICO

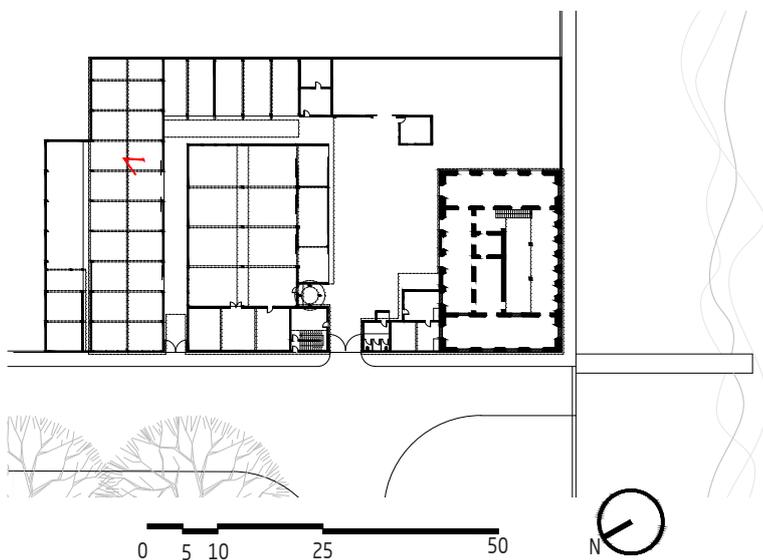
Nº 077 - DATA 10/12/2017 - FONTE ACERVO PESSOAL - CÂMERA NIKON D 5100



DESCRIÇÃO

VISTA INTERNA DO GALPÃO PRINCIPAL ENFOCANDO O PORTÃO DE ACESSO ATRAVÉS DO CORREDOR DE CIRCULAÇÃO

PONTO DE VISTA





INTERVENÇÃO EM PATRIMÔNIO INDUSTRIAL: ANTIGA FÁBRICA JURUBEBA LEÃO DO NORTE

UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA - FACULDADE DE ARQUITETURA

MESTRADO PROFISSIONAL EM CONSERVAÇÃO E RESTAURAÇÃO DE MONUMENTOS E NÚCLEOS HISTÓRICOS

ERASTO CÉSAR PINHO VILLA-VERDE DE CARVALHO

ORIENTAÇÃO: GRISELDA KLÜPPEL/ CO-ORIENTAÇÃO: SERGIO EKERMAN

VOLUME 2

LEVANTAMENTO FOTOGRÁFICO

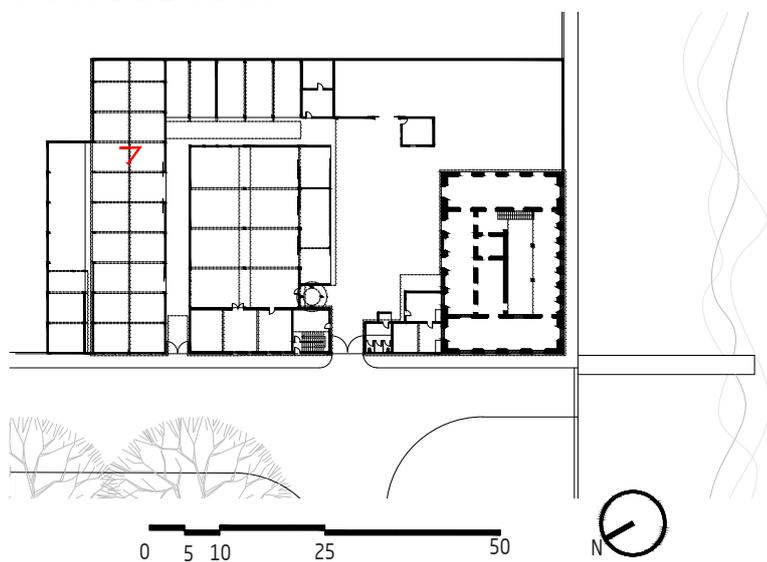
Nº 078 - DATA 10/12/2017 - FONTE ACERVO PESSOAL - CÂMERA NIKON D 5100



DESCRIÇÃO

VISTA PARA ÁREA LIVRE JUSTA-
POSTA AO GALPÃO PRINCIPAL

PONTO DE VISTA





INTERVENÇÃO EM PATRIMÔNIO INDUSTRIAL: ANTIGA FÁBRICA JURUBEBA LEÃO DO NORTE

UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA - FACULDADE DE ARQUITETURA

MESTRADO PROFISSIONAL EM CONSERVAÇÃO E RESTAURAÇÃO DE MONUMENTOS E NÚCLEOS HISTÓRICOS

ERASTO CÉSAR PINHO VILLA-VERDE DE CARVALHO

ORIENTAÇÃO: GRISELDA KLÜPPEL/ CO-ORIENTAÇÃO: SERGIO EKERMAN

VOLUME 2

LEVANTAMENTO FOTOGRÁFICO

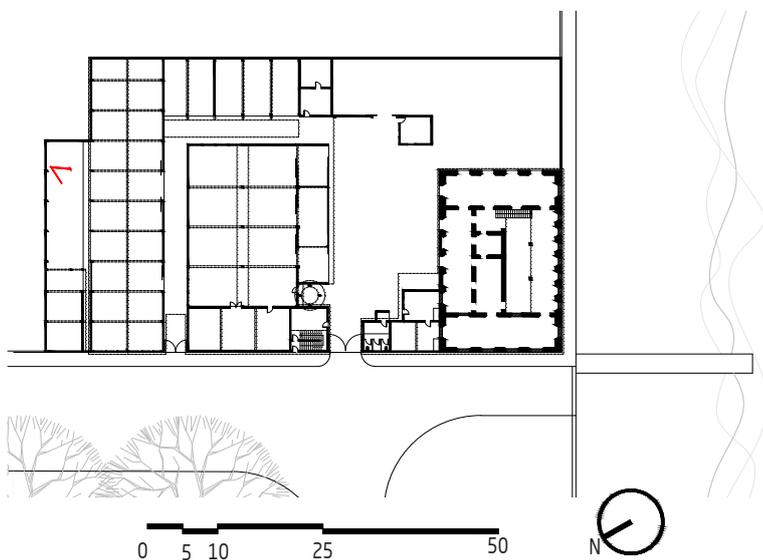
Nº 079 - DATA 10/12/2017 - FONTE ACERVO PESSOAL - CÂMERA NIKON D 5100



DESCRIÇÃO

VISTA PARA A FACHADA NORD-ESTE DO GALPÃO PRINCIPAL A PARTIR DA ÁREA LIVRE

PONTO DE VISTA





INTERVENÇÃO EM PATRIMÔNIO INDUSTRIAL: ANTIGA FÁBRICA JURUBEBA LEÃO DO NORTE

UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA - FACULDADE DE ARQUITETURA

MESTRADO PROFISSIONAL EM CONSERVAÇÃO E RESTAURAÇÃO DE MONUMENTOS E NÚCLEOS HISTÓRICOS

ERASTO CÉSAR PINHO VILLA-VERDE DE CARVALHO

ORIENTAÇÃO: GRISELDA KLÜPPEL/ CO-ORIENTAÇÃO: SERGIO EKERMAN

VOLUME 2

LEVANTAMENTO FOTOGRÁFICO

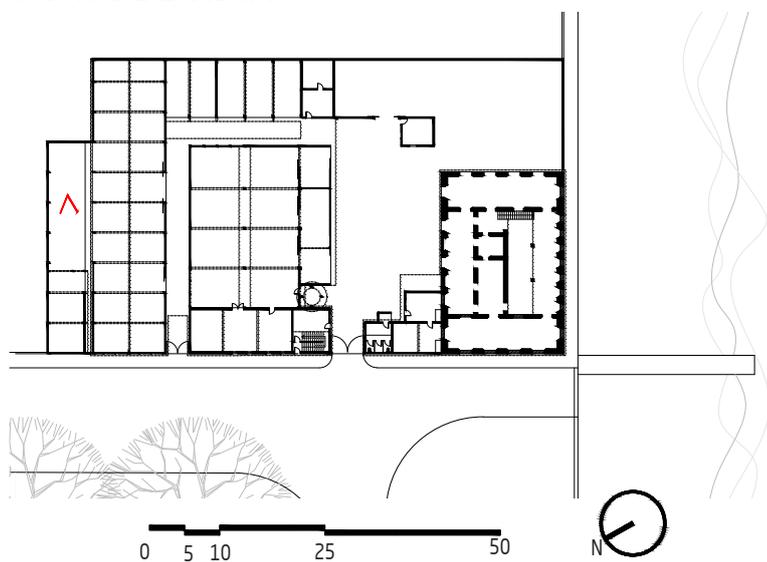
Nº 080 - DATA 10/12/2017 - FONTE ACERVO PESSOAL - CÂMERA NIKON D 5100



DESCRIÇÃO

VISTA PARA COBERTURA A PARTIR DA ÁREA LIVRE.

PONTO DE VISTA





INTERVENÇÃO EM PATRIMÔNIO INDUSTRIAL: ANTIGA FÁBRICA JURUBEBA LEÃO DO NORTE

UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA - FACULDADE DE ARQUITETURA

MESTRADO PROFISSIONAL EM CONSERVAÇÃO E RESTAURAÇÃO DE MONUMENTOS E NÚCLEOS HISTÓRICOS

ERASTO CÉSAR PINHO VILLA-VERDE DE CARVALHO

ORIENTAÇÃO: GRISELDA KLÜPPEL/ CO-ORIENTAÇÃO: SERGIO EKERMAN

VOLUME 2

LEVANTAMENTO FOTOGRÁFICO

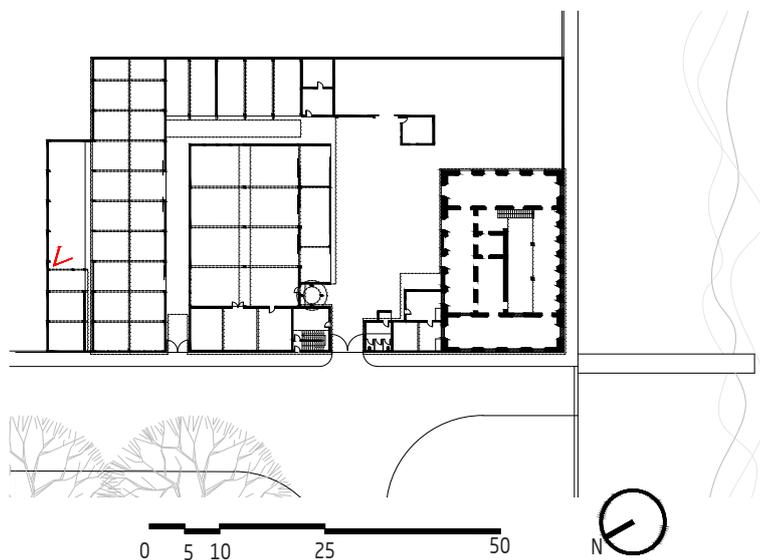
Nº 081 - DATA 10/12/2017 - FONTE ACERVO PESSOAL - CÂMERA NIKON D 5100



DESCRIÇÃO

VISTA PARA FACHADA NORDESTE
DO GALPÃO PRINCIPAL A PARTIR
DA ÁREA LIVRE

PONTO DE VISTA





INTERVENÇÃO EM PATRIMÔNIO INDUSTRIAL: ANTIGA FÁBRICA JURUBEBA LEÃO DO NORTE

UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA - FACULDADE DE ARQUITETURA
MESTRADO PROFISSIONAL EM CONSERVAÇÃO E RESTAURAÇÃO DE MONUMENTOS E NÚCLEOS HISTÓRICOS
ERASTO CÉSAR PINHO VILLA-VERDE DE CARVALHO
ORIENTAÇÃO: GRISELDA KLÜPPEL/ CO-ORIENTAÇÃO: SERGIO EKERMAN

VOLUME 2
LEVANTAMENTO FOTOGRÁFICO

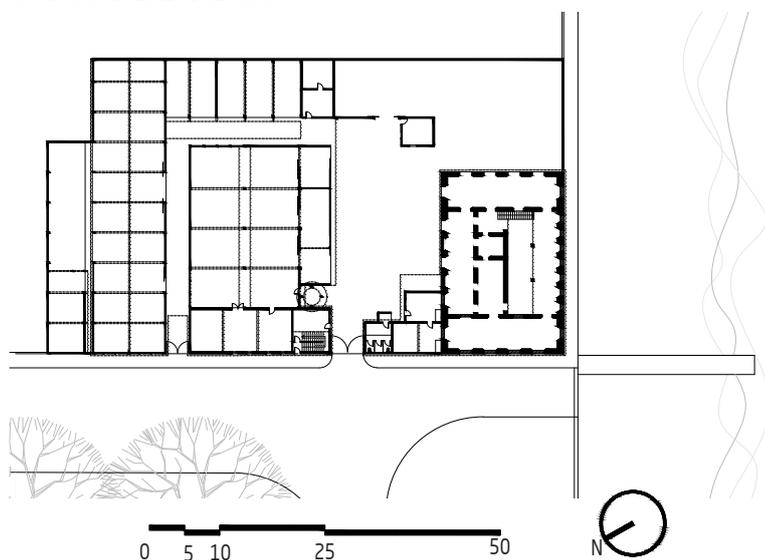
Nº 082 - DATA 10/12/2017 - FONTE ACERVO PESSOAL - CÂMERA NIKON D 5100



DESCRIÇÃO

VISTA PARA O GALPÃO PRINCIPAL, COM PORTÃO DE ACESSO AO CORREDOR DE CIRCULAÇÃO AO CENTRO, A PARTIR DA COBERTURA JUSTAPOSTA AO GALPÃO E À ÁREA LIVRE.

PONTO DE VISTA





INTERVENÇÃO EM PATRIMÔNIO INDUSTRIAL: ANTIGA FÁBRICA JURUBEBA LEÃO DO NORTE

UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA - FACULDADE DE ARQUITETURA

MESTRADO PROFISSIONAL EM CONSERVAÇÃO E RESTAURAÇÃO DE MONUMENTOS E NÚCLEOS HISTÓRICOS

ERASTO CÉSAR PINHO VILLA-VERDE DE CARVALHO

ORIENTAÇÃO: GRISELDA KLÜPPEL/ CO-ORIENTAÇÃO: SERGIO EKERMAN

VOLUME 2

LEVANTAMENTO FOTOGRÁFICO

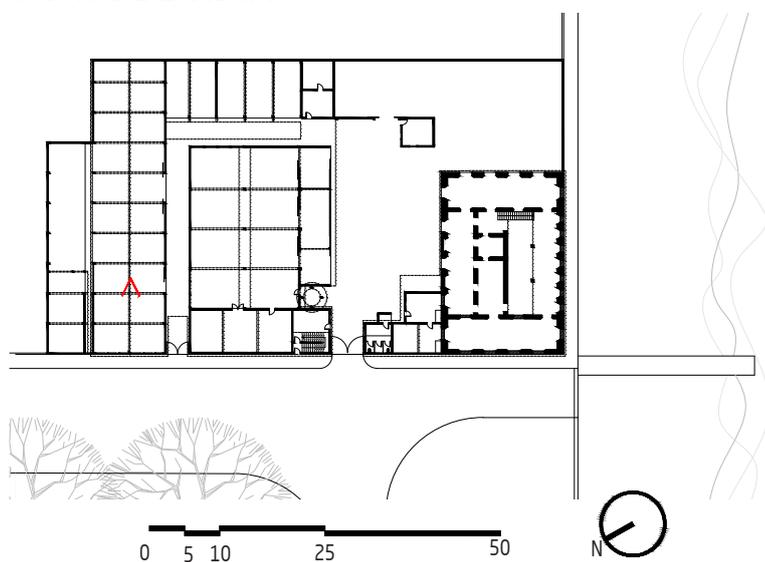
Nº 083 - DATA 10/12/2017 - FONTE ACERVO PESSOAL - CÂMERA NIKON D 5100



DESCRIÇÃO

VISTA INTERNA DO GALPÃO PRINCIPAL PARA A PAREDE DA FACHADA SUDOESTE.

PONTO DE VISTA





INTERVENÇÃO EM PATRIMÔNIO INDUSTRIAL: ANTIGA FÁBRICA JURUBEBA LEÃO DO NORTE

UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA - FACULDADE DE ARQUITETURA
MESTRADO PROFISSIONAL EM CONSERVAÇÃO E RESTAURAÇÃO DE MONUMENTOS E NÚCLEOS HISTÓRICOS
ERASTO CÉSAR PINHO VILLA-VERDE DE CARVALHO
ORIENTAÇÃO: GRISELDA KLÜPPEL/ CO-ORIENTAÇÃO: SERGIO EKERMAN

VOLUME 2
LEVANTAMENTO FOTOGRÁFICO

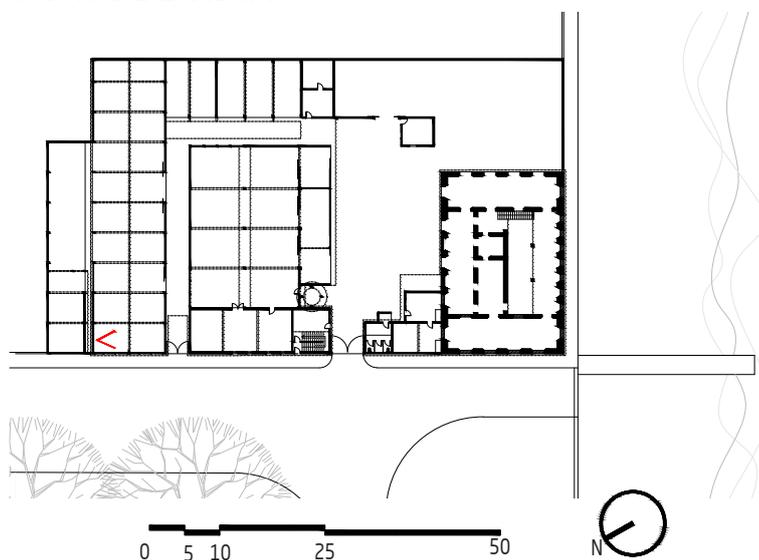
Nº 084 - DATA 10/12/2017 - FONTE ACERVO PESSOAL - CÂMERA NIKON D 5100



DESCRIÇÃO

VISTA INTERNA DA EXTREMIDADE DO GALPÃO PRINCIPAL, QUE RECEBE COBERTURA CERÂMICA DIFERENCIADA DO RESTANTE DO GALÃO

PONTO DE VISTA





INTERVENÇÃO EM PATRIMÔNIO INDUSTRIAL: ANTIGA FÁBRICA JURUBEBA LEÃO DO NORTE

UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA - FACULDADE DE ARQUITETURA
MESTRADO PROFISSIONAL EM CONSERVAÇÃO E RESTAURAÇÃO DE MONUMENTOS E NÚCLEOS HISTÓRICOS
ERASTO CÉSAR PINHO VILLA-VERDE DE CARVALHO
ORIENTAÇÃO: GRISELDA KLÜPPEL/ CO-ORIENTAÇÃO: SERGIO EKERMAN

VOLUME 2
LEVANTAMENTO FOTOGRÁFICO

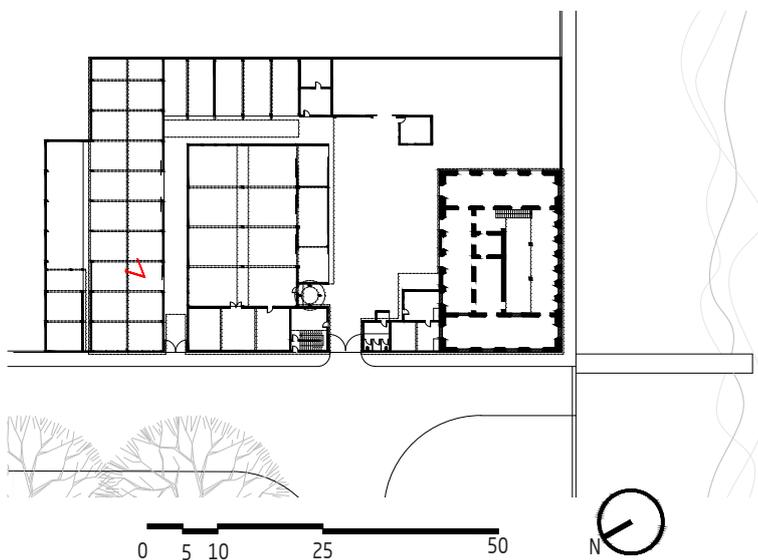
Nº 085 - DATA 10/12/2017 - FONTE ACERVO PESSOAL - CÂMERA NIKON D 5100



DESCRIÇÃO

VISTA INTERNA DO GALPÃO PRINCIPAL, COM ENFOQUE PARA ÁREA LIVRE JUSTAPOSTA

PONTO DE VISTA





INTERVENÇÃO EM PATRIMÔNIO INDUSTRIAL: ANTIGA FÁBRICA JURUBEBA LEÃO DO NORTE

UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA - FACULDADE DE ARQUITETURA

MESTRADO PROFISSIONAL EM CONSERVAÇÃO E RESTAURAÇÃO DE MONUMENTOS E NÚCLEOS HISTÓRICOS

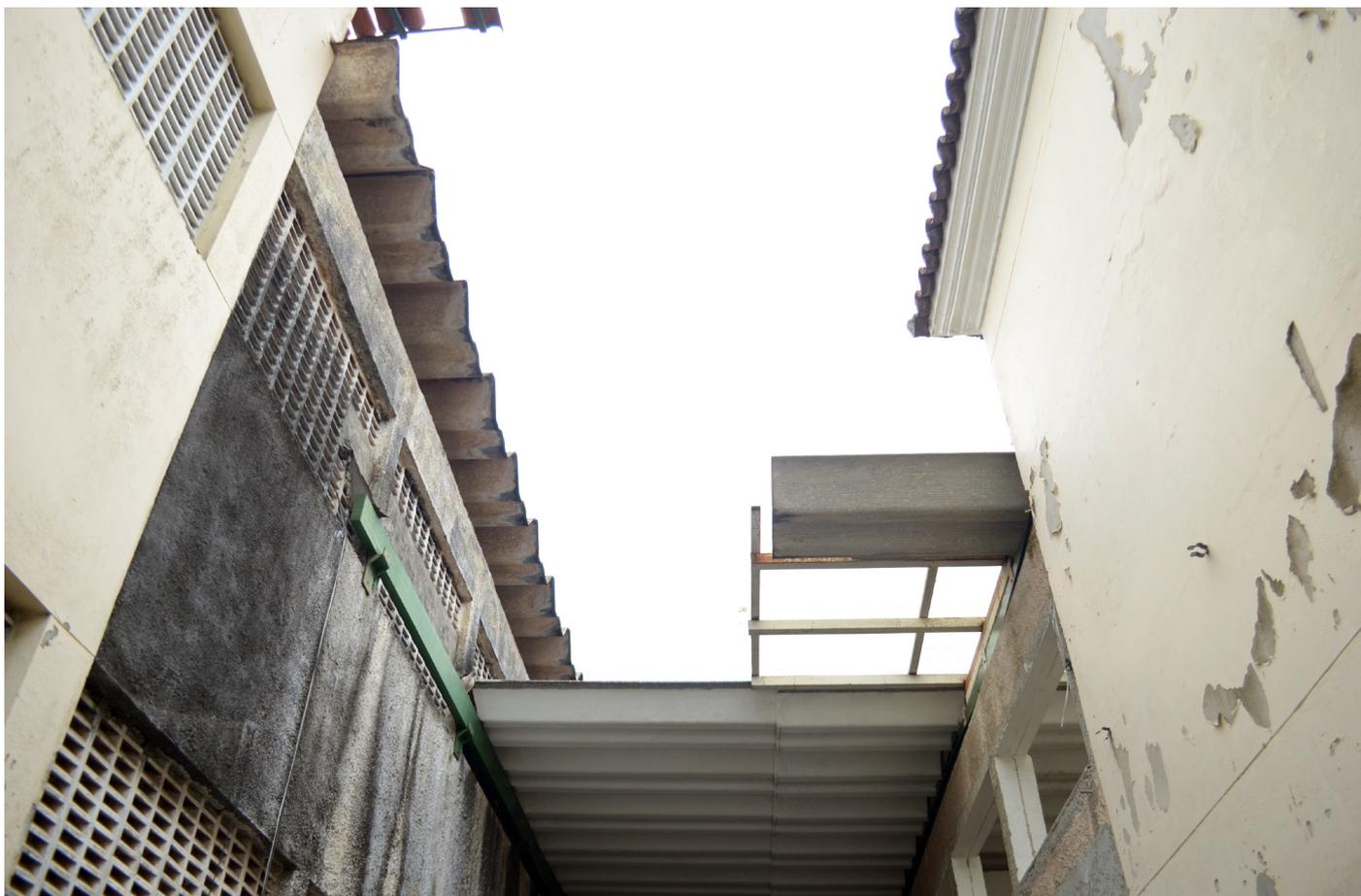
ERASTO CÉSAR PINHO VILLA-VERDE DE CARVALHO

ORIENTAÇÃO: GRISELDA KLÜPPEL/ CO-ORIENTAÇÃO: SERGIO EKERMAN

VOLUME 2

LEVANTAMENTO FOTOGRÁFICO

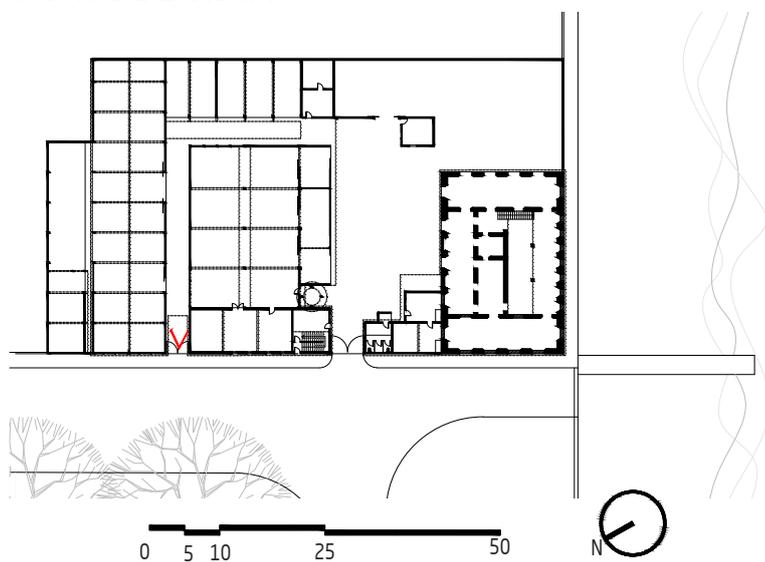
Nº 086 - DATA 10/12/2017 - FONTE ACERVO PESSOAL - CÂMERA NIKON D 5100



DESCRIÇÃO

VISTA PARA ÁREA O ESPAÇO ENTRE O GALPÃO PRINCIPAL, À ESQUERDA, E O GALPÃO CENTRAL À DIREITA, AONDE ACONTECE A CIRCULAÇÃO PRINCIPAL

PONTO DE VISTA





INTERVENÇÃO EM PATRIMÔNIO INDUSTRIAL: ANTIGA FÁBRICA JURUBEBA LEÃO DO NORTE

UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA - FACULDADE DE ARQUITETURA

MESTRADO PROFISSIONAL EM CONSERVAÇÃO E RESTAURAÇÃO DE MONUMENTOS E NÚCLEOS HISTÓRICOS

ERASTO CÉSAR PINHO VILLA-VERDE DE CARVALHO

ORIENTAÇÃO: GRISELDA KLÜPPEL/ CO-ORIENTAÇÃO: SERGIO EKERMAN

VOLUME 2

LEVANTAMENTO FOTOGRÁFICO

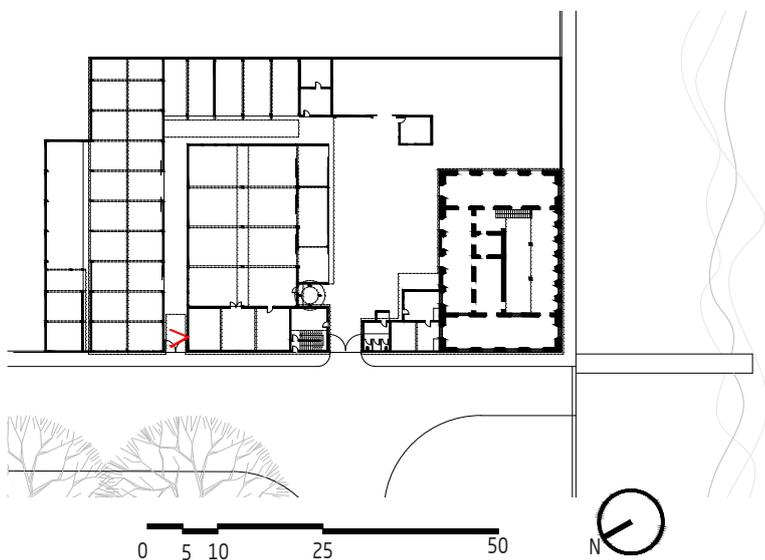
Nº 087 - DATA 10/12/2017 - FONTE ACERVO PESSOAL - CÂMERA NIKON D 5100



DESCRIÇÃO

FACHADA NOROESTE DA EXTREIMIDADE DO GALÃO PRINCIPAL QUE RECEBE COBERTURA CERÊMICA

PONTO DE VISTA





INTERVENÇÃO EM PATRIMÔNIO INDUSTRIAL: ANTIGA FÁBRICA JURUBEBA LEÃO DO NORTE

UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA - FACULDADE DE ARQUITETURA

MESTRADO PROFISSIONAL EM CONSERVAÇÃO E RESTAURAÇÃO DE MONUMENTOS E NÚCLEOS HISTÓRICOS

ERASTO CÉSAR PINHO VILLA-VERDE DE CARVALHO

ORIENTAÇÃO: GRISELDA KLÜPPEL/ CO-ORIENTAÇÃO: SERGIO EKERMAN

VOLUME 2

LEVANTAMENTO FOTOGRÁFICO

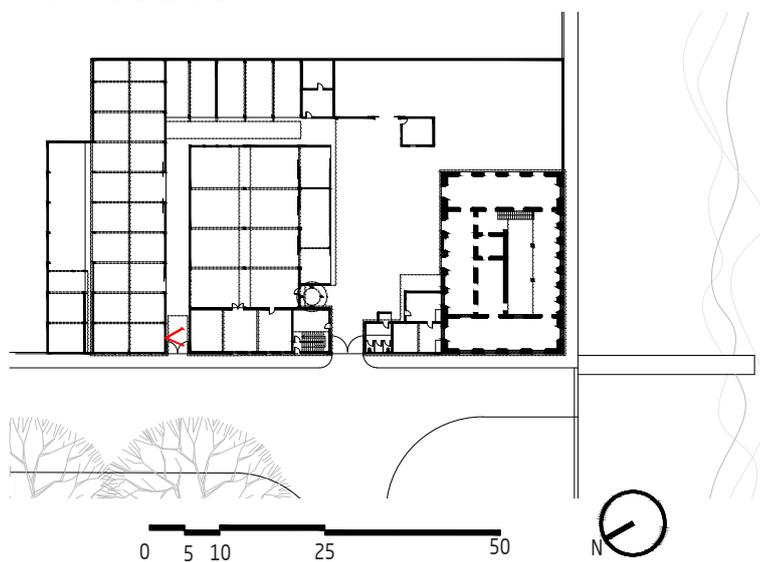
Nº 088 - DATA 10/12/2017 - FONTE ACERVO PESSOAL - CÂMERA NIKON D 5100



DESCRIÇÃO

VISTA PARA O BEIRAL DA FACHADA NORDESTE DO EDIFÍCIO ADMINISTRATIVO

PONTO DE VISTA





INTERVENÇÃO EM PATRIMÔNIO INDUSTRIAL: ANTIGA FÁBRICA JURUBEBA LEÃO DO NORTE

UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA - FACULDADE DE ARQUITETURA

MESTRADO PROFISSIONAL EM CONSERVAÇÃO E RESTAURAÇÃO DE MONUMENTOS E NÚCLEOS HISTÓRICOS

ERASTO CÉSAR PINHO VILLA-VERDE DE CARVALHO

ORIENTAÇÃO: GRISELDA KLÜPPEL/ CO-ORIENTAÇÃO: SERGIO EKERMAN

VOLUME 2

LEVANTAMENTO FOTOGRÁFICO

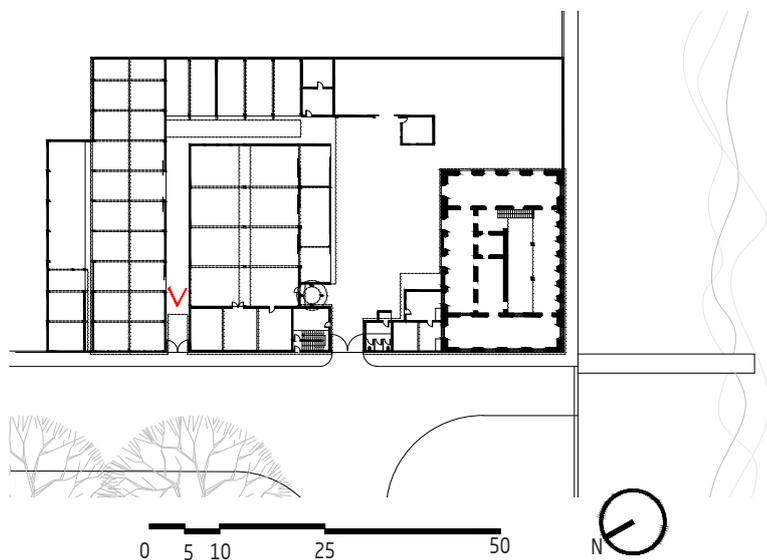
Nº 089 - DATA 10/12/2017 - FONTE ACERVO PESSOAL - CÂMERA NIKON D 5100



DESCRIÇÃO

CORREDOR DE CIRCULAÇÃO PRINCIPAL COM GALPÃO PRINCIPAL À ESQUERDA, E GALPÃO CENTRAL À DIREITA

PONTO DE VISTA





INTERVENÇÃO EM PATRIMÔNIO INDUSTRIAL: ANTIGA FÁBRICA JURUBEBA LEÃO DO NORTE

UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA - FACULDADE DE ARQUITETURA
MESTRADO PROFISSIONAL EM CONSERVAÇÃO E RESTAURAÇÃO DE MONUMENTOS E NÚCLEOS HISTÓRICOS
ERASTO CÉSAR PINHO VILLA-VERDE DE CARVALHO
ORIENTAÇÃO: GRISELDA KLÜPPEL/ CO-ORIENTAÇÃO: SERGIO EKERMAN

VOLUME 2
LEVANTAMENTO FOTOGRÁFICO

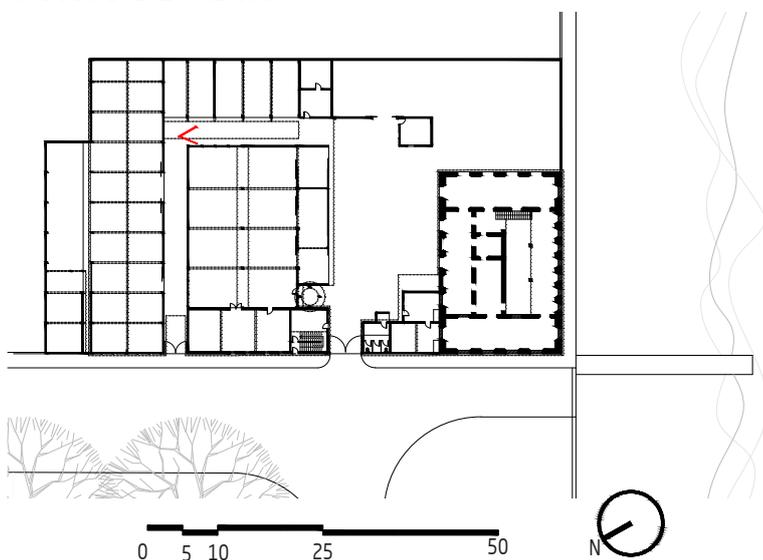
Nº 090 - DATA 10/12/2017 - FONTE ACERVO PESSOAL - CÂMERA NIKON D 5100



DESCRIÇÃO

CORREDOR DE CIRCULAÇÃO PRINCIPAL. À ESQUERDA: GALPÃO LATERAL; À DIREITA: GALPÃO PRINCIPAL; AO CENTRO : VOLUME DE ARMAZENAMENTO DE MATÉRIA PRIMA

PONTO DE VISTA





INTERVENÇÃO EM PATRIMÔNIO INDUSTRIAL: ANTIGA FÁBRICA JURUBEBA LEÃO DO NORTE

UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA - FACULDADE DE ARQUITETURA
MESTRADO PROFISSIONAL EM CONSERVAÇÃO E RESTAURAÇÃO DE MONUMENTOS E NÚCLEOS HISTÓRICOS
ERASTO CÉSAR PINHO VILLA-VERDE DE CARVALHO
ORIENTAÇÃO: GRISELDA KLÜPPEL/ CO-ORIENTAÇÃO: SERGIO EKERMAN

VOLUME 2
LEVANTAMENTO FOTOGRÁFICO

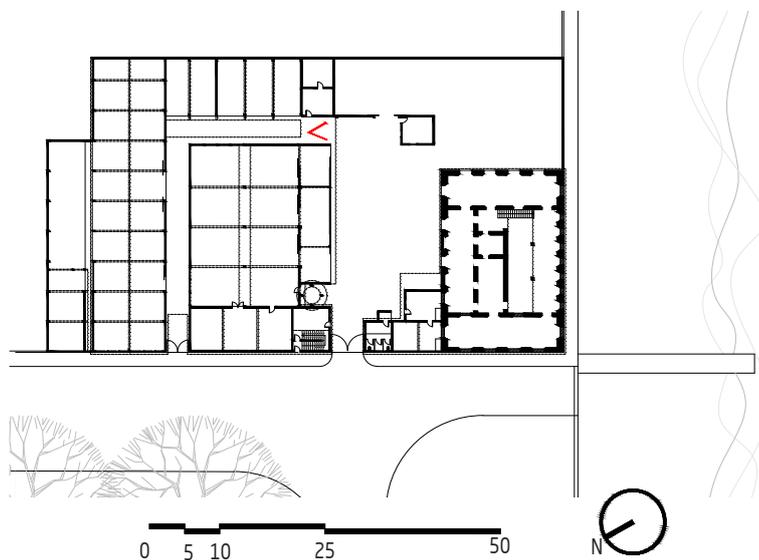
Nº 091 - DATA 10/12/2017 - FONTE ACERVO PESSOAL - CÂMERA NIKON D 5100



DESCRIÇÃO

VOLUME DE ARMAZENAMENTO DE
MATÉRIA PRIMA

PONTO DE VISTA





INTERVENÇÃO EM PATRIMÔNIO INDUSTRIAL: ANTIGA FÁBRICA JURUBEBA LEÃO DO NORTE

UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA - FACULDADE DE ARQUITETURA

MESTRADO PROFISSIONAL EM CONSERVAÇÃO E RESTAURAÇÃO DE MONUMENTOS E NÚCLEOS HISTÓRICOS

ERASTO CÉSAR PINHO VILLA-VERDE DE CARVALHO

ORIENTAÇÃO: GRISELDA KLÜPPEL/ CO-ORIENTAÇÃO: SERGIO EKERMAN

VOLUME 2

LEVANTAMENTO FOTOGRÁFICO

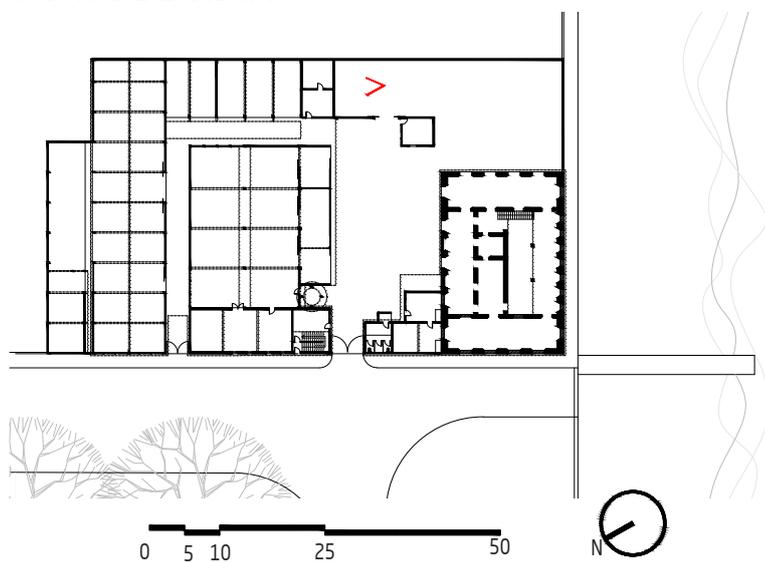
Nº 092 - DATA 10/12/2017 - FONTE ACERVO PESSOAL - CÂMERA NIKON D 5100



DESCRIÇÃO

PAREDE DO PÁTIO INTERNO DA FÁBRICA, AONDE SE APOIAVA A ANTIGA COBERTURA EM SHED

PONTO DE VISTA





INTERVENÇÃO EM PATRIMÔNIO INDUSTRIAL: ANTIGA FÁBRICA JURUBEBA LEÃO DO NORTE

UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA - FACULDADE DE ARQUITETURA

MESTRADO PROFISSIONAL EM CONSERVAÇÃO E RESTAURAÇÃO DE MONUMENTOS E NÚCLEOS HISTÓRICOS

ERASTO CÉSAR PINHO VILLA-VERDE DE CARVALHO

ORIENTAÇÃO: GRISELDA KLÜPPEL/ CO-ORIENTAÇÃO: SERGIO EKERMAN

VOLUME 2

LEVANTAMENTO FOTOGRÁFICO

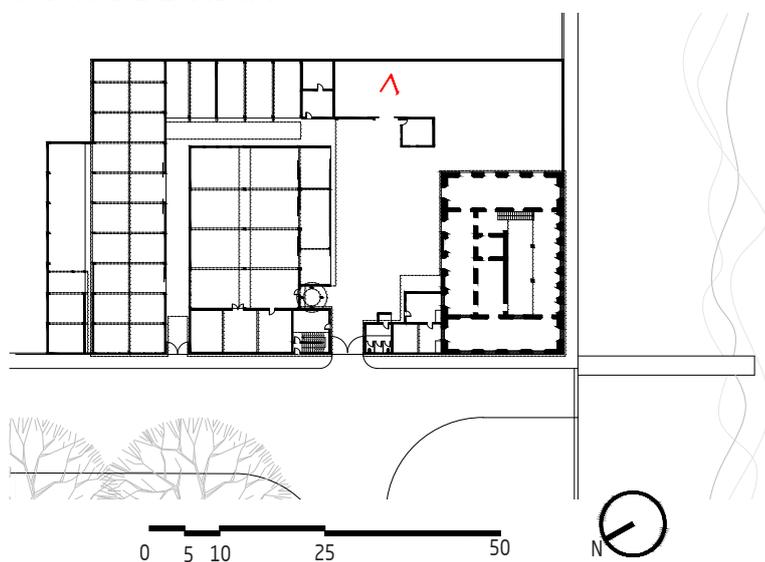
Nº 093 - DATA 10/12/2017 - FONTE ACERVO PESSOAL - CÂMERA NIKON D 5100



DESCRIÇÃO

ANTIGO PORTÃO DE ACESSO REMANECENTE DA COBERTURA EM SHED, COM VISTA PARA O PÁTIO INTERNO DA FÁBRICA E IGREJA NOSSA SENHORA DA BOA VIAGEM AO CENTRO

PONTO DE VISTA





UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA
FACULDADE DE ARQUITETURA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ARQUITETURA E URBANISMO
MESTRADO PROFISSIONAL EM CONSERVAÇÃO E RESTAURAÇÃO DE MONUMENTOS E NÚCLEOS HISTÓRICOS

ERASTO CÉSAR PINHO VILLA-VERDE DE CARVALHO

**INTERVENÇÃO EM PATRIMÔNIO INDUSTRIAL:
ANTIGA FÁBRICA JURUBEBA LEÃO DO NORTE**



VOLUME 3

PEÇAS GRÁFICAS

Salvador
Março de 2020



UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA
FACULDADE DE ARQUITETURA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ARQUITETURA E URBANISMO
MESTRADO PROFISSIONAL EM CONSERVAÇÃO E RESTAURAÇÃO DE MONUMENTOS E NÚCLEOS HISTÓRICOS

INTERVENÇÃO EM PATRIMÔNIO INDUSTRIAL:

ANTIGA FÁBRICA JURUBEBA LEÃO DO NORTE



Dissertação e Projeto apresentados ao Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal da Bahia, no Mestrado Profissional em Conservação e Restauração de Monumentos e Núcleos Históricos, como requisito para a obtenção do título de Mestre em Arquitetura e Urbanismo.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Griselda Pinheiro Klüppel

Co-orientação: Prof. Dr. Sérgio Kopinski Ekerman

Salvador
Março de 2020

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Universidade Federal da Bahia (UFBA)
Sistema Universitário de Bibliotecas (SIBI)
Biblioteca da Faculdade de Arquitetura (BIB/FAU)

C331

Carvalho, Erasto César Pinho Villa-Verde de.

Intervenção em patrimônio industrial [manuscrito] : antiga fábrica Jurubeba Leão do Norte / Erasto César Pinho Villa-Verde de Carvalho. – Salvador, 2020.

3 v. : il. ; 30 cm.

Cópia de computador (*printout(s)*).

Dissertação – Universidade Federal da Bahia, Faculdade de Arquitetura, Mestrado Profissional em Conservação e Restauração de Monumentos e Núcleos Históricos. 2020.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Griselda Pinheiro Klüppel

1. Arquitetura - Conservação e restauração - Salvador (BA). 2. Arquitetura industrial - Salvador (BA) - Séc. XX. 3. Edifícios industriais - Projetos e plantas. 4. Patrimônio cultural - Proteção - Itapagipe, Península de (Salvador, BA). I. Klüppel, Griselda Pinheiro. II. Universidade Federal da Bahia. Faculdade de Arquitetura. III. Título.

CDU: 72.025(813.8)

APRESENTAÇÃO

O presente trabalho, denominado “Intervenção em patrimônio industrial: antiga Fábrica Jurubeba Leão do Norte”, foi desenvolvido no âmbito do Mestrado Profissional em Conservação e Restauração de Monumentos e Núcleos Históricos (MP-CECRE), curso regular da Faculdade de Arquitetura da Universidade Federal da Bahia (FAUFBA). Está dividido em três volumes: o Volume 1 – correspondente à parte textual, que visa à contextualização do objeto de estudo, além da apresentação e da explicação sobre o projeto arquitetônico elaborado; o Volume 2 – que consiste no levantamento fotográfico do objeto de estudo; e o **Volume 3 – composto pelas peças gráficas referentes ao levantamento planialtimétricos, ao mapeamento de danos e, finalmente, ao projeto arquitetônico.**

LISTA DE DESENHOS

1-LEVANTAMENTO DE DADOS

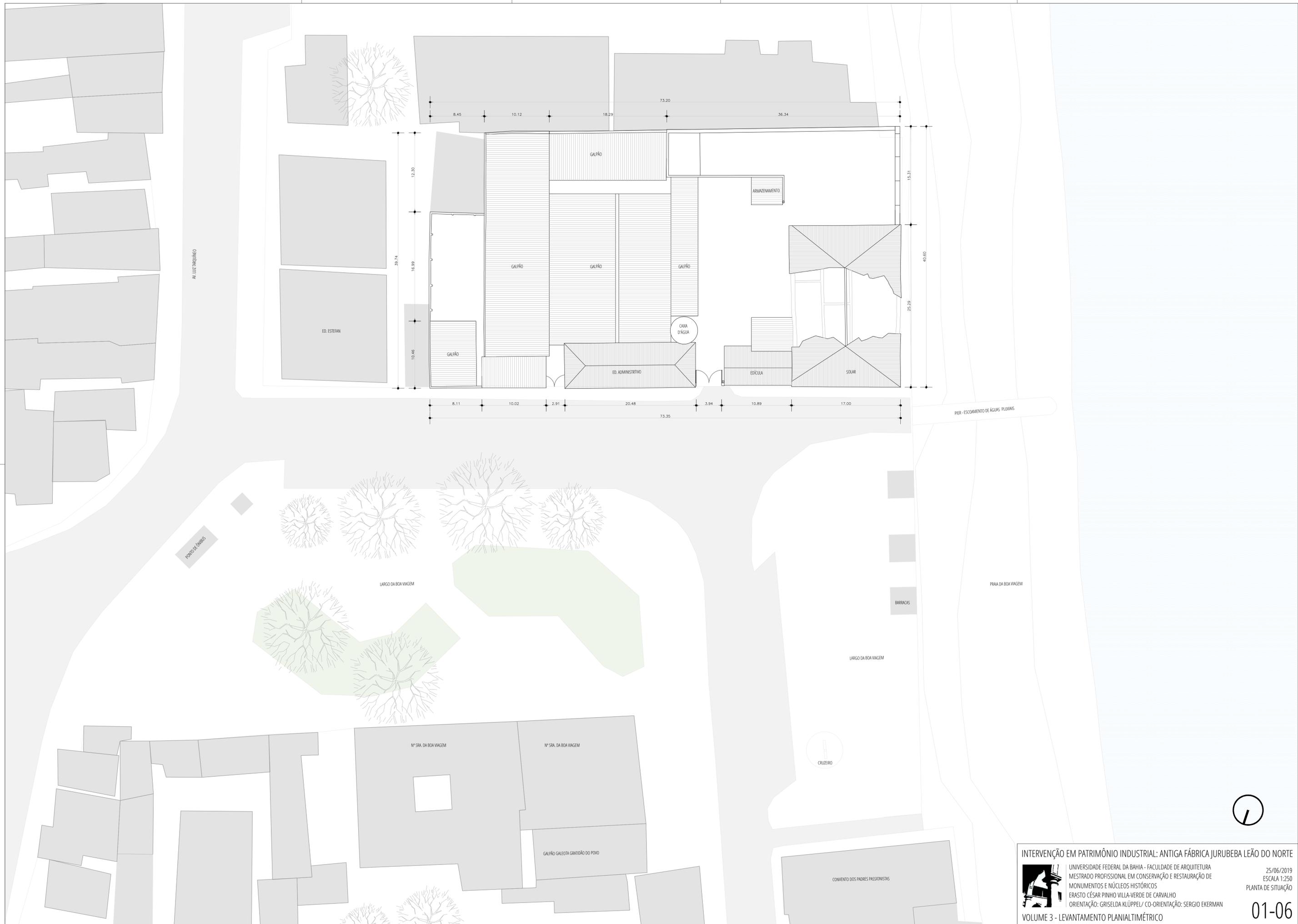
Prancha 01/06	SITUAÇÃO.
Prancha 02/06	PLANTA BAIXA TÉRREO.
Prancha 03/06	PLANTA BAIXA PRIMEIRO PAVIMENTO.
Prancha 04/06	PLANTA BAIXA COBERTURA.
Prancha 05/06.....	ELEVAÇÕES LONGITUDINAIS.
Prancha 06/06	ELEVAÇÕES TRANSVERSAIS.

2-MAPEAMENTO DE DANOS

Prancha 01/09	PLANTA CHAVE.
Prancha 02/09.....	BLOCO 1 – PLANTAS BAIXAS TÉRREO E 1º PAVIMENTO.
Prancha 03/09.....	BLOCO 1 – COBERTURA, CORTE A, FACHADA SUDOESTE.
Prancha 04/09	BLOCO 1 – CORTEB, FACHADA SUDESTE, CORTE C, FACHADA NOROESTE.
Prancha 05/09	BLOCO 1 – CORTE D, FACHADA NOROESTE. BLOCO 2 – PLANTAS BAIXAS.
Prancha 06/09	BLOCO 2 – CORTE A, FACHADA NOROESTE, CORTE B, FACHADA SUDESTE.
Prancha 07/09.	BLOCO 2 – CORTE C, FACHADA SUDESTE CORTE D FACHADA NORDESTE.
Prancha 08/09	BLOCO 3 – PLANTA BAIXA, FACHADA NOROESTE, CORTE A, CORTE B.
Prancha 09/09	BLOCO 3 – CORTE C FACHADA SUDOESTE, CORTE D, FACHADA NORDESTE.

3-PROJETO ARQUITETÔNICO

Prancha 01/11.....	LOCALIZAÇÃO.
Prancha 02/11.....	SITUAÇÃO.
Prancha 03/11.....	CONSTRUIR DEMOLIR TÉRREO.
Prancha 04/11	CONSTRUIR DEMOLIR PRIMEIRO PAVIMENTO.
Prancha 05/11	LAYOUT TÉRREO.
Prancha 06/11	LAYOUT PRIMEIRO PAVIMENTO.
Prancha 07/11.....	COBERTURA.
Prancha 08/11.....	ELEVAÇÕES A, B, C.
Prancha 09/11.....	ELEVAÇÕES D, E, F.
Prancha 10/11.....	ELEVAÇÕES G, H.
Prancha 11/11.....	ELEVAÇÕES I, J.



INTERVENÇÃO EM PATRIMÔNIO INDUSTRIAL: ANTIGA FÁBRICA JURUBEBA LEÃO DO NORTE

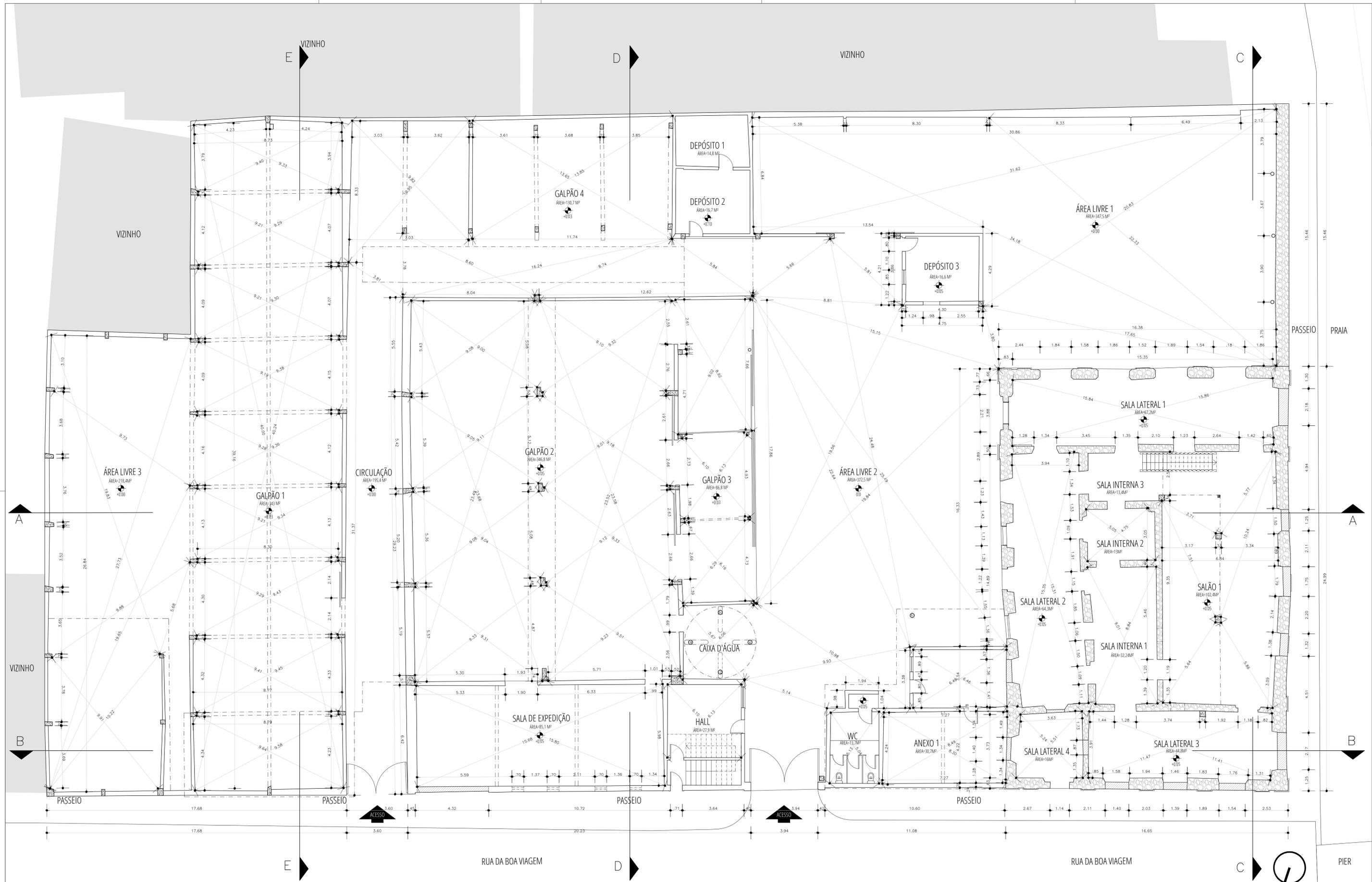
UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA - FACULDADE DE ARQUITETURA
 MESTRADO PROFISSIONAL EM CONSERVAÇÃO E RESTAURAÇÃO DE
 MONUMENTOS E NÚCLEOS HISTÓRICOS
 ERASTO CÉSAR PINHO VILLA-VERDE DE CARVALHO
 ORIENTAÇÃO: GRISELDA KLÜPPEL/ CO-ORIENTAÇÃO: SERGIO EKERMAN

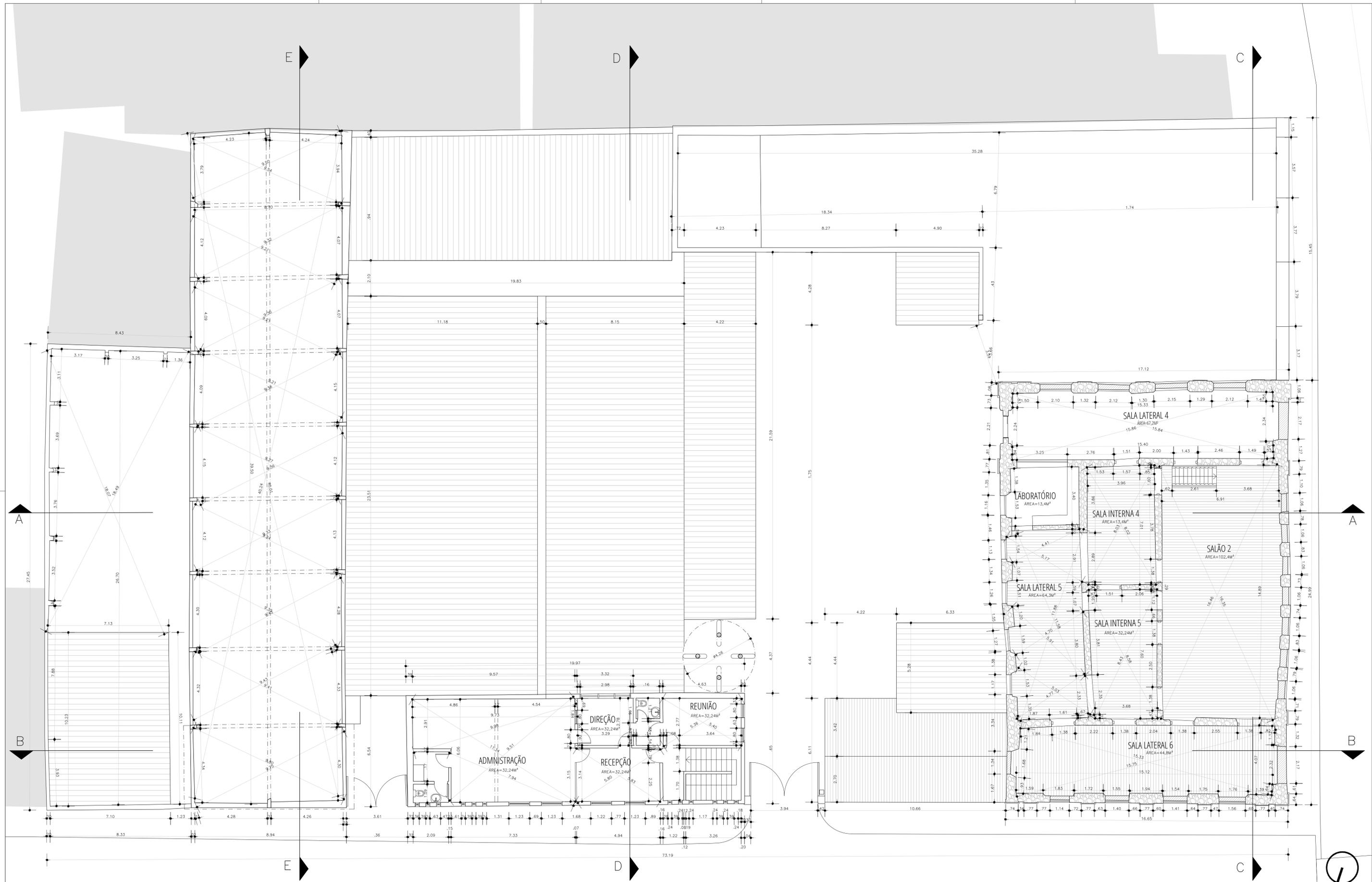
VOLUME 3 - LEVANTAMENTO PLANIALTIMÉTRICO

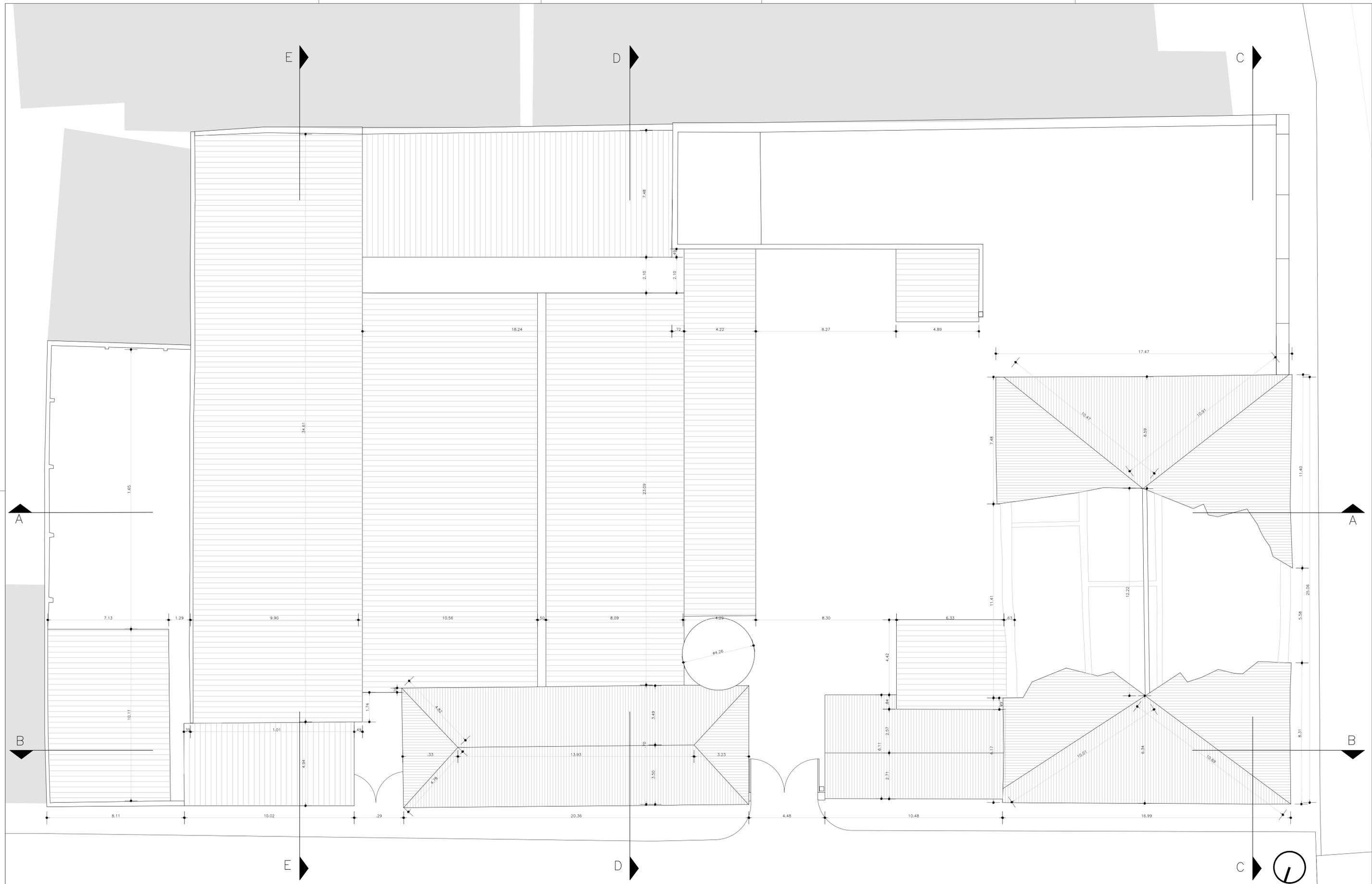
25/06/2019
 ESCALA 1:250
 PLANTA DE SITUAÇÃO

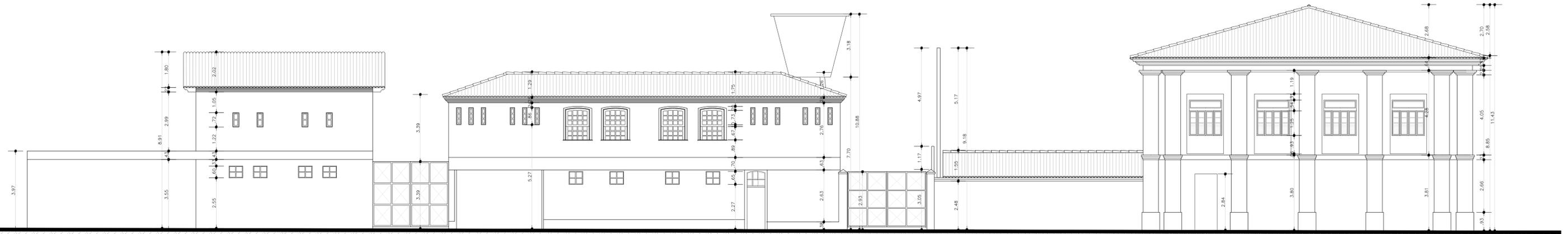
01-06



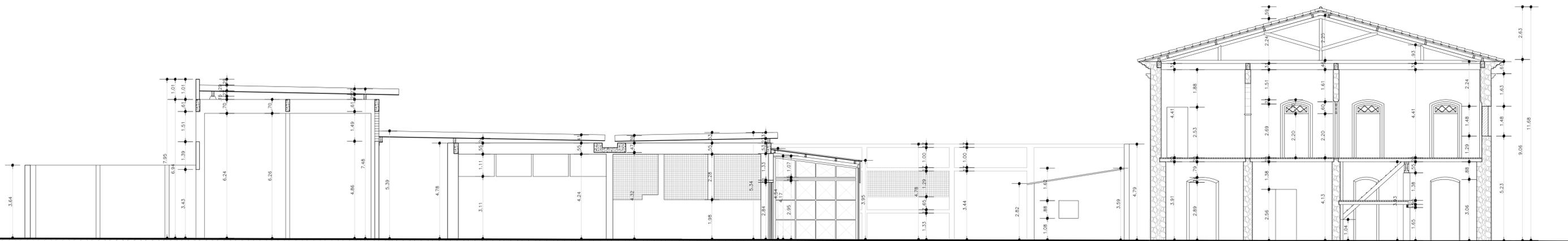




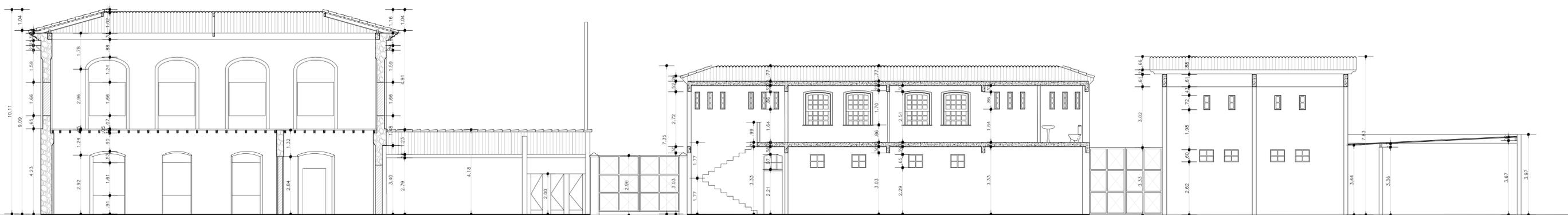




FACHADA NOROESTE

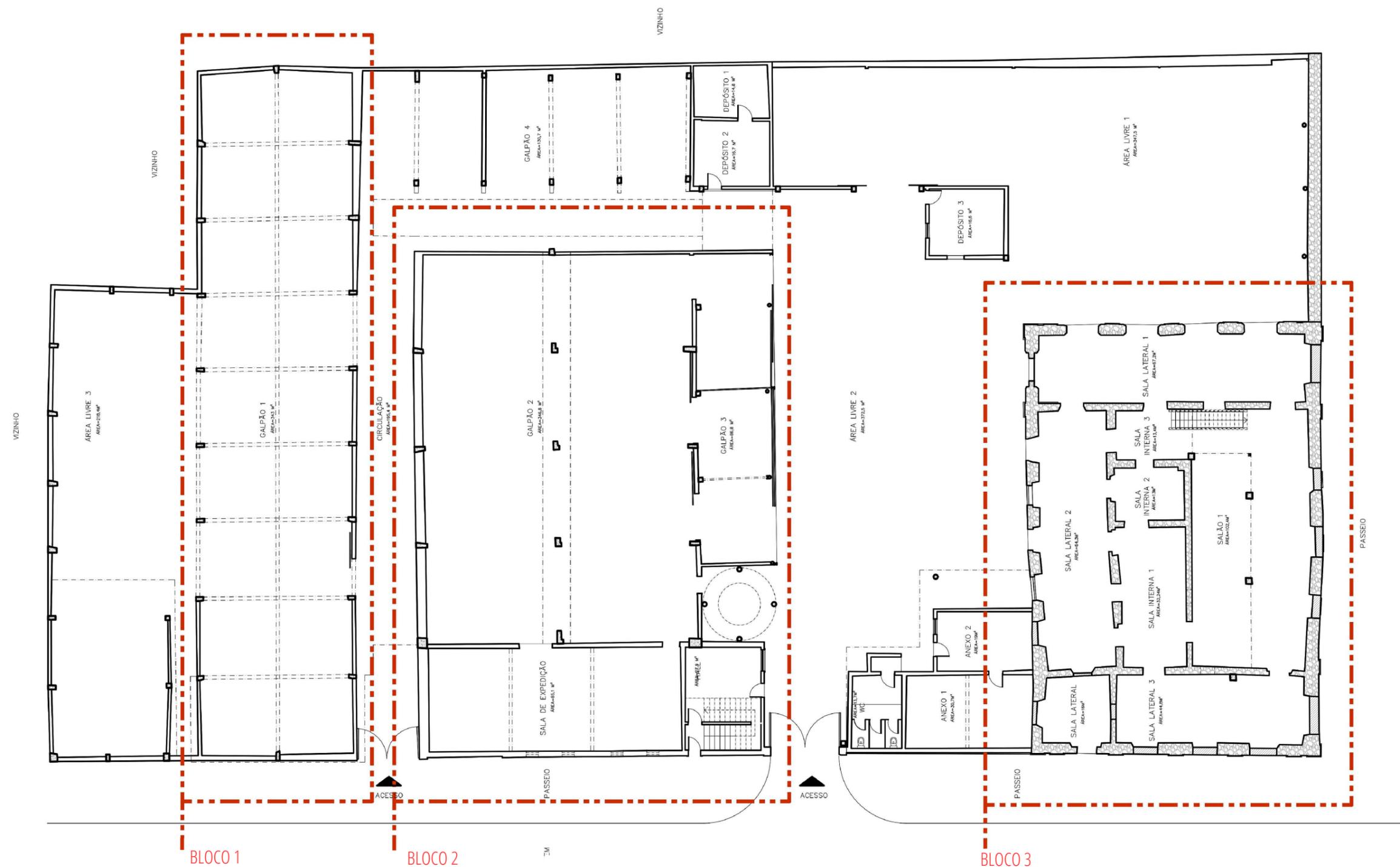


CORTE B



CORTE C





INTERVENÇÃO EM PATRIMÔNIO INDUSTRIAL: ANTIGA FÁBRICA JURUBEBA LEÃO DO NORTE



UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA - FACULDADE DE ARQUITETURA
MESTRADO PROFISSIONAL EM CONSERVAÇÃO E RESTAURAÇÃO DE
MONUMENTOS E NÚCLEOS HISTÓRICOS

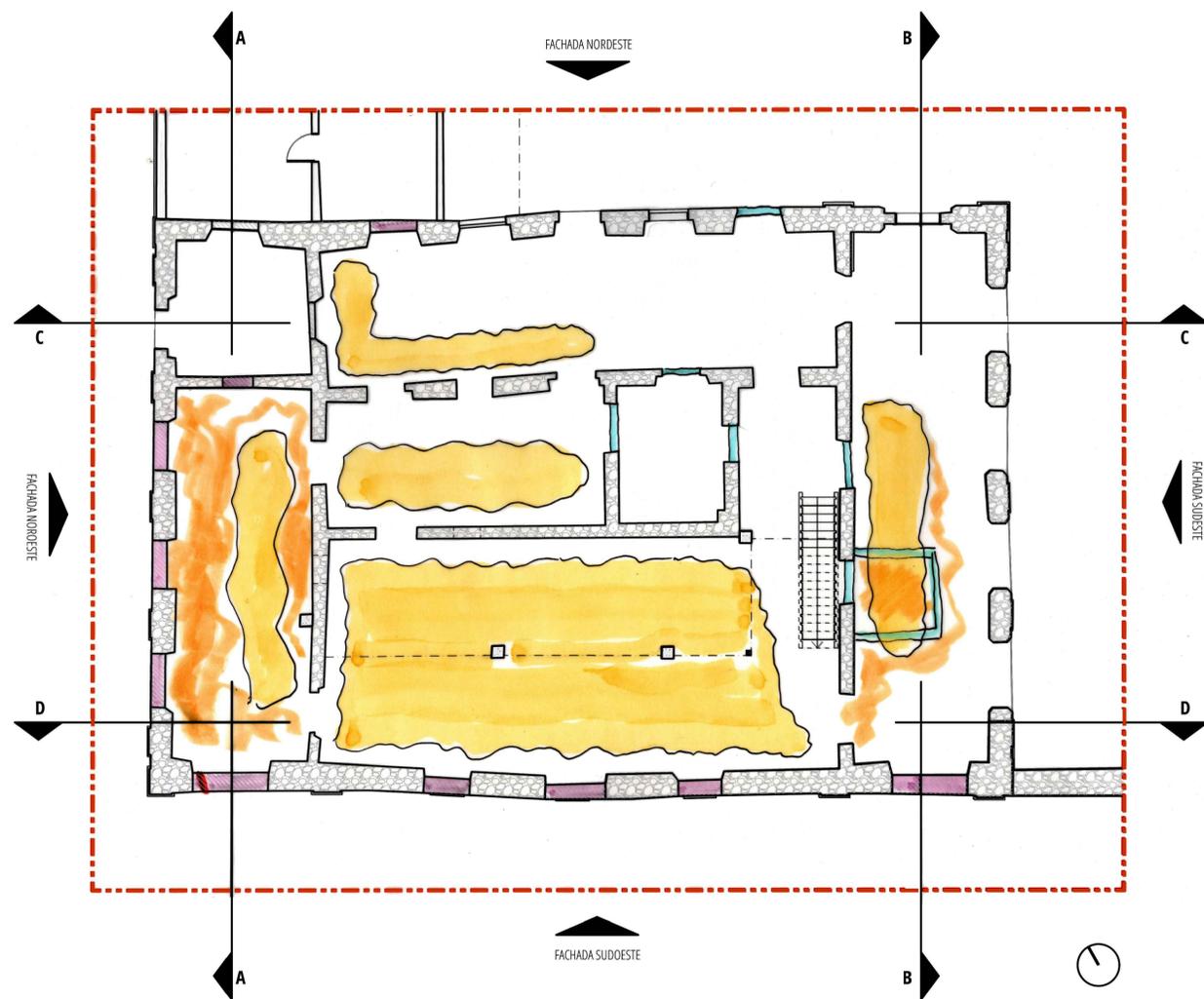
ERASTO CÉSAR PINHO VILLA-VERDE DE CARVALHO

ORIENTAÇÃO: GRISELDA KLÜPPER/ CO-ORIENTAÇÃO: SERGIO EKERMAN

19/02/2020
ESCALA 1:250
PLANTA CHAVE

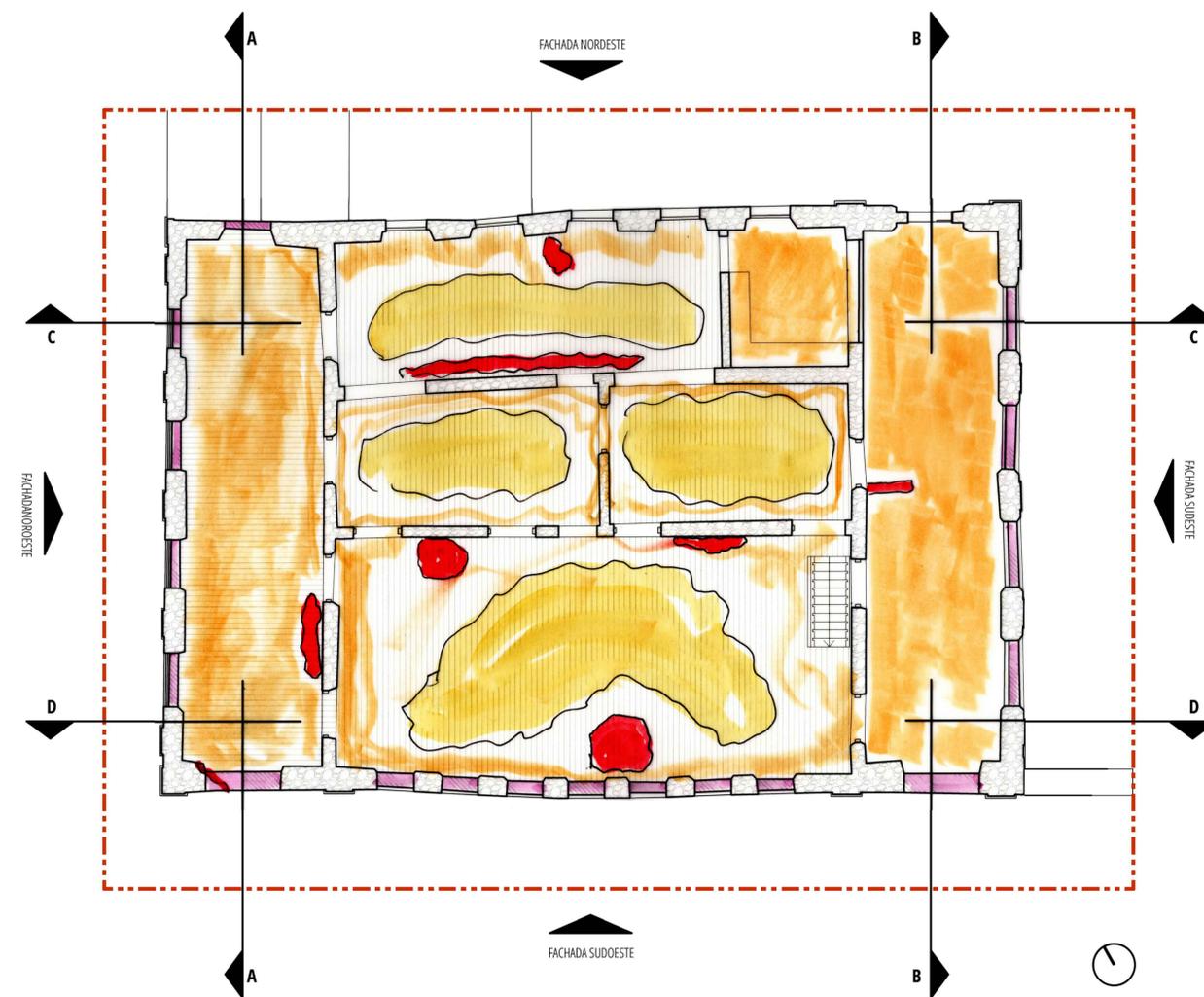
VOLUME 3 - MAPEAMENTO DE DANOS

01-09



PLANTA BAIXA TÉRREO
1:100

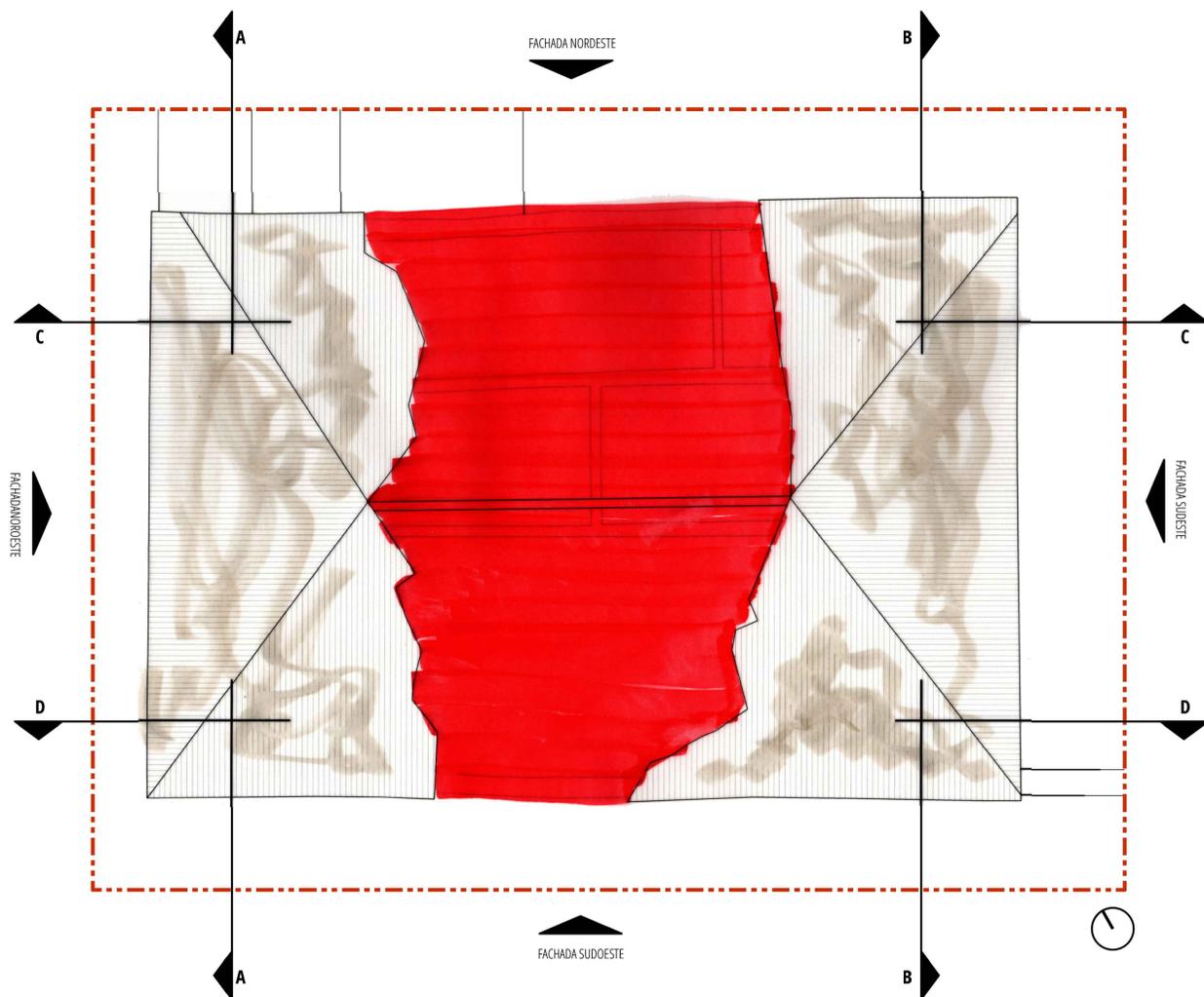
DANO	AGENTE	CAUSAS PROVÁVEIS
FISSURA ESTRUTURAL	MOVIMENTAÇÃO DA ESTRUTURA	RECALQUE
ENTULHO	AÇÃO ANTRÓPICA	ACUMULO DE MATERIAL DE CONSTRUÇÃO DETERIORADO, LONAS, TUBOS E RESTOS DE OBRAS
DEJETOS DE AVES	PRESENÇA DE AVES	AMBIENTE PROPÍCIO PARA A PRESENÇA DE ANIMAIS VOADORES
VEDAÇÃO DE VÃOS EM ALVENARIA	AÇÃO ANTRÓPICA	ESTABILIZAÇÃO DA ESTRUTURA OU PROTEÇÃO DA PROPRIEDADE
VEDAÇÃO DE VÃOS EM TAPUME	AÇÃO ANTRÓPICA	CERCAMENTO ÁREAS PARA CRIAÇÃO DE ANIMAIS (POMBOS E CACHOROS)



PLANTA BAIXA 1º PAV
1:100

DANO	AGENTE	CAUSAS PROVÁVEIS
FISSURA ESTRUTURAL	MOVIMENTAÇÃO DA ESTRUTURA	RECALQUE
ENTULHO	ACÚMULO DE TELHAS E MADEIRAMENTO PROVENIENTES DA COBERTURA	DESABAMENTO DA COBERTURA
ROMPIMENTO DO TABOADO DO ASSOALHO	ENTULHO	SOBREPESO PROVENIENTE DO DESABAMENTO DA COBERTURA
VEDAÇÃO DE VÃOS	AÇÃO ANTRÓPICA	ESTABILIZAÇÃO DA ESTRUTURA OU PROTEÇÃO DA PROPRIEDADE
DEJETOS DE AVES	PRESENÇA DE AVES	AMBIENTE PROPÍCIO PARA A PRESENÇA DE ANIMAIS VOADORES





PLANTA BAIXA 1º PAV
1:100

DANO	AGENTE	CAUSAS PROVÁVEIS
DESTELHAMENTO	DESABAMENTO DA ESTRUTURA DO TELHADO	INTEMPERISMO, PRESENÇA DE XILÓFAGOS OU FALTA DE MANUTENÇÃO
BIOFILME	PROLIFERAÇÃO DE MICROORGANISMOS	UMIDADE EM DECORRÊNCIA DA ÁGUA DA CHUVA



CORTE A
1:100



FACHADA SUDOESTE
1:100

DANO	AGENTE	CAUSAS PROVÁVEIS
MANCHA DE ÁGUA ASCENDENTE	INFILTRAÇÃO POR CAPILARIDADE	PRESENÇA DE ÁGUA NO SUBSOLO DEVIDO A PROXIMIDADE COM O MAR E ACUMULO DE ÁGUA NA BASE
MANCHA DE ÁGUA DESCENDENTE	INFILTRAÇÃO DE ÁGUAS PLUVIAIS	DESABAMENTO DA COBERTURA
BIOFILME	PROLIFERAÇÃO DE MICROORGANISMOS	ALTO TEOR DE UMIDADE EM DECORRÊNCIA DO DESABAMENTO DA COBERTURA
VEGETAÇÃO DE PEQUENO PORTE	DEPOSIÇÃO DE SEMENTES	PERDA PARCIAL DA COBERTURA - AMBIENTE PROPÍCIO PELO ACUMULO DE ÁGUA E PRESENÇA DE AVES
VEGETAÇÃO DE MÉDIO PORTE	DEPOSIÇÃO DE SEMENTES	PERDA PARCIAL DA COBERTURA - AMBIENTE PROPÍCIO PELO ACUMULO DE ÁGUA E PRESENÇA DE AVES
DESCASCAMENTO DE PINTURA	AÇÃO DA ÁGUA E DE SAIS PROVENIENTES DO SPRAY MARINHO	AÇÃO DA ÁGUA E DE SAIS OU INCOMPATIBILIDADE FÍSICO-QUÍMICA DOS MATERIAIS
PERDA DE REBOCO	AÇÃO DA ÁGUA E DE SAIS PROVENIENTES DO SPRAY MARINHO	AÇÃO DA ÁGUA E DE SAIS OU INCOMPATIBILIDADE FÍSICO-QUÍMICA DOS MATERIAIS
ALVENARIA EXPOSTA	AÇÃO DA ÁGUA E DE SAIS OU ESFORÇOS ESTRUTURAIS	DEGRADAÇÃO DO MATERIAL PELA AÇÃO DA ÁGUA E DE SAIS
FISSURA SUPERFICIAL	AÇÃO DA ÁGUA E DE SAIS OU ESFORÇOS ESTRUTURAIS	DEGRADAÇÃO DO MATERIAL PELA AÇÃO DA ÁGUA E DE SAIS
FISSURA ESTRUTURAL	MOVIMENTAÇÃO DA ESTRUTURA	RECALQUE
PEÇA DE MADEIRA DETERIORADA	AÇÃO DA ÁGUA E PRESENÇA DE XILÓFAGOS	DETERIORAÇÃO DAS TELHAS PERMITINDO A ENTRADA DE ÁGUA ESTABILIZAÇÃO DA ESTRUTURA
VEDAÇÃO DE VÃOS	AÇÃO ANTRÓPICA	ESTABILIZAÇÃO DA ESTRUTURA
PIXIAÇÃO	AÇÃO ANTRÓPICA	VANDALISMO
FLUROS NA ALVENARIA	AÇÃO ANTRÓPICA	NECESSIDADE DE ESTRUTURA AUXILIAR PARA USO INDUSTRIAL

INTERVENÇÃO EM PATRIMÔNIO INDUSTRIAL: ANTIGA FÁBRICA JURUBEBA LEÃO DO NORTE



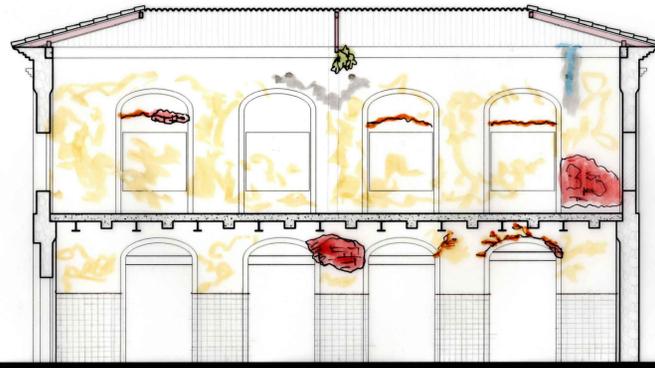
UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA - FACULDADE DE ARQUITETURA
MESTRADO PROFISSIONAL EM CONSERVAÇÃO E RESTAURAÇÃO DE
MONUMENTOS E NÚCLEOS HISTÓRICOS
ERASTO CÉSAR PINHO VILLA-VERDE DE CARVALHO
ORIENTAÇÃO: GRISELDA KLÜPPEL / CO-ORIENTAÇÃO: SERGIO EKERMAN

19/02/2020
ESCALA 1:100
BLOCO 1

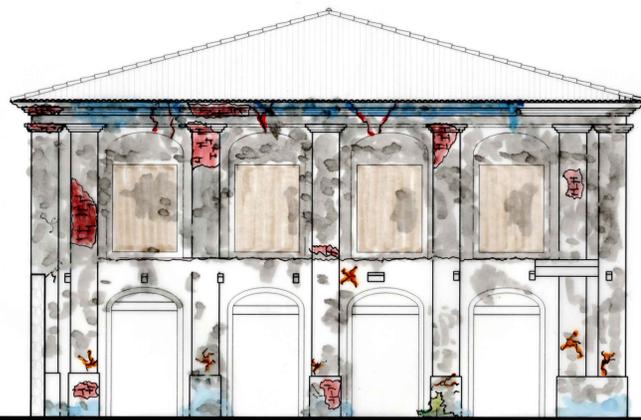
PLANTA BAIXA E ELEVAÇÕES

03-09

VOLUME 3 - MAPEAMENTO DE DANOS



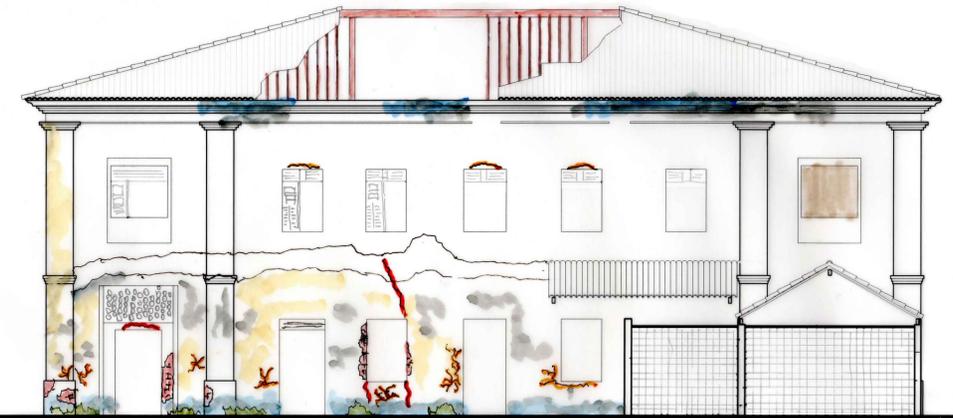
CORTE B
1:100



FACHADA SUDESTE
1:100



CORTE C
1:100

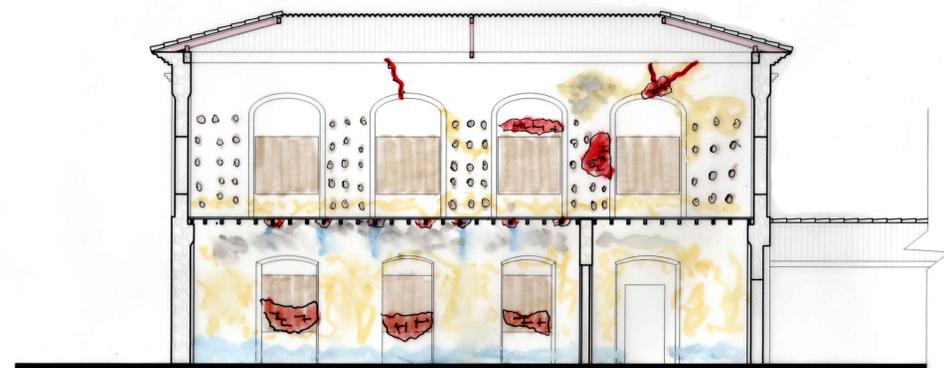


FACHADA NORDESTE
1:100

DANO	AGENTE	CAUSAS PROVÁVEIS
MANCHA DE ÁGUA ASCENDENTE	INFILTRAÇÃO POR CAPILARIDADE	PRESENÇA DE ÁGUA NO SUBSOLO DEVIDO A PROXIMIDADE COM O MAR E ACUMULO DE ÁGUA NA BASE
MANCHA DE ÁGUA DESCENDENTE	INFILTRAÇÃO DE ÁGUAS PLUVIAIS	DESABAMENTO DA COBERTURA
BIOFILME	PROLIFERAÇÃO DE MICROORGANISMOS	UMIDADE EM DECORRÊNCIA DA ÁGUA DA CHUVA TRAZIDA PELO VENTO SUDESTE E BAIXA INSOLAÇÃO
VEGETAÇÃO DE PEQUENO PORTE	DEPOSIÇÃO DE SEMENTES	PERDA PARCIAL DA COBERTURA - AMBIENTE PROPÍCIO PELO ACUMULO DE ÁGUA E PRESENÇA DE AVES
DESCASCAMENTO DE PINTURA	AÇÃO DA ÁGUA E DE SAIS PROVENIENTES DO SPRAY MARINHO	AÇÃO DA ÁGUA E DE SAIS OU INCOMPATIBILIDADE FÍSICO-QUÍMICA DOS MATERIAIS
PERDA DE REBOCO	AÇÃO DA ÁGUA E DE SAIS PROVENIENTES DO SPRAY MARINHO	AÇÃO DA ÁGUA E DE SAIS OU INCOMPATIBILIDADE FÍSICO-QUÍMICA DOS MATERIAIS
ALVENARIA EXPOSTA	AÇÃO DA ÁGUA E DE SAIS OU ESFORÇOS ESTRUTURAIS	DEGRADAÇÃO DO MATERIAL PELA AÇÃO DA ÁGUA E DE SAIS
FISSURA SUPERFICIAL	AÇÃO DA ÁGUA E DE SAIS OU ESFORÇOS ESTRUTURAIS	DEGRADAÇÃO DO MATERIAL PELA AÇÃO DA ÁGUA E DE SAIS
FISSURA ESTRUTURAL	MOVIMENTAÇÃO DA ESTRUTURA	RECALQUE
PEÇA DE MADEIRA DETERIORADA	AÇÃO DA ÁGUA E PRESENÇA DE XILÓFAGOS	DETERIORAÇÃO DAS TELHAS PERMITINDO A ENTRADA DE ÁGUA
VEDAÇÃO DE VÃOS	AÇÃO ANTRÓPICA	ESTABILIZAÇÃO DA ESTRUTURA

DANO	AGENTE	CAUSAS PROVÁVEIS
MANCHA DE ÁGUA ASCENDENTE	INFILTRAÇÃO POR CAPILARIDADE	PRESENÇA DE ÁGUA NO SUBSOLO DEVIDO A PROXIMIDADE COM O MAR E ACUMULO DE ÁGUA NA BASE
MANCHA DE ÁGUA DESCENDENTE	INFILTRAÇÃO DE ÁGUAS PLUVIAIS	DESABAMENTO DA COBERTURA
BIOFILME	PROLIFERAÇÃO DE MICROORGANISMOS	ALTO TEOR DE UMIDADE EM DECORRÊNCIA DO DESABAMENTO DA COBERTURA
VEGETAÇÃO DE PEQUENO PORTE	DEPOSIÇÃO DE SEMENTES	PERDA PARCIAL DA COBERTURA - AMBIENTE PROPÍCIO PELO ACUMULO DE ÁGUA E PRESENÇA DE AVES
DESCASCAMENTO DE PINTURA	AÇÃO DA ÁGUA E DE SAIS PROVENIENTES DO SPRAY MARINHO	AÇÃO DA ÁGUA E DE SAIS OU INCOMPATIBILIDADE FÍSICO-QUÍMICA DOS MATERIAIS
PERDA DE REBOCO	AÇÃO DA ÁGUA E DE SAIS PROVENIENTES DO SPRAY MARINHO	AÇÃO DA ÁGUA E DE SAIS OU INCOMPATIBILIDADE FÍSICO-QUÍMICA DOS MATERIAIS
ALVENARIA EXPOSTA	AÇÃO DA ÁGUA E DE SAIS OU ESFORÇOS ESTRUTURAIS	DEGRADAÇÃO DO MATERIAL PELA AÇÃO DA ÁGUA E DE SAIS
FISSURA SUPERFICIAL	AÇÃO DA ÁGUA E DE SAIS OU ESFORÇOS ESTRUTURAIS	DEGRADAÇÃO DO MATERIAL PELA AÇÃO DA ÁGUA E DE SAIS
FISSURA ESTRUTURAL	MOVIMENTAÇÃO DA ESTRUTURA	RECALQUE
PEÇA DE MADEIRA DETERIORADA	AÇÃO DA ÁGUA E PRESENÇA DE XILÓFAGOS	DETERIORAÇÃO DAS TELHAS PERMITINDO A ENTRADA DE ÁGUA/ESTABILIZAÇÃO DA ESTRUTURA
VEDAÇÃO DE VÃOS	AÇÃO ANTRÓPICA	ESTABILIZAÇÃO DA ESTRUTURA OU PROTEÇÃO DA PROPRIEDADE
FURROS NA ALVENARIA	AÇÃO ANTRÓPICA	NECESSIDADE DE ESTRUTURA AUXILIAR PARA USO INDUSTRIAL



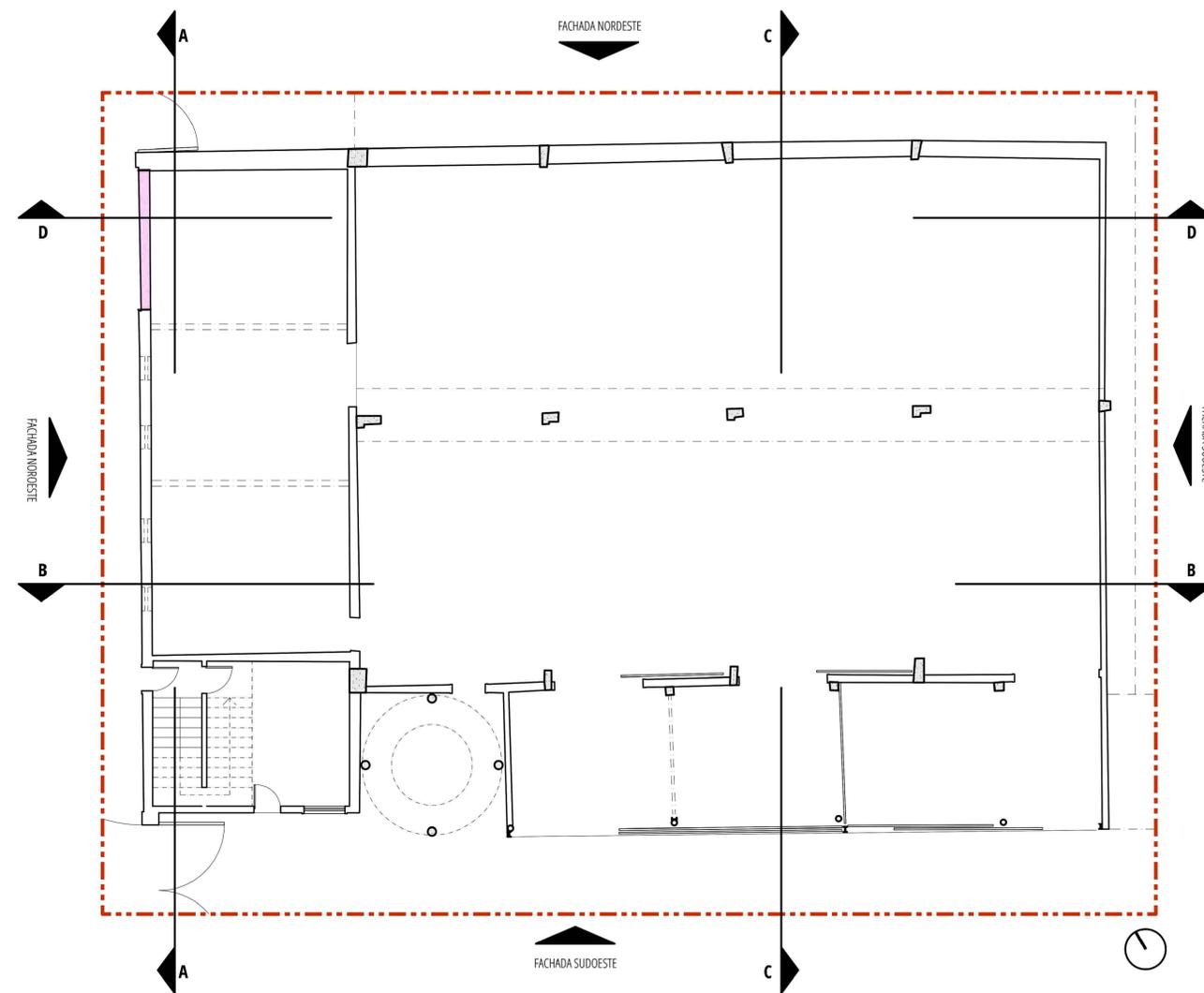


CORTE D
1:100

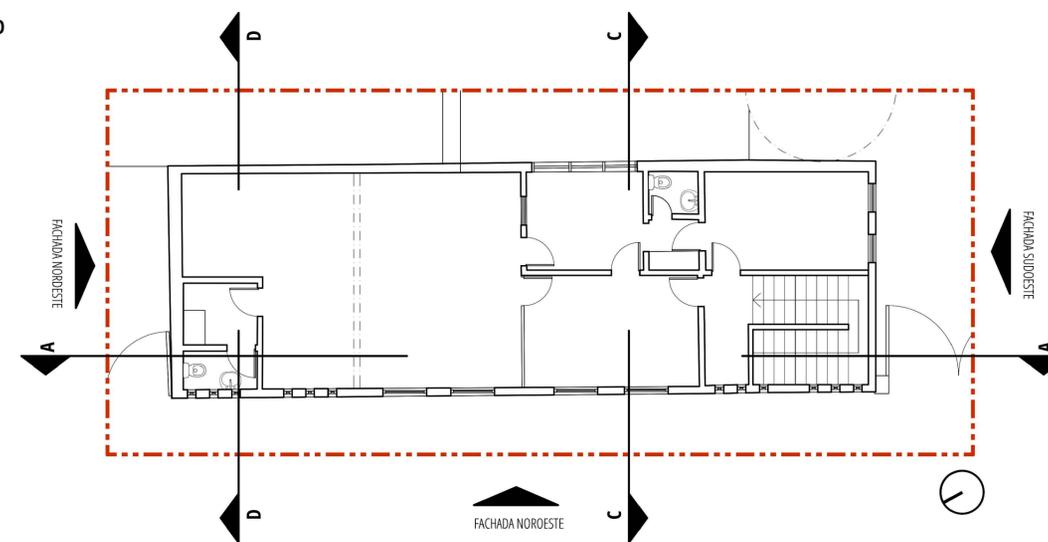


FACHADA NOROESTE
1:100

DANO	AGENTE	CAUSAS PROVÁVEIS
MANCHA DE ÁGUA ASCENDENTE	INFILTRAÇÃO POR CAPILARIDADE	PRESENÇA DE ÁGUA NO SUBSOLO DEVIDO A PROXIMIDADE COM O MAR E ACUMULO DE ÁGUA NA BASE
MANCHA DE ÁGUA DESCENDENTE	INFILTRAÇÃO DE ÁGUAS PLUVIAIS	DESABAMENTO DA COBERTURA
BIOFILME	PROLIFERAÇÃO DE MICROORGANISMOS	ALTO TEOR DE UMIDADE EM DECORRÊNCIA DO DESABAMENTO DA COBERTURA
VEGETAÇÃO DE PEQUENO PORTE	DEPOSIÇÃO DE SEMENTES	PERDA PARCIAL DA COBERTURA - AMBIENTE PROPÍCIO PELO ACUMULO DE ÁGUA E PRESENÇA DE AVES
DESCASCAMENTO DE PINTURA	AÇÃO DA ÁGUA E DE SAIS PROVENIENTES DO SPRAY MARINHO	AÇÃO DA ÁGUA E DE SAIS OU INCOMPATIBILIDADE FÍSICO-QUÍMICA DOS MATERIAIS
PERDA DE REBOCO	AÇÃO DA ÁGUA E DE SAIS PROVENIENTES DO SPRAY MARINHO	AÇÃO DA ÁGUA E DE SAIS OU INCOMPATIBILIDADE FÍSICO-QUÍMICA DOS MATERIAIS
ALVENARIA EXPOSTA	AÇÃO DA ÁGUA E DE SAIS OU ESFORÇOS ESTRUTURAIS	DEGRADAÇÃO DO MATERIAL PELA AÇÃO DA ÁGUA E DE SAIS
FISSURA ESTRUTURAL	MOVIMENTAÇÃO DA ESTRUTURA	RECALQUE
PEÇA DE MADEIRA DETERIORADA	AÇÃO DA ÁGUA E PRESENÇA DE XILÓFAGOS	DETERIORAÇÃO DAS TELHAS PERMITINDO A ENTRADA DE ÁGUA ESTABILIZAÇÃO DA ESTRUTURA
VEDAÇÃO DE VÃOS	AÇÃO ANTRÓPICA	ESTABILIZAÇÃO DA ESTRUTURA OU PROTEÇÃO DA PROPRIEDADE
PIXAÇÃO	AÇÃO ANTRÓPICA	VANDALISMO
ELEMENTO ESPÚRIO	AÇÃO ANTRÓPICA	NECESSIDADE DE ESTRUTURA AUXILIAR PARA BRACAS NA PROCISSÃO DO BOM JESUS DOS NAVEGANTES
FURROS NA ALVENARIA	AÇÃO ANTRÓPICA	NECESSIDADE DE ESTRUTURA AUXILIAR PARA USO INDUSTRIAL

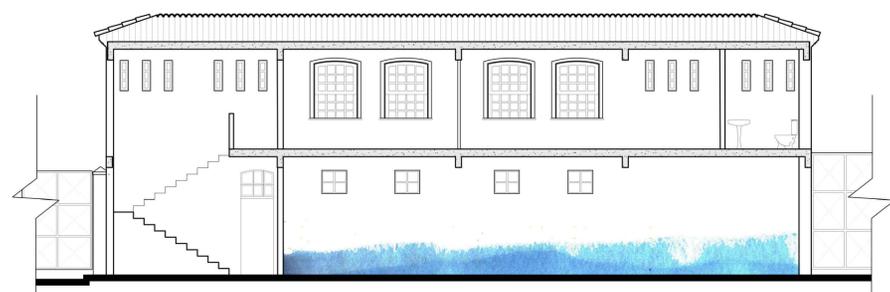


PLANTA BAIXA TÉRREO
1:100

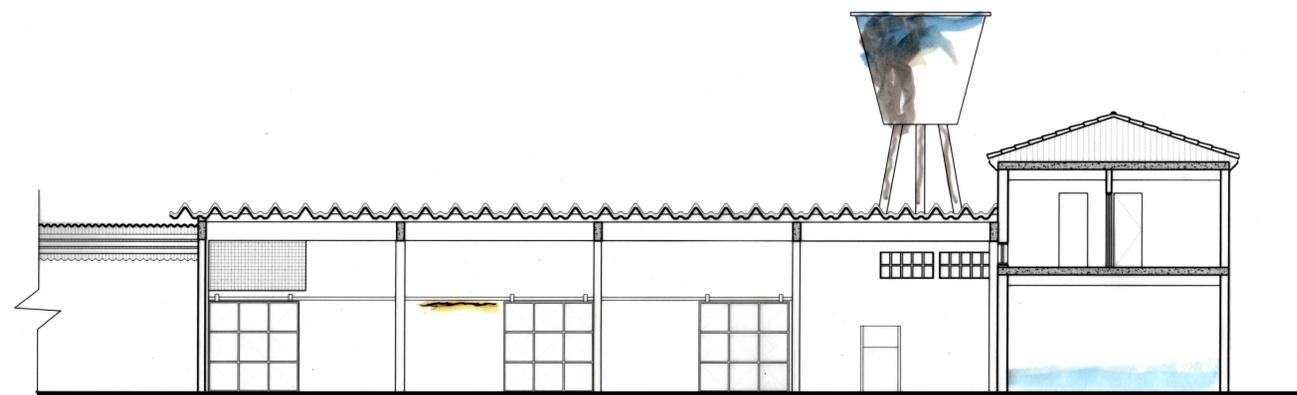


PLANTA BAIXA 1º PAV
1:100

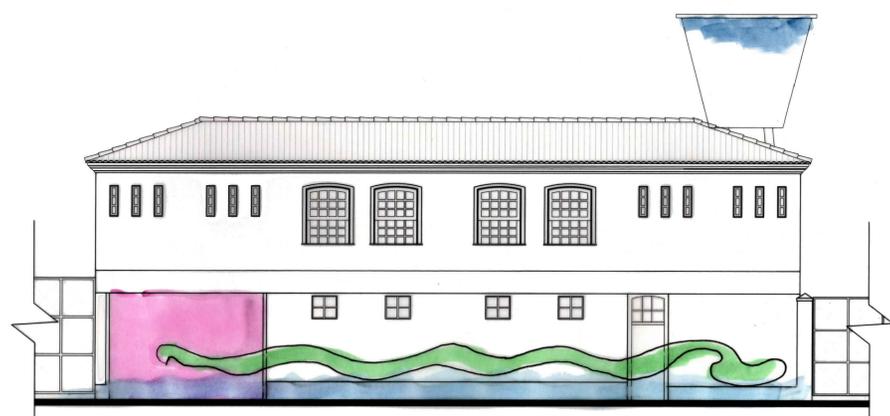
DANO	AGENTE	CAUSAS PROVÁVEIS
VEDAÇÃO DE VÃOS	AÇÃO ANTRÓPICA	MUDANÇA DE USO



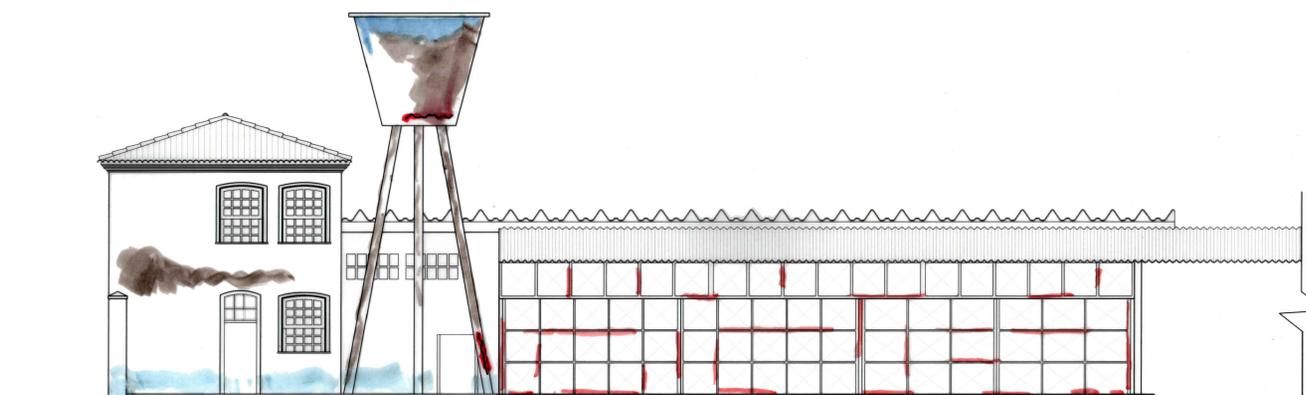
CORTE A
1:100



CORTE B
1:100



FACHADA NOROESTE
1:100

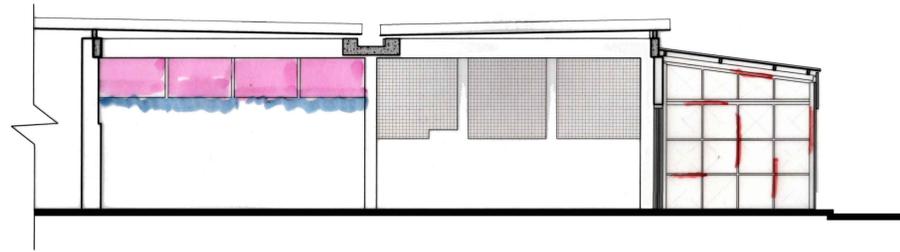


FACHADA SUDOESTE
1:100

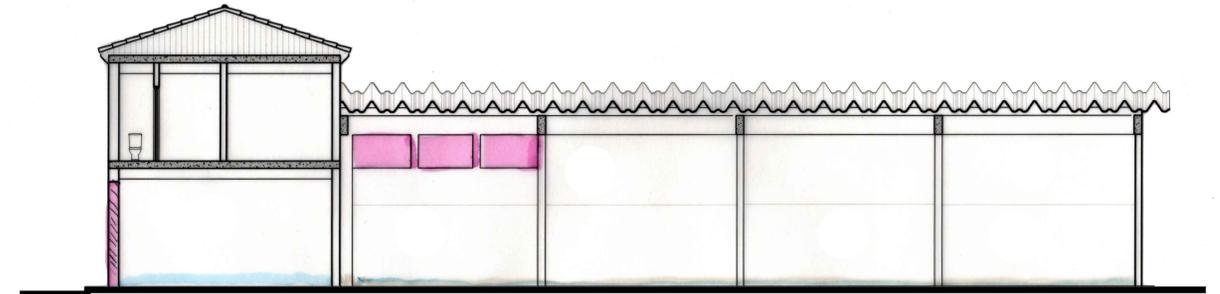
DANO	AGENTE	CAUSAS PROVÁVEIS
MANCHA DE ÁGUA ASCENDENTE	INFILTRAÇÃO POR CAPILARIDADE	PRESENÇA DE ÁGUA NO SUBSOLO DEVIDO A PROXIMIDADE COM O MAR E ACUMULO DE ÁGUA NA BASE
MANCHA DE ÁGUA DESCENDENTE	INFILTRAÇÃO DE ÁGUAS PLUVIAIS	ACUMULO DE ÁGUA
VEDAÇÃO DE VÃOS	AÇÃO ANTRÓPICA	MUDANÇA DE USO
PIXAÇÃO	AÇÃO ANTRÓPICA	VANDALISMO

DANO	AGENTE	CAUSAS PROVÁVEIS
MANCHA DE ÁGUA ASCENDENTE	INFILTRAÇÃO POR CAPILARIDADE	PRESENÇA DE ÁGUA NO SUBSOLO DEVIDO A PROXIMIDADE COM O MAR E ACUMULO DE ÁGUA NA BASE
MANCHA DE ÁGUA DESCENDENTE	INFILTRAÇÃO DE ÁGUAS PLUVIAIS	ACUMULO DE ÁGUA
BIOFILME	PROLIFERAÇÃO DE MICROORGANISMOS	ALTO TEOR DE UMIDADE EM DECORRÊNCIA DA BAIXA INSOLAÇÃO
FISSURAS COM EXPOSIÇÃO DAS ARMADURAS	OXIDAÇÃO DAS ARMADURAS	DEGRADAÇÃO DO CONCRETO POR LIXIVAÇÃO E EXPOSIÇÃO AO SPRAY MARINHO
FERRUGEM	OXIDAÇÃO	CONTATO DO FERRO COM O OXIGÊNIO E COM SAIS PRESENTE NA ÁGUA E NO SPRAY MARINHO
FISSURA SUPERFICIAL	AÇÃO DA ÁGUA E DE SAIS OU ESFORÇOS ESTRUTURAIS	DEGRADAÇÃO DO MATERIAL PELA AÇÃO DA ÁGUA E DE SAIS





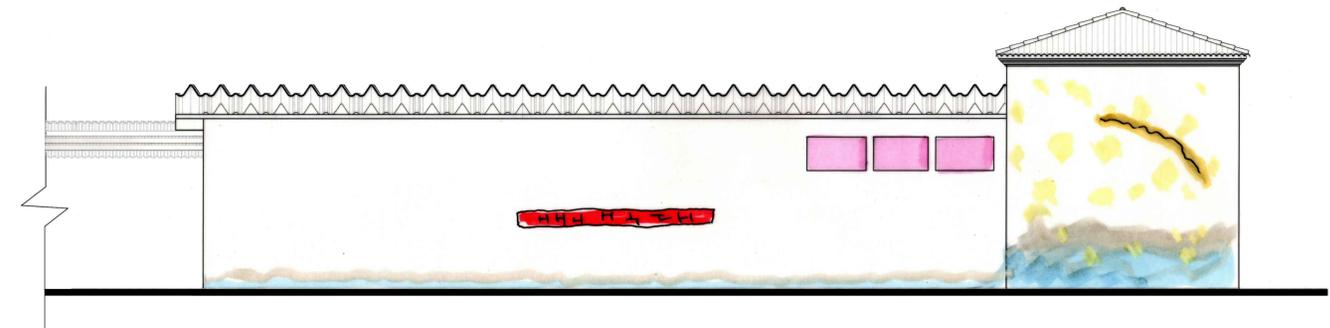
CORTE C
1:100



CORTE D
1:100



FACHADA SUDESTE
1:100



FACHADA NORDESTE
1:100

DANO	AGENTE	CAUSAS PROVÁVEIS
MANCHA DE ÁGUA ASCENDENTE	INFILTRAÇÃO POR CAPILARIDADE	PRESENÇA DE ÁGUA NO SUBSOLO DEVIDO A PROXIMIDADE COM O MAR E ACUMULO DE ÁGUA NA BASE
MANCHA DE ÁGUA DESCENDENTE	INFILTRAÇÃO DE ÁGUAS PLUVIAIS	ACÚMULO DE ÁGUA
BIOFILME	PROLIFERAÇÃO DE MICROORGANISMOS	ALTO TEOR DE UMIDADE EM DECORRÊNCIA DA BAIXA INSOLAÇÃO
AUSÊNCIA DE ESQUADRIAS	AÇÃO ANTRÓPICA	NECESSIDADE DE VENTILAÇÃO
PIVAXÃO	AÇÃO ANTRÓPICA	VANDALISMO
FERRUGEM	OXIDAÇÃO	CONTATO DO FERRO COM O OXIGÊNIO E COM SAIS PRESENTE NA ÁGUA E NO SPRAY MARINHO

DANO	AGENTE	CAUSAS PROVÁVEIS
MANCHA DE ÁGUA ASCENDENTE	INFILTRAÇÃO POR CAPILARIDADE	PRESENÇA DE ÁGUA NO SUBSOLO DEVIDO A PROXIMIDADE COM O MAR E ACUMULO DE ÁGUA NA BASE
MANCHA DE ÁGUA DESCENDENTE	INFILTRAÇÃO DE ÁGUAS PLUVIAIS	ACÚMULO DE ÁGUA
BIOFILME	PROLIFERAÇÃO DE MICROORGANISMOS	ALTO TEOR DE UMIDADE EM DECORRÊNCIA DA BAIXA INSOLAÇÃO
DESCASCAMENTO DE PINTURA	AÇÃO DA ÁGUA E DE SAIS PROVENIENTES DO SPRAY MARINHO	AÇÃO DA ÁGUA E DE SAIS OU INCOMPATIBILIDADE FÍSICO-QUÍMICA DOS MATERIAIS
FISSURA SUPERFICIAL	AÇÃO DA ÁGUA E DE SAIS OU ESFORÇOS ESTRUTURAIS	DEGRADAÇÃO DO MATERIAL PELA AÇÃO DA ÁGUA E DE SAIS
AUSÊNCIA DE ESQUADRIAS	AÇÃO ANTRÓPICA	NECESSIDADE DE VENTILAÇÃO
ALVENARIA EXPOSTA	AÇÃO ANTRÓPICA	NECESSIDADE DE ESTRUTURA AUXILIAR

INTERVENÇÃO EM PATRIMÔNIO INDUSTRIAL: ANTIGA FÁBRICA JURUBEBA LEÃO DO NORTE

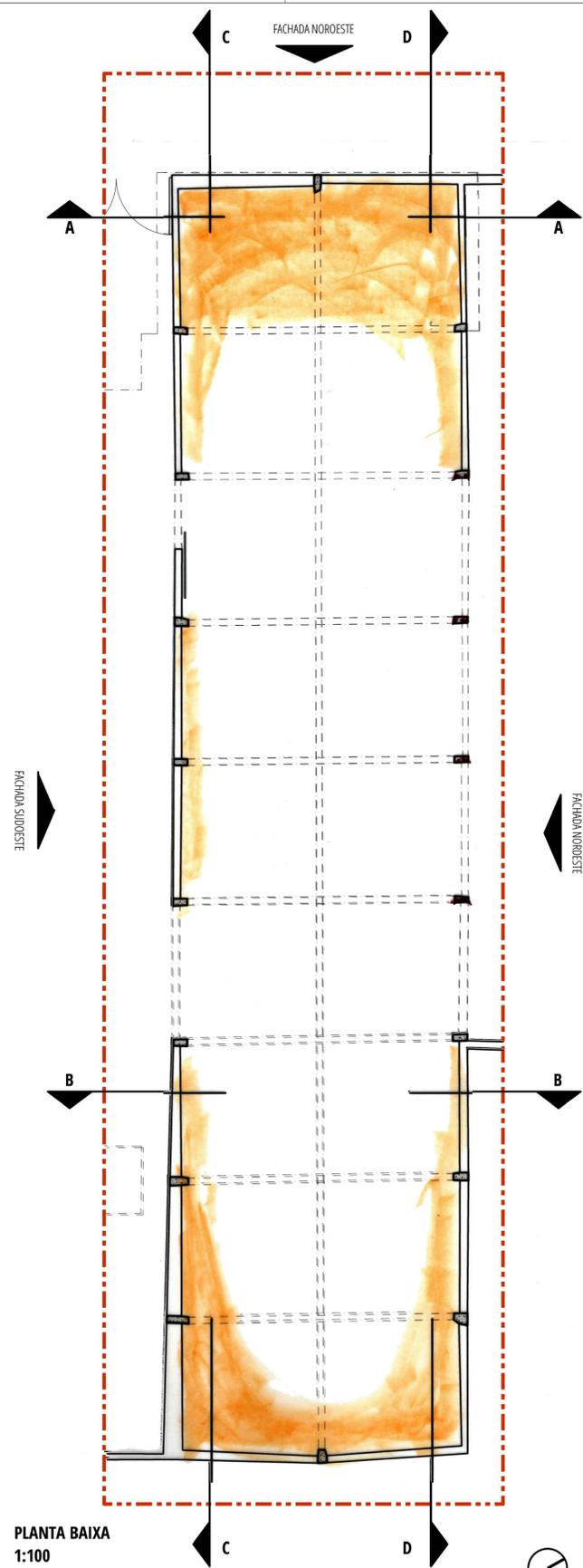


UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA - FACULDADE DE ARQUITETURA
MESTRADO PROFISSIONAL EM CONSERVAÇÃO E RESTAURAÇÃO DE
MONUMENTOS E NÚCLEOS HISTÓRICOS
ERASTO CÉSAR PINHO VILLA-VERDE DE CARVALHO
ORIENTAÇÃO: GRISELDA KLÜPPPEL/ CO-ORIENTAÇÃO: SERGIO EKERMAN

19/02/2020
ESCALA 1:100
BLOCO 2
ELEVAÇÕES

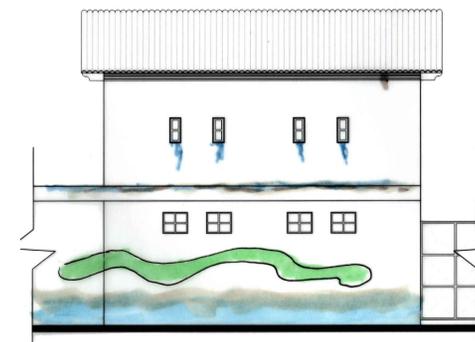
VOLUME 3 - MAPEAMENTO DE DANOS

07-09



PLANTA BAIXA
1:100

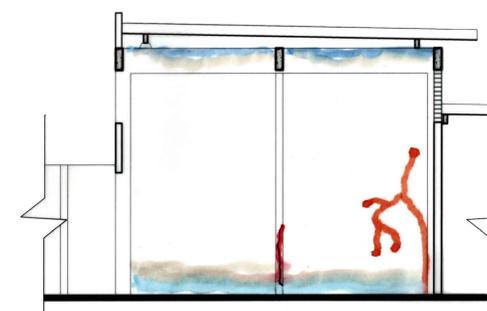
DANO	AGENTE	CAUSAS PROVÁVEIS
DEJETOS DE AVES	PRESENÇA DE AVES	AMBIENTE PROPÍCIO PARA A PRESENÇA DE ANIMAIS VOADORES



FACHADA NOROESTE
1:100



CORTE A
1:100



CORTE B
1:100

DANO	AGENTE	CAUSAS PROVÁVEIS
MANCHA DE ÁGUA ASCENDENTE	INFILTRAÇÃO POR CAPILARIDADE	PRESENÇA DE ÁGUA NO SUBSOLO DEVIDO A PROXIMIDADE COM O MAR E ACUMULO DE ÁGUA NA BASE
MANCHA DE ÁGUA DESCENDENTE	INFILTRAÇÃO DE ÁGUAS PLUVIAIS	ACÚMULO DE ÁGUA
BIOFILME	PROLIFERAÇÃO DE MICROORGANISMOS	ALTO TEOR DE UMIDADE EM DECORRÊNCIA DA BAIXA INSOLAÇÃO
FISSURAS COM EXPOSIÇÃO DAS ARMADURAS	OXIDAÇÃO DAS ARMADURAS	DEGRADAÇÃO DO CONCRETO POR LIXIVAÇÃO E EXPOSIÇÃO AO SPRAY MARINHO
PIXAÇÃO	AÇÃO ANTRÓPICA	VANDALISMO
GALERIA DE XILÓFAGOS	XILÓFAGOS	AMBIENTE PROPÍCIO PARA PROCRIAÇÃO E ALIMENTAÇÃO (MADEIRA)
VEDAÇÃO DE VÃOS	AÇÃO ANTRÓPICA	PROTEÇÃO DA PROPRIEDADE

INTERVENÇÃO EM PATRIMÔNIO INDUSTRIAL: ANTIGA FÁBRICA JURUBEBA LEÃO DO NORTE



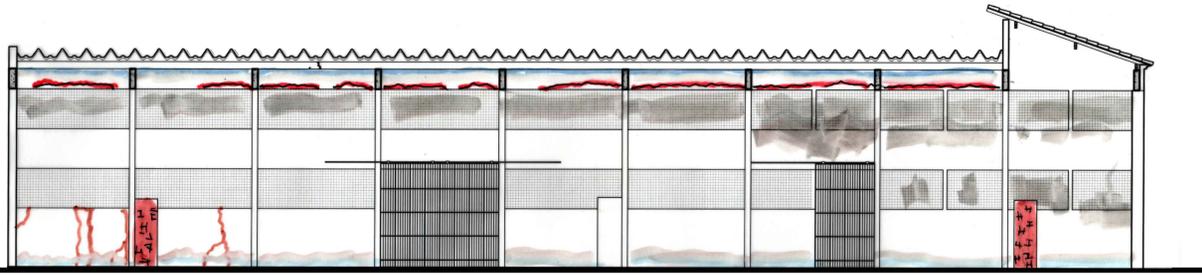
UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA - FACULDADE DE ARQUITETURA
MESTRADO PROFISSIONAL EM CONSERVAÇÃO E RESTAURAÇÃO DE
MONUMENTOS E NÚCLEOS HISTÓRICOS
ERASTO CÉSAR PINHO VILLA-VERDE DE CARVALHO
ORIENTAÇÃO: GRISELDA KLÜPPEL/ CO-ORIENTAÇÃO: SERGIO EKERMAN

19/02/2020
ESCALA 1:100
BLOCO 2

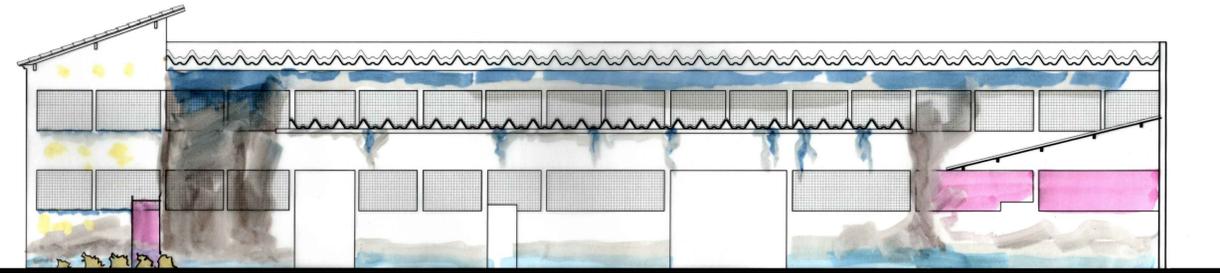
PLANTA BAIXA E ELEVAÇÕES

08-09

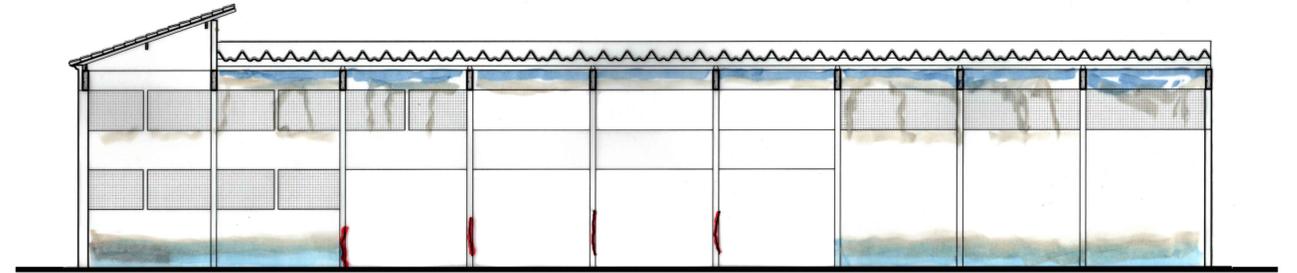
VOLUME 3 - MAPEAMENTO DE DANOS



CORTE c
1:125



FACHADA SUDOESTE
1:125



CORTE D
1:125



FACHADA NORDESTE
1:125

DANO	AGENTE	CAUSAS PROVÁVEIS
MANCHA DE ÁGUA ASCENDENTE	INFILTRAÇÃO POR CAPILARIDADE	PRESENÇA DE ÁGUA NO SUBSOLO DEVIDO A PROXIMIDADE COM O MAR E ACUMULO DE ÁGUA NA BASE
MANCHA DE ÁGUA DESCENDENTE	INFILTRAÇÃO DE ÁGUAS PLUVIAIS	ACÚMULO DE ÁGUA
BIOFILME	PROLIFERAÇÃO DE MICROORGANISMOS	ALTO TEOR DE UMIDADE EM DECORRÊNCIA DA BAIXA INSOLAÇÃO
VEGETAÇÃO DE PEQUENO PORTE	DEPOSIÇÃO DE SEMENTES	AMBIENTE PROPÍCIO PELO ACUMULO DE ÁGUA E PRESENÇA DE AVES
DESCASCAMENTO DE PINTURA	AÇÃO DA ÁGUA E DE SAIS PROVENIENTES DO SPRAY MARINHO	AÇÃO DA ÁGUA E DE SAIS OU INCOMPATIBILIDADE FÍSICO-QUÍMICA DOS MATERIAIS
FISSURAS COM EXPOSIÇÃO DAS ARMADURAS	OXIDAÇÃO DAS ARMADURAS	DEGRADAÇÃO DO CONCRETO POR LIXIVAÇÃO E EXPOSIÇÃO AO SPRAY MARINHO
GALERIA DE XILÓFAGOS	XILÓFAGOS	AMBIENTE PROPÍCIO PARA PROCREAÇÃO E ALIMENTAÇÃO (MADEIRA)
ALVENARIA EXPOSTA	AÇÃO ANTRÓPICA	FECHAMENTO DE VÃO SEM REBOCO

DANO	AGENTE	CAUSAS PROVÁVEIS
MANCHA DE ÁGUA ASCENDENTE	INFILTRAÇÃO POR CAPILARIDADE	PRESENÇA DE ÁGUA NO SUBSOLO DEVIDO A PROXIMIDADE COM O MAR E ACUMULO DE ÁGUA NA BASE
MANCHA DE ÁGUA DESCENDENTE	INFILTRAÇÃO DE ÁGUAS PLUVIAIS	ACÚMULO DE ÁGUA
BIOFILME	PROLIFERAÇÃO DE MICROORGANISMOS	ALTO TEOR DE UMIDADE EM DECORRÊNCIA DA BAIXA INSOLAÇÃO
FISSURAS COM EXPOSIÇÃO DAS ARMADURAS	OXIDAÇÃO DAS ARMADURAS	DEGRADAÇÃO DO CONCRETO POR LIXIVAÇÃO E EXPOSIÇÃO AO SPRAY MARINHO



FAROL DE HUMAITÁ

N.ª SRA. DE HUMAITÁ

PONTA DE HUMAITÁ

FORTE MOTE SEERRAT

PRAIA DA BOA VIAGEM

N.ª SRA. DA BOA VIAGEM

JURUBEBA LEÃO DO NORTE

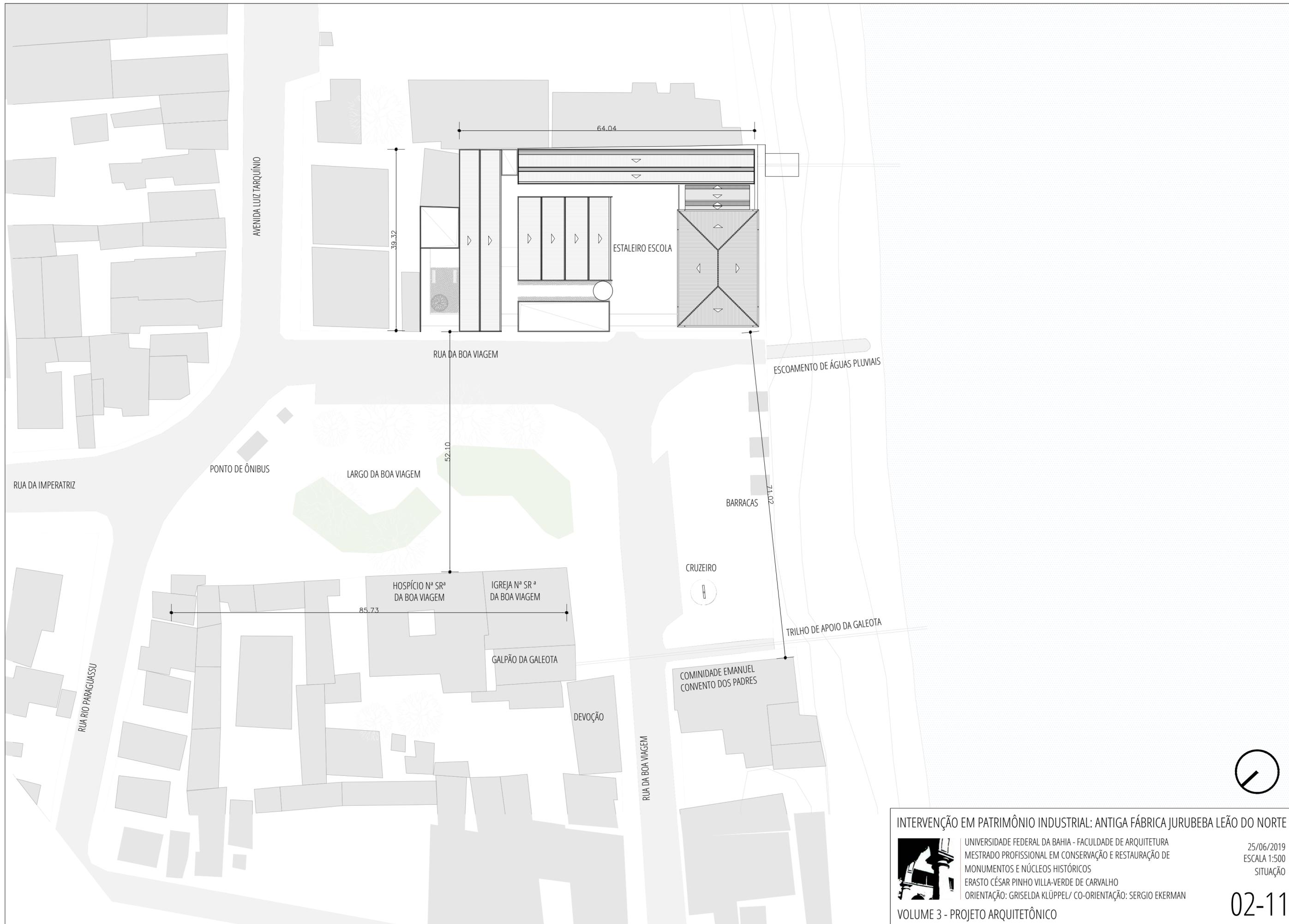


INTERVENÇÃO EM PATRIMÔNIO INDUSTRIAL: ANTIGA FÁBRICA JURUBEBA LEÃO DO NORTE

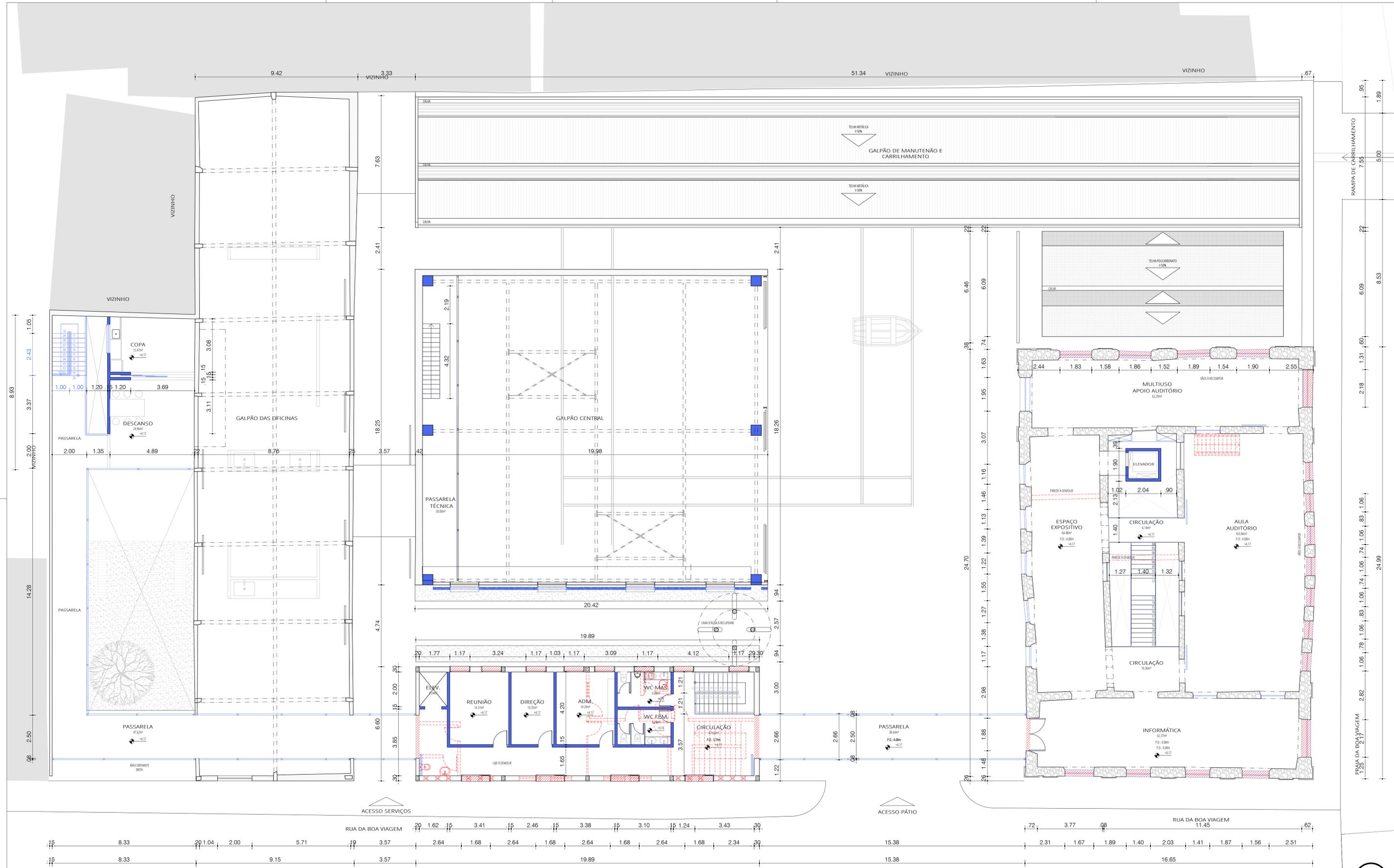


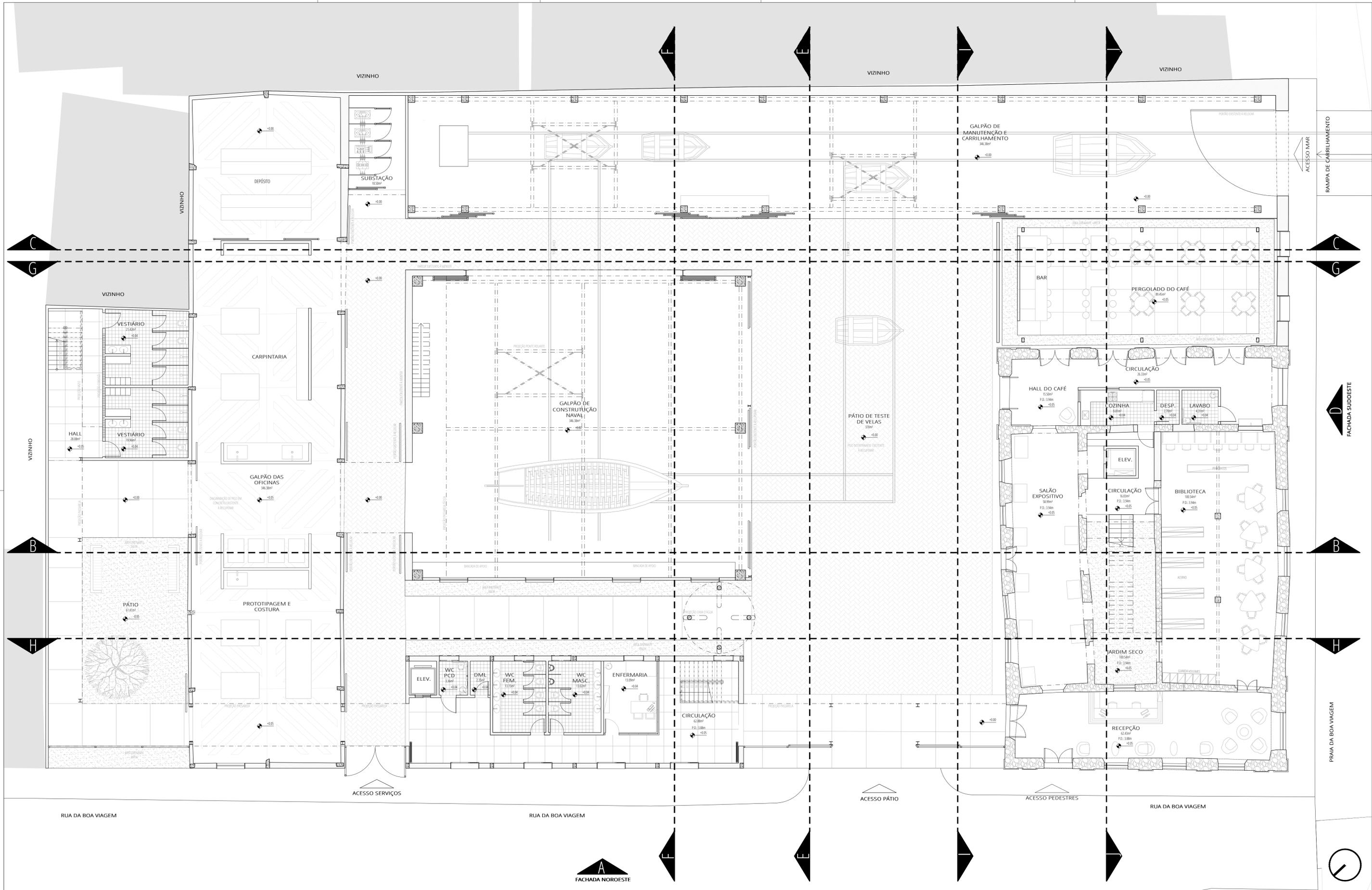
UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA - FACULDADE DE ARQUITETURA
 MESTRADO PROFISSIONAL EM CONSERVAÇÃO E RESTAURAÇÃO DE
 MONUMENTOS E NÚCLEOS HISTÓRICOS
 ERASTO CÉSAR PINHO VILLA-VERDE DE CARVALHO
 ORIENTAÇÃO: GRISELDA KLÜPPEL/ CO-ORIENTAÇÃO: SERGIO EKERMAN

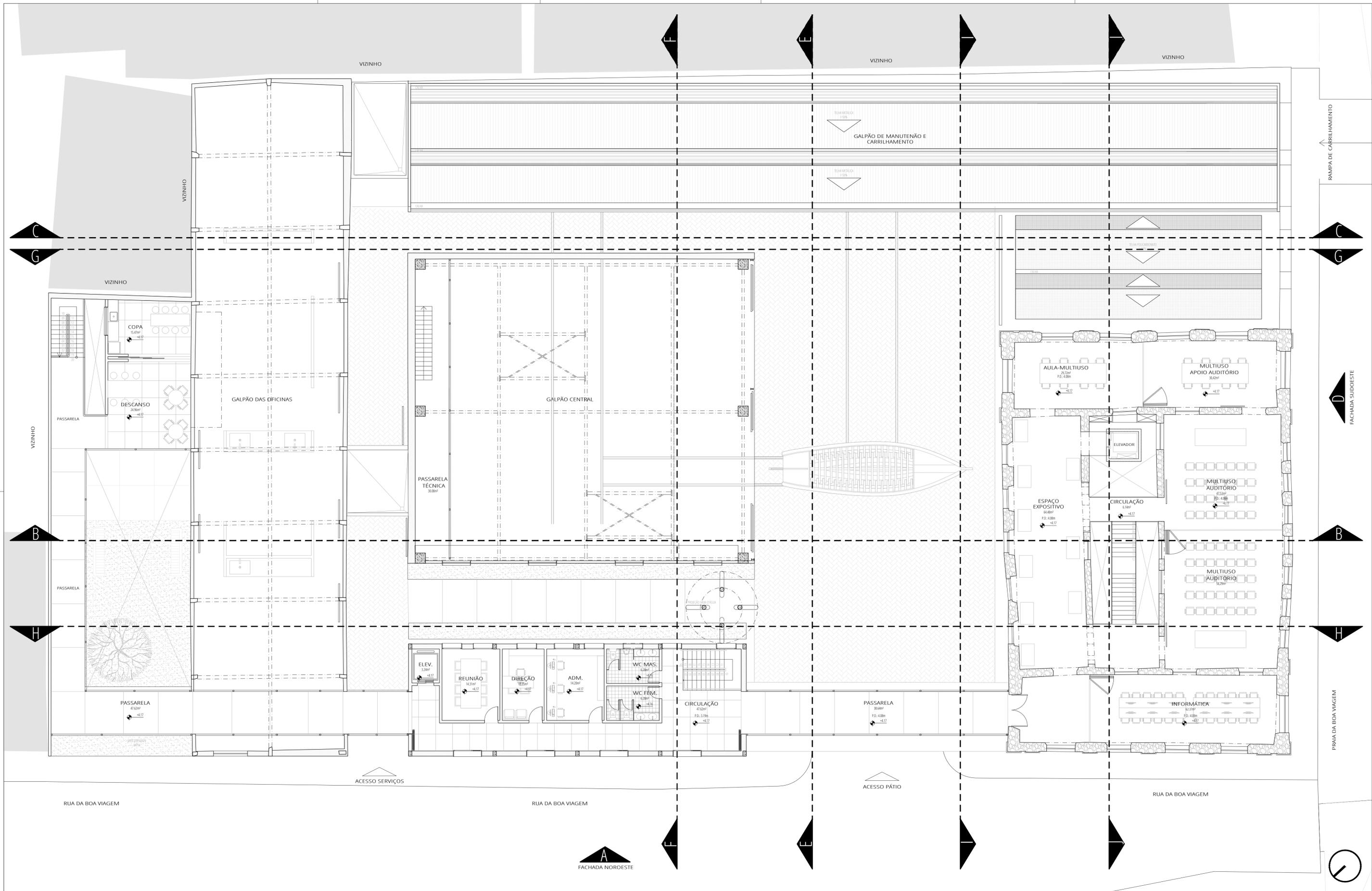
25/06/2019
 ESCALA 1:2000
 LOCALIZAÇÃO

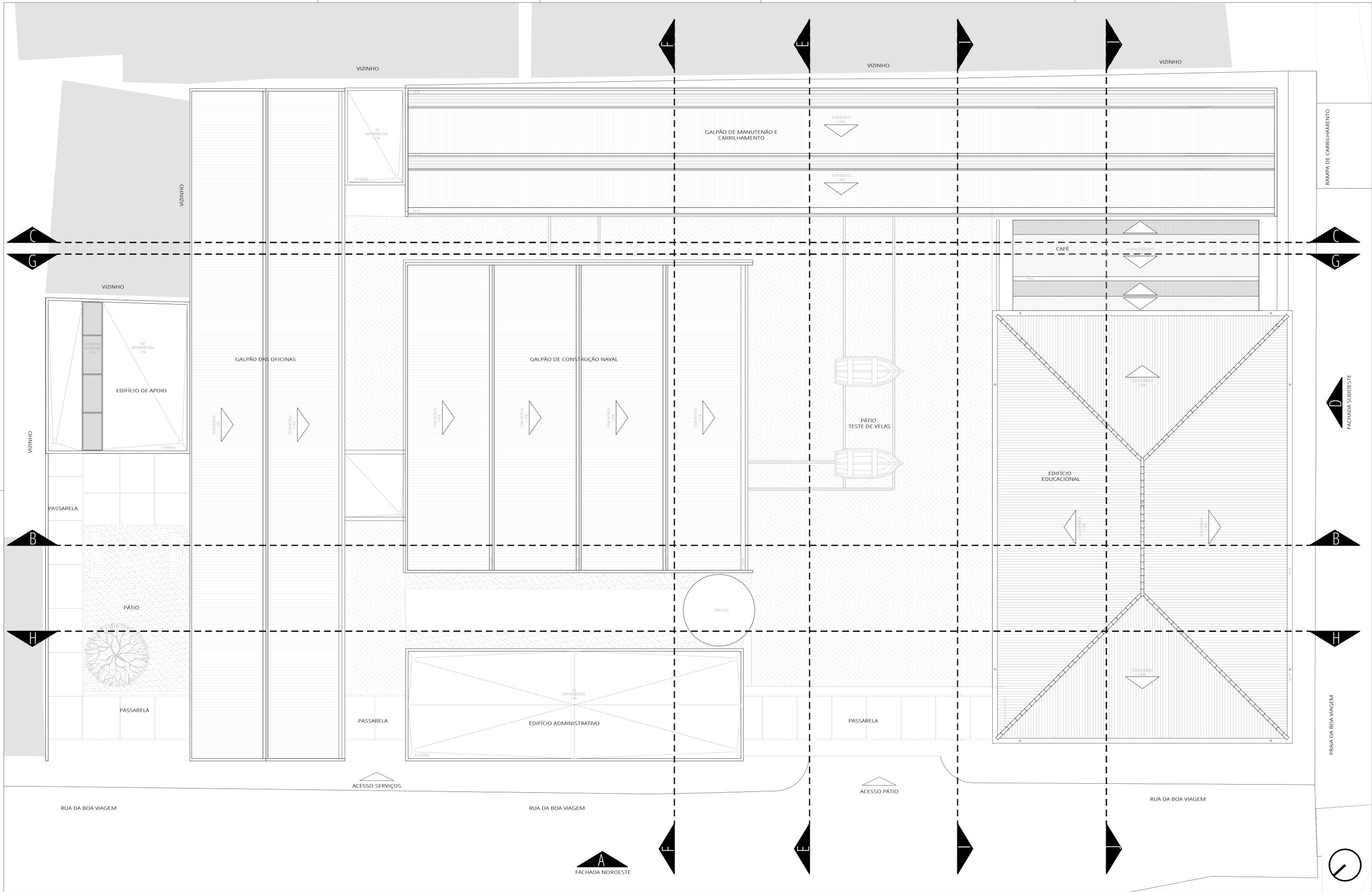


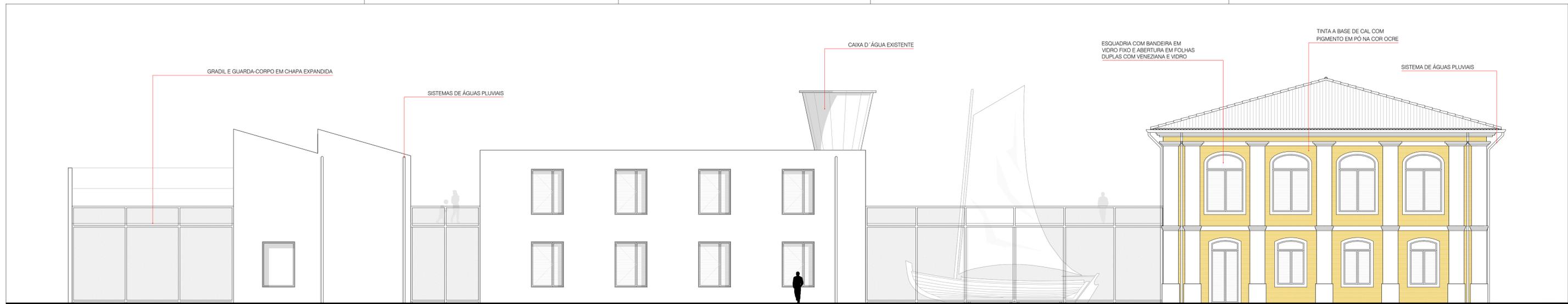
INTERVENÇÃO EM PATRIMÔNIO INDUSTRIAL: ANTIGA FÁBRICA JURUBEBA LEÃO DO NORTE
 UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA - FACULDADE DE ARQUITETURA
 MESTRADO PROFISSIONAL EM CONSERVAÇÃO E RESTAURAÇÃO DE MONUMENTOS E NÚCLEOS HISTÓRICOS
 ERASTO CÉSAR PINHO VILLA-VERDE DE CARVALHO
 ORIENTAÇÃO: GRISELDA KLÜPPEL/ CO-ORIENTAÇÃO: SERGIO EKERMAN
 25/06/2019
 ESCALA 1:500
 SITUAÇÃO
VOLUME 3 - PROJETO ARQUITETÔNICO



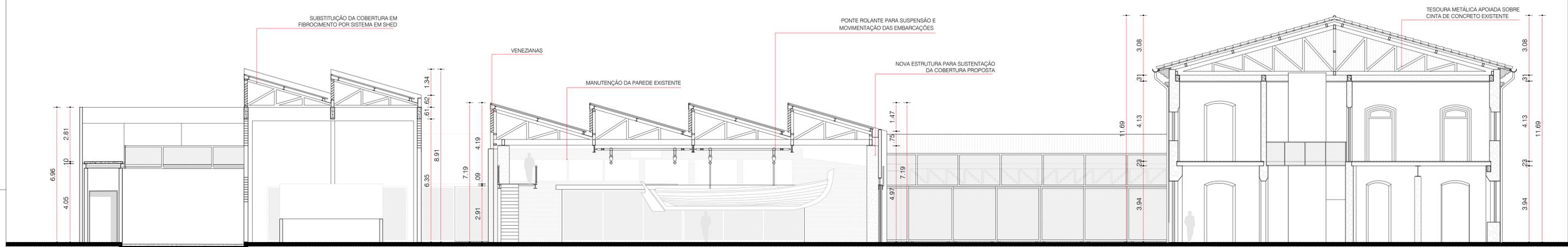








ELEVAÇÃO A- FACHADA NOROESTE

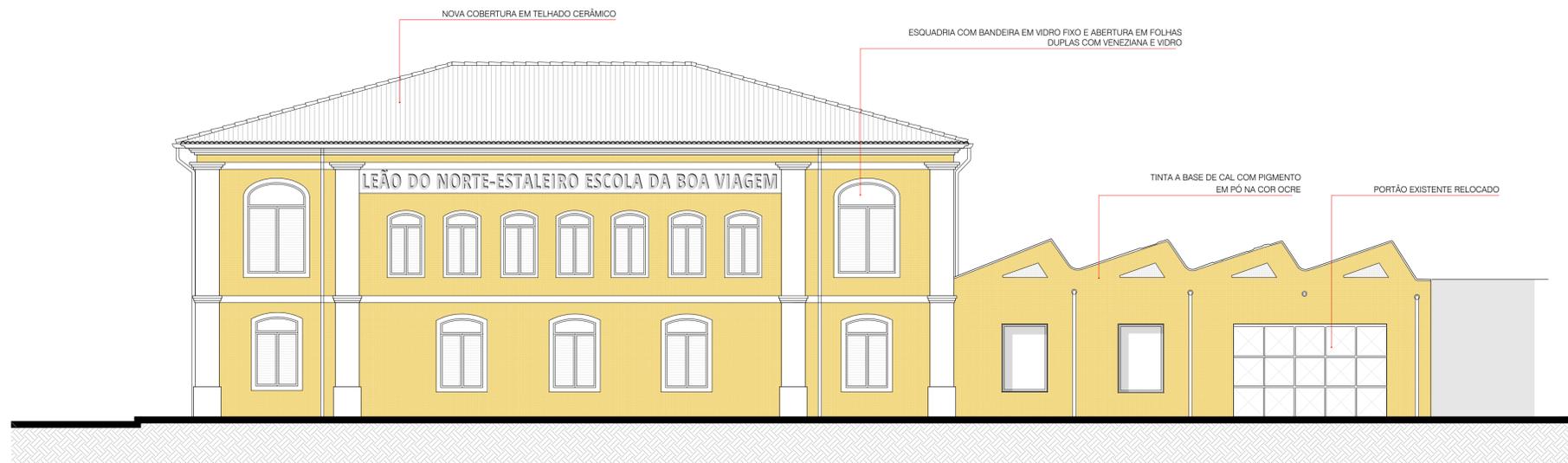


ELEVAÇÃO B- CORTE LONGITUDINAL

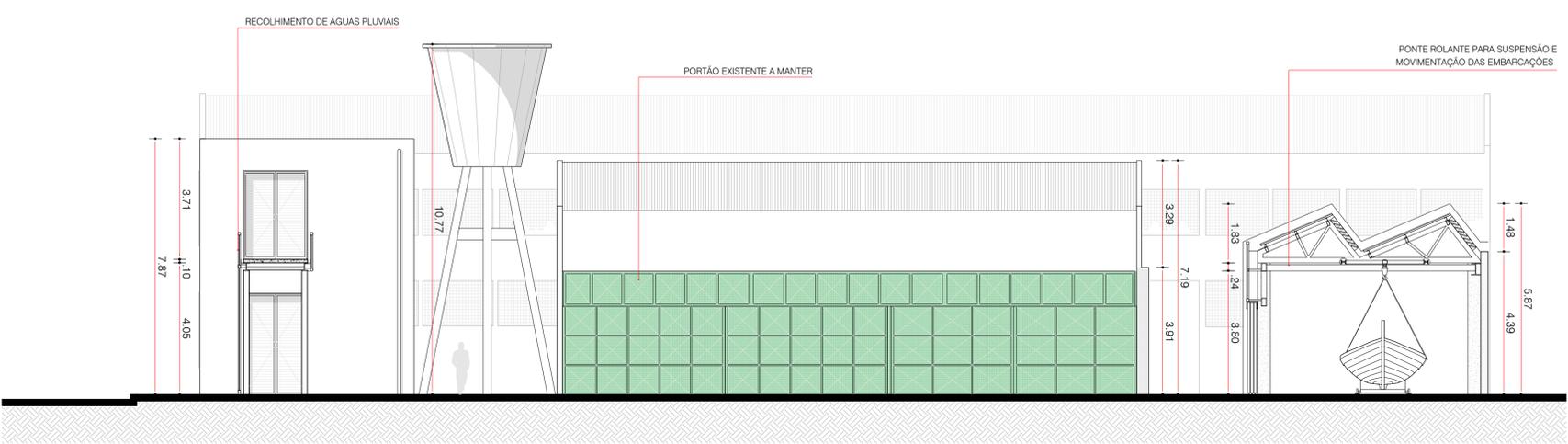


ELEVAÇÃO C- CORTE LONGITUDINAL

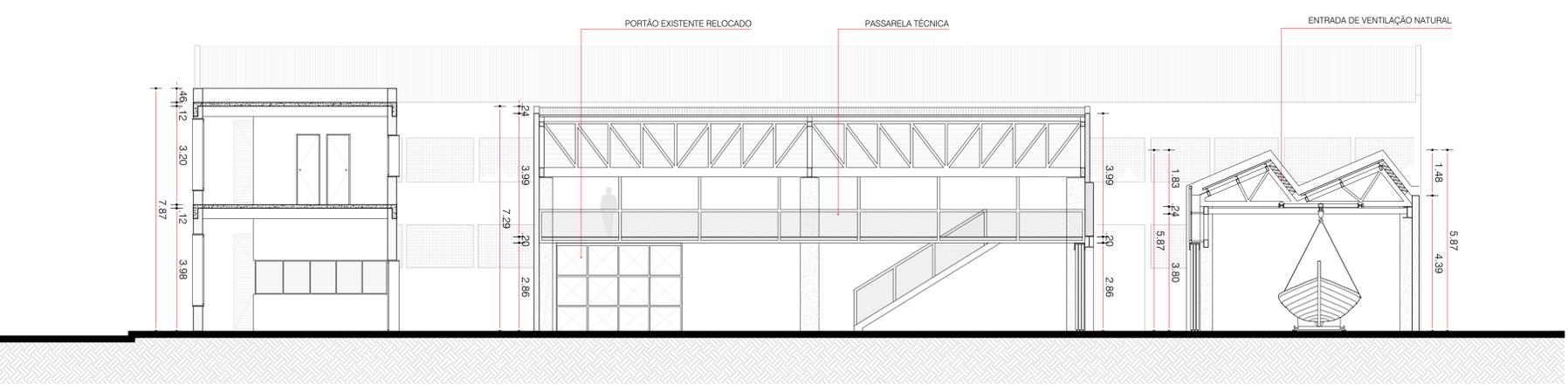




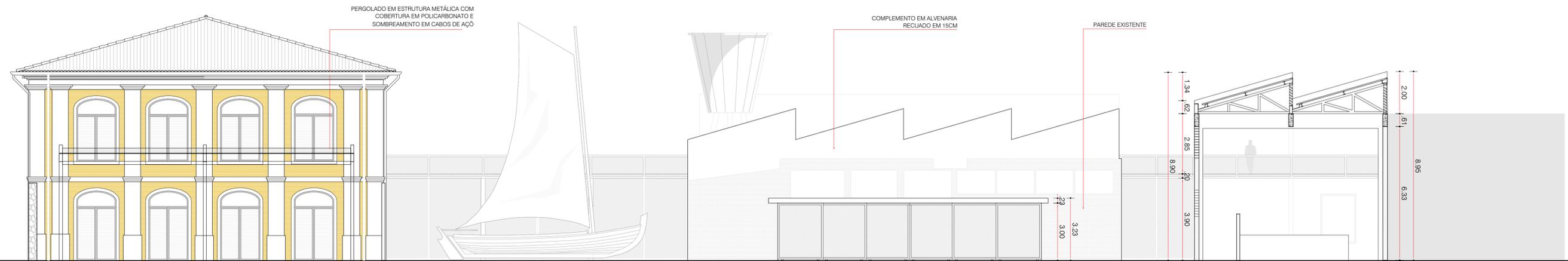
ELEVAÇÃO D- FACHADA SUDOESTE



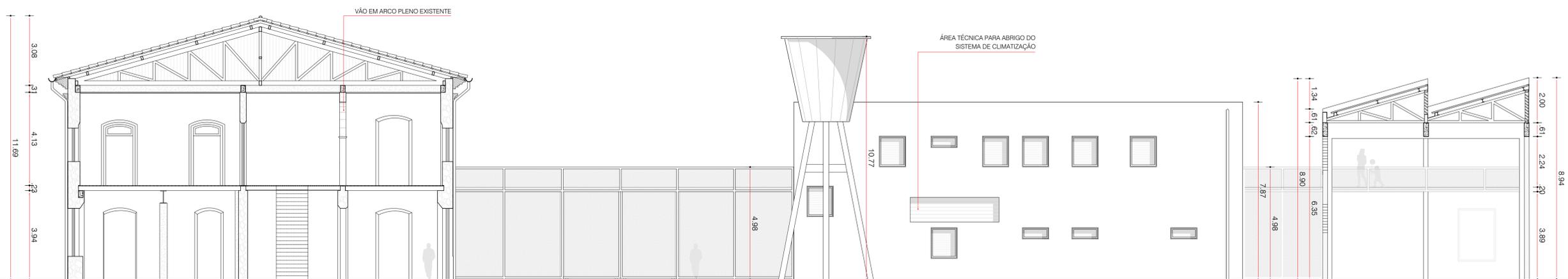
ELEVAÇÃO E- CORTE TRANSVERSAL



ELEVAÇÃO F- CORTE TRANSVERSAL

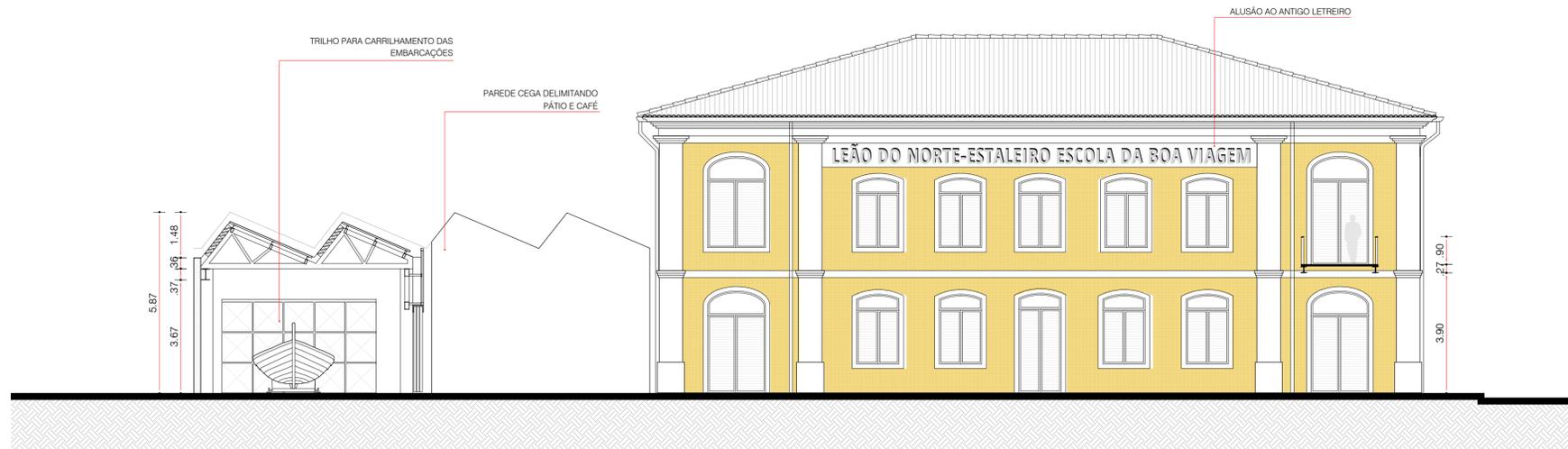


ELEVAÇÃO G- CORTE LONGITUDINAL



ELEVAÇÃO H- CORTE LONGITUDINAL





ELEVAÇÃO I- CORTE TRANSVERSAL



ELEVAÇÃO J- CORTE TRANSVERSAL

